

BESTSELLER INTERNACIONAL

SHELLEY READ

O ROMANCE DE ESTREIA QUE CONQUISTOU MAIS DE UM MILHÃO DE LEITORES

«Arrebatador.»

THE TIMES

«Maravilhoso.»

DAILY MAIL

«Uma obra-prima.»

THE SATURDAY EVENING POST

«Deslumbrante.»

BOOKLIST

«Poderoso.»

THE GUARDIAN

«Belíssimo»

LIBRARY JOURNAL

ATÉ ONDE O RIO ME LEVA



 PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

BESTSELLER INTERNACIONAL

SHELLEY READ

O ROMANCE DE ESTREIA QUE CONQUISTOU MAIS DE UM MILHÃO DE LEITORES

«Arrebatador.»

THE TIMES

«Maravilhoso.»

DAILY MAIL

«Uma obra-prima.»

THE SATURDAY EVENING POST

«Deslumbrante.»

BOOKLIST

«Poderoso.»

THE GUARDIAN

«Belíssimo»

LIBRARY JOURNAL

ATÉ ONDE O RIO ME LEVA



PRESENÇA

**ATÉ
ONDE
O RIO
ME
LEVA**

SHELLEY READ

**ATÉ
ONDE
O RIO
ME
LEVA**

TRADUÇÃO DE INÊS GUERREIRO

 **PRESENÇA**

FICHA TÉCNICA

Título: *Até onde o Rio Me Leva*

Título original: *Go as a River*

Autora: *Shelley Read*

Copyright © Shelley Read, 2023

Edição portuguesa publicada por acordo com Susanna Lea Associates em nome de Spiegel & Grau, LLC

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2024

Tradução: *Inês Guerreiro*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Arcangel*

Capa: *Vera Espinba/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição em papel, Lisboa, julho, 2024

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para Richard e Kathryn,
os meus pais e as luzes que me guiam

Para Avery e Owen,
a minha inspiração

E para Erik,
o meu sempre

A certa altura, dizemos aos bosques,
ao mar, às montanhas, ao mundo:
estou pronta.

Annie Dillard

PRÓLOGO

Imagine o que se deposita no fundo negro de um lago. Detritos, arrastados pela corrente ou lançados de barcos, crescem, enredados e macios. Peixes mal-humorados nadam, nas suas estranhas vidas, longe do anzol, numa respiração inseparável do movimento. Posicione-se na margem de um lago, com a ondulação suave a lambe-lhe os sapatos, e imagine quão perto se encontra de um mundo tão silencioso e alheio como a lua, fora do alcance da luz e do calor e do som.

O meu lar é no fundo de um lago. A nossa quinta encontra-se aí, delimitada pela lama, com os seus despojos indistinguíveis de um navio naufragado. Uma truta lustrosa deambula pelo que resta do meu quarto e da sala onde nos sentávamos em família, aos domingos. Os celeiros e as gamelas apodrecem. O arame farpado, emaranhado, enferruja. A terra outrora fértil marina na indolência.

Uma versão digna de um manual escolar de História acerca da criação do Blue Mesa Reservoir poderia retratar o projeto como heroico, parte da grande visão destinada a transportar água preciosa dos afluentes do rio Colorado para o árido Sudoeste. As boas intenções podem ter tamponado o outrora bravo Gunnison e obrigado o rio a ser um lago, mas a história que conheço é outra.

Eu costumava ter a água pelos joelhos neste troço do Gunnison, quando ele ainda se precipitava, rápido e espumoso, pelo vale da minha infância, com a imensidão vasta e erma do Big Blue por cima dele. Conheci a cidade de Iola quando esta despertava, todas as manhãs, para pequenos-almoços deliciosos e quintas e ranchos cheios de vida, quando o nascer do sol iluminava o lado leste da Main e depois avançava, devagar, cidade fora, passando pelos carris dos comboios e pelo pátio da escola, para incendiar a minúscula janela redonda com vitrais vermelhos e azuis da igreja. Cronometrei a minha vida pelo silvo surdo do comboio das 9h22, pelo das 14h05, pelo das 17h47. Conheci todos os atalhos e habitantes e a mais velha árvore nodosa a produzir regularmente pêssegos dulcíssimos no pomar da minha família. E conheci, talvez melhor do que muitos, a tristeza deste lugar.

As boas intenções transferiram o cemitério de Iola para o cimo de uma colina — com sorte, cada uma das lápides da minha família foi recolocada, com os respetivos despojos —, onde ainda se encontra, atrás de uma vedação de ferro branca, dobrada e retorcida devido ao peso da neve. Por outro lado, as boas intenções afundaram toda a Iola, no Colorado.

Imagine uma cidade em silêncio, esquecida, a decompor-se no fundo de um lago que outrora foi rio. Se isto o fizer perguntar-se se as alegrias e a dor de um lugar são arrastadas à medida que as águas sobem e o engolem, posso dizer-lhe que não é verdade. As paisagens das nossas juventudes criam-nos, e transportamo-las connosco, mergulhadas em tudo aquilo que ofereceram e roubaram, na pessoa que nos tornamos.

PRIMEIRA PARTE



1948–1949

UM

1948

Ele não tinha grande aspeto. À primeira vista, pelo menos.

— Desculpe — disse o jovem, com um polegar sujo e um indicador a agarrar a aba do boné vermelho e esfarrapado. — É por aqui que se vai para a pensão?

Tão simples quanto isto. Uma vulgar pergunta vinda de um desconhecido imundo que percorria a Main Street no momento exato em que eu chegava ao cruzamento com a North Laura.

Trazia as jardineiras e as mãos enegrecidas de carvão, o que presumi ser óleo para eixos ou camadas de sujidade do campo, embora também fosse demasiado escuro para ser isso. Tinha as faces enfarruscadas. A pele bronzada reluzia por entre gotas de suor. O cabelo, negro e liso, espreitava por baixo do boné.

O dia de outono começara tão costumeiro como as papas de aveia e os ovos estrelados que eu servira aos homens ao pequeno-almoço. Não reparei em nada extraordinário quando fui cuidar da casa e dos animais, dóceis nos seus redís, peguei em dois cestos com pêssegos tardios ao fresco da manhã, fiz as minhas entregas do dia puxando o carrinho oscilante atrás da bicicleta e, depois, voltei para casa para fazer o almoço. Contudo, acabei por perceber que aquilo que é excecional espreita por trás de tudo o que é comum, como o mundo profundo e misterioso sob a superfície do mar.

— É por aqui que se vai para todo o lado — respondi.

Eu não estava a tentar ser engraçada ou a chamar a atenção dele, mas o ângulo da sua pausa e a leve contorção do seu sorriso mostraram-me que a minha resposta o divertiu. Aquele desconhecido fez algo dentro de mim sobressaltar-se, ao olhar-me daquela maneira.

— É uma cidade mesmo muito pequena, é o que quero dizer — disse eu, tentando emendar as coisas, esclarecer que não era o tipo de rapariga em quem os rapazes reparavam ou por causa da qual parassem para lhe sorrir na esquina de uma rua.

Os olhos daquele desconhecido eram tão negros e brilhantes como a asa de um corvo. E afáveis — é isso que mais recordo acerca daqueles olhos depois daquele primeiro vislumbre, até ao olhar final —, uma delicadeza que parecia jorrar de dentro dele e transbordar como um poço demasiado cheio. Analisou-me por um

instante, ainda a sorrir, e depois voltou a puxar a pala do boné e continuou a dirigir-se para a estalagem Dunlap's, quase ao fundo da Main.

Era verdade que aquele passeio a desfazer-se conduzia a todo o lado. Além da Dunlap's, tínhamos o Hotel Iola, para pessoas sofisticadas, e a taberna, situada nas traseiras, para pessoas que bebiam; a estação de serviço Jernigan's Standard, a loja de ferragens e os correios; o café, que cheirava sempre a essa bebida e a *bacon*; e a Chapman's Big Little Store, com géneros alimentares e um balcão com produtos mais requintados e demasiados mexericos. Na extremidade oeste de tudo aquilo, ficava o mastro da bandeira, entre o edifício da escola que outrora frequentei e a igreja de ripas onde a nossa família costumava sentar-se, aprumada e limpa, todos os domingos, quando a mãe ainda estava viva. Para lá disso, a Main Street mergulhava abruptamente na colina, como um ponto final depois de uma frase curta.

Eu ia na mesma direção que o desconhecido — com o fito de arrastar o meu irmão para fora da sala de póquer que ficava atrás do Jernigan's —, mas não me ia pôr a andar no encalço do rapaz. Parei na esquina e protegi os olhos do sol da tarde para o observar enquanto ele continuava o seu caminho. Caminhava devagar, com descontração, como se o único destino fosse o seu próximo passo, com os braços a balançar ao lado do corpo, a cabeça aparentemente um pouco atrasada no ritmo. A *T-shirt* branca e suja bem colada ao corpo por baixo das alças das jardineiras. Era esguio, com os ombros muscudos de alguém que trabalha com as mãos.

Como se tivesse sentido o meu olhar, virou-se de súbito e exibiu-me um sorriso breve, resplandecente no rosto manchado. Fiquei sem fôlego por ter sido apanhada a olhar para ele. Uma onda de calor subiu-me pelo pescoço. Ele puxou o boné como fizera antes, virou costas e continuou a andar. Embora não conseguisse ver o seu rosto, tive quase a certeza de que ele ainda estava a sorrir.

Foi um momento fatídico, sei agora, ao olhar para trás. Porque eu podia ter virado costas e continuado a descer a North Laura, em direção a casa, para tratar do jantar, podia ter deixado que o Seth voltasse para a quinta de livre vontade, aos tropeções, que cambaleasse à porta mesmo diante do pai e do tio Og, suportando o seu próprio inferno. Podia, pelo menos, ter atravessado a Main para o outro lado, pôr um ou outro carro e uma fileira de choupos a amarelecer entre os nossos dois passeios. No entanto, não agi dessa forma, e isso fez toda a diferença do mundo.

Em vez disso, dei um passo vagaroso e mais um, sentindo intuitivamente o significado em cada decisão de levantar, alongar e depois baixar um pé.

Nunca me tinham falado sobre atração. Eu era demasiado nova quando a minha mãe morreu para ter aprendido esses segredos com ela, e, seja como for, não consigo imaginar que os pudesse ter partilhado comigo. Fora uma mulher calada e decente, muito obediente a Deus e cumpridora das expectativas. Daquilo de que me lembro, gostava de mim e do meu irmão, mas o seu afeto só se manifestava dentro de parâmetros rigorosos, educando-nos com um medo solene de como nos iríamos comportar no dia do Juízo Final. Eu vislumbrava, de vez em quando, a sua paixão cuidadosamente escondida a manifestar-se nas nossas costas no mata-

moscas de borracha preto ou nos vestígios subtis de lágrimas que limpava com rapidez quando se levantava, depois da oração, mas nunca a vi beijar o meu pai ou abraçá-lo uma única vez. Embora os meus pais gerissem a família e a quinta como companheiros eficientes e fiáveis, não testemunhei, entre ambos, a presença do amor específico entre um homem e uma mulher. Para mim, este território misterioso não tinha mapa.

Com exceção do seguinte episódio: eu estava a olhar pela janela da sala, para o crepúsculo melancólico de outono, logo depois de ter feito doze anos, quando o xerife Lyle parou junto de nossa casa, na alameda de gravilha molhada, com o seu automóvel preto-e-branco comprido, e abordou com hesitação o meu pai, no quintal. Através da névoa criada pela minha respiração no vidro, vi o meu pai cair lentamente sobre os joelhos, mesmo ali, na lama humedecida pela chuva. Eu estivera à espera de que a minha mãe, o meu primo Calamus e a minha tia Vivian regressassem, com horas de atraso, da sua entrega de pêssegos pelo desfiladeiro, até Canyon City. O meu pai também estivera à espera, tão inquieto com a sua ausência que passou a noite inteira a juntar as folhas encharcadas que normalmente deixava que se transformassem em composto em cima da relva, ao longo do inverno. Quando o meu pai cedeu sob o peso das palavras de Lyle, o meu coração jovem compreendeu duas verdades imensas: os elementos da família em falta não voltariam para casa e o meu pai amava a minha mãe. Nunca se haviam entregado a manifestações românticas à minha frente ou falado de amor comigo, mas percebi nesse momento que, na verdade, o tinham conhecido, no seu modo silencioso. Aprendi, a partir do seu relacionamento subtil — e dos olhos secos e pragmáticos com que o meu pai mais tarde entrou em casa e partilhou sombriamente a notícia da morte da minha mãe com o Seth e comigo —, que o amor é um assunto privado, a ser alimentado, e até chorado, entre dois seres apenas. Pertence-lhes a eles, e a mais ninguém, como um tesouro secreto, como um poema íntimo.

Além disso, eu não sabia nada, muito menos da origem do amor, da atração inexplicável por outra pessoa, do motivo pelo qual alguns rapazes podem passar por nós sem reparar, mas o seguinte sente uma atração tão inexorável como a gravidade e, daquele momento em diante, só conhecemos o desejo.

Havia apenas meio quarteirão entre mim e aquele rapaz enquanto caminhávamos pelo mesmo passeio estreito, no mesmo instante, na mesma cidadezinha, algures no Colorado. Segui-o, pensando que, de onde quer que ele tivesse vindo, fosse qual fosse o lugar e a experiência, eu e ele tínhamos vivido os nossos dezassete anos — no caso dele, talvez um pouco mais, talvez um pouco menos — completamente alheios à existência do outro nesta terra. Agora, naquele momento, por algum motivo, as nossas vidas intersetavam-se, da mesma maneira que a North Laura e a Main.

O meu coração acelerou quando a distância entre nós passou de três casas a duas, depois a uma, e quando me apercebi de que ele estava a abrandar gradualmente.

Não sabia o que havia de fazer. Se eu também abrandasse, ele saberia que eu estava a andar ao ritmo dele, e depois? Ou, ainda pior, passaria por ele e sentiria o ferro do seu olhar nas costas. Ele iria decerto reparar no meu passo desengonçado, nas minhas pernas nuas e nos sapatos de couro usados, no meu velho vestido de escola acastanhado, demasiado pequeno para mim, na banalidade do meu cabelo castanho e liso, por lavar desde o banho de domingo.

Por isso, abrandei. Como se estivesse preso a mim por um fio invisível, ele também abrandou. Voltei a abrandar, e ele abrandou, mal se mexendo. Depois, parou completamente. Não tive outro remédio senão fazer o mesmo, e ali estávamos nós, como duas estátuas idiotas, no meio da Main Street. Pressenti que não se mexeu por brincadeira. Fiquei congelada de medo e indecisão e na primeira agitação desorientadora do desejo. Conhecia aquele rapaz havia apenas alguns minutos e por menos de um mero quarteirão urbano, mas ele já me revolvera as entranhas como seixos num regato.

Não ouvi a mulher roliça do médico ou as rodas de aço do seu carrinho de bebé a aproximar-se, atrás de mim. Quando a senhora Bernette e o filho apareceram de repente ao meu lado, tentando executar uma ultrapassagem, assustei-me como um esquilo.

A senhora Bernette sorriu de forma suspeita, com as sobranceiras finamente arrançadas erguidas, a anunciar uma pergunta não pronunciada enquanto lançava um cortante «Torie».

Mal consegui fazer um aceno de cabeça educado, nem sequer me conseguia lembrar do nome do bebé ou estender o braço para lhe despentear de maneira afável o cabelo louro.

O desconhecido deu um passo matreiro para o lado para que a senhora Bernette pudesse passar. Ela olhou para ele de cima a baixo com curiosidade e sorriu levemente quando ele tirou o boné e disse:

— M' nha senhora.

Ela voltou a olhar para ele de sobrolho franzido, como se estivesse a tentar descobrir um enigma, e depois virou-se e continuou a gingar rua fora.

Nós éramos, de facto, um enigma, eu e aquele rapaz. O enigma dizia assim: qual é a coisa, qual é ela, que depois de presa tem destinos iguais? A resposta era: marionetas no mesmo fio.

— Victoria — disse ele com uma familiaridade descontraída, virando-se por fim e encarando-me. — Andas a seguir-me? — Aparentemente, era a vez dele de ser engraçado, e sorriu da sua própria graça com o mesmo divertimento com que o fez daquela que julgou ser a minha.

Gaguejei como uma criança apanhada a roubar uma moeda antes de conseguir enunciar um breve «não».

Ele cruzou os braços bronzeados. Não conseguia perceber se estava a avaliar a sua pergunta, a minha pessoa ou talvez a natureza fortuita do momento.

Quando não consegui aguentar mais o meu próprio desconforto em silêncio, empertiguei-me, numa compostura falsa, e perguntei:

— Como sabes o meu nome?

— Presto atenção — disse ele. Era direto, mas, de certa forma, modesto. — Victoria — repetiu, lentamente, ao que parecia pelo mero prazer de sentir as sílabas rolares-lhe na língua. — Um nome de rainha.

O encanto desmentia o seu aspeto desalinhado e, apesar das minhas melhores tentativas de distanciamento, ele conseguia perceber que estava a pensar nisso mesmo. Os seus olhos escuros redobram o convite antes de ele o enunciar, e depois disse:

— Queres acompanhar-me? Quero dizer, aqui — apontou para o espaço ao seu lado —, como deve ser?

Hesitei porque, sim, queria acompanhá-lo, mas ou o decoro ou um genuíno embaraço de adolescente impediam-me de o fazer. Ou talvez fosse premonição.

— Não, obrigada — disse eu —, não poderia... quero dizer... nem sequer sei o teu...

— É Wil — exclamou antes de eu poder responder. — Wilson Moon. — Deixou que o seu nome completo pairasse nos meus ouvidos por um instante; depois, aproximou-se de mim com uma mão estendida. — Muito prazer em conhecê-la, menina Victoria. — Subitamente muito grave, esperou que eu avançasse para dentro do espaço que nos separava e que pousasse a minha mão na dele.

Hesitei, sentindo-me desconfortável, e depois fiz uma reverência. Não sei qual dos dois ficou mais surpreendido. Não fazia uma vénia desde que era menina, na catequese, mas o gesto veio-me à cabeça como a única coisa a fazer, tal era o receio de lhe tocar na mão. Senti-me logo tola e esperei que ele se risse, mas não o fez. O seu sorriso alargou-se num riso completo, radioso, imenso, genuíno, mas nem um pouco trocista.

Ele acenou com a cabeça de forma cúmplice, baixou a mão, fê-la deslizar para dentro do bolso das suas jardineiras sujas e ficou ali, à minha frente.

Não o consegui entender na altura, naquele instante, suspensa no seu olhar, mas um dia havia de perceber que, na realidade, o Wilson Moon não sentia o tempo como a maior parte das pessoas, ou outras coisas. Nunca se apressava ou contorcia nervosamente nem considerava que um lapso de silêncio entre duas pessoas fosse um recipiente estranho que se devesse preencher com banalidades. Poucas vezes olhava para o futuro, e ainda menos para o passado, mas agarrava o momento presente com as duas mãos para contemplar as suas especificidades, sem pedidos de desculpa e sem a impressão de que deveria ser de outra forma. Eu não podia saber nada disto enquanto me encontrava, imóvel, na Main Street, mas acabaria por conhecer a sabedoria dos seus modos e, com o tempo, aplicar esse conhecimento quando dele mais precisava.

Por isso, sim, mudei a minha resposta e aceitei o convite para percorrer a Main Street nessa tarde de outubro, lado a lado com um rapaz chamado Wilson Moon, que já não era um desconhecido.

Embora a conversa não tivesse passado de meros gracejos e a caminhada

houvesse sido breve, na altura em que chegámos à Dunlap's e trepámos os degraus gastos do alpendre, nenhum de nós se queria ir embora. Demorei-me com ele junto da porta lascada, com o coração a bater, descompassado.

O Wil não me revelou muito acerca de si. Mesmo quando lhe perguntei se a abreviatura Wil, de Wilson, se escrevia com um ou dois L, limitou-se a encolher os ombros e respondeu:

— Como preferires.

Uma coisa que aprendi acerca do Wilson Moon nesse dia foi que ele tinha estado a trabalhar nas minas de carvão de Dolores e que tinha fugido.

— Fartei-me simplesmente daquele sítio — explicou. — «Vai-te embora», ouvi uma voz dentro de mim dizer. «Vai-te já embora.» — Os vagões cheios de carvão que se dirigiam para a linha Durango-Silverton estavam cheios e prontos a ser arrastados, disse ele, e, quando se ouviu o apito do comboio, este soou como um apelo, longo, penetrante, insistente. Ele sabia apenas que aquelas carruagens se dirigiam a um sítio que não era aquele em que se encontrava. Quando o comboio deu início ao seu lento rangido de arranque, trepou à pressa pela escada enferrujada de uma das carruagens e subiu para uma cama de carvão negro e quente. O patrão avistou-o ao longe e correu atrás do comboio, a berrar e a praguejar, agitando furiosamente o chapéu. Em breve, o capataz e as minas haviam minguado, ao longe, e Wilson Moon expôs o rosto ao vento.

— Nem sequer sabias para onde estavas a ir? Aonde irias parar? — perguntei.

— Não é muito importante — respondeu. — Um sítio é tão bom como qualquer outro, não achas?

O único sítio que eu conhecera até esse momento era Iola e a região circundante, ao longo de um troço amplo e ininterrupto do rio Gunnison. A cidadezinha aninhava-se junto dos contrafortes da imensidão do Big Blue, no lado sul, e das altaneiras montanhas Elk, para oeste e para norte. Um mosaico de quintas e ranchos desenrolava-se como uma cauda longa a acompanhar a extremidade do rio, para este. Eu e o meu irmão tínhamos nascido na quinta que o meu pai herdou do seu, na cama de ferro alta que ocupava metade do quarto amarelo-claro acrescentado às traseiras da casa, o quarto que servia apenas para dar à luz e para as visitas, até o tio Og ter ido viver connosco depois do acidente. A nossa quinta não era nada de especial, nem sequer muito grande, apenas vinte hectares, incluindo os celeiros, a casa e uma alameda de gravilha longa como o uivo de um lobo. Mas, do celeiro à vedação traseira, a nossa terra produzia o único pomar de pessegueiros do condado de Gunnison, onde os frutos cresciam grandes, rosados e doces. As margens sinuosas do Willow Creek talhavam a fronteira leste da nossa propriedade, com a sua água gelada vinda da neve da montanha e ansiosa por se derramar sobre as nossas árvores e modestas fileiras de batatas e cebolas. À noite, o riacho cantava uma canção de embalar do lado de fora da janela do meu quarto, aquietando-me na cama de grades onde eu dormira quase todas as noites da minha vida. O nascer do sol sobre a distante montanha Tenderfoot e o apito longo de três comboios por dia a passar pela estação, na extremidade da cidade,

eram os meus relógios mais fiáveis. Eu sabia exatamente como o sol da tarde penetrava pela pequena janela da cozinha e ao longo da comprida mesa de pinho nas manhãs de inverno. Sabia que os crocos e as esporeiras-roxas seriam as primeiras flores silvestres a surgir na quinta, todas as primaveras, e que os epilóbios e os solidagos seriam as últimas. Sabia que um grupo de andorinhas-de-dorso-acanelado desceria sobre o rio com todos os ovos de efémeras e que seria este o momento exato em que uma truta-arco-íris se ergueria depois do lançamento feito pelo pai. E sabia que as tempestades mais terríveis, escuras e assustadoras como o demónio, fustigavam quase sempre os picos a noroeste e que cada canto de ave e de corvo e de pega se silenciaria no instante anterior ao desabar do céu.

Por isso, não, na minha cabeça, os sítios não eram exatamente iguais, e perguntei-me por que motivo aquele rapaz não parecia saber nada acerca do que era ter um lar.

— E as tuas coisas? — perguntei, intrigada com a vida de vagabundo.

— A mesma coisa — disse ele com um encolher de ombros e um sorriso, como se soubesse algo acerca dos nossos pertences que eu não sabia, o que, no fim, se revelou acertado. Ele iria ensinar-me quão verdadeira poderia ser uma vida esvaziada de tudo o que não fosse essencial e que, quando se pensava nisso, aquilo que importava acima de tudo era a determinação de continuar a viver. Se me tivesse dito isto nessa altura, eu não teria a capacidade de acreditar nele. Mas o tempo é mais forte do que nós.

Eu não conseguia pensar numa desculpa para o seguir até à Dunlap's. Mesmo que não estivesse na companhia de um rapaz desconhecido, uma rapariga não entrava numa pensão barata sem ter um motivo adequado e um acompanhante de confiança. Também eram quase horas do jantar, e eu ainda tinha a tarefa sórdida de arrastar o Seth para fora da espelunca do póquer e de o levar para casa antes de o pai chegar, depois de ter salvado o resto do feno do senhor Mitchell.

Sugeri-lhe que estava na altura de nos separarmos, suspirando:

— Bem... — Mas não comecei propriamente a afastar-me. Esperei que pagasse na deixa, desse o passo seguinte, mas, mais uma vez, ele manteve uma imobilidade relaxada, sorrindo-me, olhando de vez em quando para o céu, como se estivesse a ler algo nas primeiras nuvens finas do fim de tarde.

— Acho que é melhor ir andando — disse eu, por fim. — Tenho de fazer o jantar e tal...

O Wil voltou a olhar para o céu e depois perguntou-me se nos podíamos encontrar no dia seguinte, para eu lhe mostrar os sítios todos, para dividirmos uma fatia de tarte ou coisa parecida.

— Afinal — acrescentou —, és a única pessoa que conheço nesta terriola.

— Bem, não me conheces — disse eu. — Pelo menos, não muito bem.

— Claro que conheço. — Piscou o olho. — És a menina Victoria, a rainha de Iola. — Inclinou-se e fez um floreado com a mão numa reverência trocista como se estivesse diante de um elemento da realeza, e eu ri-me. Depois, ficou ali a olhar para mim durante tanto tempo que pensei que me iria derreter como chocolate

sob os últimos raios de sol que desciam pelo alpendre. Ele não disse nada, mas senti-me como se ele soubesse coisas impossíveis a meu respeito. Aproximou-se mais. Inspirei fundo, sentindo pela primeira vez o seu odor almiscarado e intenso e estranhamente convidativo, e olhei por um instante para os seus olhos negros sem fundo.

Como se vive durante dezassete anos sem sequer se considerar se alguém nos conhece? A ideia nunca me tinha ocorrido, de que alguém pudesse ver o coração das coisas e pronto. Permaneci nos degraus da pensão a sentir-me transparente, erguida contra a luz de uma forma que nunca imaginei antes de conhecer o Wilson Moon.

Timidamente, recuei; depois, aceitei encontrar-me com ele no dia seguinte. Queria mais dele, como quem anseia pela luz do sol demasiado tempo escondida atrás das nuvens. Porém, antes de podermos partilhar um plano — escolher uma hora, um sítio, um pretexto —, uma voz familiar gritou-me do meio da Main Street e atingiu-me como uma pedra.

— Torie!

Ali estava o meu irmão, o Seth, a balançar no meio da Main, com a mão esquerda agarrada ao gargalo de uma garrafa de cerveja preta.

— Torie, afasta-te desse filho da mãe nojento! — praguejou, apontando para o Wil com a garrafa, entornando cerveja em poças escuras na estrada de terra.

— O meu irmão. Bêbedo — suspirei para o Wil, virando-me rapidamente. Desci os degraus da Dunlap's, lançando para trás das costas um exasperado «tenho de ir», e fui a correr para junto do Seth antes de ele poder meter-se em sarilhos.

— Quem é o filho da puta? — resmungou o Seth através do *Lucky Strike* que lhe pendia dos lábios, dirigindo a pergunta mais ao Wil do que a mim.

— Não é ninguém — disse eu, empurrando o Seth rua abaixo, por trás, com uma mão em cada um dos ombros, como se estivesse a segurar as rédeas de uma mula relutante, conduzindo-o de volta ao cruzamento da North Laura com a Main. Embora fosse mais de um ano mais novo, o Seth ultrapassou-me em altura mesmo antes de fazer quinze anos e crescera, pelo menos, cinco centímetros nos seis meses que tinham decorrido desde então, mas eu não era uma rapariga alta, e, comparado com outros rapazes da sua idade, o Seth ainda era baixo e entroncado, com a constituição física e o temperamento de um pugilista. Procurei afastá-lo do campo de visão do Wil e dos outros curiosos e encaminhar-nos para casa.

— Um rapaz qualquer a pedir indicações, só isso — menti, embora nem quinze minutos antes aquilo tivesse sido verdade. — Está apenas de passagem.

— Filho da mãe moreno...

— Tresandas, Seth — interrompi-o. — Cheiras pior do que a pocilga que é melhor te pores a limpar quando o pai chegar a casa.

— Que se lixe o pai — exclamou, arrastando a fala com a coragem dos bêbedos, dando uma baforada longa no cigarro e atirando-o depois para o chão.

— Podias fazer aquilo que te mandam, pelo menos, uma vez na vida e poupar-nos a todos de uma data de confusões — disse eu, pisando o *Lucky Strike* e

lançando de seguida uma olhadela por cima do ombro para o Wil, ainda de pé, no alpendre da Dunlap's, a ler-me como uma história de mistério.

— Mais depressa esses porcos hão de voar daquele chiqueiro cheio de porcaria do que eu aceitarei ordens de ti, miúda. Não penses que podes...

— Cala-te, Seth — disse eu, suspirando. — Cala-me só essa matraca. — Não era capaz de ouvir nem mais uma palavra. Detestava-o naquele instante, mais do que nunca. O meu ódio já tinha algo que ver com o Wil. Há muito que tinha que ver com o pai e com o tio Og e com a mãe e com o meu primo e a minha tia, que começava a esquecer. Mas, acima de tudo, a minha aversão pelo Seth era crua e rude como um cardo, tendo-se tornado um pouco mais cortante a cada dia das nossas vidas.

Comecei a empurrá-lo por trás com toda a força. Ele recebia o golpe, tropeçava para diante, depois recebia mais um safanão, praguejando, queixando-se e bebericando cerveja o caminho inteiro, mas sem nunca me devolver a agressão. Talvez estivesse demasiado embriagado para querer saber ou talvez soubesse tão bem quanto eu que tinha de estar na pocilga quando o sol se afundasse por trás da serra.

Percorremos a North Laura. Ao fundo desta, um carreiro estreito e muito pisoteado para a nossa quinta serpenteava através da relva, passando a extremidade do terreno coberto de pinheiros da doida da Ruby-Alice Akers e atravessando um amplo campo relvado. Era o caminho mais rápido entre a quinta e a vila, e eu e o Seth tínhamo-lo percorrido milhares de vezes juntos. Quando éramos pequenos, a nossa mãe encarregou o Seth de olhar por mim quando caminhávamos por aquele carreiro, à vinda ou à ida, mesmo sendo ele mais novo e bastante menos responsável, simplesmente porque era rapaz. À medida que fomos crescendo, eu olhava por ele, não por alguém me ter dito para o fazer, mas porque era necessário, tanto por mim como por ele, e pelo pai também. Mas, por mais que tentasse, não conseguia resgatar o Seth dos seus próprios disparates, e estava farta de tentar.

Fi-lo percorrer o caminho a toda a brida, eu a empurrá-lo, ele a tropeçar e a dizer palavrões. Então, o Seth deixou cair a garrafa da cerveja da mão. Antes que a minha mente conseguisse registar que a garrafa estava no carreiro, pus o pé mesmo em cima dela e tombei para a frente, empurrando o Seth para o chão e caindo com força na terra, sobre a anca e o cotovelo direitos. Pequenas coisas: a perda de controlo da mão de um rapaz ébrio, uma garrafa que cai, um tornozelo torcido, a manga de um vestido rasgada. Mas é muitas vezes a pequena reviravolta do destino que altera mais profundamente as nossas vidas — o grito de aviso do silvo de um comboio de transporte de carvão, a pergunta de um desconhecido num cruzamento, uma garrafa castanha caída por terra. Por mais que tentemos convencer-nos do contrário, os momentos em que nos tornamos nós próprios não podem ser delicadamente apanhados como o pêssego mais maduro e mais saciante do ramo. Nos intermináveis tropeções rumo a nós próprios, tomamos a colheita que nos coube em sorte.

Fico por terra por um instante de desorientação. O Seth riu-se baixinho e

depois calou-se. A dor irradiava pela canela. Enquanto erguia com cautela o peito do solo, os braços do Wil deslizaram subitamente por baixo de mim com a segurança de um noivo a pegar a noiva ao colo. E, embora não houvesse ombreira de porta a transpor — apenas o campo de vergas-de-ouro murchas e ervas altas e quebradiças —, lembro-me daquele momento como se fosse a nossa entrada. Não estremei ao seu toque, não protestei perante o seu suave abraço quando me levantava com facilidade e me aninhava contra o seu peito sujo de carvão, não tentei caminhar de maneira desastrada sobre o tornozelo já a inchar.

— Seguiste-me — disse, sem inflexões de voz.

— Sim — foi tudo o que respondeu, baixando o olhar para o Seth, que estava deitado de lado, na berma do carreiro, sem sentidos. — O que fazemos com ele? — perguntou o Wil.

— Nada de nada — respondi, para divertimento do Wil. *Nada de nada*, repeti mentalmente, chocada com a minha rebelião tanto em palavras como em atos. Deixaria o meu irmão a dormir na terra. Partiria, nos braços daquele desconhecido.

Estremei. Fosse da dor, da raiva ou das primeiras centelhas do amor, não sei — talvez de todas elas —, mas o meu corpo tremeu como se o Wil me tivesse tirado de um lago gelado. Os meus braços agarraram-se ao seu pescoço forte enquanto ele caminhava. A sua cabeça oscilava um pouco com o movimento, como se estivesse a acenar em sinal de concordância. Senti-me leve como uma criança nos seus braços, igualmente confiante como uma criança. Não me era natural aceitar ajuda e proteção com facilidade, ter uma desconfiança tão reduzida nas intenções de um rapaz desconhecido. No entanto, aquela rapariga nos seus braços era eu. Percorremos todo o caminho que eu pisara durante toda a minha vida de uma forma que nunca antes conhecera, a sentir que tudo em volta se transformara subitamente. O meu pai talvez já estivesse à minha espera na quinta, por essa altura, e o tio Og estava de certeza sentado na sua cadeira de rodas junto da janela ou no alpendre da frente, como fazia durante a maior parte dos dias — cada um deles provavelmente a ver aquele desconhecido a transportar-me pelo campo. Contudo, depois de anos a rezear o julgamento do pai e a raiva do tio Og, não quis saber do que pudessem pensar ou de como pudessem reagir. Em comparação com a imensidão dos braços do Wil à minha volta, o pai e o tio Og e a autoridade e o decoro, todos eles encolhiam. Até as montanhas em volta, até as consequências, pareciam pequenas e insignificantes.

Eu deixara a quinta nessa manhã como uma rapariga normal num dia normal. Ainda não conseguia identificar que novo mapa se abria dentro de mim, mas sabia que regressava a casa de forma extraordinária. Sentia-me como os exploradores que estudara na escola deviam ter-se sentido quando divisaram uma terra distante e misteriosa a partir do seu mar aparentemente eterno. Transformada de súbito no Magalhães do meu próprio interior, não soube o que havia descoberto. Pousei a cabeça no ombro largo do Wil e perguntei-me de onde e de quem ele teria vindo e quanto tempo um vagabundo permaneceria num sítio.

DOIS

A casa branca da quinta apareceu à vista, depois, as capoeiras decrepitas, a pocilga e o celeiro cinzento e remendado que continha utensílios e baldes de trinta litros e o nosso cavalo castrado, *Abel*. Não havia estruturas ou vedações que tivessem sido pintadas desde o verão antes do acidente. Na verdade, pouca coisa na quinta fora devidamente cuidada desde então, e agora, cinco anos mais tarde, sem o meu primo Calamus para realizar o trabalho de manutenção e a minha mãe para o orientar, a quinta tinha-se transformado numa espécie de saco de batatas de serapilheira em relação ao seu anterior linho branco. A transformação ocorrera de forma tão gradual que só me apercebi dela por completo nesse momento, ao tentar perceber a cena sob a perspectiva do Wil. Toda a minha vida fora passada naquela quinta, e, quando ele a vislumbrou pela primeira vez, senti-me maltrapilha e coçada.

Queria dizer: «Nós não somos realmente assim... ou eu não sou... só que, houve um acidente e...» Contudo, as evidências estavam diante de nós como uma proclamação definitiva do declínio da minha família. A acrescentar aos edifícios em ruínas, havia um irmão bêbedo deitado atrás de nós, no chão, e, agora, a carrinha enferrujada do meu pai, a roncar pela alameda. No momento em que o meu pai abriu a porta do condutor, saindo, e começou a caminhar na nossa direção em passo furioso, vi o tio Og rodar a cadeira até ao alpendre da frente, com a tinta a descascar, para conseguir obter uma visão de mais perto daquilo que, sem dúvida, esperava vir a ser uma rixa. Fiquei ali, nos braços do Wil, incapaz de limpar nada daquilo que ele estava a ver ou de correr com ele de volta para o nosso pomar de pessegueiros, a única coisa bela que restava. Fechei os olhos, antecipando a colisão total da minha vida com a do Wil com a aproximação do meu pai.

Surpreendentemente, esta veio de trás.

O Seth recuperara os sentidos. Seguiu-nos em silêncio até que a sua espiral apertada de raiva se desatou na investida poderosa que o fez aterrar contra as costas do Wil. A briga que se seguiu, agora, é surreal para mim, a minha memória como uma versão em câmara lenta e enevoada daquilo que realmente aconteceu. Lembro-me de pormenores que ainda não consigo explicar, como o Wil ter conseguido depositar-me com delicadeza no chão, longe do perigo, e de os rapazes rodopiaram por cima de mim como um pequeno tornado, o Wil a dançar como

uma ave, no ar, para evitar os murros furiosos do Seth. Lembro-me claramente de um golpe firme do Wil ter deixado o Seth deitado no chão, de nariz a sangrar e a praguejar, e da chegada do meu pai, ofegante, a puxar o Seth até este ficar de pé e depois a colocar-se entre os dois rapazes com os braços abertos como um árbitro.

O Seth respirava com esforço e encostou o peito contra a palma da mão do pai, amaldiçoando o Wil e tentando atingi-lo. O Wil recuou com calma, fitando o Seth como um lobo olha a sua presa, com confiança.

— Quem diabo és tu, rapaz? — urrou o pai para o Wil; depois ladrou um aviso para o Seth para que este se acalmasse, agarrando o colarinho do filho num punho.

— Chamo-me Wilson Moon, senhor — respondeu o Wil, com calma, mantendo os olhos no Seth e endireitando o boné que conseguira manter-se na sua cabeça.

— Isso não significa nada para mim — disse o pai.

— Estou apenas de passagem, senhor.

— De passagem com a minha filha nos braços e o meu filho atrás de ti? — perguntou o pai bruscamente, desconfiado e intrigado.

— Sim, senhor — respondeu o Wil, sem fazer qualquer tentativa de explicação, além de acrescentar: — Peguei a primeira ao colo, tentei sobreviver ao segundo.

O meu pai lançou uma olhadela para o chão, no ponto em que eu estava sentada, reparando no meu tornozelo inchado e no vestido rasgado, não chegando a ir a ponto de procurar provas nos meus olhos, e depois respondeu:

— Este rapaz fez-te mal?

— Não, pai — respondi. — A culpa foi do Seth. O rapaz encontrou-me magoada e estava apenas a ajudar-me a chegar a casa, só isso.

— Isso não é verdade! — rosnou o Seth. — Aquele filho da mãe seguiu-nos desde a cidade para meter as suas mãos nojentas em cima dela. — Empurrando o meu pai com um furor renovado, o Seth esmurrou o ar na direção do Wil, gritando: — Eu mato-te, seu sacana latino!

O meu pai agarrou o Seth com mais força e franziu o olhar alternadamente de mim para o Wil e de novo para mim. Ordenou ao Seth que se calasse e depois perguntou-me com ar solene:

— É verdade?

— Não, pai — repeti. — O Seth está bêbedo, só isso.

— Isso é evidente — disse o pai, olhando penosamente para o filho, que, por fim, sucumbindo ao domínio do pai, era agarrado pelo punho dele e pontapeava o pó do chão como uma criança furiosa.

O pai voltou a observar o Wil e depois abanou a mão livre na direção dele, dizendo:

— Desaparece-me daqui para fora, rapaz. E não quero voltar a ver-te na minha terra ou perto dos meus. Percebeste?

— Sim, senhor. Claro como água — disse o Wil, ajeitando o boné.

O Wil virou-se sem olhar para mim e atravessou com firmeza o campo amarelo de volta à cidade. O horizonte de alfazema pareceu sorvê-lo até que a sua forma se tornou minúscula e desapareceu. Perguntei-me se iria regressar à via-férrea. Se, para ele, um lugar era tão bom como outro, um sítio diferente na linha poderia agora servi-lo melhor do que a cidade em que o Seth vivia. Nunca me ocorreu que ele estivesse a ponderar o contrário enquanto diminuía ao longe; que Iola se tornara, para ele, um lugar acima de todos os outros, um lugar a não evitar por causa do Seth, mas onde permanecer por minha causa.

— Ao afastar-me — disse-me mais tarde, quando ficámos aninhados nos cobertores do leito dele —, estava a pensar em como havia de regressar para junto de ti.

Muitas vezes desejo que tivesse continuado a andar, que tivesse saltado para o comboio seguinte rumo a outro sítio qualquer.

O meu pai empurrou o meu irmão, repugnado, e o Seth avançou aos tropeções na direção da pocilga, sem protestar. O meu pai baixou-se, pegou-me com grande esforço e transportou-me para casa. Parecia ossudo e desengonçado em comparação com o Wil, menos sobrecarregado pelo meu peso do que pelos anos de esforço desde que a minha mãe morrera. Não me atrevi a pôr os braços à volta do seu pescoço como fizera com o Wil, com receio de o arrastar igualmente para o chão. Tal como a quinta, o meu pai murchara um pouco todos os dias, e, agora, ser erguida pelos braços outrora fortes era como ser transportada por uma mula velha e fraca. Queria dizer-lhe que me pousasse, que podia manquejar, mas sabia que ele não cederia, e o meu pai não gostava de palavras desnecessárias.

O tio Ogden soltou um assobio alto e prolongado enquanto o meu pai me transportava pelos degraus desgastados do alpendre, passando pela cadeira de rodas do tio Og, até à porta da frente. O sorriso sinistro do meu tio informou-me de que apreciara o espetáculo, de que não podia querer saber menos da minha lesão e de que tinha grande esperança de que houvesse mais sarilhos, o que, infelizmente, acabou por se verificar. O meu pai ignorou-o e levou-me para dentro de casa, onde me deixou deitada ao longo do sofá, depois, foi para a cozinha ligar ao doutor Bernette. Acomodei a perna em cima das almofadas de musselina cosidas à mão pela minha mãe e esperei.

A minha mãe chamava salão àquela divisão. Só tínhamos autorização para a usar no domingo à tarde, quando eu e os rapazes estávamos limpos e subjugados, depois da igreja. Jogava às damas durante horas sem fim com o Seth e o Cal, no tabuleiro de madeira, os nossos corpos esgalgados estendidos por cima do tapete agalado do salão, já a minha mãe estudava a Bíblia na cadeira de baloiço do canto e o meu pai lia o jornal e dormitava no sofá de lanudo e dourado. Por vezes, a tia Vivian vinha visitar-nos vinda do seu quarto de pensão, na cidade. Tentava ficar sentada sem se mexer, a coser, mas parava com frequência para nos contar uma história que tinha lido no *Collier's* ou visto num documentário, no cinema de Montrose. Não fosse ela, eu nunca teria sabido da existência de um sítio chamado Hollywood ou dos nomes melodiosos das suas estrelas — Errol Flynn, Basil

Rathbone, Greer Garson e a minha preferida, por causa das sílabas suaves e redondas, Olivia de Havilland, uma mulher que só podia imaginar ser tão bela como o seu nome. A minha mãe achava tudo um absurdo, o que tornava todos os boatos que a tia Viv partilhava ainda mais deliciosos. De vez em quando, a Viv convencia a mãe a deixar-nos ouvir um *sketch* do Bucha e do Estica na rádio. Eu e os rapazes reboávamos a rir, até que a tolice soltava o Seth de tal maneira que ele não conseguia resistir a esmurrar ou a lutar com o Cal, e a minha mãe mandava desligar o rádio e que todas as crianças saíssem do salão. Eu saía com relutância, mas de forma obediente, habituada a ser culpada por associação, e a tia Viv lançava-me um olhar compreensivo e apologetico.

Enquanto eu permanecia no lusco-fusco com estes fantasmas, à espera de que o médico chegasse para me observar o tornozelo, decidi que, se a minha mãe me estivesse a ver, de algum miradouro celestial, mesmo naquele momento, me repreenderia por ter as pernas para cima, no sofá. Na parede diante de mim, estava pendurada a prateleira branca onde ela guardava a sua coleção de cruzeiros de porcelana. Por baixo, encontrava-se outra com os seus versículos da Bíblia magnificamente bordados, vários dos quais ela tinha criado e pendurado por toda a casa em simultâneo como forma de inspiração e de admonição. Este quadrinho representava duas mãos erguidas em oração e rodeadas pelo salmo «Ele deve crescer e eu diminuir. João 3:30». Reparei com uma certa vergonha no pó depositado na moldura de madeira escura. Na parede contrária, havia outro bordado, produzido com um fiado de flores azuis: «Eu nunca te esqueceria. Eis que te tatuei nas palmas das minhas mãos. Isaías 49:16.» Lembro-me vagamente de um sermão na igreja sobre esse salmo e de a minha mãe estender o braço na minha direção enquanto eu me sentava como deve ser ao seu lado, no banco, apertando-me ao de leve a coxa antes de voltar a unir as mãos de forma adequada, no colo. Através das cortinas delicadas do salão, conseguia ver o lado da cabeça do tio Og e um ombro gordo a derramar-se do encosto alto de madeira da cadeira de rodas. Tinha a bochecha cheia de tabaco de mascar e olhava para fora do alpendre, na direção do ponto em que o Wil desaparecera, como se ainda estivesse a vigiar o seu perfil. De tantos em tantos minutos, levava uma lata de café vermelha até aos lábios para cuspir, dando de seguida um gole na sua garrafa prateada.

O Ogden fizera a corte à tia Viv naquela mesma sala, embora ele fosse tão diferente na altura que eu mal conseguia relacionar o encantador jovem universitário que outrora fora com o homem destruído a apodrecer no alpendre. Ele e a Viv tinham-se conhecido em 1941, num baile da Festa de Primavera na universidade estadual que o Og frequentava, em Gunnison. A Vivian aparecera no baile sem ter sido convidada, com duas amigas, todas à procura de romance, todas a conseguirem atrair um universitário que acabaria por se ajoelhar e as pedir em casamento. De acordo com o relato da Vivian, quando ela apareceu na nossa cozinha para tomar o pequeno-almoço na manhã depois do baile, tonta como um porquinho-da-índia, o seu universitário era o melhor partido de todos. Não discordei quando trouxe o Ogden a nossa casa para o jantar de sábado, na semana

seguinte. A Viv dissera-me que ele não era tão bem-parecido como o Clark Gable em *Uma Noite Aconteceu*, mas que era irresistível como o Fred Astaire em *Ritmo Louco*. Eu nunca tinha ido ao cinema, por isso, não sabia bem ao que ela se referia até ver o Og saltar do seu *Pontiac* vermelho e subir a nossa alameda com passos tão leves que parecia que os seus sapatos castanhos e brancos mal tocavam no chão. A Viv deu um gritinho, indo a correr recebê-lo, com os seus caracóis esculpidos que estivera a moldar a tarde inteira, demasiado colados à cabeça com laca para conseguirem saltar. O Og apertou a mão do meu pai à porta e apresentou um ramo de flores à minha mãe. Envergando um laço encarnado e uma Viv aos risinhos no braço, irrompeu em nossa casa como um moço de serviços aperaltado.

Falou animadamente durante todo o serão, encantando a minha família com uma história a seguir à outra acerca das suas aventuras. Até a minha mãe, sem dúvida surpreendida pelo seu entusiasmo e com certeza preocupada com a sua salvação, se riu uma ou duas vezes das suas graças, embora com contenção. Eu nunca conhecera ninguém que tivesse visto o sol nascer sobre o Grand Canyon, que tivesse subido até quatro mil metros no desfiladeiro próximo de San Juan, andado numa cadeira de metal suspensa e descido por uma colina coberta de neve com duas tábuas agarradas aos pés lá para o Norte, no Idaho. O Ogden tinha feito tudo aquilo e, ainda, algumas dessas coisas com o seu irmão, o Jimmy, e parecia reviver a excitação de cada aventura quando contava as suas histórias, chegando a subir para a mesa de jantar para demonstrar o seu estilo de esquiar, com os braços fixos num L firme, bastões imaginários nas mãos, joelhos fletidos, ancas a balouçar. Fazia sons rítmicos que imitavam o deslizar e esquiava a encosta da sua memória, ao mesmo tempo que nós permanecíamos com os talheres em suspenso, a caminho da boca, e Vivian irradiava alegria.

No sábado seguinte, o Og trouxe o Jimmy consigo para jantar, e, para grande diversão minha e dos rapazes, a teatralidade duplicou. O Jimmy era alguns anos mais novo do que o Og, com a mesma constituição ágil e uma tendência ainda maior para a extroversão. Faziam parelha como Bergen e McCarthy e trouxeram vida e riso à nossa casa.

O Og e a Vivian casaram-se mesmo antes da apanha da fruta, nesse ano. Decorámos a igreja com fitas cor-de-rosa-claras e com as plantas decorativas roxas que eu e a mãe cortámos da sebe do pomar. O Jimmy ficou ao lado do Ogden enquanto esperavam que a Viv percorresse a igreja, ambos a sorrir como se, em qualquer instante, pudessem desatar num ataque de histeria. Ninguém na igreja de madeira poderia ter antevisto aquilo que se passaria dali a três meses, homens fardados, do outro lado do mundo, a decidir lançar bombas sobre um porto havaiano de que nunca tínhamos ouvido falar, e que o resultado fosse arrastar o Ogden e o Jimmy para a guerra.

Quando eu tinha cerca de cinco anos, espalhara-se pela cidade, como uma debandada, a notícia de que o banqueiro de Montrose, o senhor Massey, enfiara o seu reluzente *Auburn Speedster* cor de marfim nos carris da linha férrea e que este fora destruído por um comboio em movimento. As pessoas disseram que o senhor

Massey fora esmagado no lugar do condutor, com o carro a enrolar-se à volta dele como um casulo; outros rumores divulgaram que fora decapitado por baixo das rodas do comboio ou saíra disparado do descapotável aberto em direção ao parabrisas do veículo para fixar o condutor diretamente nos olhos enquanto soltava o último suspiro. Na verdade, o senhor Massey saltara para fora do carro antes do impacto e não ficara lesionado, mas a história cresceu de forma tão extraordinária que, no fim do dia, quase toda a gente da cidade passou pelo caminho de ferro de carro, de cavalo ou de bicicleta, para ver com os seus próprios olhos o *Speedster* amalgamado. Foi numa distribuição de pêssegos com o meu pai e o Cal, empoleirada em cima de um cesto virado ao contrário e colocado entre os lugares dos dois, que o pai levou a carrinha por uma estrada que normalmente não frequentávamos e nos fez passar pela estação e por cima dos carris. O magnífico automóvel — em tempos tão admirado quando percorria a Main, um laço a outro tipo de vida que as pessoas de Iola poucas vezes chegavam sequer a considerar — estava transformado num monte de sucata, pouco mais do que uma enorme lata esmagada.

A guerra fez ao Ogden exatamente aquilo que aquele comboio fizera ao elegante automóvel do senhor Massey: pegara em algo de uma beleza única, cheio de promessas, e esmagara-o. Um ano mais tarde, o acidente que arrebatara o Cal, a Vivian e a minha mãe fez o mesmo à minha família. Aprendi muito cedo a tenacidade da destruição. Através da janela do salão, a cada furiosa cuspidela castanha para dentro da lata, a cada gole de uísque, o Og lembrava-me de que não devia confiar nas aparências para obter pistas acerca do que o futuro nos reservava.

Quando o meu pai gritou da cozinha que o doutor Bernette vinha a caminho e depois foi fazer as suas coisas atirando com a porta de rede com estrondo, quase me esqueci do meu tornozelo lesionado. Estava a pensar no Wil, a avaliar o meu desejo de o voltar a ver, por contraste com o acesso de clarividência de que o mais sensato a fazer seria libertar-me de todas as ideias acerca dele enquanto ele ainda era algo belo e inteiro.

TRÊS

O meu tornozelo não estava partido. O doutor Bernette envolveu-o numa grande ligadura branca e mandou-me tirá-la dali a alguns dias. O seu carro ainda nem tinha chegado ao fim da nossa longa alameda quando desobedeci às ordens, indo a coxear até à cozinha para preparar o jantar. Ainda bem que o fiz, porque, com ou sem lesão, o pai, o Og e o Seth apareceram todos junto à mesa da cozinha às sete da tarde, cheios de fome, como acontecia todas as tardes, à espera de que eu tivesse preparado uma refeição. Tinha confeccionado a refeição à pressa — carne cortada em cubos frita com couve da horta, uma taça com pãozinhos que tinham sobrado da noite anterior, quatro maçarocas de milho com manteiga, as últimas fatias de uma tarte de pêsego com dois dias —, mas eles não se queixaram. O único som que se ouviu durante a maior parte da refeição foi o de talheres a tilintar em pratos e um ou outro arroto do tio Og. O Seth permaneceu cabisbaixo, a tentar esconder o nariz ferido e inchado, e engoliu a comida em grandes porções. Ou a rixa o deixara esfomeado ou queria apenas sair da mesa o mais depressa possível. Tirou o seu prato metade do tempo antes de termos terminado e levantou-se imediatamente.

— Não vais sair hoje à noite, filho — ordenou o pai antes de o Seth ter a oportunidade de anunciar os seus planos.

— Por que raio te importas? — retorquiu o Seth, semicerrando os olhos como se as luzes da cozinha fossem demasiado intensas. O seu nariz desfigurado transformava-o num extraterrestre.

— Tonto na língua, rapaz — avisou o pai. Espalhou manteiga num pãozinho e deu uma grande dentada, mastigando lentamente e olhando para baixo, para o espaço desocupado da mesa entre ele e o Seth.

O Seth oscilou, ansioso, de um pé para o outro. O pai engoliu e disse-lhe para se sentar, acrescentando:

— O jantar ainda não acabou.

A minha mãe governara a nossa família segundo as regras de etiqueta mais rigorosas, o metodismo e o pragmatismo. Na sua perspetiva, havia uma forma certa e errada de fazer quase tudo, desde os modos à mesa à maneira de falar, passando pela costura, até à forma correta de espalhar maionese numa fatia de pão, de bater os tapetes ou de falar com as galinhas levando-as a pôr mais ovos. Não tínhamos licença para cruzar as pernas na igreja, para falar com um idoso, a menos

que ele se dirigisse a nós, ou de montar sem sela, e eu, como rapariga, não podia correr em público, exceto nas aulas de Educação Física, quando andava na escola. Depois da morte da mãe, o pai tentou continuar a instituir os seus elevados padrões de comportamento e as suas regras universais, mas nunca fizera parte do seu temperamento segui-las, e impô-las ainda menos. Criar os filhos fora competência da mãe, e ele nunca parecia saber o que fazer connosco depois de ela ter partido. Enunciava a lei quando se lembrava disso, mais em homenagem a ela ou para extravasar o mau humor do que por preocupação genuína com o nosso comportamento, e aplicava as velhas regras de forma tão esporádica que eu e o Seth nunca sabíamos a que dogma nos devíamos cingir ou quando. Frequentemente, o Seth acabava de comer e levantava-se da mesa sempre que lhe apetecesse. Esperava-se que eu tratasse da louça, isso era claro, então, eu demorava o meu tempo e era sempre a última a acabar de comer. No entanto, nessa noite, aplicavam-se novas regras.

— Tu é que vais lavar a louça hoje — disse o pai ao Seth antes de dar mais uma dentada no pão.

Não sei quem ficou mais espantado, eu ou o Seth, com este anúncio taxativo. Um princípio que fora coerente na minha família era o de que as mulheres executavam todas as tarefas domésticas. A minha mãe fizera-o sem se queixar. Quer a exigência invulgar do meu pai resultasse de preocupação com o meu tornozelo, como castigo para o Seth ou de ambos, não o disse. O Seth atirou a cabeça para trás e resmungou. O tio Og soltou uma pequena gargalhada asmática e trocista.

O pai terminou o pãozinho, limpou os lábios com um guardanapo de musselina e disse:

— O rapaz mexicano, agora, já deve andar longe. Se não andar, ir atrás dele irá apenas causar mais sarilhos de que esta família não precisa.

A presunção de que o Wil era mexicano captou a atenção de todos.

— Mexicano? — resmoneou o tio Og com desprezo, dando uma pancada curta com a perna direita, e depois admoestou: — Deixaste um imigrante tirar partido de ti, Sara?

— Talvez não fosse mexicano — ripostou o Seth. — Não sei que raio era além de um filho da mãe.

— Chega — ordenou o pai. Não sei se foi o fanatismo ou a maldade ou apenas o som das vozes deles que o meu pai não conseguiu suportar.

Eu queria levantar-me e declarar-lhes que não sabiam nada de nada acerca do Wilson Moon. Já sentia que possuía o Wil, de alguma forma, e que os homens sentados à minha mesa, apesar de serem da minha família, significavam menos para mim naquele momento do que ele.

Uma regra que a minha mãe me ensinou com o seu exemplo foi que uma mulher faz um favor a si mesma se disser muito pouco. Eu achava-a muitas vezes distante das conversas, especialmente com os trabalhadores que comiam à nossa mesa, mas acabei por perceber que ela, tal como eu, tal como as mulheres ao longo

dos tempos, sabia o valor de usar o silêncio como cão de guarda da sua verdade. Ao mostrar à superfície apenas uma pequena fração do que tinha dentro de si, uma mulher dava menos aos homens para estes espoliarem. Fingi indiferença quanto ao tema do Wilson Moon, embora as minhas veias zunissem como fios elétricos perante a mera alusão à sua pessoa. Acabei o que tinha no prato. Bebi o meu leite. Pedi licença para me levantar. Quando me pus em pé, reparei no Seth, a olhar-me, carrancudo, furioso com a inversão de papéis, claro, mas também havia algo ilegível e assustador nos seus olhos. Manquei saindo da cozinha e subindo os degraus de madeira gastos até ao meu quarto, com a cabeça à procura de uma descrição para a emoção que o olhar do Seth continha. Não a consegui nomear. Não queria que fosse desconfiança e, naquele momento da minha vida, não sabia nada acerca do fogo incontrollável da vingança.

Nessa noite, fiquei na cama com saudades da minha mãe.

Tinham-se passado anos desde que sentira a sua falta com aquela intensidade, e estava surpreendida por a recordação dela me ter surgido naquele momento, quando me podia estar a distrair do meu tornozelo a latejar pensando no Wil, maquinando um reencontro ou revivendo mentalmente a sensação maravilhosa de ir ao seu colo. Não era como se não me tivesse lembrado dela muitas vezes nos cinco anos que se tinham passado desde a sua morte, mas ensinara-me a ser sensível e eficiente, e ansiar por algo que não se pode ter não emprega nenhuma dessas virtudes. Tentei não ter saudades dela como forma de honrar o seu sentido prático, algo que o meu coração sentia ser tão absurdo quanto parecia. Para ser mais sincera, pensar nela doía demasiado.

Depois do acidente, primeiro pensei que o Calamus era a pessoa de quem eu tinha mais saudades. Ele vivera connosco desde que eu era pequenina, depois de os pais dele, a irmã mais velha da minha mãe e o marido, terem morrido num tornado que atingiu a sua quinta de perus, em Oklahoma. Nunca se mencionaram as circunstâncias reais das suas mortes, por isso, a minha imaginação de criança desenvolveu a imagem da sua casa inteira a ser arrastada pelo céu, a rodopiar entre centenas de perus a grasnar, numa celebração da extraordinária descoberta do voo nos seus instantes finais, com o pequeno Cal, de oito anos, a ficar magicamente cravado no chão, a ver a cena, lá em cima, cheio de assombro e resignação, a dizer adeus com a mão. Embora ele tivesse vindo viver connosco, tanto quanto a minha memória alcança, o bem-disposto Cal fora a confluência que fundira as correntes separadas da nossa família num único rio. Às vezes, fazia a mãe rir-se, e o seu trabalho preciso e solícito parecia ser a única coisa, além de uma colheita de pêssegos excecional, a deixar o pai orgulhoso. O Cal conseguia concentrar a energia do Seth em coisas úteis, como pescar com moscas e arranjar motores, e, às vezes, conseguia acalmar-lhe o mau humor. Para mim, o Cal era muitas vezes o único colo para onde eu podia rastejar quando precisava de um beijinho num joelho esfolado ou apenas de um amigo.

Não obstante, passado algum tempo, à medida que as minhas memórias do Cal

se esbateram, acabei por perceber o que significava ser rapariga neste mundo, sem mãe. Rodeada de homens, não tinha modelos para seguir. Depois de a mãe morrer, os homens esperavam que eu ocupasse silenciosamente o seu lugar — que lhes cozinhasse as refeições, limpasse o seu chichi na casa de banho, lavasse e estendesse as suas roupas sujas e que me ocupasse de tudo na casa e nas capoeiras e no jardim. A minha mãe ensinara-me o básico das tarefas domésticas, mas, com doze anos apenas quando tudo aquilo se tornou responsabilidade minha, eu não sabia se estava a realizar as tarefas como devia e, certamente, não tão bem como ela as teria executado. Acima de tudo, não tinha a certeza se as queria fazer, de todo, ou se tinha licença para o dizer. Com o tempo, compreendi as respostas.

Para piorar, alguns meses depois da morte da mãe, o meu corpo começou a mudar. Eu estava a amadurecer mais depressa do que as poucas raparigas da minha idade que andavam na escola e não tinha maneira de saber o que estava a acontecer, não tinha qualquer pista quanto àquilo que deveria esperar. Era demasiado tímida e, fosse como fosse, trabalhava demasiado para ser próxima daquelas raparigas. A minha única esperança era evitar ser ridicularizada no recreio, escondendo-me. Sem saber onde ou como comprar um sutiã, usava camisolas grandes e várias camadas de roupa. Quando isso deixou de ser suficiente, comecei a envolver o peito com uma faixa elástica que encomendei especialmente ao senhor Jernigan depois de lhe pregar uma mentira demasiado elaborada sobre um joelho magoado.

A minha primeira menstruação veio pouco depois. Acordei num círculo de sangue e pensei que devia estar a morrer. A modéstia e a intuição disseram-me que não falasse no assunto com o meu pai. Arranquei os lençóis, horrorizada ao verificar que a mancha se entranhara no colchão. Sem tempo para limpar tudo devidamente antes de preparar o pequeno-almoço e de ir para a escola, amontoei os lençóis e a roupa interior e camisa de dormir sujos, enfiei-os por baixo da cama e puxei a minha colcha às flores por cima do colchão manchado. Sem saber que mais fazer, dobrei uma série de lenços e coloquei-os nas minhas cuecas lavadas de modo que contivesse o sangue. Vesti uma saia preta, por baixo, umas meias de lã e, logo depois, umas cuecas para tentar manter tudo no sítio.

— Meu Deus! Por que raio estás a andar tão devagar? — queixara-se o Seth enquanto eu o seguia a caminho da escola.

— A mãe não quer que uses o nome do Senhor em vão — respondi.

— Bem, pois, a mãe está morta, certo? — replicou, e andou ainda mais depressa até ser apenas uma mancha em movimento, ao longe.

A minha mãe nunca me pareceu mais morta do que quando me dirigia para a escola, nesse dia, a sangrar do meu sítio privado, a recear que os lenços saíssem do lugar, com câibras musculares a fulminar-me o abdómen, com a certeza de que iria cair e morrer daquele mal misterioso antes de chegar ao edifício escolar.

Quando voltei para casa, descobri um balde com água e sabão e uma escova ao lado da cama. Os lençóis já não estavam amontoados, mas empilhados ao lado do balde, ainda ensanguentados, mas também sujos, como se tivessem sido arrastados

pela terra. As cuecas manchadas não estavam em lado nenhum. Comecei obediamente a lavar os lençóis, esfregando as nódoas, torcendo-os para eliminar a água e voltando a esfregá-los. Lágrimas silenciosas escorriam-me pelas abas do nariz, acumulando-se por baixo do queixo e caindo dentro do balde.

O pai apareceu subitamente à porta com as suas jardineiras sujas e o chapéu de palha coçado. Movia os lábios fechados como se estivesse a saborear as palavras que poderia proferir. Eu queria dizer-lhe o que estava a acontecer, tal como referira a ferida sanguinolenta que descobrira quando um dos nossos melhores porcos tinha dado uma dentada a outro. Queria que ele me explicasse aquilo, como fizera na altura — «territorial», dissera ele —, garantindo-me que os corpos saram. Ele também parecia querer dizer algo, mas, em vez disso, recuou pela ombreira da porta e virou costas para meter pelo corredor.

— Não deixes as tuas coisas íntimas onde os cães as possam arrastar para o quintal — murmurou da porta. Os seus passos pesados ouviram-se de seguida, a descer a escada e a atravessar a cozinha. A porta de rede chiou e depois bateu com estrondo, à sua passagem.

Só tínhamos um cão, um rafeiro pastor de gado com manchas pretas e cinzentas a que apenas chamávamos *Cão*, até ele começar a trazer com regularidade peixe do Willow Creek e ganhar o nome *Truta*. Era apenas o tipo de cão curioso que havia de descobrir os meus lençóis sujos, mas o pai dissera *cães* — no plural — e, embora eu saiba agora, olhando para trás, que ele simplesmente tinha dito mal ou que eu tinha ouvido outra coisa, na altura todos os meus medos e inocência e ignorância conceberam a visão de uma matilha inteira e maléfica, atraída por este tipo especial de sangue, a perseguir a minha família, à espera, talvez, de me atacar no quintal. Puxei os lençóis até ao rosto e chorei contra eles, encharcando a camisola e a saia. A partir desse dia, fechava a porta do meu quarto todas as manhãs quando saía. Fechava-a à noite quando ia dormir. Se pudesse andar pela casa e executar as minhas tarefas domésticas atrás da porta do meu quarto, tê-lo-ia feito. Era uma rapariga sozinha numa casa de homens, a tornar-se mulher rapidamente. Era como florescer num monte de neve.

Conhecer o Wil convocou o fantasma destas emoções antigas e deu-lhes vida nova. Os sentimentos que acendera em mim foram o passo seguinte para me tornar mulher, e, tal como acontecera cinco anos antes, eu precisava de outra mulher por perto. Em boa verdade, não teria falado à minha mãe no Wil, mesmo que ela estivesse na sala ao lado. Ela teria ficado chocada com a violação da nossa propriedade na Main Street e com a ousadia de ele me ter pegado ao colo. Não eram propriamente os conselhos da mãe sobre o nascimento do amor aquilo por que eu ansiava. Pelo contrário, o meu desejo nessa noite, ao adormecer, foi ter alguém que enfrentasse os homens da minha casa e defendesse o direito de uma mulher a tomar as suas próprias decisões acerca do amor. Duvido de que a minha mãe me tivesse ajudado, se estivesse viva. Contudo, a vantagem de ter uma mãe morta era a capacidade de a transformar numa aliada inquebrantável, quer o tivesse sido quer não.

Nessa noite, sonhei com a minha mãe, com os seus braços abertos e robustos, a conter uma enxurrada de águas turvas enquanto eu fugia para os braços do Wil. O Seth debatia-se com as ondas atrás dela, desesperado, furioso, mas sem ser capaz de nadar mais além. Os olhos dele, enormes e esbraseados, tinham o mesmo ar sinistro que naquela noite em que me haviam seguido da mesa de jantar até ao cimo da escada a ranger.

QUATRO

O rugido atroador do motor do descapotável do Seth fez estremecer os vidros da minha janela na manhã seguinte, arrancando-me a um sono profundo. Saltei da cama, esquecendo-me do tornozelo lesionado e caindo no soalho de pinho no instante em que me pus de pé.

As tiradas do tio Og nunca me tinham servido de consolo, mas ouvi-lo repreender o Seth através da janela do quarto, lá em baixo, significava que eu não tinha de berrar para o meu irmão da minha. Eram cinco e dez da manhã, vinte minutos antes de o meu despertador diário me arrancar da cama para a cozinha para começar a preparar o café e o pequeno-almoço, e quase uma hora antes de os homens da casa geralmente acordarem. No entanto, o Seth já estava lá fora, na penumbra da madrugada, a trabalhar no *Chrysler* decrépito que ele nunca chegara a tornar condutível, mas que gostava de pôr a acelerar para se armar junto dos amigos. Arrastei-me até à janela e levantei-me apoiada numa só perna. Pelos vidros, para lá do salgueiro que começava a amarelecer, vi o perfil do Seth e o brilho suave das suas calças de ganga coçadas e da *T-shirt* branca.

Tinha a cabeça descoberta; o corte militar que ficava louro todos os verões já estava do castanho-claro do outono. Nunca o vira acelerar as rotações do carro sem ter público, e, decerto, nunca àquela hora absurda, mas nada do que o Seth fazia me surpreendia verdadeiramente. Encontrava-se junto do capô levantado do carro e respondia ao Og com palavrões, embora, do meu ponto de vista privilegiado, parecesse estar a amaldiçoar a própria casa, com o vapor a soltar-se da sua boca enquanto praguejava para o ar frio da manhã.

— Esta é a *minha* casa, seu aleijado d'um cabrão! — dizia o Seth, a ferverhar entre dentes. — O que é que tu fazes aqui sequer? Hem?! Nem te atrevas a dizer-me a porra do que devo fazer!

O Seth vociferou que ele não prestava para nada, que era uma sanguessuga, um cão coxo, um parasita. O Og gritou respondendo que o Seth era um falhado, um maricas, uma menina. Numa guerra de hostilidades, os dois estavam equilibrados.

Voltei para a cama a coxear, puxei as cobertas para cima, a proteger-me do frio e da berraria, pensei no meu irmão, perguntando-me o que estaria agora a magicar. Ouvi-o encolerizado, no quintal, até o pai lhe gritar para parar com aquilo.

O Seth nascera irrequieto, era preto no branco. As restrições severas da mãe

prenderam a sua insubmissão numa obediência forçada, mas a sua propensão para o perigo debatia-se logo abaixo da superfície como um homem num colete de forças. A atenção dela era-lhe quase sempre dirigida, a prever o seu próximo passo inadequado antes de ele chegar a pensar nele, a admoestá-lo sobre atirar uma pedra antes de ele se baixar para a apanhar, sobre puxar o cabelo a uma criança antes de ele levar a mão ao mesmo, sobre uma explosão na igreja antes de ele entreabrir os lábios. Ela e o Seth tinham desenvolvido uma linguagem secreta falada apenas com os olhos, as sobrancelhas e uma mão, uma linguagem que, por mais breve e simples que fosse, tinha toda a autoridade da lei de Deus. Muito antes de o Seth conseguir atirar um pêssgo como uma bola de baseball ou de saltar por cima de uma poça de lama, a mãe abria os olhos, arqueava as sobrancelhas e fazia um golpe rápido com a mão direita, no ar, como que a dizer, silenciosamente: *Nem penses nisso. Não te atrevas.* Em resposta, o Seth semicerrava os olhos, franzia o sobrolho e desferia um golpe no ar, com a mão direita, de frustração, a única minirrebelião que lhe era permitida.

Eu e o Cal raramente «recebíamos o golpe», como lhe chamávamos, visto que tínhamos muito cuidado para não carregar ainda mais o fardo que a mãe tinha com o Seth. Nunca saberei quanto da obediência consistente, minha e do Cal, às expectativas da mãe resultavam do nosso próprio virtuosismo ou de esperar compensar as provações que o Seth causava, como se a minha família estivesse num balancé precário que tinha de ser mantido em equilíbrio.

No entanto, os olhos da minha mãe não podiam estar sempre no Seth, e, longe do seu olhar desconfiado, ele causava muitos problemas. Fui testemunha de grande parte deles, mais do que uma rapariguinha deveria ser, e imaginei que se passava muito mais do que se chegava a saber. Vi-o roubar moedas da venda de pêssgos, pontapear o *Truta* quando o cão não lhe dava ouvidos e, às vezes, também quando dava, e surripiar a carrinha do pai para ir sabe Deus aonde quando mal tinha altura para conseguir ver por cima do tabliê. Comportava-se ainda pior quando estava com os amigos, especialmente na escola, quando ele e os miúdos da sua raça transformavam a mais pequena discordância em pancadaria ou se juntavam para roubar uma sandes do almoço de um miúdo mais novo. Uma vez, fui encontrar o Seth e três dos filhos dos Oakleys, da casa ao fundo da estrada, atrás do celeiro, a derramar querosene por cima de rãs-touro e a pegar-lhes fogo, rebolando a rir enquanto as pobres criaturas saltavam de um lado para o outro, cheias de medo. Enfie-me dentro do celeiro antes de eles me poderem ver e chorei contra o focinho suave do nosso cavalo, *Abel*.

No verão antes do acidente, sempre que o Cal tinha uma pausa depois da ceifa do feno e de eu ter terminado todas as minhas tarefas, trabalhávamos na construção de uma casa no maior choupo que dava para o riacho. Reunimos troncos por usar de quintas ao longo da estrada, arrastámos uns quantos para casa no dorso do *Abel*, prendemos cordas e içámos cada uma das pranchas estaladas para os ramos mais altos. O Cal fazia a maior parte do trabalho, mas dava-me pequenas tarefas para que eu sentisse que também estava a colaborar. Perguntámos ao Seth

se queria ajudar, mas, nesse verão, ele andava entretido a procurar tocas de raposa com o Holden Oakley, o mais velho e insolente dos irmãos Oakley. A minha mãe revirara os olhos e dera-lhes autorização para fazer buracos num canto inculto da quinta onde o pai tinha guardado as vedações e o equipamento de sobra. Os rapazes fabricaram metralhadoras com ramos de árvore, esfregaram pedaços de carvão no rosto e quase todos os dias nos apareciam com modos furtivos quando eu e o Cal trabalhávamos, armando-nos emboscadas com sons de armas cuspidos do andar de baixo, a gritar-nos por causa da nossa casa na árvore horrível, por causa do tempo que andávamos a desperdiçar com ela.

No dia em que o nosso projeto ficou concluído — com uma plataforma completa como base, quatro paredes irregulares mas sólidas, um telhado inclinado e uma escada de corda a balançar até ao chão através de um buraco quadrado no centro —, eu e o Cal içámos um piquenique de celebração, incluindo uma limonada extremamente amarga que nós próprios tínhamos preparado. Sentámo-nos lado a lado num cobertor velho e comemos as nossas sandes com doce.

— Aposto uma moeda em como o Seth vai querer participar nisto, agora que o trabalho está todo feito — disse o Cal, reclinando-se sobre os cotovelos e admirando o seu trabalho manual.

— É melhor puxarmos a escada para cima — disse eu, mais preocupada com partilhar a limonada do que com qualquer outra coisa. O Cal sorriu perante a minha ideia, estendeu os braços e puxou a escada para cima, deixando-a num monte no chão da casa na árvore.

Senti o prazer de estar afastada do mundo, apenas com a segurança e a bondade do Cal como companhia, e percebi que nem a limonada era assim tão importante. Pela primeira vez, ponderei conscientemente o conforto de estar onde o Seth não pudesse estar e, ao fazê-lo, compreendi bem no fundo da minha identidade fraterna, num lugar profundo que não conseguia nomear, que tinha medo do meu próprio irmão mais novo. Ouvira todos os sermões da igreja sobre as trevas — sobre Satanás e serpentes e pecadores —, mas, com aquela idade, não sabia nada acerca do tipo de escuridão que o Seth transportava em si, aquela com que algumas crianças talvez nasçam, as que passam a vida a tentar desfazer as regras pelas quais os outros concordam viver. Só sabia, quando me deitei de costas no cobertor a ouvir os pardais cantarolar por cima da minha cabeça e o Cal a mastigar e as minhas próprias expirações prolongadas, numa consciência profunda, que o Seth não podia destruir nada daquilo.

Eu e o Cal adormecemos ali, como dois pássaros num ninho depois do trabalho esgotante de o construir, satisfeitos e confortáveis, muito acima do alcance dos gatos.

Sentámo-nos em uníssono, assustados, quando a primeira pedra atingiu a parede da casa da árvore e rebentou com a nossa paz. Só quando a segunda pedra nos atingiu, instantes mais tarde, conseguimos perceber a origem daquela perturbação, zonzos de sono.

— É o Seth — suspirou o Cal, e contraiu o maxilar. Nenhum de nós se mexeu

ou falou, não tanto por nos estarmos a esconder, mas por apenas não querermos responder, esperando que ele se fosse embora. Outra pedra atingiu a parede, e mais uma. Quando a quinta pedra fendeu uma tábua, o Cal levantou-se finalmente de um salto e berrou para baixo, para que o Seth parasse com aquilo.

— Deixem-me subir! — gritou o Seth como resposta.

— Não! — recusou o Cal.

— Deixem-me subir para aí! Já! — repetiu o Seth, atirando mais uma pedra à parede. O Seth era pequeno, mas musculado, e conhecido pelo seu braço bom a arremessar. Fazia lançamentos atrás de lançamentos nos jogos de baseball no campo da cidade, derrubava todas as garrafas e ganhava a pastilha elástica todos os anos na feira do condado de Gunnison.

O Cal voltou a recusar, e o Seth começou a encolerizar-se, na base da árvore, a chamar ao Cal nomes que a minha mãe lhe teria lavado da boca com sabão se tivesse ouvido. Embora mal tivesse dez anos, em comparação com os dezoito do Cal, o Seth não se vergou ao estatuto de rapaz mais velho do Cal, e nunca o fez. Confiante na sua visão certa das coisas, desde que era muito pequeno, numa eterna posição defensiva, o Seth estava decidido a não procurar no primo pistas sobre a adolescência ou sobre o funcionamento do mundo. Investia à frente do Cal no quintal, nos campos, no pomar; arrancava as ferramentas das mãos do Cal quando achava que este estava a trabalhar demasiado devagar e que ele conseguia realizar melhor a tarefa. E, quando o Cal fazia troça dele ou o dominava como um irmão mais velho, o Seth desatava uma fúria que anulava a diferença de tamanho e de anos entre eles, obrigando o Cal a defender-se ou a recuar. O Cal cedo aprendeu a não irritar o Seth, uma decisão totalmente responsável por qualquer proximidade que pudesse existir entre ambos.

Fiquei sentada no chão da casa da árvore, a mexer numa ponta coçada do cesto de piquenique, sem saber o que fazer. Fora minha a ideia de puxar a escada de corda e impedir o acesso ao Seth. Não podia deixar que o Cal aguentasse com toda a força do impacto resultante.

— Tu disseste que esta árvore era estúpida! — gritei do sítio onde estava sentada, sem saber se as minhas palavras percorriam a distância entre nós, pelo tronco, esperando em parte que não o fizessem. Se havia uma pessoa na nossa família que evitava irritar o Seth ainda menos do que o Cal, era eu.

Mal abri a boca, soube que fora um erro. O Cal virou-se para me encarar e encostou um dedo aos lábios, como se, ao silenciar a sua própria boca, as palavras deixassem de sair da minha.

— Torie?! Também estás aí em cima, c'um raio! — perguntou o Seth, com uma ira surpreendida a catapultar a sua voz pela abertura no chão.

Eu pensava que ele sabia que eu estava na casa da árvore com o Cal. Afinal, tínhamo-la construído juntos. Também era a minha casa da árvore, mas senti-me subitamente culpada por ali estar, embora não conseguisse perceber porquê. Do mesmo modo que o Seth se recusava a olhar para o Cal em busca de orientação, aos onze anos eu olhava para o meu primo mais velho para quase tudo. Se algo

agradava ao Cal, também me agradava a mim, porque ele era sensato e bom, e eu gostava da forma como os olhos dele se arqueavam em duas pequenas luas crescentes quando eu fazia algo agradável ou divertido. Ele era uma bússola em que se podia confiar.

— Não digas nada — sussurrou o Cal, agachando-se. — Só vai piorar as coisas.

— Porquê? — perguntei.

— Ele está só com ciúmes, é isso — disse o Cal.

— De uma casa na árvore que ele acha tão parva? — quis eu saber.

— De mim e de ti — murmurou o Cal.

Sentou-se ao meu lado no cobertor, acomodando e voltando a acomodar as pernas umas quantas vezes, como que dizendo: *Vamos só esperar, vamos pôr-nos à vontade*. O Seth, entretanto, continuava a gritar o meu nome, fazendo uma pausa de vez em quando para bater na árvore com um ramo caído ou atingindo-nos com a sua metralhadora imaginária, e, a julgar pelos grunhidos e pelos ruídos surdos que vinham de baixo, a fazer tentativas vãs de trepar pelo tronco largo e sem ramos.

Nunca tinha pensado em mim como sendo digna de inveja. A inveja, como a mãe e as Escrituras nos ensinavam, era próxima da maldade e até do homicídio, aos olhos de Deus. «A inveja apodrece os ossos», diz o provérbio. «A inveja pôs Cristo na cruz», pregava o reverendo Whitt. Se eu, ínfima e vulgar como era, podia suscitar inveja, então decerto tudo poderia acendê-la. Sentia-me perigosamente próxima de algo sinistro e não fazia a menor ideia de como lá chegara. Entretanto, o Seth uivava por mim da base da árvore como um cão ansiando pela sua presa.

Eu e o Cal ficámos ali sentados durante uma hora ou mais, em silêncio, e o Seth nunca desistiu. Quando o sol começou a sua longa descida de verão pelo horizonte, a oeste, o pai foi à nossa procura para que tomássemos conta dos animais.

— Mas que diabo se passa aqui? — berrou o pai quando se aproximou, levando o Seth a calar-se por fim. Eu e o Cal espreitámos da ponta da casa da árvore para ver o Seth receber a reprimenda.

— Nada — respondeu o Seth, olhando para o chão e dando um pontapé numa pedra. O seu cabelo transpirado estava tão espetado como artemísia.

— Parecia alguma coisa — replicou o pai, com as mãos bem enfiadas nos bolsos das jardineiras sujas, posição que adotava quando andava à procura de informação.

— Eles não me vão deixar subir para aquela barraca na árvore, é isso — queixou-se o Seth.

— Como é que aquele porco vai ser tratado contigo aí a pasmar numa casinha de bonecas? — perguntou o pai. — Põe-te mas é a andar. — O pai observou o Seth, derrotado, dirigir-se para junto dos porcos. Eu não tinha a certeza se ele estava a analisar o filho ou apenas a certificar-se de que o Seth ia para onde o tinha

mandado, mas esperámos muito tempo até que o pai parasse de olhar na direção do Seth e nos dissesse para descermos da árvore.

A escada de corda balançou e rodopiou com o meu peso insignificante até que o meu pai a fixou na ponta, e eu trepei para os seus braços, que me esperavam. Não era frequente eu receber um abraço do pai, por isso aproveitei a oportunidade para lhe envolver o pescoço, para enterrar o rosto no seu ombro e aspirar o seu aroma. Até enrolei as minhas pernas escanzeladas à volta da sua cintura, momento em que o Cal desceu até ao chão com o cobertor e o cesto de piquenique num dos braços.

Havia algo na forma como o pai me arrancou do seu pescoço e me pousou com força, e no tom severo com que nos disse que não tínhamos morrido se tivéssemos deixado o Seth subir, que me fez lembrar de outras admoestações da mãe, do evangelho de João: «Quem ama o Senhor também tem de amar o seu irmão.» Lembrava-nos com frequência de que pecamos, nos arrependemos, não sozinhos, mas com os outros. Desde as minhas mais tenras memórias, eu sabia que eu e o Seth estávamos ligados de forma eterna e misteriosa. Fiquei ali enquanto o pai se afastava, apenas uma miúda desconcertada por baixo da casa da árvore que agora parecia um pouco arruinada, sem fazer ideia a que ponto eu e o meu irmão acabaríamos por descer.

O Seth acelerou o carro uma última vez antes de eu ouvir a porta da cozinha bater com estrondo e a voz furiosa do pai lá fora. A porta voltou a bater e, depois, mais uma vez, alguns minutos mais tarde, presumivelmente quando o pai e o Seth entraram em casa de rompante. O meu despertador tocou e levantei-me, vesti-me e coxeei através da casa silenciosa e fria até à cozinha. O tornozelo doeu-me enquanto preparei o pequeno-almoço, mas acalentei a esperança de que a lesão fosse pouco importante. Se não conseguisse andar, não conseguiria tentar localizar o Wil, para, no mínimo, ter alguma ideia sobre se ele pretendia ficar ou partir, sobre possibilidades negadas ou ainda vivas.

Os homens entraram em silêncio na cozinha iluminada pelo candeeiro, um a um, não estabelecendo contacto visual uns com os outros. Os talheres tilintaram nos pratos cortando o presunto, desfazendo os ovos estrelados, consumindo tudo. O Seth foi o primeiro a sair, depois o Og e, por fim, o pai, ficando eu sentada à mesa, aliviada por terminar a minha refeição e arrumar tudo sozinha. Quanto mais zangados estavam uns com os outros, mais eu passava despercebida, que era exatamente aquilo de que precisava para encontrar o Wil.

Quando estava a acabar de lavar a louça, ouvi a cadeira de rodas do tio Og a chiar de novo lá em baixo, à entrada. Quanto mais peso ele ganhava, mais a cadeira gemia e mais dificuldade ele tinha em tentar deslocar-se pela casa. Eu esperava que um dia a cadeira se partisse ao meio, deixando-o a praguejar no chão, com as rodas a saírem disparadas como se num alívio de se terem enfim livrado do desprazer da companhia constante do Og.

Uma vez, um professor disse-me que o presidente Roosevelt tivera uma cadeira

de rodas, presumivelmente semelhante à do Og, com um encosto de madeira e duas tábuas a terminar em pés, como se ela própria tivesse duas pernas rígidas. Roosevelt nunca permitia que o fotografassem ou vissem em público na cadeira, disse o meu professor, uma fachada tão bem mantida que poucas pessoas acreditavam no boato da sua incapacidade física. Ele tinha um ar muito presidencial nas fotografias dos jornais e falava com grande intensidade e eloquência na rádio. Chegava a conduzir um belo automóvel nos desfiles e nas procissões. Eu nunca tinha conhecido ninguém aleijado até o Og voltar da guerra desfeito e mau. O novo Ogden não tinha nenhuma semelhança com o velho, muito menos com o único presidente que eu conhecera. Só muito depois de Roosevelt e de Ogden terem falecido, e de as cadeiras de rodas terem deixado de ser feitas em madeira, é que eu vi uma das duas escassas fotografias conhecidas do presidente na sua cadeira e me perguntei se muitos veteranos de guerra, sem pernas e miseráveis como o Og, poderiam ter sofrido um pouco menos caso o presidente não tivesse escondido a sua cadeira por vergonha.

Enquanto secava os pratos sobre uma única perna, ouvi o Og embater na parede e praguejar. Virei-me para o ver entrar pela ombreira da porta da cozinha com umas muletas numa das mãos e a tentar avançar com a cadeira com a outra. Os nossos olhos cruzaram-se, e nenhum de nós soube como responder a este incaracterístico ato de civilidade.

— Toma — resmoneou ele, atirando as muletas para o chão; depois, recuou porta fora e dirigiu-se para a entrada.

Eu não via aquelas muletas desde o dia em que o tio Og regressara da guerra um homem mudado.

Lembro-me de irmos de carro nesse dia até Montrose, com a nossa roupa empertigada de domingo, no mesmo verão de 1942 em que eu e o Cal construímos a casa na árvore. Ansiosa por voltar a ver o meu tio, fiquei sentada entre o Cal e o Seth, transpirada e inquieta, no banco de trás do grande sedã que o pai pedira emprestado ao nosso vizinho, o senhor Mitchell. No comprido banco da frente, a tia Viv, de nervos em franja, conversava com a mãe enquanto o pai conduzia, com os caracóis cuidadosamente enrolados da Vivian a saltar como molas. Imaginei o Ogden e o seu enérgico irmão, o Jimmy, a saírem do comboio nas suas belas fardas de soldados, a olhar para cima e para baixo, pela plataforma, até os olhos azul-claros do Og se acenderem ao ver-nos, a sua nova família, a dar-lhe as boas-vindas a casa. Imaginei o tio Og a agarrar a tia Viv pela cintura e a puxá-la para os seus lábios, beijando-a como o vira fazer no pomar, alguns dias antes de partir para combater na Europa, com as costas graciosamente arqueadas como um salgueiro.

Não conhecíamos o Ogden muito antes de a guerra o levar, logo depois de ele e de a Viv se casarem, mas isso não nos impediu de parecermos uma capa do *Saturday Evening Post* quando nos encontrávamos na plataforma, amontoados, prontos a reclamá-lo a ele e ao Jimmy como nossos. Quando o comboio negro apareceu, não precisei de mais motivos além de uma vaga noção de patriotismo e

de um pouco de senso comum bebido de revistas para o adorar. Ele era um herói de guerra, uma estrela de cinema, um gigante. Eu preparara-me com tal expectativa que, na altura em que o comboio abrandou numa lentidão metálica, diante de nós, bem podia estar à espera de que o próprio Roosevelt irrompesse naqueles degraus.

No instante em que o Ogden apareceu na porta da carruagem, soube que tinha sido enganada. A minha mente girou numa tentativa de perceber por quem, mas só conseguia divisar o próprio Ogden — um soldado com uma só perna, sozinho, os braços envolvidos com firmeza em torno de umas muletas de madeira amareladas, com os olhos baços a espreitar por baixo do barco tombado que era o seu chapéu de soldado.

A Vivian susteve a respiração ao vê-lo e enterrou o rosto no ombro da mãe. A mãe enxotou-a e apressou-se a endireitá-la, agarrando-a pelos dois ombros e conduzindo-a como se estivesse a manobrar um arado pesado. Sussurrou severamente para os caracóis da Vivian:

— Nem penses.

O Cal e o pai olharam um para o outro e correram a ajudar o Og. Ele respondeu às suas mãos estendidas com um golpe de uma das muletas, quase atingindo o Cal na cara. Colocou-se de lado junto da porta e murmurou entre dentes:

— Tira o raio das mãos de cima de mim.

O Cal e o pai recuaram, e ficámos todos parados, atordoados, a vê-lo descer os degraus do comboio de maneira desastrada e virar-nos as costas. Lembro-me de a tia Viv gemer e do estampido surdo daquelas muletas inesperadas no chão de madeira da plataforma, sem parar, como um batimento cardíaco lento e malévolo enquanto ele se afastava, oscilante. Olhei para os rostos afundados dos soldados a esvaziar o comboio. Nenhum deles era o Ogden de que me lembrava, nenhum deles era o Jimmy.

Encontrámos o Og a olhar para o chão, diante da estação. O pai foi buscar o carro, e a minha família deslizou para dentro dele. Esperámos que o Og se juntasse a nós — durante tanto tempo que o pai desligou o motor e a choraminguice da tia Viv se tornou o único som audível —, até que a mãe saiu e conseguiu convencê-lo a sentar-se à frente, ao lado dela. Ninguém falou durante toda a viagem para casa. A Vivian estava comprimida entre mim e o Cal, a olhar para a nuca imóvel do marido, sem poder acreditar. Coloquei a minha mão no joelho dela, e ela agarrou-a como se fosse uma tábuia de salvação.

— É a vontade de Deus — respondeu a minha mãe à tirada da tia Viv acerca do seu soldado destruído quando ela entrou de rompante pela porta da cozinha, lavada em lágrimas, na manhã seguinte. Num volume não sujeito ao crivo da censura, Viv lamentava-se por o Og, visto que odiava a vida e tudo o que tivesse que ver com ela, não ter simplesmente morrido no campo de batalha, não ter deixado o seu corpo ali mesmo, na praia, ao lado do do Jimmy. A mãe pousou duas canecas com café em cima da mesa e disse à Viv que se sentasse. Sempre que

eu ouvia a mãe referir-se à vontade de Deus — e ouvia-o muitas vezes —, pensava naquilo desta forma: Deus quis ou não quis. Deus quis deixar um jovem soldado morrer nos braços do irmão. Deus quis a guerra e a amargura e a alienação dos homens. Deus não quis explicar os seus motivos.

Coxeei pela cozinha e peguei nas velhas muletas que o Og me atirara. Enfiei-as por baixo das axilas e experimentei andar.

Deus quis arrebatat a tua mãe, o teu primo e a tua tia desta terra, como pêssegos apanhados demasiado cedo do ramo.

Desliguei a luz da cozinha sem devolver a louça limpa aos armários, enfei o meu casaco de malha azul-escuro, que estava pendurado no cabide junto da porta das traseiras, soltei os atacadores do sapato de modo que acomodasse o pé, enfaixado e inchado, e saí para ir dar de comer aos animais.

Deus quis unir dois desconhecidos na esquina da North Laura com a Main e conduzi-los ao amor. Deus não quis facilitar as coisas.

Deus quis tirar uma vida, Deus quis criar uma vida e Deus quis tornar uma vida irreconhecível. Deus não nos quis avisar daquilo que se seguiria.

Depois de os animais estarem tratados e de os primeiros braços de luz solar se terem aberto por cima do vale, olhei em volta para ter a certeza de que ninguém me via. Subi para a minha bicicleta, posicionei as muletas com cuidado por cima do guiador e, sem parar para me perguntar se seria ou não a vontade de Deus, fui à procura do Wilson Moon.

CINCO

Esperei deparar com obstáculos ao procurar o Wil, mas aquilo que na verdade não previ foi que a Ruby-Alice Akers fosse um deles.

A Ruby-Alice vivia numa casa de um castanho esbatido, num terreno de forma triangular, densamente arborizado, um pouco abaixo da quinta da minha família. Embora fosse a nossa vizinha mais próxima, tinha uma expressão azeda e usava sempre um barrete preto por cima dos seus caracóis sem cor. Vivia com uma coleção de animais vadios e, portanto, a mãe achava-a demasiado estranha para merecer uma boa atenção cristã. Passávamos pelo terreno dela quase todos os dias, mas nunca parávamos para a visitar ou deixar uma tarte em sinal de boa vizinhança. A mãe instruiu-nos para não olharmos para a Ruby-Alice quando a vissemos ir para a cidade na sua bicicleta preta instável, com o cesto puído pendurado no guiador. Ela era conhecida por fixar as pessoas com os seus olhos estranhos e entreabrir os lábios, preparando-se para ladrar alguma grosseria, mas depois não chegava a dizer nada. Iola em peso achava que ela era louca, mas suficientemente inofensiva para a deixar em paz.

Numa noite, à hora do jantar — quando a mãe se costumava sentar no lugar à mesa que mais tarde foi reclamado pelo Og —, os olhos do Seth iluminaram-se ao contar ter atirado uma série de pedras à idosa enquanto ela o olhava da sua bicicleta na estrada que partilhávamos.

— Uma delas atingiu-a em cheio — vangloriou-se ele, sorrindo a meio de uma bolacha —, mas aquela maluca continuou a pedalar como se não tivesse sentido nada.

Esperei que a mãe repreendesse o Seth por violência contra um vizinho ou, no mínimo, por falar de boca cheia, mas ela continuou a comer o seu presunto em pedacinhos respeitáveis.

— Ela é o diabo — disse o Seth, rindo-se. O pai e o Cal olharam para a mãe, expectantes, mas esta continuou sem nada dizer. A boca do Seth precipitou-se com a liberdade inesperada de um cão sem trela. — O diabo em carne e osso, a viver ali mesmo, no meio do pinhal!

Fez os dedos indicadores dançar por cima de cada orelha como cornos, até que a mãe acabou por o repreender.

— Nesta casa não se fala de Satanás.

Pouco tempo depois, a Ruby-Alice passou por mim e pela mãe a pedalar, na

Main. Não consegui evitar olhar para ela, perguntando-me se seria realmente Satanás disfarçado de forma improvável, se o conseguiria divisar. Ela era feia como o diabo, isso era por de mais evidente. Caracóis brancos e emaranhados saíam-lhe de baixo do barrete preto. A sua pele engelhada tinha um tom azul doentio. Um dos olhos estava tão afundado na órbita que parecia não existir. O outro — de um azul gelado, selvagem e protuberante — cruzou-se com os meus por um segundo alarmante.

Olhou para mim de cima a baixo e abriu os lábios finos enquanto passava a toda a velocidade, mas o único som que se ouviu foi o da bicicleta a chiar e da gravilha a saltar por baixo das rodas. Um pequeno *chihuabua* encolerizado, preto e com orelhas pontiagudas, como um morcego, estremeceu no seu cesto de vime.

— Olhaste para ela? — perguntou a mãe, parando para me levantar o queixo e me fitar nos olhos.

— Não, m' nha senhora — respondi, sem saber por que motivo estava a mentir, nem mesmo quando as palavras me saíram dos lábios.

— Doida varrida — disse a minha mãe, soltando-me o queixo e agarrando-me pelo braço, de novo a caminho da mercearia Chapman's. — Deus, nosso Senhor, nos proteja.

A minha mãe começou a andar mais depressa, como se estivesse a fugir de algo ameaçador, apesar de a Ruby-Alice já ter desaparecido, saindo da Main numa curva acentuada. Esforcei-me por a acompanhar. Perguntei-me o seguinte: se a doida era a Ruby-Alice Akers, porque é que éramos nós quem precisava da proteção do Senhor?

Comecei a rezar em segredo pela Ruby-Alice. Sempre que ela aparecia, eu repetia na minha cabeça a mesma oração breve e clandestina, de forma rápida, como se fosse tudo uma só palavra, como que para desrespeitar a ordem da minha mãe o mais depressa possível: *QueDeusAjudeARubyAliceAkersÁmen*. Achei a frase eficiente e direta, cobrindo a loucura e Satanás e a sua pele azulada, e tudo aquilo que a pudesse perturbar, e bastante rápida para ser enviada para os Céus sem a mãe se aperceber disso. Era estranho esconder uma oração, algo que a mãe nunca achava que eu e os rapazes dizíamos o suficiente, mas parecia claro que ela decretara a Ruby-Alice como estando para lá da salvação. Não sei dizer por que motivo eu tinha a ideia de que só eu a podia devolver à graça de Deus, mas acreditava nisso de todo o meu jovem coração. Mesmo depois de ela me ter fitado detrás de uma árvore, quando eu abandonava a igreja, de olhos lacrimejantes e vacilante, após o funeral da minha família, mesmo nesse momento, quando a minha mente se sentia inerte de dor, pensei *QueDeusAjudeARubyAliceAkersÁmen*. O reverendo Whitt pediu aos filhos que a expulsassem do perímetro da igreja. Um dos meus poucos momentos de lucidez desse dia negro foi vê-la saltar para cima da bicicleta e afastar-se a grande velocidade.

Nesse outono em que eu tinha dezassete anos, já abandonara há muito as minhas orações de criança pelo bem-estar da Ruby-Alice, e, apesar de continuarmos a ser vizinhas, raramente pensava nela. Não a via desde meados do

verão, quando ela passara a toda a brida pela nossa venda de pêssegos, junto da estrada, olhando-me do seu jeito estranho e pondo o *Truta* a ladrar como um louco. Eu acalmara o cão, pedira desculpa aos fregueses que tocavam nos primeiros pêssegos da estação e nunca mais voltara a pensar na idosa.

Nessa manhã, quando fui à procura do Wilson Moon — com as muletas atravessadas por cima do guiador da bicicleta enquanto circulava pela nossa longa alameda em direção à estrada de terra que conduzia à cidade —, ali, como uma aparição súbita sob a luz clara, estava a Ruby-Alice Akers. Não trazia o barrete preto ou a bicicleta. O seu cabelo branco rodopiava-lhe desesperadamente do rosto pálido, desenhando uma espiral. As pernas saíam, como dois palitos claros, das botas de couro coçadas. Trazia um vestido de musselina desbotado que lhe dava pelos joelhos ossudos e camadas de camisolas de lã por cima, todas em tons de verde, tão semelhantes aos pinheiros circundantes que o seu tronco parecia recuar para pano de fundo, amputando-a em duas metades sem cor. O seu olho afundado estudou-me como se eu fosse alguém desconhecido, ao mesmo tempo que o olho saliente fitava, com ar acusatório, dando a impressão de que ela estivera demasiado tempo à minha espera e agora se sentia ressentida, ao ver-me chegar.

Quase caí da bicicleta ao tentar contorná-la. Ela ficou ali, a olhar, sem se mexer. O seu olho protuberante observava as muletas e o meu tornozelo enfaixado. Estalou a língua e abanou a cabeça.

Nem me ocorreu parar. A mulher por quem eu alimentara tanta preocupação quando era pequena tornara-se, para mim, tal como para todas as outras pessoas, mero cenário. Nesse momento, era simplesmente um obstáculo, como poderiam ser uma vaca ou um tronco caído na estrada.

Estremeci quando se aproximou de mim, duas mãos brancas como a neve com dedos abertos e retorcidos a investir na minha direção, como que a puxarem-me para o chão. Recuei e afastei-me o mais depressa que consegui. Ao fazê-lo, reparei na sua bicicleta preta e decrépita projetada para cima dos malmequeres mortos, na vala da berma da estrada.

Olhando para trás, envergonho-me de nem sequer ter parado para perguntar se ela precisava de ajuda. Estava tão concentrada à procura do Wilson Moon, ou talvez tão condicionada para ignorar a Ruby-Alice, do mesmo modo que se poderia ignorar um cão vadio, que não me ocorreu que pudesse estar magoada ou desorientada. Certamente não me passou pela cabeça que pudesse ser ela a oferecer-me ajuda, sem contudo ter uma ideia mais eficaz de como me abordar do que eu a ela.

Na Baixa, o Wil não estava em lado nenhum. Iola estava calma, a despertar, apenas. Meia dúzia de habitantes iam a caminho do trabalho ou do café. O senhor Jernigan varria o passeio em frente da sua loja de ferragens. Dois automóveis e uma carrinha do leite circulavam na Main. Percorri toda a Baixa de bicicleta por duas vezes, tantas quantas achei que podia fazer sem chamar a atenção, na esperança de que o Wil me visse e aparecesse a uma porta ou janela, a sorrir e a acenar. Pus-me a imaginar como ele seria depois de ter tomado banho na

Dunlap's, talvez arranjado roupa limpa, e o meu coração acelerou. Não havendo sinal dele, estacionei a bicicleta diante da pensão, posicionei as muletas por baixo dos braços, inspirei fundo e subi os degraus de madeira a gingar. A porta da frente fora deixada aberta com uma pedra castanha. Espreitei, sentindo o cheiro do café, do *bacon* e dos homens, vendo, porém, apenas um átrio comprido e forrado a painéis de madeira, com bancos alinhados contra as paredes e apinhado com meia dúzia de casacos pendurados e botas muito enlameadas. A minha mente apressou-se a arranjar uma desculpa para entrar.

Um homem de barba cuja idade devia rondar a do meu pai, mas mais direito e mais forte, entrou na antecâmara e sentou-se num banco. Pegou nas botas e enfiou uma delas no pé direito, assobiando uma canção calma enquanto atava os cordões. Alcançando a bota esquerda, lançou uma olhadela para a porta, e os seus bigodes alongaram-se num sorriso perturbador. Soltou um assobio prolongado por entre os dentes, que pareciam uma maçaroca, olhando para mim de cima a baixo e rindo-se baixinho:

— Vejam bem o que temos aqui.

Todos os outonos, a Dunlap's enchia-se de homens à procura de trabalho nas forragem ou na apanha, além daqueles que trabalhavam com o gado na esperança de serem contratados para reunir manadas vindas dos prados elevados e as conduzir até ao vale, antes das primeiras neves. A afluência era útil e bem-vinda, embora alguns dos homens, como eu sabia perfeitamente, representassem problemas. Havia algo naquele, com o seu sorriso amarelo e os olhos ávidos, que me fazia ansiar pelo inverno.

Gaguejei por um instante, fincando as muletas. Ouvi o som de pratos a tilintar vindo de dentro e calculei que o senhor e a senhora Dunlap estivessem na cozinha a arrumar tudo depois do pequeno-almoço.

— Vim cá para ajudar os Dunlaps a preparar o almoço — menti com uma facilidade surpreendente.

— Eles estão lá atrás, amor — respondeu ele, demasiado à vontade. Inspirei de novo e transpus a porta a coxear, atravessando a divisão comprida e sentindo os olhos do homem em mim quando passava. — Mas parece que assim não vais ajudar grande coisa — acrescentou, com um aceno de cabeça e um sorriso na direção do meu tornozelo enfaixado.

— Eu cá me arranjo — respondi, encorajada pela minha mentira rápida e pelos primeiros passos no interior da pensão proibida.

Lá dentro, esperava encontrar mais homens, mas, para meu alívio, ao que parecia, eles ou estavam na casa de banho ou já tinham ido de manhã para os seus afazeres. A sala de estar era escura, húmida e fria, com dois sofás de couro usados e uma série de cadeiras de madeira dispostas ao acaso em volta de um fogão de sala preto e bojudo. Uma tigela de latão resistente com um bordo largo encontrava-se ao lado da lareira de tijolo, e um letreiro encostado à mesma dizia «Por favor, use o escarrador», em letras pretas escritas à mão. Uma cabeça de alce com seis chifres estava pendurada na parede e observava a cena com uns olhos negros e vazios.

Segui o som dos pratos.

Encontrei a senhora Dunlap a secar a última louça do pequeno-almoço com um pano aos quadrados vermelhos e brancos, cantarolando baixinho. Ao contrário do aspeto soturno da sala de estar, a cozinha tinha paredes brancas e limpas e uma fiada de janelas altas, viradas a este, que irradiavam a luz do sol matinal. A senhora Dunlap era uma mulher bem-feita, alta e pálida. Usava um vestido de algodão branco simples, tapado com um avental azul-escuro bem apertado à volta do pescoço e na cintura. O seu cabelo castanho-claro estava apanhado num lenço azul e branco dos dois lados da cabeça, com as pontas presas a destacarem-se como um par adicional de orelhas. Estava tão perdida nos seus pensamentos e cantorias que só reparou em mim à porta da cozinha quando pigarreei deliberadamente.

— Oh! Torie, querida. Não te vi aí. — A senhora Dunlap deu umas palmadinhas no peito e depois cumprimentou-me com um sorriso caloroso, com os seus olhinhos castanhos a curvarem-se com simpatia. Voltou a sobressaltar-se quando viu as muletas pela primeira vez, atirou o pano da louça e foi a correr buscar uma cadeira, dizendo: — O que é que te aconteceu? Toma, não estejas em pé, querida. — Tinha-me esquecido de quão fantástica a senhora Dunlap era, tendo tido apenas interações breves com ela desde que a minha mãe morrera, mas lembro-me dos abraços longos e apertados que me dera no funeral da minha família e dos muitos guisados e tartes que deixara no nosso alpendre nos meses que se seguiram.

— Estou bem, senhora Dunlap — disse eu, sentando-me e pousando as muletas no soalho. — Torci o tornozelo, só isso. Foram aqueles buracos dos cães-da-pradaria, sabe como é.

— Oh, se sei — compadeceu-se ela. — Também já me aconteceu. São umas criaturas muito aborrecidas. Pobrezinha. — Puxou uma cadeira para junto da minha e instalou-se. — O que posso fazer por ti? E trata-me por Millie, querida, só Millie. — As mentiras tinham fluído tão facilmente desde que entrara na pensão que abri a boca e esperei que outra explicasse a minha visita. Não veio nada. Pus-me a remexer nos botões de madeira do meu casaco. A Millie aproximou-se mais e ergueu as sobranceiras.

Incapaz de inventar uma mentira e muito reconfortada pela afabilidade da Millie, disse estupidamente a verdade.

— Estava a pensar se um rapaz chamado Wilson Moon estaria aqui alojado — perguntei, tímida, com o coração a sobressaltar-se mal pronunciei o seu nome.

A mudança de expressão na Millie disse-me de imediato que tinha cometido um erro.

— Aquele índio? — perguntou, fazendo uma careta e afastando-se como se a fugir de um terrível fedor. — Torie, querida, por que motivo, em nome do Senhor, havias de andar a fazer perguntas acerca de um índio nojento?

Fiquei sem palavras. Nunca tinha visto um índio. Só sabia aquilo que aprendera na escola acerca da sua violência contra a geração dos meus avós enquanto os brancos tentavam civilizar o Oeste e que o governo os realojara há

muito tempo onde não pudessem causar mais problemas. Lembro-me das observações do pai e do Seth na noite anterior sobre o Wil ser mexicano. Ele ser índio suscitaria ainda mais desprezo. Eu simplesmente não conseguia acreditar que fosse verdade.

A Millie esperou por uma resposta, com o seu comportamento a transformar-se em desconfiança, a raia a aversão.

— Eu... o meu... — balbuciei —, o meu pai ouviu falar de um rapaz com esse nome que andava à procura de trabalho. Temos muita coisa para apanhar nas próximas duas semanas. Não conheço o rapaz, apenas o nome que me disseram para dizer.

A Millie descontraiu-se.

— Bom, ouve bem o que te vou dizer: o teu pai não vai querer ter nada que ver com esse rapaz. Olha, aposto que o velho *Truta* nem o iria deixar aproximar-se a menos de um quilómetro do vosso pomar. — Sorriu à insinuação de que o Wil nem sequer merecia a aprovação de um cão. — Olhámos uma vez para aquele pele-vermelha e pusemo-lo fora daqui na noite passada.

— Oh — exclamei, tentando não me denunciar, mas incapaz de esconder a minha perturbação.

— Os nossos hóspedes ficariam muito zangados se começássemos a receber Índios aqui, para não falar da doença que espalham. — Estremeceu, como se estivesse a falar de uma infestação de ratos. — Não, tu diz ao teu pai que teremos todo o gosto em afixar um cartaz a dizer que ele precisa de um ajudante, mas não vai ser aquele rapaz. Seja como for, calculo que ele já esteja a quilómetros daqui por esta altura. Bem — deu uma palmadinha na minha perna, presumindo que eu estava do lado dela —, esperamos bem que sim, não é?

O seu toque deixou-me nauseada. Felizmente, o marido entrou na cozinha no instante exato em que a compostura se me esgotara quanto ao tema do Wilson Moon. Os braços do senhor Dunlap estavam a abarrotar de maçarocas de milho verdes. A Millie pôs-se logo em pé para o ajudar.

— Bom dia, Torie. Que bom ver-te — disse ele de maneira casual, como se eu os visitasse todos os dias.

A Millie interrompeu antes de eu poder falar, afastando claramente qualquer referência ao Wil e dizendo:

— O senhor Nash anda à procura de alguém para o ajudar na última apanha de pêssegos. Eu disse à Torie que vamos avisar os homens. — E piscou-me o olho.

— Fico contente por poder ajudar — disse ele, puxando a primeira folha longa da casca e o seu interior de fios brancos e sedosos. Era largo e musculoso, com os antebraços cheios de veias a destacarem-se a cada puxão seguro. — Alguns dos nossos hóspedes devem estar prestes a acabar o trabalho nas forragens. Talvez apareça alguém à procura de mais trabalho.

Agradei-lhe e depois trocámos mais alguns gracejos sobre a colheita e o meu tornozelo e o agradável tempo de outono. Logo que a boa educação o permitiu, peguei nas muletas, pedi licença para me levantar e voltei a percorrer a pensão a

coxear. Mais incómodo do que a minha lesão era o meu fardo de mentiras e a rejeição do Wil por parte dos Dunlaps — intolerância, receei, que ele receberia por parte de muitas outras pessoas se tivesse de facto origem ameríndia. Quando cheguei ao alpendre da frente, o meu casaco parecia sufocante sob o sol da manhã. Atirei as muletas contra a balaustrada e desabotoei-o quase em pânico, despindo o casaco à pressa e deixando-o cair no chão, sem fôlego e a transpirar.

Muito mais preocupante para mim do que a questão do sangue do Wil era o facto quase inegável de ele se ter ido embora da cidade. Com a expulsão dos Dunlaps e a hostilidade e as ameaças que recebera da minha família, eu não conseguia imaginar por que motivo havia de desejar permanecer em Iola. Uma rapariga tão simples como eu por certo não o iria manter num sítio onde não era desejado por mais ninguém. Inspirei profundamente, escudei-me do sentido prático da minha mãe e jurei libertar-me de todos aqueles disparates. O Wil desaparecera. Disse para mim mesma que a minha vida não era diferente do que tinha sido menos de um dia atrás, antes de eu ter olhado para os seus olhos escuros e profundos.

Contudo, enquanto mancava em direção à minha bicicleta e me dirigia para casa, a minha convicção não passava de fingimento. Porque, naqueles olhos, eu vira não só um homem inesperadamente amável como uma parte nova de mim própria de que não queria abdicar.

SEIS

Acordei na manhã seguinte com a cabeça a rodopiar através dos acontecimentos dos dois dias anteriores. Precisava da distração de umas mãos ocupadas e convenci-me de que o meu tornozelo ainda inchado estaria decerto suficientemente bem para eu voltar ao trabalho.

Antes de coxear até à cozinha para preparar o pequeno-almoço, devolvi as muletas ao Og. Encostei-as à parede junto da porta fechada do seu quarto e pensei nele de uma forma diferente: como poderia alguém sentir-se na pele do Ogden, com uma perna perdida na guerra, a outra sem pé ou utilidade depois da gangrena, um corpo outrora ágil preso nos limites de uma cadeira? Desde o dia em que regressou da guerra, a fúria do Og era na verdade o leão a esconder o cordeiro da sua mágoa. A Viv não fizera segredo do seu descontentamento com o seu guerreiro estropiado, apesar de a minha mãe a tentar convencer a parar de se lamuriar e a aceitar o plano de Deus. Quando a Viv morreu, de forma tão súbita, fiquei ressentida com o Og por não ter ficado suficientemente triste. Mas talvez a ausência dela fosse para ele menos uma recordação da sua vida anterior, à altura da qual não conseguia estar. Se eu não era capaz de tolerar um segundo dia com aquelas muletas, como é que o ex-aventureiro suportava toda a realidade crua da sua vida depois da guerra?

Deixei ali as muletas e esgueirei-me até à secretária de tampo rebatível da sala. Lá dentro, encontrei o papel de carta da minha mãe. As folhas cor de alface simples encontravam-se empilhadas num monte bem arrumado, proibidas para mim quando ela estava viva, intocadas desde a sua morte. Arranquei a folha de cima, meio à espera de que a sua mão severa aparecesse de repente diante de mim. Tirei um lápis ainda perfeitamente afiado de um copo de prata e escrevinhei: «Obrigada.» Dobrei o bilhete e coloquei-o à porta do quarto do Og, sem esperar, ou ter recebido, uma resposta.

Muita coisa me manteve ocupada durante os dias que se seguiram. Tínhamos andado a apanhar e a vender uns pêssegos magníficos desde julho, mas são as noites frias e os dias quentes de início de outono na encosta ocidental do Colorado que conferem aos frutos o sabor adocicado. Os nossos fregueses estavam bastante ansiosos por essa preciosa colheita final. O ritual de outono do pai era acordar várias vezes durante a noite para ir consultar o termómetro, com a perfeita consciência de que o nosso sucesso dependia de um equilíbrio absolutamente

falível. Uma queda súbita de apenas cinco graus podia transformar uma apanha tardia perfeita e lucrativa em bolas de polpa suspensas, próprias apenas para porcos e para o caixote do lixo. O objetivo era apanhar com a lentidão suficiente para permitir que o nosso produto se mantivesse fresco durante todo o outono, mas com a rapidez suficiente para limpar as árvores antes das primeiras geadas intensas. Nesse outono tínhamos tido sorte até esse momento, conseguindo atrasar a apanha final umas boas duas semanas depois do habitual, mas o pai não era pessoa de acreditar que a sorte se mantém para sempre, e eu percebia que ele estava nervoso.

Tendo ficado de sobreaviso com a descida de dois graus na temperatura na manhã em que o Seth tinha feito toda aquela algazarra com o carro e depois menos um grau na manhã em que devolvi em silêncio as muletas ao Og, o pai deu ordem para limpar as árvores o mais depressa possível. Com tornozelo magoado ou não, fiquei contente por poder trabalhar.

Eu apanhara pêssegos a minha vida inteira. Para mim, era tão natural como respirar. Não me lembro de uma altura em que não soubesse usar o olfato e um toque delicado para apurar o estado ideal de amadurecimento, como erguer e rodar com suavidade cada pêssego no caule para não danificar a polpa frágil, que fruto rosado estava pronto para vender, qual deles para entrega e qual para comer diretamente da árvore. Ao contrário de uma maçã ou de uma pera, um lapso reduzido de dias — três ou mesmo quatro — define o momento crucial para se apanhar e comer um pêssego. A minha família tinha desenvolvido a fama do nosso pomar não apenas graças à forma e ao sabor perfeitos dos nossos pêssegos, mas também à nossa competência, transmitida ao longo de três gerações, a colhê-los e a vendê-los no seu estado ideal de amadurecimento.

Com o meu cesto do pomar pendurado no braço esquerdo e folhas douradas em forma de banana a fazer-me cócegas no rosto e nos ombros, estendia a minha mão direita para rodar pêssego atrás de pêssego nos ramos, levando com frequência o fruto até ao nariz para aspirar o aroma doce. Claro que o meu pai tinha razão. A colheita final, sem exceção, estava pronta para ser apanhada.

Decidi entregar-me à apanha sozinha, no bloco mais antigo de árvores, na extremidade mais distante do pomar. O pai fez a apanha num bloco novo perto do celeiro, com o *Truta* ao seu lado. O Seth trabalhou nas fiadas junto do ribeiro. Os irmãos Oakley — o Holden, o Chet e o Ray — chegaram a meio da manhã para ajudar. Nem me passou pela cabeça que o tivessem feito por pura amabilidade. Como era de prever, mais tarde soube que o pai deles tinha chegado a um acordo com o meu para trocar o trabalho dos filhos pela ajuda do pai e do Seth a conduzir o gado, dali a duas semanas. Seria uma missão para dois dias, reunir a manada vinda dos vales superiores e transferi-la para baixo, através de Almont e de Gunnison, em direção ao seu rancho nos arredores de Iola. Conhecendo os filhos dos Oakleys como conhecia, o pai disse ao pai deles que o acordo só se mantinha se não houvesse tolices e fruta estragada. Senti o cheiro dos seus *Lucky Strikes* e ouvi-os praguejar e fazer troça dois minutos depois de se terem juntado ao Seth

nas árvores da extensão leste. Ou estavam fora do alcance auditivo do pai ou ele estava tão necessitado de ajuda que deixou passar os seus disparates.

Escusado será dizer que eu faria um intervalo da apanha para almoçar à mesa, ao meio-dia. Quando o sol se aproximou do meio do horizonte no céu cor de lápis-lazúli, juntei os meus cestos cheios e coloquei-os na berma da estrada do pomar, de onde o pai os pudesse carregar facilmente para a caixa da carrinha. Coxeei junto do Seth e dos Oakleys — ignorando os seus comentários e risos abafados à minha passagem — e avancei em direção a casa. Ao aproximar-me, vi o pai a falar com um desconhecido no pátio. O jovem era bastante novo e tinha sardas, mais alto do que o pai uma cabeça, mas aparentava metade da largura, envergando um fato-macaco de ganga e um chapéu de palha de aba larga. Umas luvas de trabalho muito usadas pendiam do seu bolso de trás. O *Truta* abanou a cauda, a cumprimentar, mas o homem não pareceu reparar. Quando o pai me viu aproximar, acenou-me para que me chegasse a eles, e o homem olhou para mim com uma cara longa, de cavalgadura.

— Foram os Dunlaps que o mandaram — disse o pai, apontando para o homem sem fazer qualquer apresentação.

O meu coração afundou-se. Os longos braços das minhas mentiras chegavam a todo o lado. Ansiei por outro ludíbrio para explicar por que motivo estivera na pensão proibida, porque inventara o pedido de ajuda por parte do pai, mas, antes de poder pronunciar uma palavra, este continuou, dizendo:

— Foi simpático da parte deles. Precisamos de ajuda. — Acenou para o homem, e este acenou-lhe de volta, selando o acordo. E depois, para mim: — Não tenho muito para lhe pagar, por isso serve uma boa refeição ao rapaz.

Expirei, sorri para o homem, que não me devolveu o sorriso, e disse:

— Com certeza.

Quando os homens se amontoaram na cozinha para almoçar, os seus cheiros vieram com eles. Uma mistura pungente de suor e tabaco e sumo de pêssago e sol de outono varreu o aroma dos preparados, mesmo quando tirei as bolachas do forno, mesmo quando pousei o frango assado e as batatas no centro do seu círculo voraz. O tio Og aproximou-se, acrescentando uísque e tabaco de mascar à miscelânea de cheiros enquanto fazia deslizar solenemente a cadeira de rodas até ao seu lugar habitual à mesa.

Mantive-me ocupada junto do fogão quando começaram a comer, com as costas viradas para a mesa, vertendo os líquidos da carne numa frigideira e mexendo o molho para o jantar dessa noite. O pai apresentou o homem com cara de cavalo aos outros comensais como sendo o Forrest Davis. O Og resmungou, e os jovens cumprimentaram-se e depois continuaram trocando histórias e insultos exuberantes. Todos comeram com vontade, e ninguém reparou que não me sentei, o que não me fez diferença nenhuma.

Estava a adicionar mais farinha ao molho, sem prestar nenhuma atenção aos homens, quando o Davis, que estivera calado até esse momento, pigarreou de repente e disse, numa voz surpreendentemente profunda:

— Estive a uma unha negra de ter de dormir com um índio na pensão. Já viram isto?

Parei, com as costas a endurecerem, a mão a contrair-se ao mexer a frigideira. A minha respiração estava suspensa nos pulmões, imóveis, enquanto ouvia.

— Aposto que é aquele filho da mãe nojento com que te pegaste, Seth — disse um dos Oakleys, falando com a boca cheia, o Holden, adivinhei pelo tom venenoso.

— Ouvi dizer que foi posto fora da Dunlap's — replicou o Seth.

Perguntei-me como é que saberia, a quem teria andado a perguntar e porquê.

— Foi — disse o Davis. — Não sem antes ter contaminado a casa de banho. Enfiou-se lá dentro à socapa, a doninha. — O Davis mastigou e engoliu. — O Dunlap apanhou-o a roubar roupa da corda. Foi-se embora a correr com uma data de peças.

O molho negligenciado pelas minhas mãos engrumou e queimou-se. Saltaram salpicos castanhos sujando-me o polegar. Dei um salto para trás, entornando a frigideira com estrondo e espalhando o líquido chamuscado por cima do fogão. Os homens atrás de mim calaram-se, olhando certamente na minha direção, mas o meu rosto estava tão corado por causa da alusão ao Wilson Moon que não me atrevi a virar-me.

— Desculpem — disse eu, tirando um pano do lava-louça. — Mãos de manteiga — disse, com um risinho esquisito enquanto limpava.

A conversa recomeçou. Perdi a noção de quem estava a dizer o quê, percebi apenas que um deles ouvira que o rapaz fugira da prisão, lá no Sul, perto de uma das reservas; outro ouvira dizer que tinha fugido de um colégio interno de Índios; outro ainda disse que ele era um ladrão, um vagabundo que atacava numa cidade e depois avançava para outra. Brincaram sobre a sua pintura de guerra, os seus mocassins, chamaram-lhe selvagem ímpio, rato da pradaria.

— Já deve andar muito longe daqui — disse o Davis.

— Espero bem que sim — resmoneou o tio Og.

— E o diabo que o leve — replicou o Seth. — Mato aquele sacana pelevermelha se o voltar a encontrar.

— Já chega — interveio o pai pela primeira vez. Ouvi-o pousar os talheres no prato e empurrar a cadeira para longe da mesa. — Vamos mas é apanhar aquela fruta, rapaziada.

Os homens saíram da cozinha numa enorme algazarra, levando consigo a sua conversa cruel e o seu cheiro intenso, deixando a mesa cheia de migalhas, de pratos e de um frango tão esventrado que poderia ter sido devorado por abutres. As minhas mãos tremiam quando levantei a mesa e limpei as sobras dos pratos. Mal tinha conseguido conceber a possibilidade de o Wil ser de facto índio ou de que isso significava sequer para mim, quanto mais acreditar que era um fugitivo ou um ladrão. A conversa cruel em torno da sua pessoa pareceu-me profundamente errada, mas o que sabia eu na realidade acerca daquele rapaz além de que tinha encanto e mistério e força para me pegar ao colo e transportar como

se eu nada passasse?

Enchi o lava-louça, assente num pé apenas para descansar o tornozelo, e lavei os pratos com gestos distraídos, recordando-me da sensação de estar nos braços do Wil, de fixar os seus olhos bondosos e penetrantes. Lembrei-me da história dele sobre andar no comboio do carvão e interroguei-me acerca da verdade e das mentiras. Presumi que os homens estariam certos ao dizer que o Wil se encontraria muito longe de Iola. No entanto...

Sequei e arrumei os pratos e depois dirigi-me para a minha secção do pomar para a apanha da tarde. Acima da nossa quinta, a terra árida estava recortada com artemísia verde-clara, carvalhos-vermelhos e pinheiros toscos. Amontoados dispersos de choupos estremeciam como pequenas celebrações pela encosta de contrário solene. Alguns pinheiros-ponderosa erguiam-se acima dos restantes e abriam bem as suas saias amplas e negras. O sol banhava tudo como se não tivesse sido informado de que o verão chegara ao fim. À sombra do pomar, onde o meu coração quase se aquietara e os meus sentidos se haviam aguçado, a intuição disse-me, para o bem ou para o mal, que o Wil não estava longe. Não sei como percebi, mas senti-o observar-me enquanto eu estendia a mão para cada pêssago maduro do ramo, o cheirava e rodava. Mais tarde, dir-me-ia como o sol da tarde se refletira nas folhas douradas e cintilava, amarelo, sobre a minha pele; que me vira morder um pêssago gordo, com o sumo a escorrer-me pelo antebraço e pelo cotovelo nu; que a minha boca reluzia, como que a convidá-lo a encostar os lábios aos meus. O Wil disse que foi naquele momento que percebeu que se estava a apaixonar por mim, mais profundamente a cada dentada ávida e a cada olhar inconsciente na direção dele, por entre as árvores vilosas.

A minha esperança de que o trabalho árduo afastasse de alguma forma o Wil do meu pensamento revelou-se infundada. Pelo contrário, ao longo da tarde longa e silenciosa no pomar, apenas ele ocupava a minha mente. Perdida nos meus pensamentos, o dia passou num ápice. Enquanto enchia o meu último cesto antes de me dirigir para a cozinha para preparar o jantar, ouvi um súbito restolhar à minha esquerda. Assustei-me com o som e inclinei o cesto, deixando cair vários pêssagos na relva. O ruído aproximou-se, claramente o som de ramos a serem desviados por alguém a atravessar o pomar, não pelos corredores arrelvados entre as fileiras de árvores, mas de través, por entre as próprias árvores. A minha mente racional disse-me que era um veado a aproximar-se, mas o coração suplicou que fosse o Wil. Imaginei-o a emergir de entre a folhagem, um ombro largo e depois o outro, até se deter em silêncio diante de mim, com o sorriso cúmplice a iluminar-lhe o rosto, uma mão estendida como que a pedir-me que colocasse um pêssago no meio, mas, adivinharia eu, a desejar a minha mão.

De súbito, o Forrest Davis abriu caminho por entre a fileira do lado, a menos de seis metros de mim. O seu passo era determinado, agressivo até, como se tivesse um destino predefinido, embora, se isso fosse verdade, ele devesse usar um dos muitos caminhos para a estrada da quinta em vez de abrir caminho por entre fila após fila de árvores. O Davis parou para espreitar por cima da fileira que ficava

diante daquela em que eu me encontrava. Trazia as luvas de trabalho calçadas, mas não transportava nenhum cesto. Por norma, o pai não permitia que se apanhasse pêssegos de luvas, considerando o toque tão crucial como a visão e o aroma para a colheita. Perguntei-me se ele não teria tido tempo de especificar este pormenor ou se aquele homem não aceitava bem as regras. O grande chapéu de palha do Davis estava pendurado por um cordão ao pescoço e encostado à parte superior das suas costas magras. Os seus movimentos eram rápidos e nervosos. Quando passou por mim para espreitar para a minha fila de árvores, a testa despida do chapéu era imensa, larga e protuberante, acentuando os traços já semelhantes aos de um cavalo das suas maçãs do rosto sardentas e altas e do queixo longo e pontiagudo. Fiquei quieta como uma pedra, esperando disparatadamente passar despercebida. Claro que ele me viu e deu um salto de surpresa quando o fez. Os nossos olhos cruzaram-se por um breve instante. Ele olhou para lá de mim, sem expressão, como se eu fosse apenas um coelho. Virou o seu longo pescoço de um lado para o outro, à procura, e depois voltou-se de modo abrupto e, alongando os braços esgalgados no espaço cheio de ramos entre duas árvores, desapareceu. Continuou a avançar, entre pausas e sussurros, até ficar para lá do meu alcance auditivo.

O Davis andava à procura do Wil. Eu tinha a certeza disso. Estremeci, tanto da brisa mais fresca da tarde como do olhar breve mas intenso que intercetara do desconhecido.

No entanto, parecia que, afinal, o Davis não era o único a andar à procura do Wil. Quando ajudava o pai e o Seth a fazer as entregas na cidade pela frescura da alvorada seguinte, descobri dois cartazes afixados na parede exterior do Chapman's. Não havia referência a um nome ou aos pormenores do delito, mas os dois cartazes idênticos, escritos à mão, afixados dos dois lados da porta, destinavam-se claramente a capturar o Wil: «Procura-se ladrão, pele escura, cabelo preto, perigoso. Recompensa de 20\$. Consultar Martindell.» O Ezra Martindell era aquilo que de mais próximo tínhamos de um agente da lei em Iola. O seu avô construíra uma das primeiras casas em condições na Main, cerca de setenta anos antes, e toda a família Martindell assumira como responsabilidade instalar-se no grande alpendre da frente e controlar as atividades da povoação. Sem mais qualificações do que essas, o pai do Ezra, o Albert, foi nomeado delegado pelo Departamento do Xerife do Condado de Gunnison. Depois de o Albert morrer, o Ezra ficou com o distintivo e com a bazófia autoritária. Quando o serviço telefónico foi instalado em Iola, em 1942, a principal função do Ezra era ligar para o xerife Lyle, de Gunnison, se algo parecesse estranho, e manter a ordem enquanto os verdadeiros agentes da justiça faziam a sua viagem de trinta minutos para lá chegar. Irritava-me imenso que pessoas como o Ezra Martindell pudessem oferecer uma recompensa pelo Wil apenas com base em mentiras e conjeturas e, talvez, numas quantas roupas que também poderiam muito bem ter sido levadas da corda pelo vento.

Aquilo que me perturbou ainda mais foi o assobio enérgico do Seth quando viu as notícias, como se lhe tivesse sido apresentado um desafio que estava ansioso por

enfrentar. Pior ainda foi o olhar intencional que me lançou quando pôs um dedo porco no cartaz e martelou em cima da palavra «Recompensa».

— ‘Tá mais que visto — disse ele com um sorriso sinistro. — Vou meter esses vinte paus ao bolso.

SETE

Nessa manhã, o pai não mencionara o facto de eu estar a mancar, mas, quando regressámos à carrinha depois da entrega ao Chapman, e estando eu sentada no banco traseiro em grande irritação, atrás do meu irmão, disse que queria que eu trabalhasse na banca de vendas da estrada até ao almoço.

— Se aquele Davis voltar, devemos ter pessoas suficientes para trabalhar — disse o pai. — Hoje, a Cora vai estar ocupada.

A Cora Mitchell, a filha solteirona do nosso vizinho que vivia numa cabana rústica mas asseada no terreno dos pais, trabalhava para nós na venda durante a maior parte dos últimos dias de verão e no outono, em troca de o meu pai ajudar o dela no rancho quase todas as segundas e quartas-feiras. As nossas famílias assim tinham feito desde muito antes de eu nascer. A Cora acabou por fazer um excelente trabalho a falar do tempo e dos pêssegos, a trocar mexericos com os habitantes da região e a fazer desconhecidos sentirem-se em casa. Tinha uma forma de levar um cliente a comprar uma dúzia se vinha comprar seis pêssegos, seis quilos se vinha comprar uma dúzia apenas. Muitas vezes, ao início da tarde, já tinha vendido tudo. Não havia outro motivo para o pai me pôr com ela na venda a não ser a lesão que eu estava decidida a ignorar. Porém, a minha irritação com o Seth e a desconfiança acerca do Forrest Davis permitiram-me sentir-me satisfeita por conseguir algum distanciamento temporário deles.

— Por mim, tudo bem — disse ao pai.

A Cora estava respeitosamente à espera quando parámos junto da banca da fruta, revestida a ripas de madeira brancas e gastas. Na qualidade de produtor exclusivo de pêssegos da região, tínhamos a única venda permanente do produto em toda a extensão da Estrada Nacional 50, logo que se passava a ponte, na saída da Estrada Nacional 149 para Iola. Alguns dos outros agricultores locais instalavam ali mesas de vez em quando e vendiam os seus produtos, sobretudo legumes comuns e tubérculos, mas a nossa banca tinha um telhado de latão como deve ser, tábuas no chão e uma licença legal do governo. Constavam rumores de que o meu avô emoldurara essa licença no dia em que a fora buscar a Gunnison e de que a pendurara na parede da sala como se fosse uma peça de arte, em vez de a afixar na banca, como lhe haviam dito.

O pai e o Seth carregaram os cestos de trinta quilos da caixa da carrinha, soltando a cada expiração uma baforada de vapor no ar frio da manhã. A Cora

cumprimentou-nos com o seu sorriso com covinhas e começou de imediato a dispor a fruta acabada de chegar no balcão de exposição em L, descrevendo de forma rápida mas experiente, filas precisas, voltando a casca mais rosada para cima e devolvendo uma ou outra peça tocada ao respetivo cesto. A Cora Mitchell era uma mulher alta e rubicunda, talvez a maior mulher que eu vira naquele momento da minha vida, e, apesar de a conhecer desde que nascera, ficava muitas vezes surpreendida pelo seu volume, como se fosse a primeira vez que a via. Envergava uma enorme blusa branca que lhe cobria os grandes peitos e a barriga, como uma tenda, com o franzido do elástico a afundar-se na pele pastosa por cima do cotovelo. Apesar do frio, pequenos rios de transpiração serpenteavam pelas pontas dos caracóis apertados e castanhos da Cora enquanto ela trabalhava. Ocupei o meu lugar ao seu lado, arrumando a fruta até a carrinha estar descarregada e o pai e o Seth se irem embora.

A manhã começou lentamente, com apenas uns quantos madrugadores locais a visitar a banca durante a primeira hora ou coisa assim. Eu e a Cora gracejámos acerca do tempo e das nossas famílias e das quintas. Ela sentou-se no banco largo e muito gasto que o pai dela construía para a banca, há muito tempo, e, embora o meu tornozelo me doesse e houvesse outro banco livre, pus-me a andar de um lado para o outro. Nos intervalos entre clientes, a Cora ocupava as mãos a tricotar um cachecol verde, já eu revia na minha cabeça o cartaz do Martindell, vezes sem conta. Queria desesperadamente contar à Cora tudo o que sabia acerca do suposto ladrão, mas a minha experiência com a Millie Dunlap manteve-me os lábios selados.

Por volta das nove horas da manhã, os carros faziam fila na estrada, e a banca estava apinhada, com três clientes. A Cora conversava e encantava como uma anfitriã numa festa, e eu trabalhava. Ria-se baixinho quando os fregueses nos agradeciam por estarmos abertos até tão tarde, na época, e dizia-lhes para agradecerem a Deus Nosso Senhor Todo-Poderoso por aquele belo tempo de outono. Esperei que a alegria dela compensasse a minha distração evidente. Tentei fazer conversa cordial, embalar como deve ser as encomendas e contar o troco, mas, mais de uma vez, a Cora olhou para mim com ar perplexo e troçou, dizendo que o meu tornozelo magoado, de alguma forma, me afetara o cérebro.

Eu não conseguia conciliar a minha impressão do Wil com a outra versão dele espalhada pela cidade, a de uma ameaça, um selvagem, um ladrão. Perguntei-me como poderia descobrir a verdade acerca dele, para lá dos rumores e do desprezo nascido de uma intolerância cega e do meu próprio desejo cru. A Ruby-Alice Akers era a única pária que eu conhecera. Tinham-me dito que era louca e selvagem e perigosa, que escapava a qualquer respeito e consideração, não muito diferente do Wil aos olhos do Seth, da Millie Dunlap, do Martindell e de outros. Pensei então na manhã, dois dias antes, em que me cruzara com a Ruby-Alice desmontada da bicicleta, sozinha na estrada. Porque não lhe oferecera a minha ajuda?

Durante uma pausa entre clientes, perguntei à Cora se vira a Ruby-Alice nos

últimos tempos.

— Na verdade, vi-a mais do que de costume — replicou ela. As tábuas do soalho gemeram quando se deslocou de perto do caixote do lixo para o seu banco. Sentou-se e expirou algumas vezes pelos lábios franzidos, como se fosse soprar velas invisíveis. — Tem andado pela nossa 'strada durante toda esta semana, bas'camente ali parada, como se 'tivesse à 'spera d'alguém. Vocês tam'ém a devem ter vist' durante a maior parte dos dias, 'xatamente no ponto em qu'a voss'alameda inte'seta c'a estrada. — Cora tinha a mania de amputar as palavras, como se algumas delas fossem demasiado grandes para serem pronunciadas na totalidade.

— Achas que ela tem alguma coisa? — perguntei, sem pensar na formulação da ideia.

— Bem... — respondeu a Cora, com uma pequena gargalhada que significava: *Onde começa a lista? Por onde havemos sequer de começar?*

Tentei de novo.

— Quero dizer, também a vi na nossa estrada. Pareceu-me um pouco estranho, mesmo para uma pessoa como ela. Achas que está doente ou coisa assim?

— Lament', mas nem me lembrei de perguntar — disse a Cora. — Pode ser qualquer cois'. Ontem, eu e a mãe íamos de carr' prà cidade e ela pesp'gou-se mesmo no meio da 'strada, especada e a olhar p'a todo o lado. Mal conseguíamos passar.

Não tive a certeza de me sentir reconfortada ou perturbada por a Cora e a mãe terem respondido à idosa com a mesma desconsideração que eu.

— Mas porque é que toda a gente tem medo dela? — perguntei. — O Seth acha que ela é o diabo.

A Cora riu-se e respondeu:

— Oh, desconfi' qu'a maior parte das pessoas nã tem propriament' medo dela, desconfiam apenas do qu'é estranho. 'Squeceram-se qu'ela nem sempre foi uma av'rara.

— Não? — quis eu saber.

— Ná. — A Cora abanou a cabeça. — Só sei é qu'ela ficou 'squisita depois da grip' qu'andou por aqui. Talvez tenha sido das febres. Ou do desgosto.

— Perdeu familiares? — perguntei.

A Cora acenou com a cabeça e arqueou as sobrancelhas escuras.

— Todos.

— Quantos? — quis saber, surpreendida.

A Cora encolheu os olhos.

— Nã' te sei dizer. Ainda nã tinha saído do berço por essa altura. Só de ouvir dizer. Ná, eu cresci c'a mesma Ruby-Alice que tu. A andar p'aí naquela b'cicleta velha, a olhá pras pessoas c'aqueles olhos selvagens. Sem nunca diz'r uma palavra. A ac'lher aqueles bichos vadios todos pra lhe fazerem companhia. Que Nosso Senhor nos ajude.

— QueDeusAjudeARubyAliceAkers — respondi, distraída, enquanto refletia sobre as palavras da Cora.

A Cora acenou com a cabeça e continuou a tricotar. Mentalmente, acrescentei: *Ámen*.

Quando era pequena, eu e o Cal ficávamos deitados de barriga para baixo no banco do pequeno lago do pomar. Ele estendia a mão e afastava as folhas a flutuar, revelando um mundo escondido por baixo. Ficávamos reclinados, lado a lado, a ver pacientemente a água que pudesse passar ou acumular-se formando bolhinhas, cada vairão ou minhoca ou inseto da água como uma minúscula descoberta milagrosa. A minha conversa com a Cora dava a mesma sensação, como afastar os detritos que me impediam de ver por baixo da superfície. A Ruby-Alice estava sozinha e tinha o coração despedaçado, não era louca nem diabólica, do mesmo modo que o Wil era apenas um vagabundo e um estranho de pele escura numa cidade que via poucos do mesmo género. De repente, compreendi aquilo que não conseguira captar antes: a idosa esperara por mim na estrada, dia após dia. Na manhã em que me afastei dela a toda a velocidade, estava a chamar-me, não para me rechaçar, mas para me avisar. O Wil tinha ficado em Iola, escondido em casa da Ruby-Alice. A idosa acolhera-o. Tinha a certeza.

— Cora, importas-te que saia por um instante? — perguntei, esforçando-me ao máximo por parecer normal, embora o coração me martelasse no peito.

— Claro, qu'rida, tudo bem — respondeu. — Sei que daqui a nada tens d'ir p'eparar o almoço pros homens.

Preparar o almoço era aquilo que menos me passava pela cabeça naquele instante, mas a Cora tinha razão. Saí da venda e olhei para o céu descoberto. Calculei que teria pouco mais de uma hora para pôr a comida na mesa. Invoquei toda a minha força de vontade para não correr. Não fazia ideia do que iria acontecer depois de encontrar o Wil, mas resolver o enigma do seu paradeiro deixara-me animada. Caminhei de forma rápida e determinada e a coxear um pouco apenas, com a certeza de que a minha teoria estava certa. Imaginei várias versões do nosso encontro, todas a terminar comigo nos braços do Wil.

Uma rapariga de dezassete anos pode ser tola, sobretudo quando nada sabe do poder extraordinário do amor até este a inundar como uma enchente repentina. Todavia, a minha intuição de que o Wil estava perto, a minha certeza de que o iria encontrar, à minha espera, no terreno vizinho onde a Ruby-Alice mantinha os seus estranhos animais, estava absolutamente correta. Só tinha de atravessar o pinhal escuro, abrir um portão antes proibido e atravessar o quintal cheio de pintadas, galinhas e cãezinhos esquisitos. Só tinha de bater a uma porta cor-de-rosa-clara a que nunca batera. Fi-lo com uns nós dos dedos tímidos, decerto demasiado silenciosos para alguém ouvir. Vendo que ninguém vinha abrir, bati de novo com mais vigor. Então, recuei, inspirei profundamente e esperei. Ocorreu-me no último segundo afastar o cabelo da cara e ajeitar o vestido, endireitar os ombros e erguer o queixo. O meu aspeto, que sempre fora algo acessório, assumiu, de repente, uma grande importância, mas não havia muito mais que eu pudesse fazer quanto a isso quando vi a maçaneta da porta começar a rodar.

A porta abriu-se com um gemido metálico, e ali estava o Wilson Moon, a

sorrir, radiante, com uma calma paciente, como se tivesse estado à minha espera o tempo todo. Ocorreu-me então, como se estivesse a acordar de um sonho, que eu passara muito mais tempo com aquele rapaz na minha imaginação do que na realidade. Éramos pouco mais do que desconhecidos, mas eu convencera-me de que ele me iria receber. Ali, diante dele, corei e impacientei-me, sem saber o que dizer ou fazer.

Felizmente, ofereceu-me a sua mão quente, e aceitei-a. Conduziu-me a casa, e segui-o.

Os homens voltaram a ocupar a cozinha, um a um, trazendo consigo, mais uma vez, os seus odores, apetites e interminável troca de insultos. Quando se instalaram nos seus lugares, dei-lhes um prato com sandes de presunto e uma taça cheia de salada de couve, depois voltei com um jarro de chá doce. Quente e agitada por ter andado à pressa, mantive a cabeça baixa.

— Estás doente? — Foi o Seth que reparou nas minhas faces coradas e nas extremidades transpiradas do meu cabelo. Ficou a olhar para mim com ar acusatório, como se eu não tivesse direito a estar doente ou, pior, como se estivesse a fingir. O Davis ergueu a sua cara de cavalo, analisou-me por alguns segundos e, depois, voltou a inclinar-se sobre o prato.

— Tive de vir a correr da venda para aqui — respondi, regressando à bancada da cozinha para cortar tomates.

— Faturaram alguma coisa? — perguntou o pai, servindo-se de um copo alto de chá.

— Imenso — respondi com sinceridade.

— Apareceram alguns índios? — espicaçou o Seth. Ele e os irmãos Oakley desataram a rir.

O tio Og chegou nesse momento de cadeira de rodas e ocupou o seu lugar à mesa, a resmungar:

— Qual é a piada?

— Nada, nada, aleijadinho — cuspiu o Seth como resposta.

— Chega — disse o pai, e os homens comeram.

Só um índio, quis vangloriar-me para o Seth. *Só o meu índio*, pensei, ainda não completamente segura do que isso significava ou de o rótulo se aplicar ao Wil, mas sabendo que encontrara o homem que o Seth e os seus compinchas procuravam e que sabia muita coisa acerca dele que eles desconheciam.

Sabia que o Wil andava a dormir numa cabana abandonada que encontrara lá em cima, nas colinas, na imensidão do Big Blue, que se esgueirava até à cidade para fazer algumas tarefas à Ruby-Alice em troca de comida e cobertores, e que me andara a observar, a espiar até, enquanto eu trabalhava no pomar, com a certeza de que nos voltaríamos a encontrar. Soube que as acusações legais contra ele eram falsas no instante em que vi que trazia as mesmas jardineiras e *T-shirt*, agora lavadas, que usara no dia em que nos tínhamos conhecido. Só não tinha o boné vermelho. Conheci até o calor da palma da sua mão no meu rosto, do toque

da sua pele suave e, por breves instantes, o sabor salgado e doce dos seus lábios suaves, que me deixaram a ansiar por mais. Soube com uma certeza absoluta que ele estaria à minha espera junto do choupo arqueado no fim da estrada logo que eu conseguisse enxotar os homens, depois do almoço. O meu segredo fazia-me cócegas nas entranhas como se eu tivesse engolido uma pena em espiral. Levantei os pratos dos homens antes de eles poderem mastigar a última garfada e sorri com uma alegria privada enquanto me inclinava sobre o lava-louça para os lavar.

Quando o pai se levantou para sair, disse-lhe que iria voltar para a venda para ajudar a Cora a arrumar.

— Tudo bem — disse ele sem olhar para mim, ignorando completamente o significado das minhas palavras, a primeira mentira que alguma vez disse ao meu pai. Era o preço que estava disposta a pagar pelo meu próximo abraço com o Wilson Moon.

OITO

O Wilson Moon tornou-se meu amante. Tudo começou com o beijo rápido nos lábios na manhã em que o descobri, em casa da Ruby-Alice Akers, e dos abraços demorados quando nos voltámos a encontrar nesse dia, como combinado, junto do choupo que crescia paralelo ao chão, no fim da nossa estrada. Cada uma das novas mentiras ditas ao pai saía com menos custo do que a última, e conseguia esgueirar-me da quinta para me encontrar com o Wil quase todas as tardes quando acabava de apanhar pêssegos. Uma vez, encontrávamo-nos por baixo do choupo, outras, junto do Willow Creek ou da margem coberta de juncos do Gunnison, por vezes, junto do abeto-azul solitário, na encosta, ou no terreno da Ruby-Alice, entre as gaiolas dos animais. De todas as vezes, o Wil estava à minha espera bem à vista, como se a sua única preocupação neste mundo fosse receber-me e envolver-me nos seus braços robustos e seguros. O seu aroma almiscarado acalmava-me quando enterrava o rosto no seu peito e aquietava. Ele afastava-se ligeiramente, apenas o suficiente para olhar para mim com assombro, como se eu fosse uma aparição ou um rumor que acabasse de descobrir ser de carne e osso.

Um as tardes, via-me surgir e desaparecer dos arbustos ou das ervas altas, muito leve e rápida, e seguia-me. Caíamos juntos no solo, para nos beijarmos, para rirmos de nada em especial. Rebolávamos até ficarmos de costas a ver as nuvens transformarem-se ou os falcões rodopiarem ou, uma vez, uma águia-careca a precipitar-se pelo céu, com uma truta presa nas garras. O Wil apontou e disse que era um sinal. Tive demasiada vergonha de lhe perguntar de que era esse sinal, mas a maneira como me aproximou de si e me beijou a testa fez-me sentir como se tivéssemos sido abençoados. Não sendo nenhum de nós dado a grandes conversas, pouco dissemos nesses encontros à tarde. O silêncio parecia perfeito, como um espaço talhado para o nosso prazer sossegado. Uma vez, referi que perdera vários familiares, e ele disse que também lhe acontecera. Mais tarde, desejei ter feito perguntas, mas, ao mesmo tempo, o restolhar suave da brisa através da erva seca e o seu ombro encostado ao meu pareceram-me a resposta mais doce. Comeu os meus pêssegos em sorvos ávidos e gemidos de apreciação, erguendo depois a minha mão com tal firmeza que o sumo residual quase nos colou as palmas das mãos uma à outra. O Wil escapava aos rótulos e às convenções e, por vezes, até à lógica, como quando soube exatamente como esfregar o meu tornozelo magoado de tal maneira que o fluido final desapareceu, e, com ele, o último sinal de dor.

Olhando para trás, fico assombrada com a forma como a nossa inocência se evaporou a cada encontro secreto e a cada carícia, até que, apenas duas semanas depois de o Wil ter aberto pela primeira vez aquela porta cor-de-rosa-clara e me ter acolhido, as nossas paixões nos levaram até à cama dele, numa caminhada de duas horas até à isolada cabana de montanha, lá em cima, no Big Blue. Nessa manhã, a seguir ao pequeno-almoço, vi o pai e o Seth vestirem os pesados casacos de inverno e os chapéus gastos de *cowboy*, e, de seguida, carregarem a carrinha com selas e cordas compridas enroladas em oito e as duas mochilas de lona que eu enchera com cantis, carne seca, feijão de lata e frascos herméticos cheios de ovos cozidos. Estariam fora dois dias, a reunir o gado dos Oakleys das pastagens de montanha, a norte, e a trazê-lo para baixo, para o vale, em direção aos pastos de inverno.

Enquanto a velha carrinha crepitava pela alameda abaixo, a expectativa queimava-me a barriga. Lavei a louça do pequeno-almoço e tratei dos animais, mas só pensava no Wil. Nunca tinha tomado banho numa quarta-feira, mas enchi a banheira e demorei todo o tempo do mundo, imaginando o toque do Wil quando passava o sabonete pela pele, com as entranhas a agitar-se e a abrir-se e a aquecer até me levantar da água, corada e trémula. Sequei o cabelo ao sol de outono e depois dei o almoço ao tio Og com uma mentira inofensiva sobre ter de passar a noite com a Cora Mitchell, gravemente doente. A sua única preocupação foi haver sandes de presunto e chá doce suficientes no frigorífico, pelo que preparei com pressa uma grande quantidade dos mesmos antes de me esgueirar pela porta das traseiras. Na altura em que cheguei junto do Wil, que me esperava ao fundo do pomar já sem pêssegos, queria rastejar direito a ele. Segui-o ao longo das margens do Willow Creek e depois pelo trilho longo e íngreme acima de Iola e para lá dela. A paisagem passou de salva e rocha e pinheiros a prados de erva salpicados de choupos amarelos à medida que o trilho avançava e que o ar se tornava rarefeito e frio. Quando a velha cabana ficou por fim à vista sob a luz minguante, mal reparei no riacho que corria por trás ou no prado suavemente iluminado. O meu coração batia tanto de desejo como da longa subida, e só queria a cama dele. Ele afastou a pele de veado que tapava a entrada e virou-se para mim com uma pergunta silenciosa nos olhos. Eu aquiesci com cabeça, querendo dizer: *Sim, estou pronta; sim, tenho a certeza*. E ele sorriu e deixou-me entrar.

Ao seguir o Wil até ao interior da cabana e ao deixá-lo despir-me a roupa — com cada camada a deslizar sobre o chão de terra até ficar nua diante dele e, depois, ele fazer o mesmo —, fui livre, pela primeira vez na vida. Ficámos ali por um instante, cada um de nós espantado com a nudez do outro. A seguir, pôs-me delicadamente o rosto nas palmas das mãos e puxou os meus lábios para os seus. Deslizámos para a cama, tão absorotos um no outro que toda a existência parecia condensada naquele momento e naquele lugar, na nossa pele e no nosso toque e no nosso movimento.

Fazer amor com o Wil pareceu-me semelhante a chegar a um lugar para onde eu me tentara esgueirar durante muito tempo. Nos seus braços, tornei-me todas as

coisas que nunca me haviam ocorrido antes de nos conhecermos. Eu era bela e desejável e até um pouco perigosa. Estava a passar a noite longe da quinta, uma mulher a tomar as suas decisões e a correr riscos, em vez de uma rapariga obediente e tímida.

Depois, pousei a face no seu ombro quente enquanto ele dormia, com os seus braços a engolirem-me com tanta naturalidade como se estivéssemos na nossa cama de casal. Nunca me aninhara nos braços de um homem nu, nem sequer me passara pela cabeça dormir contra o peito despido de um homem. Mesmo quando ele se encontrava deitado sob o meu corpo, e eu sentia a sua respiração e o batimento cardíaco, regulares, e aspirava o aroma ligeiramente adocicado da sua transpiração, não o conseguia alcançar. Um raio prateado de luar passou pela janelinha da cabana e iluminou-lhe o rosto suave, o pescoço vigoroso, um braço musculado pousado por cima das camadas de colchas cor-de-rosa que a Ruby-Alice lhe cedera. Tentei ler na mão larga algumas pistas da sua história — a pulseira vermelha e preta entrançada que nunca tirava do pulso, cicatrizes brancas nos nós dos dedos, os calos duros a sugerir as mãos de um homem muito mais velho. Maravilhei-me com o poder extraordinário do seu toque, com a forma como as suas carícias tinham sanado não apenas o meu tornozelo, mas algo muito profundo, dentro de mim, que ainda não percebera estar a atormentar-me.

Puxei com cuidado a mão de baixo das colchas quentes e pousei-a sobre a dele, tentando lembrar-me da coisa mais notável que vira aquelas mãos fazer, uma semana antes, que fora salvar um cachorrinho de uma morte certa. Encontrávamo-nos em casa da Ruby-Alice, e eu estava maravilhada a olhar para as prateleiras cheias de bibelôs e pelo seu amor surpreendente pelo cor-de-rosa. Mesmo quando rezava pela sua alma, em pequena, nunca pensei que ela pudesse dormir e comer e viver numa casinha acolhedora com pequenas estátuas de anjos, cães e bonecos de neve dispostas daquela maneira. Foi nesse preciso instante que a Ruby-Alice entrou de rompante pela porta da frente.

Não disse nada, como sempre, mas estava claramente em pânico, com os seus olhos selvagens a fazer sinais para o Wil. Aninhado nas mãos pálidas, tinha um cachorrinho frágil. O seu pelo castanho e branco reluzia, coberto de um muco pegajoso. Sem dúvida, nado-morto, a cabeça do cachorro tombava para um dos lados. As suas patinhas minúsculas, com as extremidades brancas, estavam inertes. Sem dizer uma palavra, o Wil estendeu as mãos. A Ruby-Alice depôs o cachorrinho ternamente nas suas palmas. O Wil puxou-o para a barriga e começou a esfregá-lo para cima e para baixo, com a mão de cima, ao mesmo tempo com delicadeza e vigor. Ergueu o corpinho sem vida até aos lábios, soprou-lhe com suavidade no focinho e depois voltou a baixá-lo, esfregou, respirou, esfregou. A Ruby-Alice parecia completamente inconsciente da minha presença, embora estivéssemos apenas a centímetros de distância, ambas petrificadas. O Wil rodou o cachorrinho inerte deixando-o deitado de costas, expondo-lhe a barriga nua e manchada como um sapo, e esfregou, então apenas com dois dedos, para cima e para baixo o peito minúsculo. Voltou a erguer o corpo até aos lábios e falou

baixinho, palavras tão suaves e pouco familiares que não as consegui compreender. Depois esfregou-lhe de novo o pequeno peito, abraçou o cachorrinho contra o coração, fechou os olhos e expirou.

O primeiro estremecimento subtil do cachorro a acordar para a vida foi demasiado surpreendente para ser credível. Pensei que o tinha imaginado, mas o cachorrinho voltou a mexer-se, desta vez, sem equívoco, e outra vez e mais uma, até ficar a contorcer-se nas mãos do Wil, como se tivesse nascido das suas palmas. O pequeno ser esticou o pescoço, cego, a procurar uma teta com o focinho. O Wil sorriu, deu-lhe um beijo rápido no focinho e entregou-o à Ruby-Alice. Esta bateu duas vezes as mãos e ficou radiante, com os seus dentes estragados amarelo-ocre contra o rosto pálido. Puxou o cachorrinho contra o peito descaído e desapareceu da divisão tão depressa como tinha entrado, atirando com a porta atrás de si.

Fiquei de boca aberta.

— Como é que?... — comecei, mas, antes de a pergunta se chegar a formar, a boca do Wil estava na minha e afundámo-nos no chão. Foi necessária toda a minha força para me afastar daquelas mãos e voltar a correr para casa para fazer o jantar.

Uma semana mais tarde, despida contra o peito nu do Wil, na cabana iluminada pelo luar, sentia-me atordoada de desejo, agora que aquelas mãos tinham tocado todo o meu corpo. Inclinei a cabeça e olhei para cima, para o contorno dos seus lábios. Sem saber se o deveria acordar, beijei-lhe levemente a pele suave mesmo abaixo da clavícula. Não consegui evitar beijá-lo de novo. Ao terceiro beijo, ele estremeceu. Ao quarto, inclinou-se para mim, e as nossas bocas uniram-se. Os nossos corpos deslizaram juntos num uníssono requintado, sabendo ao certo como se mover e onde tocar, embora o amor físico fosse novo para ambos. Voltámos a fazer amor, dessa vez de forma lenta e rítmica, como se a primeira vez tivesse sido um mero ensaio.

Enquanto permanecíamos abraçados no luar de outono, sem fôlego, dolorosamente, nunca o poderia ter imaginado, mas o nosso filho começou a crescer.

NOVE

Regressei a casa na tarde seguinte — esgotada devido à falta de sono e à longa caminhada até à cabana da montanha e de volta —, minutos apenas antes de o pai e o Seth voltarem depois de reunirem o gado dos Oakleys. O Wil acompanhara-me até à orla do pomar, passando pelo portão de trás, dera-me um beijo de despedida e desaparecera por entre as árvores. Eu deambulei, sonhadora, pelo pátio, quase sem consciência dos pés no chão, até que o som repentino da carrinha do pai a subir a alameda me despertou de volta à realidade com o estalido de um chicote. Esgueirei-me pela porta da cozinha, tirei o casaco e as botas enlameadas, apanhei o cabelo desalinhado num rabo de cavalo e pus uma panela com água no fogão, para ferver, sem sequer saber o que colocaria lá dentro. Felizmente, o pai e o Seth demoraram imenso tempo a descarregar o equipamento e a tratar daquilo que ficara por fazer no celeiro. Sabia que iria ouvir das boas por não ter apanhado os ovos e alimentado os animais nessa manhã. Recordei-me dos pormenores da mentira que pregara ao tio Og sobre ter ido cuidar da Cora, que estava doente, e preparei-me na expectativa de contar de novo aquela história.

Quando o pai e o Seth entraram, tão cansados como eu, a julgar pelo seu aspeto, eu tinha sandes de queijo e chá doce frio em cima da mesa, feijão-verde com cebola a estalar na frigideira e batatas a cozer na panela. Agitei a frigideira para parecer ocupada enquanto os homens despiam os casacos e o Seth olhava em volta, pela cozinha. Perguntei ao pai como corra a viagem, deixando que a minha voz soasse descontraída e melíflua, como se a rapariga que estava a falar não fosse já uma mulher, completamente transformada. Ele resmungou de mau humor que tinham «perdido uma» e depois saiu da cozinha deixando-me a pensar se a vaca se teria perdido ou se teria morrido e porquê. Não me lembro de uma única vez em que o pai não tivesse trazido todo o gado em segurança para as pastagens de inverno, quer estivesse a trabalhar para o Oakley ou para o Mitchell ou como trabalhador contratado. A intuição disse-me, de maneira acertada, que a perda fora, de alguma forma, obra do Seth.

Primeiro, o pai voltou a entrar na cozinha, depois, o Seth, e sentaram-se à mesa. Ao fim da tarde e depois de uma viagem penosa, estavam famintos, devorando tudo aquilo que lhes punha à frente.

O Og entrou na cozinha e assobiou:

— Ora, ora, quem está em casa.

Mortificada, levantei os olhos do lava-louça, onde estava a escorrer as batatas, para descobrir que o Og estava mesmo a falar comigo. O meu estômago contorceu-se, mas regressou à vida quando vi a atenção do pai e do Seth ainda concentrada na comida, ambos aparentemente a assumir que o comentário do Og se dirigia a eles. As minhas mãos tremeram quando comecei a esmagar as batatas meio cozidas com manteiga e leite.

— Esta foi grave — respondeu o pai, olhando durante breves instantes para o Seth.

— Vá, desembucha — desafiou o Seth, mas o pai serviu-se de mais feijão-verde com uma colher e comeu-o em silêncio.

O Og encheu o prato de comida e olhou ora para o pai, ora para o Seth e de novo para o pai, com um brilho deliciado nos olhos face à alteração óbvia entre ambos. Pousei o puré de batata em cima da mesa, desejando em desespero arranjar uma desculpa para não me sentar, mas estava tão esfomeada que o meu corpo pareceu sentar-me e servir-me comida sem a autorização da mente. O Wil tinha uma provisão de carne de porco e feijão na cabana, uma lata fria que eu partilhara com ele ao pequeno-almoço, mas que consumira havia algumas horas.

Tentei comer com delicadeza e arranjar alguma coisa para dizer que os pudesse distrair do meu embaraço, do antagonismo do pai e do Seth, mas nada me pareceu conveniente.

— Mais interessado em fisgar um índio do que as b'zerras 'xtraviadas, não é, Sara? — provocou o Og.

O Seth bateu com as duas palmas das mãos em cima da mesa com tal força que os talheres saltaram e o chá se entornou dos copos. A sua cadeira caiu de costas no chão, com estrondo, quando se levantou e saiu de rompante da cozinha, dando um pontapé na cadeira de rodas ao passar, o que assustou o Og e lhe deu uma desculpa para rugir um riso rouco e trocista.

O pai viu o Seth virar costas, abanou a cabeça e depois confirmou ao Og, zangado:

— Foi me'mo isso. Perdeu um bezerro.

Os cartazes de «procura-se» a descrever o Wil e a prometer uma recompensa de vinte dólares ainda decoravam Iola. Tanto quanto sabia, estavam afixados nas vizinhas Sapinero e Cebolla, talvez até em Gunnison, ou mais longe ainda. Perguntei-me quantos mais homens que nada sabiam acerca do Wil andariam à procura dele. Tentei mudar de assunto, mas a verdade e o sentido de oportunidade não estavam do meu lado.

— Peço desculpa por o puré de batata ter tantos grumos, pai — arrisquei.

Ele limitou-se a encolher os ombros e levou mais uma colherada à boca, dizendo, na sua forma silenciosa, que a comida estava boa.

— É a tua paga por fazeres as coisas à pressa — disse o Og.

O meu coração afundou-se perante a referência ao meu atraso.

Senti que a primeira camada fina do meu segredo começava a descascar.

— E, a propósito, como está a pobre Cora? — perguntou o Og com uma voz

melíflua, olhando para o pai e depois para mim. A falsa cortesia na pergunta, a forma como inclinou a cabeça numa simpatia simulada, mais não fez do que tornar o interrogatório mais sinistro. Ele sabia.

O pai olhou para mim com ar desconcertado, e eu fiquei espedaçada, de olhos abertos. Fora apanhada na minha mentira como um guaxinim sob os faróis de um caminhão a avançar a toda a velocidade. Para piorar a situação, devastadoramente pior, como se viria a revelar, o Seth voltou para a cozinha nesse instante preciso, precipitando-se para o casaco e para a porta das traseiras até reparar nos olhos do pai e do Og fixos em mim e se deter.

— Ainda a recuperar — consegui dizer, em voz baixa.

— Muito simpático da tua parte teres ficado a noite inteira a olhar por ela — disse o Og como golpe final contra a minha desculpa.

Levantei o copo de chá, encostei-o aos lábios e engoli, vendo o sobrolho do pai franzir-se.

— A Cora não está doente — disse ele, e as minhas entranhas contorceram-se.

— Foi ter connosco às pastagens para nos ajudar a reunir os cavalos e os cães. Parecia estar bem.

O Seth estava a ver a cena desenrolar-se, da porta das traseiras, enfiando com lentidão um braço na manga do casaco, depois o outro, com os olhos colados em mim. Fiz o que podia para salvar o meu esquema. Falei demasiado, nervosa e estupidamente, sobre a Cora ter-se sentido bem melhor com o pequeno-almoço, sobre ter passado a noite inteira com febre, a pedir ajuda a Deus durante o sono, mas ter recuperado de manhã com umas bolachas e um pouco de *bacon*.

O Og riu-se à socapa e depois, milagrosamente, como que a lançar-me uma tábuia de salvação depois de ter feito adornar o barco da minha dissimulação, disse com maldade:

— É bem verdade que a moça gosta de *bacon*.

O pai arquivou a informação para outra altura, depois, disse-me que fosse tratar das galinhas e voltou à sua refeição. O Seth continuava a olhar para mim do outro lado da divisão, agora com um sorriso a insinuar-se no rosto. Puxou o fecho do casaco com um movimento rápido e desapareceu pela porta das traseiras, fazendo bater a rede como um disparo à sua passagem.

Eu sentia os olhos do Og pousados em mim. Se tivéssemos estabelecido contacto visual, poderia ter visto uma ligeira cintilação de desculpa, mas recusei-me a levantar a cabeça. O meu apetite desaparecera. Levantei-me, coloquei o meu prato meio cheio sobre os pratos vazios da mesa e fui para o lava-louça começar a tratar deles. Vindo do celeiro, ouvi o troar forte do carro do Seth a rugir de volta à vida. Este fez várias acelerações repetidas, como se estivesse a tentar enervar-me intencionalmente. Quando a capota amarela do carro apareceu lá fora, vista da janela que ficava por cima do lava-louça, a minha mente não conseguiu perceber o que vi. O Seth, nos últimos tempos, andava obcecado com o carro, muitas vezes com o Holden Oakley e o Forrest Davis ao lado, os três inclinados por baixo do capô, turbulentos e gordurosos, com os *Lucky Strikes* a balouçar nos lábios. Depois

de anos com o Seth a remexer no motor defeituoso, nunca esperei que o carro andasse mesmo. Quando ele passou pela janela da cozinha, inclinado sobre o volante e a olhar para mim com ar de triunfo, levou a mão até à testa e fez-me uma saudação militar com um olhar trocista. Parou por instantes e acelerou o motor num crescendo estrondoso — levando o pai a ir a correr para a porta lateral e o Og a berrar, exasperado, da mesa —, e depois desceu a alameda a toda a velocidade, deixando marcas no chão como duas garras profundas e uma nuvem de poeira solta no ar.

Nessa noite, o Seth não voltou para jantar. Ninguém mencionou o facto, como se a sua cadeira vazia nunca tivesse sido ocupada. O pai perguntou-me se eu pusera em dia as minhas tarefas na capoeira e no celeiro. Eu disse que sim. O Og não disse nada. Depois de o pai e de o Og terem saído da cozinha e de a louça estar lavada, subi a escada martelando os degraus e fechei a minha porta fazendo mais barulho do que o necessário para anunciar que me ia deitar mais cedo. Enfieei uma almofada por baixo da coberta moldando um volume com forma humana e vesti mais uma camisola antes de voltar a descer a escada em bicos de pés, calçar as botas e vestir o casaco de lã sem fazer barulho, escapulindo-me para o exterior pela porta das traseiras.

Fui percorrida por arrepios enquanto atravessava o quintal, menos por causa do ar de fim de outubro, tão frio que me ardia nas narinas, do que pela ânsia do abraço do Wil. Também tremia de nervos, sempre a olhar por cima do ombro, a espreitar para a noite iluminada pelo luar, para a esquerda e para a direita, com receio de ter sido seguida, de ter conduzido o Seth ou um dos seus compinchas direito ao homem que procuravam. Na altura em que avistei o choupo arqueado, bem como o perfil tranquilizador do Wil, descontraidamente encostado ao tronco, estava num tal estado de agitação e receio que desatei a chorar. Corri para ele, e ele recebeu-me nos braços abertos.

Aninhámo-nos por entre os salgueiros e sentámo-nos juntos numa pequena clareira, frente a frente, com as minhas mãos entrelaçadas nas dele. Falámos de amor e de perigo e do Seth e dos seus amigos. Ele alisou-me o cabelo e limpou-me as lágrimas frias do rosto. Olhei para os olhos delicados, castanho-escuros, do Wil e arranjei coragem para atraí-lo ao meu próprio coração.

— Devias sair daqui — disse-lhe, simultaneamente acreditando nas minhas palavras e desprezando-as.

O Wil permitiu que a ideia pairasse por algum tempo no ar cortante entre nós. Depois sorriu-me — como fizera na nossa primeira interação, na esquina da North Laura com a Main, e quando fiquei nua diante dele, na cabana —, vendo algo dentro de mim que mais ninguém, muito menos eu própria, tinha captado. Senti-me louca, a minha sugestão estava tão em desacordo com o meu desejo que era como se tivesse sido outra rapariga a falar.

Ele abanou a cabeça.

— Há mais pessoas como o Seth do que estrelas no céu — respondeu ele por fim, querendo retirar importância ao caso e parecer tranquilizador, mas tendo o

efeito contrário. Porque o que ele dissera era sem dúvida verdade: para que sítio havia o Wil de ir onde não houvesse um rapaz cheio de ódio como o Seth, pronto a atribuir a culpa dos seus problemas a um rapaz de pele escura como o Wil? Eu sabia que ele não iria fugir.

— Fluirei como um rio — disse o Wil. — O meu avô sempre me disse que é a única forma.

Eu assenti como se compreendesse o que ele queria dizer, e fizemos planos para nos encontrarmos no dia seguinte.

Com o raciocínio toldado pelo desejo e pela certeza do Wil de que o nosso amor sobreviveria à fúria do Seth, continuei a encontrar-me com ele sempre que podia. No plano da lógica, éramos tolos, mas recusámo-nos a escutar. Ainda assim, eu tinha cuidado. Só me esgueirava quando passava despercebida, ou, pelo menos, era o que pensava. O Seth raramente se deixava ver. Realizava as suas tarefas de forma ainda mais irascível e mal-humorada do que de costume e aparecia de vez em quando à hora das refeições, mas, sobretudo, andava por fora, a conduzir o carro. Não se falou mais no «índio», e, a cada dia que passava, tornava-se mais fácil acreditar naquilo que eu desejava desesperadamente que fosse verdade: que o Seth se esquecera do Wil.

Não sei dizer em qual dos nossos encontros conduzi de modo inadvertido o Seth até ele, mas, uma semana depois de o Wil me tomar as mãos entre os salgueiros e dizer que não abandonaria Iola, uma semana, para ser exata, depois de ele ter limpado as lágrimas do meu queixo molhado e tentado afugentar os meus medos com beijos, o Wil não compareceu no local de encontro.

Enquanto andava de um lado para o outro na noite gelada de novembro, à espera dele, para a frente e para trás diante do choupo arqueado, a apontar a lanterna para os campos silenciosos e para as valas junto da estrada, tornou-se mais claro que ele não viria. Precipitei-me para ir ver na clareira perto dos salgueiros; depois, fui até à orla do pomar, à curva no riacho, à margem do rio Gunnison, ao abeto na encosta, a todos os pontos secretos onde nos tínhamos encontrado, rezando entretanto para que eu tivesse percebido mal o local combinado.

Ofegante, destranquei o portão da Ruby-Alice, criando um tumulto de latidos e uma fuga precipitada dos seres que se encontravam no pátio. A porta para o seu velho celeiro estava aberta, mas, lá dentro, apenas algumas galinhas e um morcego assustado se mexeram quando gritei o nome do Wil. Uma luz fraca brilhava na casa. Desejei que o Wil me recebesse lá, tal como fizera naquele dia quente de outono, apenas algumas semanas antes e, porém, a uma vida inteira de distância, quando eu estava tão confiante de que o iria encontrar atrás daquela porta cor-de-rosa. Ao avançar lentamente pelo pátio como quem anda pela lama, soube que ele não estava ali. Espreitei pela janela para descobrir a Ruby-Alice deitada no sofá, com o seu rosto pálido e o cabelo a cintilar como a lua que aquele céu noturno não revelava. Tinha uma manta entre as mãos, encostada ao peito, parecendo em simultâneo morta e desesperada por agarrar algo desta terra.

Deixei-me cair no chão, tendo esgotado todas as possibilidades além da cabana, que se encontrava tão lá em cima e inacessível, no Big Blue, que bem podia ter estado no topo do mundo. Um cãozinho aproximou-se de mim, curioso com o meu pranto, e lambeu-me a perna das calças. Enxotei-o com um pontapé, e ele rosnou.

Não me lembro de caminhar até casa ou de me içar pela escada acima, até à minha cama. Lembro-me apenas de que estava ali, ainda completamente vestida e bem desperta muito depois da meia-noite, a chorar, quando o carro rugiu pelo pátio. O som fez estremecer a minha janela e os meus ossos. Quando ouvi a porta lateral abrir-se e fechar-se, saltei de baixo das cobertas para sair a correr do meu quarto e me precipitar pela escada abaixo para confrontar o Seth, na cozinha.

Ele não tinha acendido a luz. A sua figura negra estava sentada, corcovada, no banco junto da porta das traseiras. Pelo volume da sua forma, percebi que ainda tinha o casaco vestido, as botas. Decerto sabia que eu estava junto da porta da cozinha, mas ficou sentado em silêncio, sem se mexer. O cheiro de uísque e cigarros e fumo de escape libertava-se dele. Estendi a mão para o interruptor, mas pensei melhor. Não queria ver a cara dele. Sabia tudo o que precisava de saber.

— Odeio-te, Seth — cuspi para a escuridão como se uma bília amarga se tivesse acumulado dentro de mim durante toda a minha vida.

— Recebi uma coisa melhor do que aquela recompensa, Torie — pronunciou de forma pouco clara, de forma surpreendentemente delicada, como se estivesse a partilhar uma boa notícia com um amigo. — Recebi melhor do que isso, e mais — acrescentou, seguido de um suspiro cansado e de um risinho ébrio. — Melhor e mais — repetiu para si mesmo, com a incredulidade suficiente a ferver através do seu orgulho embriagado para eu perceber, com um estremecimento nauseado, que o Seth não se limitara a expulsar o meu Wil da cidade ou a capturá-lo e a entregá-lo às autoridades. Se acendesse a luz, tinha a certeza de que veria sangue nas suas mãos.

Virei costas e rastejei em vertigem pela escada acima, de gatas, mal reparando que tinha membros sob o meu corpo, a tremer pelo corredor fora e enfiando-me na cama como um animal doente.

Nas semanas de espera até que os meus receios fossem confirmados, executei as minhas tarefas mal sentindo o corpo, como um morto-vivo e doente, achando insuportável o ciclo do sol a nascer, a descrever um arco e a pôr-se.

— Estás doente? — disse o pai, abrindo a porta do meu quarto numa manhã em que não me consegui levantar para o pequeno-almoço.

Soltei um grunhido abafado debaixo das cobertas.

— É preciso chamar o doutor Bernette? — perguntou.

— Não — crocitei.

O pai fechou a porta e desceu a escada. Uma culpa crua apoderou-se de mim quando o imaginei a preparar o seu próprio pequeno-almoço, por isso, levantei-me da cama para cozinhar, e, na manhã seguinte, fiz o mesmo e continuei, dia após

dia, a executar aquilo que tinha de ser executado, apesar de me sentir atordoada e pesarosa.

Quando a noite chegava, estava exausta da dissimulação e da dor, mas todas as noites, depois de as últimas tarefas estarem concluídas e de a casa estar escura e sossegada e de o tio Og e de o pai estarem instalados atrás das portas dos seus quartos, com o Seth na rua sabia-se lá onde, vestia várias camadas de roupa e esgueirava-me para a escuridão gélida para procurar o Wil. A geada salpicava os ramos das árvores, e as folhas mortas estalavam debaixo das minhas botas. Tal como fizera na noite do desaparecimento do Wil, andava sem parar, visitando cada um dos sítios onde nos encontráramos, desejando, a cada curva, ver o seu paciente contorno encostado a uma árvore, o seu sorriso radiante a iluminar a escuridão. Ao mesmo tempo, sabia que estava a namoriscar com a loucura, com a esperança a não passar de um truque da minha ânsia. Ele não estava em parte alguma.

Noite após noite, espreitava à janela da Ruby-Alice para a encontrar sozinha, a dormir no sofá como um cadáver. Os cães, então dentro de casa por causa do frio, dormiam como bolinhas por toda a sala. Enquanto fazia o caminho de volta pelo seu quintal estranhamente calmo, perguntei-me se o ciclismo constante da Ruby-Alice era ela a deambular durante o dia como eu deambulava à noite, à procura, contrariando toda a lógica, dos entes queridos que perdera, e perguntei-me se aquela loucura da mágoa que contagiara a Ruby-Alice também me teria vindo reclamar.

Numa manhã de fim de novembro, quando me encontrava no corredor de trás do Chapman's a escolher uma caixa de bicarbonato de sódio, como se isso fosse algo importante, dois rancheiros encostados ao balcão das iguarias estavam a falar suficientemente alto para eu captar fragmentos daquilo que não suportei ouvir: «Um rapaz. No fundo do Black Canyon. Aquele índio. Quase sem pele. Arrastado atrás de um carro. Atirado.»

Uma mulher não consegue suportar tudo. Já carregava em mim enormes fardos de dor e de culpa e de amor e de medo e de confusão e, embora ainda não estivesse totalmente consciente disso, uma criança acabada de formar, no meu ventre. As palavras dos homens bateram com força para entrar, mas não as consegui suportar. Mesmo as poucas que consegui assimilar foram demasiadas. Caí de joelhos e vomitei.

O senhor Chapman correu de trás do balcão, em meu auxílio. Puxou-me para longe da porcaria que se encontrava no soalho de outra forma imaculado, conduziu-me a um banco e levou-me uma caneca com água. Outras pessoas afadigaram-se à minha volta — embora agora não me consiga lembrar de quem era, uma mancha indistinta de mãos estendidas e vozes amáveis e olhos preocupados — enquanto o Chapman limpava o chão com a esfregona. Recompus-me o suficiente para pedir desculpa e sair, de forma trémula.

Caíra uma camada suave de neve na noite anterior, e o reflexo do sol a irradiar da Main era insuportavelmente intenso. Protegi os olhos quando «arrastado atrás

de um carro» ecoou na minha cabeça. «Aquele índio. Quase sem pele.»

Afastei-me do Chapman's aos tropeções para tentar fazer o caminho de volta a casa, evitando a esquina da North Laura com a Main. Acima de Iola, a vastidão do Big Blue reluzia, com a sua neve branca acabada de cair, distorcida e feia, por entre as minhas lágrimas. O Wil podia ter escolhido aquelas montanhas como santuário. Em vez disso, escolheu-me a mim. Tentei suportar o insuportável imaginando-o ali, naquele momento, enroscado por baixo de colchas, na cabana, com a luz do sol a infiltrar-se por uma pequena janela, pousando, suave, na sua pele perfeita. No entanto... Eu sabia a verdade: que o mundo era demasiado cruel para proteger um rapaz inocente ou para avaliar aquilo que conseguimos ou não suportar, que o Black Canyon se tornara a sepultura profunda e terrível do Wil porque ele permanecera ali, para me amar.

SEGUNDA PARTE



1949–1955

DEZ

1949

Esse inverno foi o mais seco nos registos do condado de Gunnison. A temperatura em Iola descia normalmente abaixo de zero, mas a neve recusava-se a cair.

Enquanto o pai se preocupava com os rios pouco cheios do verão seguinte e com uma potencial seca, eu apreciava andar nas minhas tarefas sem ter de escavar ou percorrer os bancos de neve habituais. A exaustão foi irmã da minha dor ao longo desse inverno comprido e estranhamente castanho. Por vezes, não conseguia arranjar forças para carregar o cesto de ovos da capoeira, não era capaz de erguer, alongar e puxar um ancinho pelo estábulo do *Abel*. Lembro-me de mal ser capaz de levantar os braços o suficiente para lavar o cabelo, estando sentada no meu banho de domingo. Em vez disso, olhava para o meu corpo e contemplava os meus seios crescidos, a barriga a inchar. As escassas veias finas como fios que tinha nas mãos e nos pés avolumaram-se como pequenas cobras sob a minha pele. Deixara de sangrar todos os meses. Ingénua como era, presumi que a dor me estava a deixar pesada, a acumular todo o sangue e saudade e mágoa, até que um dia, com sorte, acabaria por explodir. Só quando senti os primeiros estremecimentos de vida — primeiro muito subtis, como uma borboleta a piscar um olho, depois mais fortes, como um pássaro minúsculo dentro da minha barriga — compreendi na totalidade a origem do meu inchaço e da minha exaustão.

Passei o inverno a esconder as minhas formas crescentes dos homens da casa. De início foi simples, uma questão de envolver os seios inchados numa faixa elástica, tal como fizera quando eram meros botões, na minha adolescência tímida, e de usar camadas de camisolas para me proteger do frio seco. O pai andava distraído a reunir feno, a cortar postes para as vedações no rancho dos Mitchells e a reconstruir uma parede do nosso celeiro que desabara. O tio Og ficava a maior parte dos dias no seu quarto, a bebericar uísque e a ouvir programas de rádio e o que quer que fosse que ali fazia para passar os dias até que a primavera lhe permitisse instalar-se de novo no alpendre. Às vezes, apanhava-o a olhar para mim quando estava a servir uma refeição ou a pendurar roupa lavada no seu armário, a olhar apenas, não com uma desconfiança discernível ou com malícia ou pena, mas com olhos que pareciam dizer que acabara de reparar que eu ali estava, um ser humano verdadeiro, a viver com ele debaixo do mesmo telhado. Ele sabia algo

acerca dos meus segredos, mas nunca dizia uma palavra.

O Seth andava ausente durante a maior parte do tempo. Desde o dia em que o corpo do Wil fora descoberto, o Seth tinha sempre algum motivo para estar longe de Iola. Primeiro, foi uma caçada com o Forrest Davis, em que se ausentaram durante duas semanas e levaram para casa apenas três galinhas-bravas e um alce insignificante, na melhor das hipóteses com um ano de idade. Depois, foi um trabalho qualquer na linha de caminho de ferro de que o Holden Oakley ouvira falar, lá para o Sul, perto de Durango, que deu emprego aos dois rapazes e ao Davis durante cerca de um mês. O Seth regressou com um maço de notas para o frasco da casa; ficou alguns dias a ajudar o pai a terminar as partes mais altas da parede do celeiro e a embebedar-se na cidade todas as noites, sem nunca falar comigo ou olhar para mim; depois, partiu de novo para um trabalho nas obras em Montrose. O pai não se importava, desde que o Seth continuasse a contribuir para a reserva da família. Na verdade, as ausências esporádicas do Seth pareciam deixar o pai aliviado. Ninguém na cidade associara o Seth à morte do Wil, embora pudesse ter sido fácil alguém realmente interessado em encontrar o culpado fazê-lo. Eu percebia que o pai tinha as suas suspeitas.

Eu não me conseguia obrigar a confrontar o Seth. Depois de o Wil desaparecer, fiquei tão assoberbada com tudo aquilo que acontecera que me refugiei no papel de rapariga obediente. Procurei alívio e segurança nas rotinas diárias da quinta e distanciei-me o máximo possível daquele ato horrível: nunca olhei para o para-choques traseiro do carro do Seth à procura de marcas de cordas ou de sangue, nunca me permiti visualizar a carne do Wil contra a gravilha, nunca exigi que o xerife Lyle investigasse o homicídio ou aponte o dedo ao meu irmão. Em suma, não passava de uma cobarde, tal como o Seth sabia que eu seria.

No entanto, a minha barriga a crescer provava que eu não me conseguiria esconder para sempre na rotina. Por volta de fevereiro, mudara os botões das minhas saias de sítio para as alargar. Todas as madrugadas estava esfomeada e enjoada ao mesmo tempo. Os aromas habituais da manhã — os ovos, a pimenta, o presunto, as bolachas, a manteiga e mesmo o cheiro das pocilgas dos animais e da lenha empilhada que soprava para dentro de casa com a brisa quando o pai entrava — penetravam em mim tão profundamente que tinha de ir com frequência à casa de banho para vomitar. No fim de março, já não cabia em nenhuma da minha roupa, com exceção de uma bata em forma de A. As minhas faces tinham-se arredondado, os dedos, inchado, a barriga tornara-se protuberante como uma meloa por baixo de camadas de camisolas cada vez mais sufocantes. Por volta de abril, sabia que tinha de sair de casa.

Comecei a maquinar a minha partida como se o fizesse para outra rapariga. Não tivera muitos amigos enquanto crescera, imaginários ou de outro tipo, por isso, não foi para ninguém em particular que comecei a esconder provisões numa velha mochila de lona — corda e carne seca e fósforos e velas, um tacho, uma machadinha, frascos herméticos e latas com bens alimentares, uma faca, sementes de vegetais, agulhas de coser, linha, um pedaço de sabão embrulhado em papel

vegetal, uma das camisolas gigantes do Og —, apenas uma rapariga em sarilhos, uma rapariga que tinha de fugir. Pensei no caminho que ela faria, senti-me aliviada por ela por a camada de neve nas terras altas ser reduzida, tentei ponderar no seu lugar todas as necessidades e potenciais perigos. Até àquela manhã enevoada de meados de abril em que o tio Og voltou para o seu quarto de cadeira de rodas depois do pequeno-almoço e o pai meteu o *Truta* na carrinha e foi ajudar o senhor Mitchell no parto de uma vaca, eu, a um nível absurdo qualquer, recusava-me a acreditar que a rapariga que estava grávida, que se dirigia às montanhas para se salvar a si e à sua família da vergonha, que manteria o bebé a salvo do irmão homicida, era, na verdade, eu própria.

Dei um balde de aveia ao *Abel* e depois coloquei-lhe a sela e conduzi-o para fora do celeiro. Pus às costas a mochila pesada cheia de provisões, montei desajeitadamente o cavalo e afastei-me da quinta a trote, passando pelo pomar ainda adormecido. Não olhei para trás.

Guiiei o *Abel* ao longo do Willow Creek e por uma vertente pedregosa até estar tão acima de Iola que podia divisar a pequena pegada quadrada que a cidade formava no vale sinuoso. O rio Gunnison aparecia como uma fita cinzenta através do centro, com as águas num nível baixo e vagarosas devido à seca e ao frio, o caminho de ferro e a Estrada Nacional 50 a correrem ao seu lado. Distinguia a extensão negra de pinheiros da Ruby-Alice a sudeste da Baixa e, ao lado, a nossa longa alameda de acesso. Os meus olhos acompanharam a gravilha clara até aos dois blocos esbranquiçados que eram a minha casa e o celeiro, orlados pelas cerdas nuas das primeiras árvores de fruto da época. A pastagem dos Mitchells, a reverdecer ligeiramente, estava salpicada de grandes manchas castanhas, a par de outras pequenas — as touras e os seus recém-nascidos —, e, algures entre eles, estava o pontinho que era o meu pai. Na extremidade mais afastada do vale, o fumo erguia-se acima da terra chamuscada onde alguém, o senhor Clifton, supus pela localização, ou talvez os Oakleys, estava a queimar os campos como preparação para o cultivo. Senti uma pontada de culpa por não ter colhido os produtos da horta antes da minha partida. As cebolas tinham sido plantadas no outono anterior, e o pai poderia arranjar ajuda para plantar as batatas, mas colher os hortícolas quando o tempo aquecia seria trabalho de mulheres. Perguntei-me se o pai encontraria as sementes que eu deixara etiquetadas para si e se as plantaria ele mesmo ou se, simplesmente, passaria sem esses produtos. Começava a tomar consciência de que, o que quer que ele decidisse, como quer que se alimentasse e lavasse e se desenvencilhasse, já não era preocupação minha. Virei-me e continuei a subir, pondo tudo o que sabia para trás das costas, trepando por uma cumeada e descendo por outra até ao cume de outra montanha — bem longe da vista da cidade, mas não tão longe que o *Abel* não conseguisse encontrar de novo o caminho para casa —, e desmontei.

A minha mochila quase me fez tombar quando os meus pés tocaram no chão. Segurei as rédeas do *Abel* para manter o equilíbrio e senti o peso esmagador da

dúvida sobrepor-se ao fardo que era a minha mochila. Durante muito tempo, fiquei ao lado do cavalo a ponderar o que fazer a seguir, sentindo-me igualmente receosa das minhas opções, tanto incapaz de avançar com o meu plano quanto de voltar para casa. Redobrei o meu esforço, tanto físico como mental, e senti-me tentada a montar de novo a leal cavalgada, que aguardava com paciência a minha decisão. Encostei a cara ao pescoço do *Abel*, com a consciência de que libertá-lo significava soltar todos os laços com o que me era familiar. Quando ele se virasse e descesse a encosta da forma lenta e segura com que os cavalos caminham, dirigindo-se por instinto para onde sabia esperarem-no uma bela alfalfa e uma cama de palha macia, eu estaria completamente sozinha, uma mancha minúscula de rapariga numa imensa e imprevisível extensão de terra.

O *Abel* respirou profunda e ritmicamente por baixo do meu rosto. O seu pelo cor de avelã estava quente e húmido, suave como algodão fiado. Eu tinha oito anos quando assistira ao seu nascimento. Chamada da cama pela minha mãe mesmo antes de o sol nascer, sentei-me num fardo de palha com ela e com os rapazes, hipnotizada pela perícia com que o pai puxava uma perna ossuda e depois outra, de dentro da abertura ensanguentada da égua. O *Abel* deslizou para este mundo com tal força que o pai caiu de costas com o potro viscoso nos braços, meio a praguejar, meio a rir, olhando de seguida para o atordoado recém-nascido como se tivesse o seu próprio bebé nos braços. A minha mão chamou *Abel* ao potro nesse mesmo instante, dizendo ao pai que o próprio Adão não poderia ter olhado para o filho com mais assombro.

— Caim, não? — brincou o pai, um homem diferente nessa altura, com lampejos de humor e leveza, antes de soltar o potro para este se encostar ao focinho da mãe.

— Caim, não — respondeu a mãe de modo seco, não sendo pessoa para brincar com nada que fosse bíblico.

A minha mente jovem ainda não conseguia compreender bem que um cavalo que não existia momentos antes de repente tivesse um corpo, um nome, uma vida, que tivesse passado a fazer parte da nossa quinta, tal como os pessegueiros e o riacho. A mãe soltou um suspiro exasperado perante a graça do pai e voltou para dentro de casa para começar a fazer o pequeno-almoço, o pai lavou-se no tanque fundo do celeiro, e o Cal e o Seth reuniram baldes e ancinhos para dar início às suas tarefas matinais. Mas eu não me consegui afastar. Algo fora criado do nada, mesmo diante dos nossos olhos. Aproximei-me com cautela do recém-nascido *Abel* e estendi a mão para lhe tocar no pescoço pegajoso e novo. Ele olhou para mim com uns olhos ternos e curiosos que me disseram que não compreendia a sua chegada melhor do que eu.

Agora, esfregava esse mesmo ponto no pescoço do *Abel* e, depois, dei-lhe um beijo de despedida. Recuei e disse:

— Desanda, vá. — Larguei a mochila no chão para agitar as mãos mais facilmente e enxotá-lo pela encosta abaixo. — Vai para casa, *Abel*. D'sanda! — gritei, sem ter a certeza da minha decisão, mesmo quando a estava a tomar.

O cavalo preparou-se para descer a encosta, mas não avançou.

— D'sanda! D'sanda! Toca a mexer! — gritei-lhe, agitando os braços como as velas de um moinho. O *Abel* não se mexeu. Continuei a gritar-lhe, ponderando a ideia de o manter simplesmente comigo, voltando a montar e avançando pelas montanhas com o conforto tanto de um amigo quanto de um meio de transporte, mas eu já causara problemas que chegassem. Por mais que quisesse que o *Abel* ficasse, não podia roubar o cavalo do pai nem podia pôr o *Abel* em risco no desconhecido. Com os olhos a encherem-se de lágrimas, peguei numa pedra do tamanho de uma bola de baseball e atirei-a às ancas do *Abel*. Ele assustou-se e avançou uns quantos passos para diante quando a pedra bateu no chão perto da sua pata traseira. Fui buscar outra pedra e atirei-a, atingindo-o logo acima da cauda. Arremessei outra ainda e mais uma, já a soluçar por causa do absurdo das minhas ações contra um animal que eu amava, e ele começou a deslocar-se colina abaixo, relutante, receoso, olhando de vez em quando para trás, na minha direção, como que a fazer uma pergunta que não sabia formular.

Eu fora uma boa rapariga. Fora obediente e prestável e respeitadora dos mais velhos. Lera a Bíblia. Depositara pêssegos nos cestos grandes como se cada um deles fosse feito de vidro. Mantinha a casa limpa, as barrigas cheias, a roupa dobrada, a quinta bem tratada. Não fazia muitas perguntas, nunca permitia que me ouvissem chorar. Completamente sozinha, descobri como continuar sem ter uma mãe. E, depois, dera de caras com um desconhecido sujo na esquina da North Laura com a Main e apaixonara-me. Tal como uma simples chuva torrencial consegue erodir as margens e mudar o curso de um rio, uma circunstância única na vida de uma rapariga apaga quem ela era antes.

A gritar e a atirar pedra após pedra, com as lágrimas a correrem-me pelo rosto, berrei todo o meu medo e mágoa contra o pobre cavalo. Como acontecera comigo antes de conhecer o Wil, o *Abel* só conhecia lealdade e obediência. Cada pedra que eu lhe atirava ensinava-lhe aquilo que eu aprendera: por cada grama de bondade neste mundo, dois gramas de maldade prevaleciam. Podemos ser uma boa rapariga, um bom cavalo, podemos obedecer, podemos amar, mas não se deve esperar que, fazendo o bem, o bem nos seja devolvido.

A pedra final acertou no maxilar do *Abel* e, para meu horror, fê-lo sangrar. Ele fugiu disparado, colina abaixo, da rapariga que outrora fora boa para ele. Deixei-me cair em cima da mochila e chorei até que as nuvens desanuviaram, com o sol do meio-dia a transformar as minhas lágrimas numa crosta de sal.

Imaginei a cozinha da quinta, calma como a noite, o fogão frio e vazio. O pai almoçaria no Mitchell's, pelo que o Og seria o primeiro a saber que eu tinha fugido. Ainda antes de ele chegar à cozinha, repararia na ausência de aromas, e, quando entrasse para descobrir que não havia ninguém para lhe servir a refeição, as suas suspeitas acerca de mim ficariam confirmadas. Não telefonaria para avisar o pai nem lhe dizer o que pensava saber. Essas duas respostas estariam demasiado próximas da preocupação. Quando o pai chegasse a casa nessa noite, cansado e manchado de sangue por ter andado a ajudar as vacas a parir, descobriria primeiro

o *Abel* com a sela, à solta pelo quintal; depois entraria para deparar com a ausência de uma refeição à sua espera. Era difícil imaginar o meu pai a refletir sobre a minha ausência, a pensar em mim, a sua verdadeira filha, como mais do que mobília, uma mera empregada doméstica, a rapariga correta e previsível. Imaginei-o a entrar com hesitação no meu quarto, a encontrar o bilhete que eu lhe tinha deixado em cima da cama e a abri-lo lentamente com as mãos calejadas. Lamentei não ter escrito mais, não ter tido a coragem de lhe contar toda a história. O bilhete dizia:

Pai,

Vou estar fora por algum tempo. Tive de tratar de um assunto importante.

Por favor, não me procure. Voltarei para casa quando conseguir.

Com amor.

As minhas desculpas. Não se preocupe.

Victoria

Deitada em cima da mochila, perguntei-me, quando raiou a manhã — com os vitelos ainda a nascer e tanto o senhor Mitchell como as touras dependentes das mãos experientes do pai —, se ele regressaria ao trabalho que tinha de ser feito ou se iria à minha procura. Não sei. Esperei que a minha assinatura — *Victoria* em vez de *Torie* — deixasse claro que, sem que ele tivesse reparado, eu amadurecera, que tinha idade suficiente para tomar aquela decisão. Ele nunca me chamara Victoria, nem por irritação nem por afeto, e, por isso, talvez visse aquela rapariga que fugira, aquela jovem chamada Victoria, como alguém completamente novo.

Ocorreu-me na altura que era à *Torie* que faltavam os recursos para se erguer e avançar, mas a Victoria — a Victoria do Wil — tinha a força de uma mulher.

Eu, Victoria, levantei-me do chão, pus a mochila às costas, passei os polegares pelas alças e pelas omoplatas para as ajustar e comecei a andar. Não tendo a certeza de saber o caminho para a cabana onde eu e o Wil nos tínhamos deitado, invoquei o instinto, e até o bebé no meu ventre, para me guiar. Por mais absurdo que fosse, não tinha mais do que o magnetismo para me conduzir até lá, uma confiança improvável de que eu e o meu bebé sentíamos uma atração pelo local em que tínhamos nascido.

Percorri a paisagem sem trilhos, tentando não imaginar o *Abel* a trotar na direção contrária nas colinas aparentemente intermináveis de salva e rocha. Procurei algo familiar da minha caminhada com o Wil de muitos meses antes, quando o outono se estava a transformar no inverno. Imaginei-nos na altura, ávidos de amor enquanto caminhávamos, lado a lado. Quão belo era o seu sorriso e a facilidade com que a sua mão deslizava para e da minha, como se baixava para puxar um ramo de salva, retorcendo-o até as folhas se abrirem, aspirando-o com prazer e aproximando-o depois do meu nariz. Como que a invocar um pedaço dele, baixe-me para apanhar um ramo de salva e comprimir as folhas como ele

fazia, enfiando-o na alça da mochila. O seu odor pungente despertou uma memória difusa que me pareceu guiar na direção certa. Logo subi uma colina para deparar com uma fiada de pináculos de arenito altos que confirmaram a minha memória. O Wil chamara-lhes sentinelas e apontara para elas mostrando que cada uma parecia estar encostada à outra. Trepei colina acima e contornei as quatro torres cheias de arestas. Para lá delas, o trilho esbatia-se no nada, mas soube então que me conseguiria orientar. Caminhei por entre os choupos sem folhas, cada um deles sarapintado com brotos castanhos a amadurecer, e subi mais uma colina. Fiquei ali por algum tempo, sem fôlego mas animada, bebi do meu cantil e depois desci até uma aluvião seca e percorri uma subida final de choupos misturados com pinheiros e acumulações pontuais de neve a derreter. Através de uma clareira, consegui vê-la — a pequena cabana onde o Wil se refugiara. Era ainda mais humilde do que me lembrava, pouco maior do que uma estrebaria de um cavalo, instalada diretamente na terra desigual e coberta por camadas desordenadas de lata ferrugenta.

— É só uma velha cabana de caça abandonada — dissera o Wil quando me perguntei, em voz alta, se estaríamos a invadir propriedade privada. — Ninguém vai sentir a falta dela, a não ser as aranhas e os animais que expulsei de lá.

Uma pontada no coração lembrou-me de novo de que, se o Wil se tivesse instalado ali durante o inverno, suportando a neve e o frio intenso e a fome, teria tido mais hipóteses de permanecer vivo do que ao mudar-se para mais perto da cidade. Eu nem sempre sabia onde ele dormia quando desceu das colinas — em casa da Ruby-Alice ou no celeiro, imaginava eu —, mas sabia, com uma certeza pungente, que abandonara aquele abrigo seguro por minha causa.

Entrei no prado enlameado. Deixando cair a pesada mochila, instalei-me em cima dela e observei o espaço em volta. Tinha chegado à cabana, mas o que faria agora? Entrar na divisão em que o nosso amor florescera, mas aonde o Wil nunca mais voltaria, parecia-me atroz. Ficar no exterior, totalmente exposta à intempérie, parecia-me também impossível. Começar a assentar arraiais e estabelecer uma vida naquele lugar era absurdo. Fiquei sentada durante muito tempo, paralisada de cansaço e de indecisão.

À medida que a friagem da noite descia e que a floresta se tornava escura e sinistra, não tive outro remédio senão levantar-me e entrar na cabana. Imaginei o Wil a agarrar-me a mão, a ajudar-me a pôr-me de pé e a guiar-me, afastando a pele de veado que pendia, à entrada, convidando-me a entrar, tal como fizera na primeira vez em que eu transpusera aquele umbral. Quando me encontrei lá dentro, vi o quartinho tal como ele o deixara — latas de carne de porco e feijão bem empilhadas num canto, um cantil de alumínio pendurado de um prego ferrugento, um frasco com meia vela derretida em cima de uma caixa de fósforos. Foi fácil acreditar que ele iria regressar a qualquer instante. A cama estava coberta por uma pilha de colchas da Ruby-Alice. Pousei a mochila no chão de terra, demasiado exausta para a vasculhar à procura de comida. Descalcei as botas, levantei com timidez a ponta da coberta e rastejei para baixo dela, sentido o bebé

agitar-se dentro de mim. Inspirei longa e profundamente, esperando captar o cheiro do Wil. Fosse porque os cobertores ainda tinham o seu cheiro ou porque invoquei essa fantasia para evitar enlouquecer de dor e de medo, enrosquei-me no aroma dele e apaguei tudo o resto para adormecer.

Ao longo do dia seguinte, rendi-me à exaustão. Só abandonei os cobertores para me aliviar no exterior da cabana e abrir sopa para a comer fria da lata. Nunca em toda a minha vida ficara na cama o dia inteiro. Mesmo quando estava doente, ajudava a mãe nos afazeres da quinta e, depois de ela morrer, executava as minhas tarefas todos os dias, fossem quais fossem as circunstâncias, tal como ela fizera. A liberdade de ficar na cama sem obrigações e sem ninguém perante quem responder poderia ter-me parecido um luxo, mas, em vez disso, pareceu-me absolutamente estranha. Mergulhava no sono e voltava a acordar, com o meu bizarro torpor a ser perseguido pela ansiedade no que concernia à preguiça e às decisões e aos sons pouco familiares que rodeavam a cabana. Sonhei com o Wil, por vezes com as suas carícias, por vezes com o seu riso, e, pela primeira vez, com ele a morrer atrás daquele carro a precipitar-se a toda a velocidade, com a sua pele a dilacerar-se como papel de embrulho fino. Acordei transpirada e em pânico sob um raio de sol quente a infiltrar-se pela minúscula janela, incapaz de perceber onde estava por um instante de aturdimento. Desamarrada da atenção e do juízo de valor dos outros, enrosquei-me numa bola e lamentei-me com uma agonia que nunca pensei ser possível. Depois de libertada, a opressão negra da dor representava a mãe e o Cal e a tia Viv, bem como o Wil, quatro dedos grossos a apertarem-me o coração como um punho em volta de uma esponja, a contorcer-me até às lágrimas, até aos meus uivos guturais. Nessa noite dormi um sono profundo, sem sonhos, ávida de proteção.

No dia seguinte, obriguei-me a levantar-me. Aventurei-me na manhã gelada para fazer não sei o quê, mas percebendo que algo tinha de ser realizado para que a minha vida naquele lugar se iniciasse. Na manhã seguinte, e na outra, e na outra, a mera força de vontade levou-me a fazer o mesmo. Depois de me levantar, ficava agitada. Não era tanto por estar sozinha, era mais a consciência intensa da minha solidão no raio aparentemente interminável daquele ermo. As coisas comuns faziam-me medo. Assustava-me com os estalidos fortes dos veados a calcar troncos caídos ou com o estrondo de ramos soltos por um esquilo ou pelo vento. Até o silêncio me deixava nervosa, fazendo-me sentir de repente observada de longe ou vigiada pelos pinheiros. Rodava sobre mim mesma para o divisar — o urso ou o puma imaginários, ou sabe-se lá o quê — e deparar apenas com o movimento rápido de um esquilo curioso ou com o nada. Tentava refugiar-me na cabana, para apenas ficar sentada, rígida e alerta, escutando atentamente o sussurro do riacho atrás de mim, antecipando os passos surdos de um homem ou de um animal a perturbar o embalo do rio no caminho para a minha vulnerabilidade.

Tentei formas de fixar a velha pele de veado que pendia da ombreira torta, mas não tinha pregos ou martelo, e percebi que, mesmo que o fizesse, estaria mais a fechar-me lá dentro do que a evitar intrusos. A maior parte das noites, terminava

comigo enfiada debaixo dos cobertores, com a faca comprida que trouxera da cozinha da quinta presa ao punho, os olhos arregalados, a fitar concentradamente a porta. A sonolência acabava por levar a melhor sobre o meu medo, e eu fechava os olhos, entregando-me com relutância ao que estivesse para vir. De manhã, ficava espantada com a sorte de despertar, ainda inteira, com a faca estendida como um peixe estreito congelado a meio caminho do chão de terra da cabana.

Não sentia falta de casa; disso tinha a certeza. Embora sentisse uma vaga saudade do pai e do pomar de vez em quando, ambos já se tinham tornado indistintos para mim, como que pertencentes a um sonho meio esquecido. Acima de tudo, experimentei um grande alívio por estar livre do Seth e do tio Ogden e de tudo o que tivesse que ver com eles. Por mais perturbadora que fosse a minha solidão, não iria regressar a casa. Cansada e nervosa, passei essa primeira semana decidida a assentar arraiais, a fingir, pelo menos, que podia construir um novo lar. Agora, tinha de cuidar do filho do Wil, e, embora as minhas saudades dele muitas vezes parecessem insuportáveis, tinha de manter a sanidade, de concentrar a atenção naquilo que me fazia querer permanecer viva, mais do que em matutar demasiado nos motivos pelos quais seria preferível isso não acontecer.

Escavar uma latrina pareceu-me um sítio lógico por onde começar, mas o solo revelou-se tão firme e o meu sacho tão pequeno que fui avançando à colherada. Frustrada, atirei o sacho para o ribeiro, onde ficou a enferrujar durante dias. Precisava de ser bem-sucedida em alguma coisa, por isso, escolhi as minhas tarefas seguintes com cuidado: encher os meus cantis e os do Wil na extremidade forrada de seixos do regato; cortar um ramo de pinheiro para varrer as aranhas e as suas teias e os excrementos de rato da cabana; construir um espaço para a fogueira, apanhar troncos e construir uma estrutura em A com paus, que esperava que fosse suficientemente robusta para suportar uma panela. Prendendo uma corda de um ramo espesso de choupo a outro, arrastei as colchas cor-de-rosa para fora, pendurei-as e bati-as com um ramo. O pó soltou-se e rodopiou pelos ares, na brisa, como pequenos fantasmas dançarinos. Fui buscar o sacho ao ribeiro e escavei mais terra da latrina. Gravei marcas na parede da cabana para registar a passagem dos dias.

Sabia que acabaria por ter de aprender a arranjar comida, mas ainda tinha uma boa provisão de casa — carne seca, sopas em lata, feijão seco e aveia, pêssegos e ovos de conserva, uma lata com bolachas — e a reserva de carne de porco e feijão que o Wil ali deixara, assim, adiei a tarefa até perceber mais acerca do espaço envolvente. Procurei peixe nos remoinhos do ribeiro e num lago de castores que encontrei a jusante do meu acampamento. Apenas pedras brilhavam através das águas claras, mas disse a mim mesma que encontraria trutas quando precisasse delas. Se conseguiria realmente apanhar peixe sem cana, linha ou anzol era algo que ainda não estava preparada para descobrir. Para o melhor ou para o pior, a minha sobrevivência aconteceria um dia de cada vez.

Na primeira vez em que me aventurei na floresta negra do outro lado do riacho

foi para procurar framboesiras. Eu sabia que era demasiado cedo para terem dado frutos, mas queria ter a certeza de que haveria bagas em julho. Encontrei um troço de águas pouco profundas a montante da cabana, com quatro pedras em forma de tartaruga que permitiam atravessar com facilidade. Apanhei um pau com a forma de um bastão de basebol para me proteger, mas os meus primeiros passos no interior da floresta foram para mim um assalto, não de inimigo, mas de fragrâncias. O meu olfato estava de tal forma ativo na gravidez que muitas vezes me sentia uma espécie de lobo, capaz de captar os odores de tudo o que me rodeava. Os bosques estavam carregados com aromas intensos de pinheiro e terra almiscarada e camadas húmidas de elementos em putrefação. Até os pedregulhos cheiravam a metal e musgo. A combinação era estranha, mas não desagradável. Inspirei profundamente e continuei.

À medida que me adentrava mais nos bosques, o meu coração afundava-se. A maior parte do solo ainda estava coberta por uma camada dura de neve, em alguns pontos até aos tornozelos, noutros, até aos joelhos. Os pinheiros altos, largos e negros, carregados de vida, impediam o sol de descongelar o chão da floresta. Deixei-me conta de que, àquela altitude, nada que fosse selvagem seria comestível num período de meses. Mesmo os rebentos que nasciam das sementes que eu trouxera de casa iriam decerto congelar e apodrecer se fossem plantados antes de meados de maio. Percebi por que motivo escavar a latrina fora tão difícil. O solo não estava muito comprimido. Ainda estava congelado. Afastei um pouco de neve com a ponta da bota. Pontapeei a terra e golpeei-a com o meu pau. Pedra sólida não teria sido mais dura. Derrotada, deixei-me cair no chão com um suspiro. Olhei em volta, pela floresta, para as camadas de vida e morte suspensas na quietude fria e no lusco-fusco, tudo em silêncio, com exceção da algazarra dos pássaros. Havia lenha espalhada entre as rochas e ramos partidos e pinhas. Troncos castanho-avermelhados maciços elevavam-se até aos céus, até à abóbada de ramos. Dezenas de arvorezinhas erguiam-se para a vida, algumas ainda sem altura para fazer assomar as suas cabecinhas eriçadas acima do restolho de erva e da neve, outras emergindo do centro de troncos em putrefação como crianças de barrigas abertas. Havia beleza naquele caos. Todos os fragmentos de vida tinham ali o seu papel na eterna atividade de estar vivo. Senti-me pequena e desnecessária, mas não completamente indesejável.

Pus-me de pé e continuei através da neve, penetrando ainda mais no bosque, com cada um dos passos a estalar no silêncio. Enquanto procurava algo que me pudesse alimentar — alimentar-*nos* —, o meu bebé agitava-se comigo, nadando no meu ventre com maior vigor e presença do que nunca. Ele — como mais tarde viria a saber, o meu bebé era um menino — deu-me pela primeira vez aquilo que poderia ser considerado um pontapé, e eu ri-me e esfreguei a minha barriga redonda por cima da camisola de lã, com a certeza de que estava a acariciar a sola suave e imaculada do seu pé minúsculo. Ele encolheu o pé e depois deu outro pontapé, e eu voltei a ri-me da nossa brincadeira. Afinal, não estava verdadeiramente só naquele estranho bosque.

O tempo muda depressa nas montanhas. Soubera-o durante toda a vida e aprendera a ler o céu de forma tão meticulosa como um manual escolar. Era capaz de ver um temporal levantar-se e escurecer os céus e programar na perfeição a minha saída do pomar ou dos currais dos animais, ou mesmo da Main Street, para entrar a correr pela porta da cozinha no momento exato em que o primeiro ribombar de trovão abalava o vale. Mas tudo o que pensava saber acerca da terra e do céu foi testado quando penetrei o âmago daquelas montanhas, foi como aprender a ler de novo.

A tempestade começou como uma rajada de vento através dos pinheiros mais altos. Os cumes das árvores começaram a balançar como gigantes ébrios antes de eu chegar sequer a sentir a brisa. Os pássaros pararam de cantar, emitindo um aviso que não soube compreender. Tudo à minha volta, até o bebé dentro de mim, ficou perfeitamente silencioso.

Como uma expiração súbita, uma lufada de vento irrompeu como uma vaga transparente pelo solo da floresta, arqueando os pinheirinhos novos e espalhando detritos. O vento atingiu-me o rosto como uma bofetada com a mão aberta. Estava frio e húmido, e de repente pressenti aquilo que me esperava ainda antes de as nuvens negras se apoderarem do céu por completo, fazendo do meio-dia subitamente noite. Rodei sobre os calcanhares e, guiada pelas minhas pegadas, corri, trepando rochas e árvores abatidas, deixando cair o meu bordão, escorregando na neve, levantando-me, correndo, voltando a escorregar. Os cristais de gelo que cobriam a neve menos recente cortaram-me as palmas das mãos e salpicaram-me o rosto de todas as vezes que caí. Amaldiçoei-me por me ter desviado tanto da cabana, por ter sido tão profundamente atraída para o interior da quietude da floresta que eu sabia poder ser tão volúvel. Quando alcancei por fim a orla do bosque, um vento furioso salpicado de chuva agrediu-me. Impulsionei o corpo para diante, lutando com ele, e transpus com presteza o riacho em direção ao acampamento, escorregando na última pedra, tomada de pânico, e mergulhando um dos pés na profundidade das águas gélidas.

Os trovões ribombavam por cima da minha cabeça. Tentei pegar na panela com feijão que deixara de molho junto do círculo da fogueira, mas, ao fazê-lo, toda a ferocidade do temporal se soltou numa chuva torrencial, tocada a vento. A panela escorregou-me da mão trémula e entornou o meu precioso alimento na lama, como seixos insignificantes. Mais um trovão rugiu. Debati-me contra a chuva fria, tropeçando e escorregando na terra enlameada, até finalmente passar por cima de uma grande poça à entrada da cabana e me lançar lá para dentro. As minhas mãos geladas e frementes mal conseguiram segurar a pele de veado e puxá-la sobre a ombreira da porta.

A chuva martelava a cabana. Em todos os cantos, havia fugas a escorrer pela cobertura de lata enferrujada. Apressei-me a reunir toda a água que consegui nas poucas latas vazias que tinha guardado, mas não foi possível fazer nada contra as outras goteiras. O chão de terra escureceu em círculos crescentes de lama castanha por baixo dos meus pés frios e molhados.

A precipitação tornou-se ensurdecidora, como um milhão de moedas arremessadas sobre o telhado de lata e contra a única janela existente. Os relâmpagos reluziram, cintilantes e brancos, através da janela, imediatamente seguidos de uma explosão de trovões tão poderosa que me chocou o coração. Nesse instante preciso, como se alguém tivesse premido um gatilho, desabei sobre os joelhos. O corpo dobrado; os antebraços e o rosto esmagados no chão enlameado. A bola dura que era agora a minha barriga, o meu bebé, lançou-se contra as minhas coxas. Além de um estremecimento violento, não me conseguia mexer. Fora acometida por uma mágoa esmagadora e paralisante, como se a tempestade negra se tivesse infiltrado dentro de mim tão completamente como se apoderara do céu da tarde. Porque acreditara poder sobreviver ali? Porque tinham os meus olhos divisado aquelas serranias distantes durante toda a minha vida? Encharcada e a tremer de frio e de medo, compreendi que o horizonte não é uma casa. Eu não pertencia àquele lugar.

Mesmo antes de perder a consciência, um grito crestou-me, mais alto do que a interminável cacofonia do temporal, anunciando com uma clareza ameaçadora aquilo que já não podia negar: o meu plano nunca havia de resultar.

ONZE

Aquilo de que me lembro com mais intensidade ao acordar, na manhã seguinte, é do coro alegre dos pássaros, que substituíra o temporal assustador. De início, estava atordoada, sem saber bem onde me encontrava, mas conseguia reconhecer o longo trinado das graúnas-de-asa-vermelha, o arrulhar triplo e surdo de uma rola-da-china, a algazarra dos chapins e tentilhões e pardais fora da cabana.

Lembro-me vagamente de que acordara no chão enlameado durante a noite e de que recuperara os sentidos apenas o suficiente para descalçar as botas e as meias molhadas e rastejar do solo para a cama e para o abençoado monte de colchas. Enquanto o canto dos pássaros me despertava, aninhei-me ainda mais no calor das cobertas. Esfreguei a barriga para encorajar qualquer sinal de vida e senti grande alívio quando o meu bebé deu três pontapés suaves.

A pele dos meus braços e testa parecia dura e coberta de crostas de lama seca. As minhas orelhas e cabeça húmida pareciam geladas. Acrescentei um gorro de lã à longa lista mental de provisões de que me esquecera ou que não quisera roubar ao pai ou nas quais toalmente nunca pensara ou que apenas não conseguira carregar: uma pá em condições, um encerado, um balde, papel e lápis, uma arma.

Estava a pensar em todas as coisas de que teria de aprender a prescindir quando ouvi de novo aquela voz, tal como a ouvira na noite anterior, a proclamação sinistra e clara de que o meu plano nunca resultaria.

O meu plano nunca resultaria.

Senti-me tola e assustada, enredada tanto na minha própria idiotice como por uma circunstância cruel. A minha bexiga implorava-me para se aliviar, mas simplesmente não conseguia levantar-me e enfrentar aquilo que me esperava fora do casulo de cobertores. Eu não pertencia ali, ou a lado nenhum, e não tinha a menor ideia do que deveria fazer.

Voltei a pensar naquela manhã, muito tempo antes, em que acordara para o primeiro dia de uma vida sem mãe. Toda a noite sonhara com o carro-patrolha preto-e-branco do xerife Lyle e com o abatimento privado do meu pai, no quintal. Abri os olhos sabendo que a minha mãe, o meu Cal, a minha tia não estavam em casa, não estavam em lado algum, e que nada se podia fazer acerca disso. A luz dourada da manhã a atravessar o meu quarto parecia-me intolerável. Fiz a única coisa que sabia fazer sem ter ainda doze anos. Saltei da cama para dentro do meu armário escuro e fechei-me lá dentro.

Horas mais tarde, o Seth descobriu-me ali, mas deixou-me em paz. Depois, a Cora Mitchell tentou convencer-me a sair, mas eu não me mexia. O pai nunca apareceu. Imaginei que estivesse ao fundo do corredor, dentro do seu próprio guarda-fato, escondido na escuridão das traças, como eu. Nessa tarde, alguém deixou um prato com comida à porta do meu quarto, e o cheiro era demasiado tentador para uma criança esfomeada resistir. Rastejei para fora com hesitação, para colheradas quentes de guisados pouco familiares, que presumi terem sido cozinhados e oferecidos à nossa família por pessoas compassivas da cidade, e comi, primeiro, de maneira delicada, mas, depois, em grandes porções devoradas. Desprezei-me por o fazer, por me alimentar, por continuar, mas não conseguia evitar. Uma força maior do que eu própria empurrava-me para diante, de uma fome primitiva até àquele rastejar inicial e curioso do meu quarto, escada abaixo, para algo que acabou por se tornar regular e para a assunção do papel da minha mãe enquanto cuidadora da família. Não o escolhi propriamente, antes sucumbi à necessidade.

Do mesmo modo, quer o meu plano de pôr em prática a minha gravidez no meio da imensidão da Natureza e de trazer o filho, meu e do Wil, a este mundo resultasse quer não, sabia que tinha de continuar. Tinha de esvaziar a bexiga. Tinha de comer. Tal como entrara numa vida sem mãe, entraria na vida de uma mãe. Escutaria o apelo da necessidade. Levantar-me-ia. Quando afastei a pele de veado e saí em direção ao canto das aves e ao ar fresco da manhã para me agachar perto da cabana, foi como se o temporal nunca tivesse acontecido. O prado abria-se diante de mim, húmido e perfeitamente tranquilo. A primavera começava a manifestar-se em cada nova folha e haste e rebento. O sol nascente iluminava apenas as pontas dos cumes circundantes com um brilho suave como manteiga acabada de bater. Os contrafortes da montanha e o vale encontravam-se à sombra, a aguardar com paciência que a luz alimentasse as suas extensões verdejantes, que lhes secasse a lama e derretesse a neve remanescente. Aspirei profundamente esta calma, retive-a nos balões retesados dos meus pulmões e soltei-a aos poucos.

Com uma rapidez surpreendente, a bola radiante do sol emergiu, pouco a pouco, de trás da cumeeira denticulada de um pico a leste para espalhar uma luz débil pelo vale. Chegou primeiro ao ponto em que me encontrava, banhando-me num calor subtil, refletindo-se nas gotas de chuva suspensas de cada folha e caule que me rodeavam, iluminando minúsculos insetos que esvoaçavam e fazendo cintilar extensões de teias de aranha invisíveis ainda um instante antes. A luz do sol tocou na casca branca do choupo e nos ramos vermelhos e cheios de rebentos do denso labirinto do salgueiro que se alinhava com o riacho. Centímetro a centímetro, a luz insinuou-se no espaço. Em alguns minutos, todo o solo do vale despertou com cada possível matiz de primavera, rendendo-se à madrugada e à celebração dos cantos dos pássaros.

Quando o sol coroou a serra e libertou todo o calor e brilho, inclinei o queixo para cima para o encarar. No nascimento gradual da manhã, reconheci que me fora concedido mais um dia. Talvez na madrugada seguinte me concedessem

outro.

Em oposição ao desespero do temporal da noite anterior, a manhã anunciou-se como uma possibilidade. O meu plano poderia não resultar, mas, no gesto amável do sol a nascer, senti ser também provável que funcionasse. Os pássaros continuaram a palrar, agora mergulhando e precipitando-se e rodopiando à minha volta. Algures, na sua festa, encontrei um sinal de encorajamento.

E, então, continuei, dia após dia, e comecei gradualmente a desconstrair-me, a deixar que o meu receio sucumbisse a um certo nível de confiança. Claro que o conforto não surgiu todo de uma assentada e, muitas vezes, mal o vislumbra, um som ou outra tempestade assustavam-me e entravavam-me. No entanto, cedo percebi que, ainda mais do que espalhar sementes ou escavar a latrina ou definir a minha rotina para o dia a dia, era importante aquietar a mente. A preocupação e o medo não mudariam o resultado da minha situação ou do meu destino. O horizonte poderia não ser uma casa, mas eu descobrira uma maneira de ficar.

Com o tempo, comecei a encarar o suave crepúsculo pela pradaria como sendo mais belo do que assustador. Muitos dos sons e silêncios tornaram-se apenas eles próprios e, por fim, apenas o cenário familiar da rotina diária, mais música do que ameaça. Ao longo desse primeiro mês, cresceu uma frágil camaradagem com a floresta. Eu avançava cada vez mais pelos meus dias de acordo com o ritmo a que todos os seres da Natureza obedecem por instinto e milénios de hábito — vidas reguladas pelo nascer e pelo pôr do sol, pelos ditames do frio e do calor, pela fome e necessidade de sono do corpo, pela vastidão espetacular dos temporais e pelas noites escuras ou luminosas, dependendo do ciclo da lua.

À medida que o solo descongelava, acabei de escavar a latrina. Enchi a mochila de comida que pudesse atrair ursos e prendi-a a um ramo alto de choupo, numa extremidade afastada do acampamento, tal como o Wil fizera. Ao longo do quente lado sul da cabana, plantei as sementes que juntara da horta, no outono anterior. Bebi água do regato que sabia a pedras de rio e derramei-a, muito fria e limpa, sobre o meu corpo nu. Demorei-me a contemplar o mundo, assombrada — o silêncio total de uma raposa a caminhar, a simetria perfeita de uma construção de castor, as borboletas a chegarem como uma onda de confetes coloridos logo que as primeiras florinhas cheias de néctar desabrochavam, o desfile diário de grouscanadianos a migrar, lá em cima, sabendo exatamente para onde se dirigir. Juntei e cortei montes de lenha para a fogueira; teci uma rede de fio larga e mergulhei-a no lago dos castores para apanhar uma ou outra truta-das-fontes jovem; talhei uma cadeira de costas altas num cepo e sentei-me ali durante a maior parte das noites, enrolada numa colcha, a observar o sol a afundar-se e os sons minguantes da floresta, piando de volta à coruja que ouvia todas as noites mas que nunca divisava, admirando as estrelas enquanto estas espreitavam pela tela negra do céu, uma a uma. Nas noites de lua nova, olhava para cima, para a névoa hesitante da Via Láctea, e, nunca tendo aprendido os nomes e as formas da astronomia a sério, inventava as minhas próprias constelações entre as estrelas bruxuleantes: mãos em prece, flor de pessegueiro, cauda de leitão, trombeta.

No meio desta cadência eterna, de harmonia com o esmorecimento do meu medo, eu e o meu bebê crescemos. Por volta do fim de maio, a minha barriga estava redonda e tensa como um melão, todo o meu corpo, carnudo e fértil e surpreendente, com o meu filho a esticar-se e a esmurrar e a virar-se dentro de mim.

Numa noite, quando nuvens baixas abraçavam o vale, enrosquei-nos — a mim e ao meu filho por nascer — no nosso ninho de cobertores e imaginei todos os animais da floresta a fazerem o mesmo, a deitarem-se, aninhados no calor. Pensei que algumas mães da floresta sentiriam os filhos dar pontapés dentro delas, tal como eu sentia, que outras cuidavam e alimentavam e protegiam as crias, tal como eu faria. Pensei em toda a vida a começar, a prosseguir e a terminar à minha volta, desde o maior urso ao mais pequeno inseto, passando pela semente e pelo broto e pela flor. Ali, na floresta, eu não estava sozinha. Tinha a certeza de que era algo que o Wil me tentara explicar durante todo aquele tempo. Pus os braços delicadamente em volta do globo que era a minha barriga, abraçando o meu bebê, mas também algo mais, uma imensidão indescritível da qual fazia parte.

Voltei a pensar nas muitas noites em que tentara adormecer na minha cama, em casa, ao mesmo tempo que o Seth e o Og discutiam, lá em baixo, ou que os amigos do Seth gritavam, bêbedos, uns para os outros, enquanto aceleravam o motor do carro no quintal. Lembrei-me daquilo que tentara esquecer: das poucas vezes em que fui acordada pela maçaneta da porta do meu quarto no escuro — por um dos amigos do Seth ou talvez pelo próprio Seth, a testar a fechadura, sucumbindo a um desejo ousado ou louco ou a uma fraqueza desesperada e sinistra — e depois do som de passos a esmorecer, vencidos, comigo salva.

Quando entrava no sono na minha nova casa na floresta, entretecido numa enorme e misteriosa tecelagem, o único som que ouvi foi o ritmo firme da vasta reunião de corações a bater, o inspirar e o expirar de um milhão de vidas a serem vividas ao lado da minha. Apercebi-me de que nunca tinha tido tão pouco medo na vida.

DOZE

Junho prometia.

O tempo estava quase sempre quente e desanuviado. Os dias eram longos e — esvaziados das tarefas domésticas e da quinta e da necessidade de servir as refeições à mesa — espantosamente espaçosos. As horas que eu passava sentada no prado ou a deambular pelo bosque, mergulhada nas minhas próprias observações e pensamentos, pareciam-me menos estranhas e ociosas e mais importantes a cada dia. Além de uma pequena truta, não tive sorte na recolção de alimentos, mas abundavam as framboeseiras carregadas de frutos maduros numa encosta virada a sul, e folhas minúsculas emergiam na minha horta, garantindo alimento em julho e agosto. Embora ainda não tivesse apanhado um coelho ou uma galinha-brava na minha armadilha improvisada, tinha esperança de que as minhas competências melhorassem com a prática e a necessidade.

Num crepúsculo arroxeadado, sentei-me, imóvel, na extremidade arrelvada de um pequeno prado próximo. A armadilha — uma pequena jaula que construía com ramos e fios — estava instalada num declive, sobre um tronco em forma de ípsilon e um engodo de folhas de trevo. Teimosa ou talvez apenas ingénua, esperei, confiando no meu método. Os morcegos mergulhavam e pairavam sobre mim, apanhando borboletas noturnas no ar. Os ruídos noturnos despertaram grilo após grilo. Uma corça apareceu na orla do prado, caminhando por entre os choupos, sorrateiramente. Levantou o pescoço, surpreendida, piscou os olhos e avançou com delicadeza, sem saber o que pensar de mim. Os seus olhos negros brilharam e voltaram a piscar, e a cauda branca agitava-se para a frente e para trás, indecisa. Imóvel como uma pedra, olhei para ela. Já vira muitos animais desde que chegara — esquilos terrestres e arborícolas e esquilos-norte-americanos; marmotas e coelhos e porcos-espinhos e raposas e um coiote solitário a caçar num campo; manadas de veados e de alces a deslocar-se pelas encostas —, mas esta corça foi o primeiro a parecer interessado em mim, tal como eu estava nela. Estabelecemos contacto visual durante muito tempo.

A cerva afastou-se, graciosa, pelo mesmo caminho por onde tinha vindo e desapareceu de vista. Segundos mais tarde, reapareceu, seguida de uma delicada cria malhada. Sustive a respiração ao olhar para aquela beleza simples, e eles olharam para mim num uníssonos perfeito. A cria aproximou-se mais da mãe com passos silenciosos e prudentes. Atravessaram o prado fluidamente, lado a lado, e

depois desapareceram entre a folhagem. De repente, os arbustos restolharam no ponto em que o veado aparecera pela primeira vez. Preparei-me para um predador em perseguição. Pelo contrário, um segundo veadinho avançou, mais pequeno e ainda mais delicado do que o primeiro. Precipitou-se pela clareira para conseguir acompanhar a mãe e o irmão, tão descarnado e alheado que me fez doer o coração.

Voltei a ver a corça alguns dias depois, ao fim da tarde — com a cria preferida ao lado, a outra, a alguma distância atrás —, enquanto o trio se aproximava cautelosamente do riacho perto da cabana. Depois de me testarem de novo no crepúsculo seguinte, passaram a acorrer ao meu acampamento para irem beber, ao fim do dia. Senti companheirismo na sua confiança e alívio de todas as vezes que o veadinho mais débil aparecia vindo dos arbustos, numa busca determinada da família.

O mês passou, um passo de cada vez: um despertar, um lume, uma panela com aveia, uma caminhada pelos bosques, uma tentativa de reunir comida, um pôr do sol, uma lata de feijão, uma noite. Apanhei ramos caídos da floresta para construir uma vedação assimétrica à volta da minha horta. Verti água do cantil sobre os legumes a despontar e cobri-os com uma colcha todas as noites para os proteger da geada.

Quando me lembro de junho de 1949, vejo o meu eu de dezassete anos sentado, nu, na margem do ribeiro, depois de tomar banho, com o sol a derramar-se como mel quente sobre o meu corpo jovem, a minha barriga como um globo pálido e misterioso, o peito muito cheio e estranho. O meu bebé dava cambalhotas no meu ventre e pontapés no meu coração. Girassóis e tremoceiros-roxos e rosas selvagens cor-de-rosa-claras decoravam as encostas. Espigas magenta erguiam-se dos paus da corrente, cada caule, um minúsculo circo de cabeças de elefante cor-de-rosa, com as caudas a erguer-se para o sol. Apanhei gafanhotos só para observar as suas mandíbulas minúsculas e trituradoras. Conteí uma dúzia de cores diferentes nas borboletas. Uma felicidade delicada empurrava a lama de mágoa com a mesma certeza com que a floresta de verão florescia depois do inverno.

No entanto, quando junho chegou ao fim, as minhas forças começaram a esmorecer. Pior, começaram os desejos. As minhas refeições, nos dois meses anteriores, não tinham decerto sido substanciais, mas tinham sido suficientes. Na verdade, eu fazia o registo da minha alimentação diária — lia como um veredicto as latas cada vez mais escassas no canto da cabana e o peso decrescente da minha reserva sempre que a descia da árvore — e tentava comer o menos possível para conservar as provisões. Quando julho chegou, quente e seco, a carne seca e os pêssegos e ovos de conserva já tinham desaparecido há muito, e os produtos de lata estavam quase esgotados, mas os legumes e as ervilhas estavam a amadurecer na minha pequena horta, com beterraba e couve pronta a despontar e, um dia, batatas e cenouras. Pequenas trutas-das-fontes e trutas-arco-íris gordas nadavam no lago dos castores. As framboesas amadureciam devagar. Não estava preocupada.

O desejo de comida impossível começou subtilmente. Uma noite, enquanto estava sentada no meu cepo oco, à espera da família de veados e a coser quadrados

de algodão para fazer as vezes de fraldas, e o sol deslizava por trás de nuvens riscadas de cor-de-rosa e cinzento, pensei no pernil da minha mãe, nos dias de festa. O pai matava um porco de tantos em tantos meses, por isso, comíamos muita carne de porco ao longo do ano, mas o pernil da mãe para os dias de festa era especial, braseado em açúcar amarelo e assado por inteiro com os líquidos cheios de gordura espessos e doces como melaço. De um estranho modo, era por esse molho que mais ansiava, ou mesmo por um pedaço de gordura viscosa da rabadilha. Imaginava cortar a peça densa e branca e introduzi-la, pedaço a pedaço, entre os lábios. Quando recuperava consciência, ficava chocada com aquele disparate. Havia anos que um pernil semelhante não era servido à nossa mesa, e nunca apreciara a parte da gordura.

No dia seguinte, desejava frango frito, e, mais tarde, nessa mesma semana, não conseguia parar de pensar em molho, escuro e espesso, a barrar um prato cheio de bolachas ou comida simples, à colher. Comi as primeiras vagens de ervilha minúsculas do jardim, mas, depois de tantos cuidados e expectativas, não me satisfizeram. Apanhei framboesas amargas e verdes e desejei mergulhá-las em natas. Guisado de alce, jarretes de porco, fatias grossas de *bacon*, bolos a escorrer manteiga, batatas cortadas cobertas de queijo — cada vez mais, só conseguia pensar em comida. Dia e noite, sonhava com ela com uma ânsia tão poderosa que dava comigo a salivar e, mais de uma vez, a desatar a chorar quando a fantasia se cristalizava de volta a uma realidade esfaimada. A minha fome não era diferente das minhas saudades do Wil quando chegara àquele lugar. Sabia que tinha de controlar os meus pensamentos. Contudo, desta vez, simplesmente não conseguia fazê-lo.

Não tinha tido sorte nenhuma a apanhar trutas, mas, de repente, sentia-me desesperada por fisgar uma. Durante quatro dias a fio, deixei a minha rede improvisada no lago dos castores, debatendo-me contra a vontade de me ajoelhar, arrancando apenas juncos molhados da água. Era acometida pelo pânico sempre que a puxava vazia. Por fim, um lampejo de escamas iridescentes reluziu no charco iluminado pelo sol, e mergulhei a minha rede. Aquilo que retirei não era grande coisa — nem chegava a vinte centímetros —, mas fui a correr com o meu peixe de volta ao acampamento, arranjei-o com avidez e enfiei-o num pau, assando-o depois rapidamente sobre o que restava da fogueira da manhã. Devorei-o em segundos, com espinhas e tudo. Estas ficaram-me presas na garganta, e tossi e gargarejei para as soltar. Ainda assim, estava desesperada por mais, até pelas espinhas, sobretudo as espinhas. Olhando para trás, sei que estava esfomeada.

Além dos desejos, o cansaço e as dores e as contrações súbitas na barriga perturbavam-me, tornando tarefas diárias, como ir buscar água e reunir lenha, cada vez mais difíceis. Mal me conseguia dobrar para apanhar gravetos e acender o lume sem precisar de me sentar e de descansar. Quando as primeiras framboesas que aguardava há muito amadureceram em belas joias doces, arrastei-me colina acima para as apanhar e devorar a todas, mas as minhas pernas mal me suportavam quando voltei a descer a encosta até me enfiar na cama, e nunca mais voltei a ter

força para trepar até às bagas.

A minha barriga ficou tão grande que cada grama do resto do meu corpo pareceu relegado a suportá-la. Os meus membros tinham murchado. Os pés doíam-me. Estar deitada na cama massacrava-me as costas. Estar sentada era uma agonia para bexiga e intestinos. Estar em pé forçava-me as ancas, e caminhar fazia-me sentir como se se pudessem desconjuntar completamente.

Numa noite sem lua — no fim de julho ou princípio de agosto, acho, pois tinha deixado de fazer o registo dos dias com marcas na parede da cabana, além de todas as outras não-necessidades —, andava eu às voltas na cama à procura de uma posição confortável, tentando expulsar os desejos e desconfortos da mente, quando, por fim, horas depois, me levantei, frustrada, sem saber aonde ir ou o que fazer para conseguir alívio. Acendi uma vela, vesti a camisola grande que roubara ao Og e saí da cabana, para a noite fresca e negra. Milhões de estrelas tremeluziam por cima de mim, mas mal olhei para elas, tão desesperada estava por descobrir algo que me aliviasse. A horta atraíu-me. Ajoelhei-me e arranquei a primeira beterraba. Não era maior do que uma uva, mas comi-a, incluindo os resíduos de terra e grande parte do caule. Arranquei outra, e outra, sabendo que estava a destruir a colheita, comendo-a antes de ela ter verdadeiro valor, mas não conseguia parar. A terra rangia entre os meus dentes numa trituração simultaneamente insuportável e de certa forma agradável, e em breve, sem explicação, estava a apanhar mãos-cheias dela e a enfiá-la na boca. O ato era ao mesmo tempo tão estranho e acertado que comecei a chorar, assaltada pela confusão. As lágrimas salgavam a terra enquanto eu lambia as palmas das mãos imundas. O bebé pontapeava com ferocidade, como que a pedir mais.

Quando me levantei para regressar ao calor da cabana, sentindo-me envergonhada e desorientada pelas minhas ações, o meu ventre retesou-se. A contração começou, pequena e familiar, depois intensificou-se, alargando e reforçando o seu domínio até toda a minha barriga estar alta e rígida e eu pensar que poderia perder os sentidos. Debatí-me para transpor a soleira até à cama. A dor e a tensão acabaram por abrandar. Mesmo na minha ignorância acerca dos partos, percebi que se tratara da primeira contração. Estava aterrada. Quando o sono acabou por chegar, sonhei em procurar algo que não conseguia encontrar. Acordei com a roupa interior e a da cama encharcadas, com o líquido a colar-me as coxas.

Dizem que há uma amnésia abençoada a acompanhar os partos, e talvez seja verdade, porque não me consigo lembrar de muitos pormenores da chegada do meu filho. Porém, lembro-me disto: sabia que estava demasiado fraca para fazer o que tinha de ser feito, mas percebi que, ainda assim, tinha de o fazer. As contrações intensificaram-se durante dias, e fiquei mais rude e mais selvagem a cada uma delas. Era a inevitabilidade do nascimento que mais me deixava em pânico, como se tivesse montado um cavalo selvagem e não tivesse outro remédio senão permanecer em cima dele até ser derrubada. Qualquer pensamento acerca de comida desapareceu. O meio envolvente desapareceu. Eu não passava de corpo e

abertura e ardor. Quando a dor se tornou insuportável, uivei e bufei e caí de joelhos no meio do acampamento, balançando de cócoras como um animal miserável. Na altura em que tive a certeza de que as minhas ancas se iam desmontar e arremessar pelo espaço em direções contrárias, conseguira de alguma maneira rastejar para dentro da cabana. Não me lembro de me ter despido, mas em breve estava agachada, nua, no chão de terra, agarrada à ponta da cama.

Lembro-me de levar a mão trémula ao entrepernas e de tocar, não neste, mas na coroa dura de um crânio minúsculo. Não me lembro de puxar as colchas cor-de-rosa da cama para o chão por baixo de mim; não me lembro da série de impulsos que levaram o bebé a deslizar para fora do meu corpo; lembro-me vagamente de cair de joelhos e de o erguer, escorregadio como uma enguia, até ao peito, com os nossos corpos ainda ligados pelo cordão roxo e pulsátil. Tudo aquilo de que me lembro com clareza da entrada do meu filho neste mundo é de que ele não se movia.

Era minúsculo e indefeso como uma boneca, com o seu movimento a vir apenas das minhas mãos trémulas. A minha mente esforçou-se por conciliar o impossível com o real. A força vital poderosa que pontapeava de forma tão insistente para se libertar desaparecera. Sabia que era preciso fazer algo para o salvar, mas eu era apenas uma rapariga ignorante, sozinha na vastidão da Natureza, sem qualquer noção do que estava a fazer. *Claro que o bebé iria morrer*, pensei em delírio e angústia, e, mirrada e exausta, com o sangue a escorrer-me pelas pernas abaixo, segui-lo-ia de certeza. Só conseguia pensar em gritar.

— Vive! — urrei, talvez tanto para mim como para o bebé enquanto ele permanecia no meu colo, completamente azul e inerte. — Vive! — solucei, repetidas vezes, como se meras palavras pudessem ressuscitar os mortos.

Mas depois, juro, o Wil apareceu ao meu lado. Ergueu o nosso bebé na dobra do meu braço. Puxou a minha mão livre para dentro da sua e, juntos, começámos a esfregar o peito do nosso bebé, tal como ele fizera com o cachorrinho sem vida da Ruby-Alice.

Primeiro, de uma maneira delicada, depois, com vigor e intenção, o Wil esfregou a minha mão aberta no coração do nosso bebé, virou-o e esfregou-lhe as costas cobertas de penugem, voltou a virá-lo, friccionando-o, chamando-o à vida. O Wil soprou para os seus minúsculos lábios azuis. Ainda assim, o nosso bebé não se manifestou.

O Wil não desistiu. Através das palmas das minhas mãos, esfregou o peito do bebé descrevendo círculos rápidos, por cima das faixas finas das costelas, da pele roxa e suave como algodão. De súbito, como um interruptor que se liga de forma abrupta e misteriosa, o bebé arquejou. Era um som áspero, profundo, obstruído e surpreendente. Virei-o de barriga para baixo, dei-lhe umas pancadinhas nas costas, tentando limpar-lhe os pulmões, e, quando isso não resultou, voltei a virá-lo para que ficasse de frente para mim e enfiei os dedos no muco que lhe obstruía a boca minúscula e sem dentes. Ele gorgolejou mais uma inspiração, débil e insegura. Encostei a sua boca à minha e aspirei profundamente, cuspi o muco, voltei a

pousar a minha boca na dele e inspirei, puxando a vida, tal como o sol persuade os rebentos a saírem do solo.

O primeiro choro do meu bebé foi a coisa mais bela que ouvi na vida. Virei o meu sorriso espantado para o Wil, surpreendida por não o ver ao meu lado. Ele estivera ali, segundos antes apenas, a ajudar-me a salvar o nosso filho. No entanto, a única presença do Wil residia no próprio bebé, a ficar cor-de-rosa, num pranto. Embalei-o contra o meu peito com uma mão e puxei outro cobertor da cama com a outra. Limpei-o e envolvi-o, arrulhando de forma vacilante, para lhe acalmar o choro. Sabia que tinha de arranjar maneira de cortar o cordão, mas só consegui agarrar-me a ele e balançar para a frente e para trás, chorando de alegria e incredulidade e gratidão. O meu bebé estava vivo. Talvez eu não fosse uma rapariga ignorante, como pensara, pois criara esta nova vida e abrira caminho para ela.

Quando ele descerrou tranquilamente os olhinhos inchados e me fitou com curiosidade pela primeira vez, senti um assombro único. Durante todos aqueles meses, achara que aquele ser dentro do meu corpo era um estranho, uma mera criatura de mistério ou, talvez, um castigo merecido. Nunca imaginara que fosse alguém que eu reconhecesse de um lugar profundo e indomável dentro do meu ser, *este bebé com aqueles* olhos escuros, estranhamente familiares.

Ele franziu as sobrancelhas minúsculas, e ficámos muito tempo a olhar um para o outro como duas almas religadas depois de terem estado a um universo de distância.

TREZE

Na primeira vez em que o meu bebê mamou, depois do drama e da euforia do nascimento, o meu leite era espesso e amarelo como manteiga. O mamilo doía-me, dando sinal ao ventre de que deveria expulsar a placenta. Encontrei a minha faca e cortei o cordão umbilical do bebê; este esguichou sangue até eu o prender com um pedaço de linha amarela do meu saco de costura, esperando pelo melhor. Ignorando toda a confusão em que se encontrava o chão da cabana, meti-me na cama e aninhei-nos por baixo das duas colchas limpas que restavam. Estava preocupada com a possibilidade de os líquidos de odor intenso do parto atraírem animais, mas não conseguia reunir forças para me levantar e os limpar. Maravilhei-me com a perfeição do meu bebê enquanto ele mamava: lábios, nariz e testa imaculados; a curva requintada de cada orelha; os olhos escuros e contemplativos, tão parecidos com os do pai. O seu apelido seria Moon, calculei, e segredei-lhe nomes alternativos como Moon Face e Moon Pie, e o único que colou, da canção «Blue Moon» e da vastidão do Big Blue — o meu Baby Blue. Sentia-me exausta depois deste parto, mas avassaladoramente grata — por ele respirar, pelo meu leite, por estar do outro lado desta chegada assustadora, por ter um pedaço do Wilson Moon nos meus braços. No casulo sagrado deste novo nascimento, dormimos durante dias. Algures no meio desse torpor, o meu peito inchou e ardeu, e senti que se passava algo profundamente errado, mas o leite continuava a correr, agora branco e cremoso.

No entanto, o que restava das minhas forças minguou, e, com elas, o único alimento para o bebê. Não conseguia arranjar energia para pescar. Ainda que tivesse conseguido subir a encosta, até onde cresciam as framboesas, agora havia demasiados ursos a frequentar esse troço. As reservas tinham desaparecido todas, dispunha apenas da pequena colheita diária do meu jardim ainda a amadurecer, legumes e ervilhas, principalmente — fora muito tola em plantar tubérculos de crescimento lento e couve —, e cenouras finas, batatas pequenas como pedras e algumas beterrabas restantes, não maiores do que o punho do Baby Blue. Estava tão desesperada que, quando por fim enrolei os despojos do parto na colcha de cima e a arrastei para tão longe do acampamento quanto as minhas escassas forças permitiam, considerei por momentos comer a placenta, como sabia que alguns animais faziam. Sorver o meu próprio leite da palma da mão em concha foi algo que também me ocorreu, mas declinei as duas possibilidades como representando

a minha queda definitiva na indecência. A horta teria de servir. Mas não era suficiente, e eu sabia-o.

Quando o Baby Blue não tinha mais de duas semanas — desperto para a vida de maneira extraordinária, apesar de o meu leite e de a minha mente começarem a falhar —, acordei para uma manhã tão escura e fria que poderiam ser os últimos limites do crepúsculo de dezembro. Algo me pareceu profundamente estranho logo que abri os olhos.

Pousei o bebé adormecido ao meu lado, ajeitando as colchas que partilhávamos em volta do cobertor de malha no qual ele estava enfaixado. A tremer, vesti a minha camisola grande e espreitei pela pequena janela. Neve. Pelo menos, quarenta centímetros tinham caído durante a noite. Apesar de estarmos, supunha eu, no fim de agosto. Qualquer tempo é possível de acordo com os caprichos da alta montanha. Talvez as pessoas lá em baixo, em Iola, se tenham regozijado por aquilo que poderiam ter sido as primeiras chuvadas desde a primavera sobre a terra ávida. Eu, pelo contrário, nem sequer tive de sair da cabana para perceber que a neve inesperada e o ar gélido tinham selado o meu destino. A minha horta ficaria arruinada.

A única dificuldade na decisão de procurar ajuda era esperar que a tempestade passasse. Quando decidi desistir, quis acabar logo com aquilo. Durante dois dias agonizantes, os céus não desanuviaram e a temperatura não subiu. Deixei o bebé enfiado por baixo da minha camisola, pele nua contra pele nua. Basicamente, entregámo-nos ao sono e à mama. Quando o calor ou o leite não foram suficientes, chorámos ambos. Eu emergia à terceira manhã, para o sol de verão e para a terra, bebendo com sofreguidão da neve a derreter. À tarde, havia poucos sinais do que se passara, com exceção de alguns troços enlameados nas sombras e do limo verde e mole que fora a minha horta. Nada sobrevivera. As minúsculas beterrabas e cenouras e batatas ainda eram comestíveis, mas as suas partes a germinar, e, logo, a promessa que ofereciam, estavam condenadas. Escavei por entre os despojos para colher e comer o que podia e depois coloquei uma fralda quadrada limpa no meu bebé descarnado, envolvi-o com firmeza no cobertor de malha, apertei-o contra o peito e comecei a caminhar numa direção que pensei ser mais provável conter outro ser humano.

Meses antes, quando ali chegara, imaginara que, chegado o momento de partir, desmontaria cuidadosamente o acampamento. Colheria os produtos da horta, desfaria o círculo da fogueira e a estrutura feita de paus que sustinha a panela, recolheria as cordas, limparia a cabana, derrubaria o tronco oco que usara como cadeira. Apagaria o meu verão de vergonha, e ninguém havia de saber. Mas agora, enquanto me afastava, demasiado fraca até para fazer a cama ou guardar garfo e colher na mochila e pô-la às costas, perguntei-me duas coisas: quem se iria preocupar o suficiente comigo para ir revistar aquele lugar? E o que planeava eu fazer com a prova mais incriminatória e duradoura de todas, o meu próprio bebé? De que servia um esconderijo quando me dirigia para Iola com um bebé recém-nascido nos braços? Abanei a cabeça e comecei a andar, uma vida inteira mais

velha do que a rapariguinha tola que ali chegara em abril.

Foi a caminhada mais longa da minha vida. Não sei avaliar se percorri um quilómetro ou dez. Sei apenas que tinha de manter o bebé quase sem peso agarrado ao peito e pôr um pé diante do outro. O delírio pregava-me partidas, fazendo a viagem parecer transcendental. Caminhei com urgência e propósito, mas não sabia para onde, e a floresta circundante parecia adversa, como não parecera antes — o sol do fim de verão como uma chicotada diabólica, as aves canoras como uma banda marcial incessante, o terreno irregular e intimidante como um campo cheio de caveiras. Até os caules altos dos epilóbios magenta faziam troça de mim com a sua capacidade elegante de suportar a tempestade de neve que destruíra as minhas esperanças. Quando o bebé chorava baixinho, eu parava de andar e punha-o no peito, sabendo que só conseguiria oferecer algumas gotas decepcionantes de leite fraco, satisfazendo-o por minutos apenas antes de ele se lamuriar por mais. Tal como a paisagem ressequida antes da neve, o meu corpo estava árido. Eu não tinha mais nada para oferecer.

Quando entrei numa clareira, no meu trajeto solene, eu e a mãe corça assustámo-nos uma à outra. Não a via há semanas. A menos de cinco metros, os nossos olhares cruzaram-se. Agora, éramos ambas mães, mas por onde andavam as crias? Os arbustos restolharam, e a sua cria preferida apareceu, alta e elegante. O veadinho fitou-me com uma cautela extrema enquanto avançava para junto da mãe. Avançaram os dois graciosamente. O segundo veadinho não os acompanhava. Sentei-me numa pedra e esperei. Ao perceber que o veado mais débil não iria aparecer, abracei o Baby Blue com pesar e mais força e recomecei a caminhar em passo hesitante.

CATORZE

De início, não tive a certeza se o longo automóvel preto era uma miragem. Deambulava durante não sei quanto tempo, procurando que os pináculos de pedra guiassem o meu caminho, mas deparando apenas com quilómetros de terreno pouco familiar. Havia horas que choupos e salgueiros tinham cedido lugar a salva e zimbro e pedra, e, depois, aquilo: um carro de cidade preto, estacionado na berma de uma estrada junto de uma mata de pinheiros-ponderosa. Era mais do que a minha mente desorientada conseguia compreender.

Escondi-me atrás de uma árvore e tentei interpretar a cena. Pessoas num piquenique. Um homem e uma mulher, uma manta vermelha aberta no solo, com a sua refeição: um pão dourado e um queijo redondo, camadas de presunto cor-de-rosa como aquele que o senhor Chapman cortava em fatias muito finas, atrás do balcão, e — seria possível? — dois pêsegos rosados maravilhosos, grandes como bolas de baseball, em cima de um saco de papel castanho. Doe-me o estômago ao vê-los.

Mas ainda mais extraordinário do que a comida preciosa era um bebé, envolvido em flanela azul-clara e embalado nos braços da mulher. Era maior, mas talvez mais novo do que o Baby Blue. Contorcia-se e esperneava e berrava como um bebé deveria fazer. O homem estava ao lado deles, a fumar um cigarro e a amaldiçoar dois gaios-de-steller pretos e azuis a guinchar, empoleirados no cimo de um ramo de pinheiro-ponderosa. A mulher abriu a camisa e expôs desajeitadamente um seio branco e redondo, tão cheio e suculento quanto os meus estavam secos e murchos. O bebé empurrou-o, mas a mãe insistiu. Quando a criança se acalmou e começou a mamar, soube o que tinha de fazer.

Há uma espécie de tristeza que transcende a tristeza, que escorre como xarope quente para cada fenda do nosso ser, a começar pelo coração, infiltrando-se depois nas nossas células e corrente sanguínea, de tal maneira que nada — nem a terra, nem o céu, nem mesmo a palma da nossa mão — volta a parecer o mesmo. É o tipo de tristeza que muda tudo.

Achava que já conhecera esta mágoa mais profunda. Com efeito, perder a minha mãe, a minha querida tia Viv, o meu Cal fizera um buraco naquilo que fora a tapeçaria bem urdida da minha infância normal, mas a Bíblia da minha mãe e as necessidades da vida diária ensinaram-me que era um rasgão que devia ser remendado. A minha jovem mente aturdida aceitara a resposta de pragmatismo e

avanzara em consonância com ela. Engolira a minha dor como um pedaço duro de cinza, e fora ali, dentro de mim, que ela ficara. E, quando estava na loja do Chapman's e ouvira a notícia do destino trágico do Wil, não voltara para casa para ir buscar uma faca de cozinha e arremessá-la contra o Seth, num ato selvagem de vingança. Pelo contrário, continuara obedientemente a cozinhar e a lavar a louça e a tratar do *Abel* e a limpar o galinheiro em silêncio, com lágrimas secretas. Avanzara. Correrá para a floresta, fizera preparativos, dera à luz, permanecera viva. A mágoa tentara, mas não conseguira reclamar-me para si.

No entanto, esgueirar-me para aquele carro preto comprido, deitar o meu bebé no banco traseiro de pele quente e deixá-lo para trás soltou uma vaga de dor que invadiu todas as minhas células. Não me apercebi disto logo, tão atordoada estava de fome, tão habituada a aguentar, a fazer o que tinha de ser feito. Quando fechei a porta do carro com um estalido seco e me afastei dele, fi-lo quase como se tivesse deposto uma simples pedra. Ou então, se não uma pedra, um cachorrinho ou um animal recém-nascido, algo de que tinha de tomar conta para depois passar a outrem, praticamente uma mudança de mãos, como a venda de um leitão da pocilga ou de uma arvorezinha do pomar. Não o aconcheguei uma última vez no espaço do meu pescoço ou afflorei a sua cabeça macia com a minha face, em sinal de despedida. Não aspirei o seu aroma e o guardei na memória quando o deitei no banco ou olhei uma última vez para os seus membros perfeitos através da janela aberta do carro. Os miúdos das quintas aprendem cedo a não se agarrar aos bebés cujos destinos estão para lá de nós. Estive o tempo todo a pensar em olhar para trás, em ficar a vigiar de um sítio escondido até que um dos comensais reparasse no meu filho — ter a certeza de que ele fora descoberto, vê-lo ser pegado ao colo e abraçado —, mas, em vez disso, corri. Fraca como estava, virei costas ao carro e afastei-me da clareira sem sequer virar a cabeça para ali.

Trepei por cima de rochas e ramos e montes, contornei artemísia e pedregulhos, explodindo inexplicavelmente da minha exaustão ao galopar sobre sulcos e encostas íngremes, tropeçando e caindo, esforçando-me por me manter em pé e continuar. O que fizera eu? Estava frenética, desorientada, sem qualquer ideia da direção em que avançava. Caso houvesse olhos na floresta a testemunhar a minha debandada, acreditariam decerto que algo sinistro e esfomeado me perseguia. Ninguém poderia ter adivinhado que o meu único predador era o meu próprio ato imaginável.

Por fim, desabei no solo da floresta. Fiquei deitada de costas, sem conseguir respirar. Lembro-me apenas do seguinte: por cima de mim, o céu era de um azul violento, sem nuvens, e, nele, aos círculos, encontrava-se um falcão-de-cauda-vermelha. Fixei-me no seu voo gracioso como se fosse a única coisa que restasse no mundo em que fosse possível acreditar. A ave não parecia estar a caçar, mas a apreciar o voo numa brisa privada. Pairava às voltas, sem esforço, sem sequer bater as asas. Os meus olhos moviam-se à volta dela. Trémula e sem filho, jazia eu, abaixo do seu deleite, esmagada pela solidão. A afinidade que sentira com o mundo inteiro quando estava grávida desaparecera. Perguntava-me qual a

possibilidade de, no dia em que eu e o Wil nos tínhamos deitado — talvez até no instante preciso em que as minhas costas se tinham arqueado de êxtase amoroso —, aquele falcão ter regressado ao ninho para descobrir que este fora roubado, que os bebés haviam desaparecido. Teria sido possível eu estar perdida na minha exaltação no momento em que a fatalidade atingia este falcão, do mesmo modo que ele agora se mostrava indiferente perante a minha?

Pela primeira vez, perguntei-me exatamente o que estaria a fazer no instante em que o automóvel com a minha família falhara a curva. Estaria a brincar no pomar? Aquando da primeira reviravolta do carro, no instante em que, um por um, todos os que eu amava eram projetados pelas janelas abertas, com as cabeças a racharem-se contra pedras, estaria eu a morder um pêssego doce? E onde estaria quando o carro do Seth guinou para diante, no primeiro sacão catastrófico das mãos amarradas do Wil? Poderia eu ser tola a ponto de estar a retirar do forno um pão de dourada perfeição enquanto o meu Wil sofria o primeiro dilacerar de pele contra gravilha ou respirava pela última vez?

Quão absurdo era desejar que o falcão partilhasse o meu sofrimento, ali em baixo. Como tudo o que tinha que ver com o meu Baby Blue, suportaria a agonia da sua perda sozinha. A sua existência — as pregas impossivelmente macias do seu pescoço, a respiração delicada, as mãos minúsculas, fechadas — era apenas do meu conhecimento e dizia respeito só a mim.

No entanto, nesse momento, pensei nela — a mulher da blusa branca, a outra mãe.

Tive apenas vislumbres dela quando me esgueirava para junto do carro, de detrás de arbustos e árvores, mas lembro-me do seu cabelo ondulado, cor de avelã, curto e elegantemente puxado para o lado, e de como o prendia atrás da orelha quando olhava para baixo, para o bebé a contorcer-se. Era bonita, com maçãs do rosto redondas e um nariz delicado, mas também era pálida e inexpressiva, talvez cansada da viagem, fazendo saltar de maneira solene o bebé e dando-lhe palmadinhas no rabo, instigando-o a acalmar-se e a agarrar o peito para mamar. De vez em quando, levantava os olhos para o marido, que se mantinha com as largas costas viradas para ela, a praguejar contra os gaios azuis e olhando depois para o bosque, com o fumo do cigarro a formar uma cauda de gato sinuosa por cima da sua cabeça escura.

Imaginei o que se seguiu com tanta clareza como se tivesse testemunhado a cena: os gaios a pararem finalmente de guinchar; depois, a mulher a inclinar a cabeça para os primeiros choros suaves vindos do carro. Primeiro, imaginei, teria confundido o apelo com o canto das aves, mas, depois, o seu instinto de mãe dissera-lhe que se tratava de algo diferente. Imaginei-a a abotoar a blusa e a entregar o seu bebé ao marido, a dirigir-se para o carro, primeiro com cautela, depois com urgência, com um passo seguro e rápido. Vi-a espreitar pela janela e suster a respiração antes de abrir a porta de rompante e de olhar para baixo, incrédula. Tive então a certeza: a mulher puxara, apressada e instintivamente, o meu bebé esfomeado para o peito e dera-lhe o seu leite doce e nutritivo, o

alimento salvador que eu não conseguira fornecer.

E, enquanto ela o segurava contra o peito, imaginei, esperei, talvez tenha pensado em mim. Cravaria um olhar inquisitivo e compassivo para a floresta, sabendo que, algures por ali, uma jovem mãe, tão parecida com ela, depusera o seu bebé e se afastara, desnordeada. Refletiria sobre aquele ato e perguntar-se-ia que circunstâncias extremas poderiam levar uma mulher a tomar uma decisão tão impossível e estúpida.

Fiquei deitada no solo da floresta, ainda hipnotizada pelos círculos constantes do falcão, e comprimi a mão direita — a última parte de mim que tocara no meu filho — com firmeza contra o rosto. Imaginei a marca da sua cabecinha minúscula gravada nas linhas e dobras da minha mão e acariciei a face repetidamente, na esperança de que, de alguma forma, ele pudesse sentir o meu toque.

Devo ter adormecido, porque aquilo de que me lembro a seguir é de acordar no solo duro onde tinha caído, com as pedras a enterrarem-se-me nas costas, a cabeça a latejar. Fiquei ali, imóvel, a olhar para nada mais do que o crepúsculo indistinto e para uma nuvem cinzenta em forma de rosa. Revi o dia na minha mente. Quando partira em busca de ajuda, não tivera qualquer intenção de abdicar do meu filho. No entanto, quando vi aquelas pessoas no piquenique — o seu elegante carro preto, o peito cheio, a família —, as vidas possíveis do meu bebé passaram de súbito diante dos meus olhos. Numa versão, ele permaneceria meu, mas eu continuaria a enfraquecer e morreria quase de certeza. Se ele conseguisse viver, se ambos conseguíssemos, onde iria ele encontrar abrigo? Noutra versão, ele ficaria longe de mim para sempre para se tornar filho de outra mulher, mas seria alimentado, cresceria gordo, teria um futuro, um pai, um lar. Tal como a corça cujo instinto de favorecer a cria mais forte estava certamente contra o seu desejo de alimentar o mais débil, uma voz de um recesso mais profundo do que a lógica ou o amor ou mesmo a esperança disse-me que eu tinha de tomar uma decisão semelhante. Eu caminhara sem consciência, como num sonho, como se uma força além do mecanismo normal do cérebro tivesse movido os meus pés pelas ervas secas e altas e pela salva, por cima do solo pedregoso, em direção ao carro, a avançar sem estar completamente consciente daquilo que estava a fazer até o executar. Num instante, apertava o seu corpinho minúsculo contra o meu peito. No seguinte, estava a abrir a porta de trás do carro, a deitá-lo em cima do banco de pele, fechando a porta com um clique surdo, e a afastar-me.

A escuridão caiu com rapidez, negra e sem lua. Pus-me de pé e cambaleei até um amontoado de pinheiros para me deitar por baixo deles, na ilusão de que me protegeriam, apesar do frio da noite. Fui entrando no sono e saindo dele, atormentada por sonhos de que o meu bebé estava a chorar por mim e de que eu o procurava incessantemente, mas não o conseguia encontrar. Mal a mais frágil faixa amarela de madrugada apareceu no horizonte, a leste, levantei-me, a tremer e rígida, e comecei a andar, tentando refazer os meus passos do dia anterior. Quando a alvorada despontou por completo, tinha conseguido encontrar a clareira e

encontrava-me no ponto exato em que pousara o meu bebé. O carro e o casal haviam desaparecido. Não restavam nem uma pegada nem um rasto de pneu, como se tivessem sido fantasmas a roubar-me o filho depois de me terem enfeitado cruelmente o espírito. Meio aturdida, andei às voltas, observando a cena em círculos e círculos, como se mais um olhar pudesse revelar alguma prova do seu destino. Fui acometida de um pânico terrível de que todo aquele episódio tivesse sido um delírio, de o ter deixado sabe-se lá onde.

De súbito, os meus olhos toparam com um pêssago, colocado em cima de uma rocha alta, como uma joia laranja na madrugada a clarear. Havia dois pêssagos na manta de piquenique. Agora, ela tinha o meu filho; eu, o pêssago dela. Deixara-o para mim, adivinhando, talvez, pelo peso-pluma do Baby Blue, que a mãe estava a passar fome, mas, mais importante, também poderia ter percebido que eu regressaria àquele lugar, em busca de confirmação de que a troca fora real.

Aproximei-me do pêssago com cuidado, sem confiar na minha mente. Quando estendi a mão e senti que o fruto era real e estava tão bem maduro que sentia a palma do meu pai a retirá-lo do seu ramo num movimento circular e o toque terno da Cora ao colocá-lo num saco, percebi que as nossas vidas — a minha e a da família daquele carro preto reluzente — já se tinham intersetado antes de eu ter deparado com eles. Tinham ido à nossa banca na berma da estrada. Talvez tivessem perguntado onde haveria um sítio agradável para um piquenique, um lugar onde se pudesse sair da estrada nacional por algum tempo, e tinham seguido as indicações da Cora. Enquanto a Cora apontava com os seus grandes braços, explicando onde virar à esquerda e à direita para alcançar aquele lugar, talvez eu tivesse começado a minha deambulação aturdida em direção à mesma clareira que ela descrevera. Eu nunca tivera a crença invencível da minha mãe nos desígnios divinos, mas, naquele momento, concluí que ela talvez estivesse certa acerca da vontade de Deus. O meu bebé precisava de seios cheios de leite, de uma mãe que pudesse tomar conta dele como devia ser, de um pai deste mundo, e estes tinham aparecido. Eu precisava de comida e de uma confirmação de que o meu filho fora encontrado, e ali estava eu, com um fruto milagroso na mão.

A primeira dentada foi tão extraordinária que se tornou pungente. Deixei que a doçura explodisse na minha boca seca e solitária, depois saboreei lentamente as várias dentadas seguintes, como se se tratasse de uma salvação. Contra a minha vontade, comecei a devorar o fruto em tragos imensos, ávidos, com o sumo a escorrer-me pelos pulsos, para dentro das mangas andrajosas da camisola. Depois de ter chupado cada pedaço de polpa do caroço, lambi as minhas mãos imundas e os pulsos, em busca do último sabor do sumo.

Desesperada por mais, saí da clareira onde o carro preto estivera estacionado. Isto levou-me a uma estrada de terra que serpenteava pela floresta durante cerca de setecentos metros antes de se intersetar com outra mais larga, feita de gravilha amarela e baça. Se estivesse completamente consciente, já teria reconhecido onde me encontrava por essa altura, mas cada esforço residia em fazer apenas avançar o meu corpo, passo após passo, em exaustão. Escolhi a encosta a descer da estrada

menos por lógica direcional do que para evitar uma subida. Mas era o caminho certo de regresso a casa, como descobri quando a estrada de gravilha interminável começou a percorrer o Big Blue Creek e, por fim, se fundiu com a Estrada Nacional 50. Sem sequer ver se vinha algum carro, corri estupidamente por cima do asfalto negro e quente para me agarrar ao raile do outro lado. Por baixo de mim corria o rio Gunnison, lento e raso; os rails alongavam-se, acompanhando-o. Para leste, ficava Iola, a cidade e a vida que eu não me permitira perder até esse instante.

Devo ter parecido selvagem ao condutor a quem fiz sinal. Não estava preocupada com isso, mas, com o meu cabelo emaranhado e a figura emaciada vestida com roupa imunda, é de espantar que tenha parado de todo por minha causa. Não era um homem dali, mas tinha um rosto bondoso e concordou em levar-me até à cidade. *Aftershave* suave e aroma a hortelã, cigarro, graxa para sapatos, gasolina, couro — o meu olfato estava tão apurado e pouco habituado aos odores comuns da civilização que o interior do carro quase me esmagou. As brincadeiras do homem foram as primeiras palavras que alguém me disse desde que eu saíra de casa, em abril. Pareceram-me dignas de um barítono e animadas e sinceras. Felizmente, não era muito dado a conversas. Encostei a cabeça contra o vidro quente, fechei os olhos e deixei que a vibração do motor me embalasse para adormecer, até que senti o automóvel abrandar e sair da estrada nacional, atravessar a ponte e virar de novo para a estrada de gravilha em direção a Iola.

Ali estava a nossa banca, tão absolutamente familiar, as filas bem alinhadas de pêssegos perfeitos e a querida Cora, igual a si mesma, encostada a um poste, a encantar um forasteiro. Fora a tentação daqueles pêssegos que me arrancara às montanhas, mas, agora que estavam perto, já não me conseguia imaginar entre eles ou a conversar com a Cora ou a entrar pela porta da frente da minha própria casa. Tornara-me uma coisa selvagem, uma estranha na minha própria terra. Pedi ao homem que contornasse os arrabaldes da cidade e virasse na nossa estrada, mas, mesmo enquanto ele obedecia, eu não fazia tenção de ir para casa. O condutor parou num sinal de STOP diante daquilo que não poderia saber ser uma casa escondida entre as profundeza dos pinheiros escuros.

— Tens a certeza? — perguntou, cético, olhando para as árvores.

— Sim, senhor.

A Ruby-Alice Akers iria receber-me, tal como recebera o Wil. Disso tinha a certeza. Agradei ao homem, rastejei para fora do seu carro perfumado e avancei aos tropeções por entre os pinheiros até ao portão da Ruby-Alice. Os cãesinhos e as pintadas e as galinhas assustadiças ladraram e cacarejaram e fugiram.

Antes de conseguir alcançar a porta cor-de-rosa, a Ruby-Alice abriu-a, em sinal de acolhimento. Conduziu-me para dentro pelo cotovelo, como se fosse eu a idosa frágil e não ela, e enrosquei-me no seu sofá. Ela olhou para mim com algo semelhante a pena no seu olho afundado, hesitante mas compreensiva no olho selvagem.

As suas mãos azuis e trémulas levaram um copo de água aos meus lábios

ressequidos. Deu-me caldo e pão a comer. Trouxe-me um pêssego fresco, cortou-o em pedaços pequenos, como se para uma criança, e dispô-los cuidadosamente num pires de porcelana fina. Apesar de estar calor na pequena casa, aconchegou-me com um cobertor cor-de-rosa, e apertei-o contra o peito em memória do meu bebé e do Wil.

Dormi durante três dias e três noites, acordando de vez em quando para receber pequenas porções de comida e de bebida que o meu corpo conseguisse aguentar. A Ruby-Alice aumentou cada uma das doses de alimento e líquido até que, ao acordar depois do meio-dia, ao quarto dia, consegui consumir a minha primeira refeição completa em meses. Ela matara e assara uma galinha, e eu devorara-a como se fosse um urso acabado de sair da hibernação. Comi tudo o que me pôs à frente: morangos, batatas fritas, feijão-verde cozido com pedaços de presunto, queques fofos de framboesa cortados ao meio e barrados com manteiga. Comi até me sentir enjoada, deixei passar uma hora e depois voltei a comer. A Ruby-Alice ajudou-me a tomar banho e deu-me roupa lavada. Fez troça do emaranhado do meu cabelo comprido, enrolou-o numa corda e moldou-o num carrapito solto. Estando ambas habituadas ao silêncio, eu e a idosa não falámos, com exceção das minhas muitas expressões de agradecimento e dos seus grunhidos satisfeitos como resposta. Se ouviu os meus gemidos e fungadelas quando chorava pelo meu bebé perdido, soube deixar-me em paz.

Não fosse o Wilson Moon, nunca teria sabido que a Ruby-Alice era mais do que uma velha doida que precisava da ajuda de Deus. Não fosse o Wilson Moon, não teria sabido que eu era encantadora, bela, forte ou como era ter o Baby Blue nos meus braços. Prometi guardar aquelas memórias para lá da dor e da perda quando acabei por me levantar do sofá e caminhar com a Ruby-Alice até ao seu portão. Ela permitiu-me dar-lhe um abraço rápido de gratidão, apertando-lhe os ombros ossudos, antes de me dirigir para os pinhais e avançar até ao caminho que conduzia à quinta da minha família. Enquanto o apito longo do comboio das 17h47 acompanhou-me até casa.

QUINZE

Não estava ninguém na quinta, nem o Seth, nem o Ogden, nem o pai, nem o *Truta*. Até as galinhas e os porcos estavam fora dos seus habitáculos.

A casa estava apinhada com sinais do pai — jornais velhos, canecas sujas de café, pegadas de botas enlameadas, roupa suja e luvas de trabalho descuidadamente largadas por todo o lado —, mas os quartos do Ogden e do Seth estavam ambos limpos e desocupados, com exceção das camas nuas e dos guarda-fatos cobertos de pó.

Havia louça suja de vários dias empilhada em cima da bancada e no lava-louça. A horta estava seca e inculca. Apenas o meu quarto parecia normal, intocado desde o dia em que me fora embora, com o bilhete que deixara ao pai aberto em cima da cama. Sentei-me e reli as minhas palavras: «Com amor. As minhas desculpas. Não se preocupe.» O recado agora parecia ingénuo e infantil. Amachuquei o papel numa bola e atirei-o para dentro do cesto enquanto saía do quarto. Eu amava verdadeiramente o meu pai, mas usara todo o medo e a obediência que acompanhavam esse amor, e não fazia ideia de quem ele seria agora para mim.

O único ser a quem devia mesmo um pedido de desculpas era o *Abel*. Encontrei-o no celeiro, descurado mas bem. Ele recuou a cabeça a cumprimentar-me, com os seus delicados olhos cor de chocolate a lampear de reconhecimento e alívio. Acariciei-lhe o pescoço acobreado e esguio com festas demoradas e lentas, e ele aproximou o focinho do meu ombro como quem diz: *Está tudo bem entre nós os dois. Ainda bem que voltaste para casa*. Pelo menos, era aquilo que eu esperava. Apresentei-lhe um balde com aveia, e ele comeu.

Beijei a estrela branca que se situava no osso liso e largo entre os olhos do *Abel* e acreditei, pelo menos naquele momento, que era apenas por o ter magoado que deveria pedir perdão a Deus ou aos homens ou aos animais. Apaixonar-me pelo Wilson Moon fora o ato mais honesto da minha vida. As consequências imprevistas desse gesto não tornam a decisão menos verdadeira. Tudo o que podemos fazer, aprendi com o Wil, é enfrentar essas consequências — por mais inimagináveis ou terríveis ou belas ou desesperadas que possam ser — com o melhor de nós. Imaginei o Baby Blue, agora uma semana mais velho, a ficar redondo e rosado da alimentação. Embora o coração me doesse e a mágoa me corresse como alcatrão espesso pela medula, sabia que fora outro ato honesto entregar o meu bebé.

Ao longe, ouvi a carrinha do pai subir a longa alameda de acesso à casa. Empertiguei-me e saí do celeiro para ir ao seu encontro. Ele não me viu aproximar-me da carrinha quando estacionava e saía, mas o *Truta* saltou a seguir a ele e foi a correr na minha direção, a contorcer-se de alegria. Ao baixar-me para fazer festas ao velho cão, levantei a cabeça para encontrar os olhos cinzento-claros do meu pai. Estavam vazios, como pedras de rio, a fitar-me de volta como se eu fosse uma tola ou uma desconhecida ou ambos.

— Pai — arrisquei, mas ele limitou-se a virar costas e a dirigir-se para a porta da cozinha como se não me tivesse visto de todo. Estava magro, corcovado e vestido com um fato-macaco imundo. Não trazia o boné, e a cabeça, a ficar calva, estava cor-de-rosa e áspera do sol. Três tossidelas profundas e carregadas de expetoração, quando desapareceu pela soleira da porta, disseram-me que não estava bem. Encostei a cara ao focinho do *Truta* por algum tempo enquanto ele se enroscava e gania, a celebrar o nosso reencontro, e depois levantei-me e segui o pai até ao interior de casa. Ele já estava a preparar o jantar, como, supus, fizera todas as noites nos últimos cinco meses. Surpreendida com os seus movimentos fluidos com faca e espátula e frigideira, fiquei em pé, ao lado da porta, e observei-o enquanto trabalhava. Ele sabia que eu estava ali, mas não levantou os olhos da carne de vaca com cebolas que mexia no fogão. Não pensei que estivesse a preparar comida que chegasse para mim também, mas, ainda assim, fui pôr a mesa para os dois e encher copos com chá doce do jarro que se encontrava dentro do frigorífico. Ocupei o meu lugar à mesa e esperei para ver se me serviria. Finalmente, a frigideira apareceu perto do meu ombro direito, e uma colher a abarrotar aterrou no meu prato. Tirou uma porção mais pequena para si, devolveu a frigideira vazia ao fogão e sentou-se do outro lado da mesa, à minha frente. Não forcei uma conversa que ele não estava pronto para ter, não senti necessidade de encher de maneira nervosa o vazio com tagarelice ou explicações ou perguntas, pelo que comemos em silêncio nessa noite, com exceção de vários acessos da sua tosse gorgolejante e, no fim da refeição, da sua insistência brusca em ser ele a lavar a louça. Eu não sabia se o silêncio dele era a expressão de uma raiva inexorável ou uma parede contra assuntos que queria evitar, como o motivo da minha partida ou onde tinha estado, mas aquela ausência de palavras era perfeita para mim.

Depois do jantar, caminhei por entre os frutos aromáticos no pomar sob os últimos raios cor-de-rosa-claros do pôr do sol. Cestos cheios ao fundo de cada fileira de árvores aguardavam o transporte para a venda, de manhã. Imaginei a familiaridade confortável de carregar a velha carrinha, de ir sentada ao lado do pai até à venda, de cair no abraço de boas-vindas da Cora, de descarregar os cestos e de dispor os pêssegos como era habitual.

Rodei um fruto perfeito e puxei-o do ramo, afundando os dentes na sua polpa macia, o sabor inconfundível do meu lar. Sentei-me num toco largo para respirar no crepúsculo sossegado e chorei em silêncio com saudades do meu bebé.

Ao pequeno-almoço, na manhã seguinte — também preparado e arrumado pelo pai, apesar de me ter oferecido para ajudar —, foram trocadas mais algumas

palavras, e, durante a viagem até à venda, mais algumas. Ao almoço, mais umas quantas; ao jantar, outras ainda, e por aí fora. Ele era um gelado a derreter-se lentamente; eu, uma corrente paciente.

Uma semana depois, estávamos a dividir tarefas lado a lado, a conversa desenvolvera um fluxo desconfortável. Entretanto, a tosse do pai tornava-se mais profunda e persistente. À volta da tarte de pêsego e framboesa que eu fizera como derradeira oferta de paz aparentemente irresistível, soube que o xerife Lyle tinha interrogado o Seth sobre «a discussão com aquele índio», nas palavras do pai, e o Seth saía da cidade, ao que eu percebera, a pedido do Lyle.

Pus de lado o meu prato de tarte e inspirei fundo.

— O Seth matou aquele rapaz, pai — disse eu, depois de um longo silêncio, com o coração a contorcer-se tanto por causa da verdade como pela insuficiência das palavras.

O rosto já solene do pai afundou-se numa mistura súbita de vergonha, desilusão e pesar. Olhou para a sua caneca de café e envolveu-a com as duas mãos rudes, como se precisasse de algo sólido a que se agarrar.

— Já desconfiava — foi tudo o que disse, e tudo o que alguma vez diria, sobre a morte do Wilson Moon.

Nunca cheguei a saber se o pai também desconfiava de que o Wil fora meu amante e o motivo pelo qual eu saía de casa. Queria dizer-lhe que ele tinha um neto, um bebé perfeito, mas as palavras recusavam-se a sair da minha boca.

— E o Ogden? — perguntei em vez disso.

O pai limitou-se a resmonear e a afastar a pergunta com um aceno do garfo. Eu sabia que não deveria insistir.

Nessa noite, o meu pai começou a tossir sangue. A tosse e a crepitação aumentaram enquanto ele lavava a louça do jantar. Afastava-se de mim a cada ataque de tosse, depois voltava-se de novo para o lava-louça, como que esperando que eu não tivesse reparado. Quando regressou das tarefas noturnas, mal conseguia respirar entre os acessos. Recusou a minha oferta de ir chamar o doutor Bernette, e fui para a cama mais cedo.

Durante toda a noite, a tosse atingiu o silêncio negro entre os nossos quartos. Quando os acessos se tornaram tão violentos e constantes que eu já não conseguia aguentar, bati à porta dele e entrei. Dei com ele sentado num charco da luz ténue vindo da mesa de cabeceira, a cuspir muco ensanguentado para um alguidar.

— Pai — disse eu baixinho, sem conseguir esconder o meu choque e compaixão.

Ele ergueu os olhos para mim com o ar de um animal que sabe que o fim está perto, num estranho misto de medo e resignação, depois voltou a baixá-los para o alguidar e esperou pelo acesso seguinte. Estava tão magro e pequeno na sua camisa de dormir que poderia ser uma criança. Quando me aproximei da sua cabeceira, levantou a mão para me deter.

— Pai, deixe-me ajudá-lo — supliquei.

— Não há nada a fazer — respondeu roucamente. — D'sanda pra cama.

Fiquei acordada durante o resto daquela longa noite a ouvi-lo debater-se. Agora que o meu filho estava longe de mim, o meu pai era a minha última ligação ao mundo. Cada ataque de tosse era como o desgaste do meu último fio de família. Quando imaginava a quinta longínqua no meu retiro na vastidão do Big Blue, presumia que continuava basicamente imutável lá em baixo, mas estava muito enganada. Tudo, com exceção dos pêssegos, desaparecera, e eu regressara a uma ruína ainda mais desfeita daquilo que outrora fôramos. Achara sempre que eram os homens daquela casa que mantinham aquele sítio a funcionar. Nunca me ocorrera que eu fosse mais do que uma dona de casa e do que uma empregada, que, de certa forma, me tornara o centro da nossa família e do nosso lar. À medida que o pai enfraquecia, eu e o pomar éramos tudo o que nos restava.

Uma das últimas coisas que o meu pai me disse, no meio do delírio da febre e do colapso dos pulmões, algumas semanas mais tarde, foi que eu era igualzinha à minha mãe, agora que usava o cabelo comprido e que o apanhava num carrapito no alto da cabeça.

— Ela era uma beldade — disse com um raro desejo, recordando com doçura o seu amor perdido, mas querendo também dizer que eu era igualmente bela.

Segurei-lhe a mão enquanto ele caía no sono e despertava dele, apreciando a forma como os seus dedos se entrelaçavam nos meus, guardando na memória cada uma das suas sardas e rugas e nós rugosos dos dedos.

DEZASSEIS

1949–1954

O pai morreu no sábado, depois de os últimos frutos terem sido apanhados e entregues. Como se tivesse tudo cuidadosamente organizado, na primeira manhã em que a temperatura desceu abaixo de zero, os trabalhadores contratados retiraram os últimos pêssegos, e o pai não se levantou mais.

Fiquei à cabeceira da sua cama, com o *Truta* solenemente aos meus pés, e olhei com tristeza para baixo, para o meu pai. Quando estendi o braço para lhe tocar pela última vez, nunca imaginei uma mão tão fria.

Quase toda a gente em Iola apareceu para o funeral do pai, sob um céu muito azul de outono. De seguida, quando as pessoas se reuniram para comer e apresentar as condolências em nossa casa, soube pelo xerife Lyle que fora o meu próprio pai quem denunciara o Seth. Na ausência de provas sólidas, o Lyle não podia fazer uma detenção, mas garantiu ao Seth e ao Forrest Davis que iriam ter problemas se continuassem por ali. Os dois dirigiram-se para a Califórnia no carro do Seth, explicou o Lyle, «levando todas as travessuras com eles».

— Foi muito mais do que uma travessura — disse eu, contraindo o maxilar.

Com um ar grave, o Lyle acenou com a cabeça, com os olhos à procura, num pedido de desculpa. Percebi que me queria fazer perguntas, mas que estava educadamente a conter-se.

— Devias saber que o teu pai andou à tua procura todos os dias depois disso, tendo chegado a ir na carrinha até Gunnison, Sapinero, Cebolla e a montar o *Abel* pelas montanhas — disse ele, remexendo a comida no prato, mas sem comer. — Acho que pensou que voltarias para casa se soubesses que o Seth já lá não estava. Pediu-me que desse uma vista de olhos.

Refleti sobre aquela informação, perguntando-me o que saberia o pai, perguntando-me se vaguear pelas montanhas lhe causara aquela tosse que se agravara, destruindo-lhe os pulmões, se eu fora a causa da morte do meu pai, tal como fora a do Wil.

— Talvez tivesse voltado — respondi tristemente, com a alternativa inimaginada de ele tratar o meu bebé como algo indesejado a picar-me no fundo da garganta como se tivesse engolido vespas. Lamentava ter duvidado da dedicação do meu pai. Era demasiado tarde para lhe agradecer e muito mais tarde

ainda para trazer o seu neto para casa.

— Ele pediu-me para realojar o teu tio — continuou o Lyle.

— Realojar? — perguntei, tendo dificuldade em reconciliar a palavra com aquilo que o pai acabou por me contar acerca do Og: aquele «parasita», afinal, tinha família, mas só entrara em contacto com ela quando já não havia uma mulher em nossa casa para lhe obedecer às ordens.

— Parece que afinal o Ogden tinha mãe — disse o Lyle.

— Toda a gente tem mãe — disse eu, com aspereza, cansada das exigências do dia.

— Nem toda a gente tem uma mãe que ande à sua procura durante quase oito anos — disse o Lyle. — O teu pai descobriu uma carta. Pediu-me para ir buscar o Og, para o levar de carro a Salida e para o meter no primeiro comboio para Denver. O raio do homem praguejou contra mim o caminho inteiro.

— Que dizia a carta? — perguntei.

— Dizia que ela não acreditava na notícia que recebera dizendo que os dois filhos tinham morrido nos primeiros meses da guerra. Dizia que Deus não havia de querer isso para uma mãe.

— Deus havia de querer — respondi, a pensar: *Deus quis ou não quis*.

— Deus não o quis — respondeu. — De certa forma, esta senhora sabia-o. Localizou o filho e suplicou-lhe que voltasse para casa.

— Intuição de mãe — disse eu, invejando-a, porque não fazia ideia do que Deus predestinara ou não para o meu próprio filho, não fazia ideia de onde ele se poderia encontrar.

— Lá na esquadra, tentámos encontrar a família do tal rapaz que foi morto — acrescentou o Lyle, procurando os meus olhos para avaliar se eu sabia alguma coisa e se aquilo seria demasiado. — Calculei que também tivesse uma mãe algures.

O meu coração afundou-se.

— Ele tinha um nome, senhor Lyle — respondi.

— O tal Moon — corrigiu ele. — Mas é difícil seguir o rasto de um vagabundo. Os últimos registos que encontrámos dele situavam-no numa escola para Índios em Albuquerque, mas não diziam de que reserva viera. Ele fugira da escola alguns anos antes. Foi tudo o que conseguimos descobrir.

Com aquilo, era de facto demasiado. Pedi licença ao xerife Lyle para me afastar dele e de todo aquele cenário repleto de fatos pretos e guisados e apertos de mão cheios de condolências.

Em breve, dei comigo a caminhar sozinha de volta ao pomar, o meu pomar agora, entre as folhas amarelas a cair e os poucos frutos a apodrecer que se recusavam a soltar-se das árvores. O Wil tinha uma casa para a qual nunca encontrara o caminho de volta, um lugar onde ele conhecia a terra e a terra o conhecia, onde, talvez, a sua família ainda esperasse por si. Eu ouvira falar de filhos de Índios serem retirados das respetivas reservas e colocados em escolas especiais. Embora tivesse crescido a acreditar que nada importava tanto como o lugar de onde se vinha, nunca pensei naquilo que cada uma daquelas crianças era

obrigada a deixar para trás. O Wil não me falara no seu passado, talvez por ter demasiadas saudades dele ou, talvez, porque já não lhe importasse. Eu não fizera perguntas, mas ele parecera-me ao mesmo tempo filho de algures e de nenhures, com o seu encanto especial nascido, possivelmente, da sua terra natal, mas arrancado aquando da sua partida, com a resiliência necessária para continuar. Esperava apenas que o nosso bebé tivesse a mesma força para se adaptar.

Menos de um mês depois de o meu pai ter respirado pela última vez, tomado de pneumonia, o último comboio lançou-se sobre Iola, com o condutor a puxar o apito muito alto e prolongadamente. A Denver & Rio Grande Western abolira as carruagens de passageiros uma década antes e, depois de quase setenta anos, decidira pôr fim às carruagens de gado e carvão de modo que encerrasse toda a operação Western Slope nesse outono de 1949. Muitos disseram que a linha fora uma tolice desde o início, todo o processo árduo de construir os carris através do Black Canyon e até Cimarron em troca de mais vidas e dinheiro do que as autoridades da altura se atreviam a admitir. Mas, para mim, aqueles apitos de comboio tinham marcado o ritmo da minha vida. Tinham, aliás, trazido o Wil até mim. Uma quietude fantasmagórica caiu sobre Iola nesse primeiro dia sem apitos. «Como uma morte», lamentavam algumas pessoas. «Como uma noite eterna», diziam outras. Mal sabíamos nós que aquele era apenas o primeiro silêncio, que um dia toda a Iola seria engolida, que cada som, cada estrutura seriam submergidos e desapareceriam.

Depois de o pai ter morrido, mantive a quinta em funcionamento o melhor que soube, durante vários anos. Os Mitchells foram uma grande ajuda durante algum tempo, e contactei trabalhadores quando precisei. Replantei a horta e reparei as vedações partidas. Mantive as valas de rega a correr e as larvas de borboleta e as traças e os guaxinins longe das árvores. Podei, fertilizei, protegi, reguei, desbastei e colhi. Quando um setor de árvores ficava demasiado velho para produzir, contratava pessoas para me ajudarem a eliminá-las, enxertava com cuidado rebentos novos, exatamente como o pai me ensinara, e plantava outro bloco num terreno que tivesse estado em pousio, como a minha família fizera durante gerações. Talvez tudo parecesse em ordem, visto de fora, mas todas as manhãs acordava com uma verdade dilacerante no coração: o meu amor por aquele sítio era apenas mais uma folha murcha na minha infrutífera árvore genealógica.

O leal e velho *Truta* morrera no meio da cama do pai no mesmo dia em que arrastei dali a última caixa com os seus pertences. Cavei um buraco fundo junto do lago e afaguei o seu peito de pelo farto uma última vez, antes de envolver o corpo inerte num cobertor e de o enterrar. No inverno seguinte, descobri o *Abel* deitado de lado, sem conseguir respirar, numa extensão de gelo fora do celeiro, com a tibia a sair de um rasgão feito no seu maravilhoso pelo acobreado. Não fui capaz de o alvejar. Em vez disso, acariciei o seu pescoço perfeito, tal como fizera quando ele nascera, quando o veterinário do condado lhe deu a injeção que lhe fez parar o coração. Refugiei-me no celeiro e chorei enquanto o veterinário e os

assistentes o levavam dali. Assim, a própria família passou a ser constituída por umas quantas galinhas más.

Por mais que tente negá-lo, a sensação de vazio com que suportava os meus dias e tratava da quinta aumentava aos poucos. Passava muitas tardes em casa da Ruby-Alice só para estar noutro sítio, para a ajudar com o jardim ou os galinheiros ou a cozinha, consolada por me encontrar onde o Wil outrora vivera, pela presença estranha e silenciosa daquela mulher e pelos cãesinhos a dormir.

Quando voltava para casa, as memórias assombravam-me. O peso específico de uma almofada ou de uma embalagem de arroz poderia parecer-se subitamente com o meu Baby Blue, e, embora soubesse que era uma loucura, não conseguia evitar embalá-la. Acordei várias vezes de noite tão certa de que ele estava a chorar por mim na cabana, lá em cima, que descia a escada a correr e só tomava consciência do que estava a acontecer quando estendia as mãos para as botas. Algumas noites sentava-me sozinha com o meu jantar na longa mesa da cozinha e, tão simples como o prato, via o carro do Seth passar furtivamente pela janela e ouvia o rosnado baixo do seu motor demoníaco a devorar a alameda comprida.

Numa noite de primavera, enquanto o luar branco percorria as montanhas ao longe até ao topo e projetava sombras negras pelo alpendre da frente, tive a certeza de ter visto o Seth a espiar-me através da janela da sala. Saltei da cadeira da mãe e, para minha vergonha, escondi-me. Agachada na despensa das vassouras, como se isso me pudesse salvar, a tremer como um coelho patético, lembrei-me de repente de ter lavado a roupa da cama mais cedo, nesse dia, e de ter posto as colchas a secar no alpendre em vez de na corda da roupa, no quintal enlameado. O que vi como sendo o rosto ameaçador do meu irmão era apenas um retalho do *patchwork*. Recompus-me e tentei recuperar alguma dignidade, dirigindo-me imediatamente ao alpendre para puxar e dobrar as colchas.

Por mais anos que passassem, eu via-os: o Wil na orla do pomar, à minha espera, a estender a mão para as minhas; o pai entre as árvores hirsutas, a rodar um pêssago do ramo com toda a perícia; a mãe a tratar da horta, a apanhar legumes frescos para o jantar; o Cal a chamar-me da nossa casa na árvore como se esta não tivesse desabado há muito; a tia Viv e o tio Ogden, ambos ainda cheios de vida, a beijarem-se às escondidas no alpendre. Outrora, houvera promessas de amor naquele lugar. Uma a uma, todas essas esperanças haviam perecido. Imaginei como o meu filho poderia ter reacendido tudo, se eu tivesse tido a coragem de o levar para casa. Imaginei-o até doer — ele a percorrer o chão da cozinha em passos vacilantes, a chamar-me mãe, e, depois, com o tempo, a crescer, alto e magro, pelo pomar, com o jeito gracioso de andar do pai. Contrariamente, apenas uma coisa boa permanecia na nossa terra, os pêssagos.

Quando o homem do governo me bateu à porta numa tarde quente de julho, em 1954, e me perguntou se me podia dar uma palavrinha por um instante, servimos dois copos altos de chá gelado e depois sentei-me com ele no alpendre, a ouvir. Tinha escutado rumores acerca de uma suposta barragem a ser construída a jusante e sobre as possíveis ofertas de compra dos terrenos do vale. Toda a cidade de Iola

estava furiosa com a ideia de perder tudo para um novo reservatório. O tumulto era simultaneamente esperado e devido, não apenas contra a submersão da nossa cidade, mas também contra o corte do rio Gunnison, selvagem e maravilhoso. Os planos eram, na melhor das hipóteses, insensatos; trágicos, na pior, tal como inúmeros outros projetos em nome do progresso, por todo o Oeste, haviam revelado ser. Eu sabia que estava tudo mal, mas, enquanto ali me encontrava, sentada, a ouvir o homem do governo fazer a sua oferta, apercebi-me, secreta e vergonhosamente, de que era a favor do plano. Ansiava por uma rasura. Disse ao homem que iria pensar no assunto e despedi-me dele.

Fui a primeira em Iola a vender. Nesse mês de setembro, o governo pagou-me uma quantia magnífica pela minha área, apesar de o preço se ter revelado uma escassa recompensa pela indignação que então sofri da parte dos meus conterrâneos quando se espalhou a notícia da minha traição. Dizer que me senti odiada seria pouco. Os habitantes de Iola que tinha conhecido durante toda a minha vida deixaram de comprar os pêssegos e desviavam o olhar quando se cruzavam comigo na Main. Até os Mitchells cortaram relações comigo, fosse por raiva genuína ou talvez por medo de serem ostracizados, por associação. Contra os desejos do seu pai, e claramente mais por obrigação do que por vontade, a Cora continuou com a banca de venda até ao fim dessa temporada de pêssegos, tendo o seu comportamento outrora alegre arrefecido até uma cordialidade fria para todos os forasteiros e, sobretudo, para mim.

Quando a Cora subiu com dificuldade para a sua carrinha depois de termos vendido o último saco de pêssegos e eu comecei a entaipar a banca para sempre, olhou para mim pelo vidro aberto do carro como se eu me tivesse tornado irreconhecível.

— Sabes qu'ó teu pai 'tá a dar voltas na campa, nã sabes, Torie? — disse ela.

— Uma volta completa po' cada dólar qu'aceitast' daqueles homens do g'verne.

Agradei-lhe pelos seus muitos anos de serviço leal e depois lembrei-a de que já não respondia pelo nome Torie.

O sol da tarde atravessava o pó deixado pelos pneus da sua carrinha, conferindo à estrada normal uma espécie de beleza estranha enquanto ela se afastava, ao volante.

Gostara da Cora Mitchell, tal como gostara de centenas de outros pormenores da minha vida em Iola. Contudo, a tragédia e a mágoa tinham corroído tudo o que eu sabia ser verdade acerca daquele lugar. Preguei a tábua final ao longo da banca vazia e sussurrei um pedido de desculpas ao meu avô. No entanto, não ofereci o mesmo sinal de arrependimento ao meu pai, pois, ao contrário da Cora, tinha a certeza de que o pai teria apoiado a minha oportunidade de fugir daquela cidade e de todas as suas memórias. Desde que fizesse o melhor pelo pomar, como tencionava fazer.

O meu avô Hollis Henry Nash tivera a loucura de tentar adaptar pêssegos da Geórgia ao Oeste árido, mais a norte, mas isso não o impedira de experimentar.

Depois de muitas tentativas e erros, acabou por ser bem-sucedido no sítio mais improvável, no ar frio e rarefeito de Iola, no Colorado. Ou, pelo menos, foi o que me disseram durante toda a minha infância, e, assim, esta foi a única explicação que conheci. Tinha visto o pai defender muitas vezes o nosso pomar dos opositores, sendo que alguns não acreditavam na sua existência nem mesmo quando tinham o peso redondo de um dos nossos pêssegos na palma da mão. Tanto a proliferação como a qualidade do pomar haviam sido, ao que parecia, uma espécie de milagre biológico desde o início. Com ou sem pêssegos famosos, a mãe ensinara-nos a natureza pecaminosa do orgulho e que a nossa quinta era um bom sítio a que podíamos chamar casa e não um direito à gabarolice. Ou seja, até eu ter de decidir o que viveria e o que ficaria submerso. Havia muita coisa que ocorreria na minha vida que era impossível salvar. Não cheguei a conhecer o meu avô Hollis, mas, por ele, e pelo meu pai, estava decidida a salvar o pomar.

Infelizmente, não tinha a menor ideia de como o fazer e estava por minha conta e risco, agora que a cidade me virara as costas. A Ruby-Alice não me pareceu poder ajudar-me mais do que ouvindo os meus problemas, mas, num certo sentido, foi através dela que encontrei orientação.

A cada ano que passara desde que me tornara amiga da Ruby-Alice — ou melhor, desde que ela amavelmente se tornara minha amiga —, ela murchara. A idosa das memórias da minha infância era nova quando comparada com a pessoa que se tornara. A bicicleta descartada já estava empanada no quintal há vários anos, um poleiro muito amado das suas galinhas e cães. As compras e a comida dos animais eram entregues pelo Chapman's, e, além disso, ela não tinha contacto com mais ninguém, a não ser comigo. Tinha as costas tão curvadas como o velho choupo onde eu e o Wil nos costumávamos encontrar, com os seus olhos azul-gelo dirigidos, durante a maior parte do tempo, para o chão, um deles ainda feroz e penetrante; o outro, transformado numa coisa viscosa e funda. Os seus membros esguios tremiam. Tinha a certeza de que ela apreciava as minhas visitas, embora não tivesse grandes provas além de uma ou outra palmadinha na mão ou de uma refeição preparada com todo o esmero, para dois.

Foi durante um desses jantares, algumas semanas depois de eu ter fechado a venda de pêssegos, que a Ruby-Alice soltou um gritinho fraco, mas agudo, como uma roda enferrujada, e depois desabou em cima do prato. Pus-me de pé num salto e peguei-a ao colo, leve e inerte como um saco de penas, transportando-a para o sofá. Corri até um telefone, que, como era natural, ela não tinha. Apesar da necessidade urgente de me precipitar pelo caminho até à minha quinta para pedir ajuda, simplesmente não podia deixar a comida espalhada pela cara dela. Se acabasse por morrer na minha ausência, não morreria suja. Molhei um pano de cozinha e limpei-lhe com delicadeza a pele fina, devolvendo-lhe um pouco de dignidade, tal como ela em tempos fizera por mim. Depois, fui a correr para casa, repetindo vezes sem conta, ofegante, o meu adágio: *QueDeusAjudeARubyAliceAkersÁmen.*

Nos dez minutos que demorei a chegar ao meu telefone, ligar ao doutor

Bernette e conduzir a carrinha do pai de volta à casa da idosa, ela não se mexeu. Apertei-lhe o pulso minúsculo para lhe sentir o batimento cardíaco, delicado e irregular como as primeiras gotas de chuva. A respiração só lhe erguia e baixava o peito ossudo por breves instantes. Lembro-me daqueles minutos longos e silenciosos — primeiro, a chegada do doutor Bernette, depois, o caos da ambulância e das luzes vermelhas e lancinantes e a precipitação dos homens e os berros e o pânico e a fuga dos porcos e dos cães — como que envolvidos numa espécie de bolha intemporal. Ao contrário de todas as outras mortes por que passara, este falecimento continha a lógica eterna de uma vida longa a ser devolvida a tudo o resto. «As cinzas às cinzas, o pó ao pó», diria a mãe com toda a confiança na sabedoria divina da mortalidade. Segurei a mão impossivelmente leve e sedosa da Ruby-Alice e despedi-me dela.

Contudo, como numa rebelião derradeira contra as expectativas, a Ruby-Alice não morreu. Não soube disso quando passei a noite em casa dela a acalmar os animais e a tratar deles depois de a ambulância se ter afastado, quando me deitei com tristeza uma última vez no sofá dela, enrolada nas colchas cor-de-rosa, a contemplar a sua estranha vida. No momento em que cheguei à minha quinta, ao nascer do sol, o telefone estava a tocar. O doutor Bernette disse que estava a ligar há horas. Disse que a Ruby-Alice se sentara muito direita a meio da noite e que, desde então, não se deitara, que o hospital lhe perguntara se tinha família que pudesse falar por ela, visto que não dizia uma palavra.

Conduzi o carro do pai até Gunnison e disse à rececionista do hospital que a Ruby-Alice era minha avó. Preenchi impressos. Penteei-lhe o cabelo. Dei-lhe gelatina com uma colher, aos lábios trémulos. Dormi ao lado dela numa cadeira dura. Ela rebojava ligeiramente na minha direção quando uma enfermeira se aproximava dela com uma agulha ou, por vezes, erguia o rosto para o meu sem qualquer motivo, com uma espécie de aquiescência no olho selvagem e, acho, gratidão na fina camada do outro. Era agradecimento suficiente para mim.

Quando a Ruby-Alice adormecia, eu fugia da brancura esterilizada do hospital para caminhar pelas ruas largas de Gunnison. Os cafés e os bares e os carros coloridos da Main Street pareciam cheios de vida e interessantes, de início, mas não foi preciso muito tempo para que o bulício me esmagasse. No segundo dia, passei pela Baixa para caminhar antes pelo *campus* universitário. Nunca vira relvados tão cuidados, verdes, mesmo em outubro, um exército de jardineiros a varrer as folhas amarelas quase tão depressa quanto caíam dos choupos. Os caminhos curvos de cimento que ligavam os edifícios altos de tijolo vermelho apinhados de estudantes — rapazes bem escanhoados, envergando camisolas elegantes e calças com cinto, raparigas de saias de lã justas e blusas brancas apertadas. Nunca me passara pela cabeça que as mulheres andassem na faculdade. Em Iola, as raparigas mal passavam por Gunnison para frequentar o secundário. E eu certamente não via qual era a necessidade disso. As raparigas com quem me cruzei no *campus* eram tão estranhas para mim como animais de jardim zoológico. Pequenos grupos a deambular por ali nos seus saltos altos ou sapatos baixos de

atacadores, pretos e brancos, a tamborilar um ritmo cavo no passeio. Eu estava apenas a cinquenta quilómetros de casa, mas sentia-me como se estivesse numa terra estranha. Ainda não tinha decidido para onde iria quando a aquisição pelo governo ficasse concluída e eu por fim abandonasse Iola, mas decidi ali mesmo, nesse momento, que não seria para Gunnison

Diante de um edifício de estuque branco, um jardim elaborado com dezenas de plantas estranhas chamou a minha atenção. Vagueei até ao seu centro, admirando em particular as árvores estranhas e maravilhosas, cada uma delas com um nome impronunciável impresso numa chapa de metal retangular, no solo. O caminho do jardim terminava numa porta de vidro, a entrada, percebi, para a ala de ciências da universidade. Espreitei pelo vidro e vi um longo corredor onde se alinhavam portas numeradas, todas elas fechadas, com exceção de uma, que dizia «Gabinete».

Inspirei profundamente e entrei.

A mulher loura sentada atrás da secretária tinha uma caneca com café numa das mãos e preenchia um formulário com a outra. Antes de ela chegar a erguer os olhos para me receber com um ar educado e inquisitivo, fez-me lembrar de quem a minha tia Viv se poderia ter tornado se tivesse vivido até à meia-idade. A mulher tinha um estilo e uma segurança e um ar de ser capaz de lidar com várias solicitações ao mesmo tempo. Uma chapa com o nome, a preto-e-branco, numa moldura retangular prateada, dizia: «Louise Landon, secretária».

— Diga-me o que deseja, querida — disse ela, imediatamente apressada e solícita.

— Chamo-me Victoria Nash. — Estendi a mão, e ela pousou a caneta para a apertar. — Não sou aluna aqui, mas preciso de aconselhamento. — Falei dos pêssegos famosos da minha família e dos planos do governo de submergir Iola. Ela disse que tinha ouvido falar de ambos. Ouviu-me com toda a atenção, franzindo o sobrolho e ignorando o café a arrefecer.

Quando acabei de explicar o meu dilema, pegou no auscultador preto do telefone. Enquanto marcava os números com rotações rápidas e eficientes, olhou para mim e declarou:

— Aquilo de que precisa, menina Nash, é de um bom botânico.

A menina Landon acompanhou-me até ao andar de cima, ao gabinete do doutor Seymour Greeley, depois de lhe ter resumido a minha situação ao telefone. Pelo caminho, apontou para o laboratório dele, através de uma janela do corredor — uma selva de vinhas e de folhas e de raízes numa confusão de frascos, tubos, baldes e campânulas. A menina Landon riu-se baixinho e disse-me que não me preocupasse.

— Confie em mim — disse ela. — Ele é a pessoa de quem precisa.

O Seymour Greeley estava à nossa espera à porta do gabinete. Eu nunca conhecera um professor, mas os seus óculos redondos e pretos e estatura esguia sob um casaco de *tweed* demasiado grande para o seu corpo pareciam corresponder às expectativas. Era mais novo do que esperara, e os seus modos, simultaneamente

nervosos e elegantes. O cabelo arruivado estava desalinhado como se ele lhe mexesse de mais. O sorriso era desajeitado, mas genuíno. Gostei dele de imediato.

— Pêssegos Nash — disse ele, estendendo-me uma mão ansiosa.

— Victoria — respondi, apresentando-lhe a minha. Apertou-a e sacudiu-a com grande entusiasmo, como se estivesse a conhecer alguém importante.

— Seymour Greeley — disse ele. — Os meus alunos chamam-me Greeney porque sou um homem das plantas, percebe, *green*, verde... Vamos até ao meu gabinete. — Pousou-me a mão nas costas para me guiar. A menina Landon exibiu um sorriso satisfeito e virou costas.

O seu gabinete era uma confusão de livros e papéis e plantas. Sentou-se atrás da secretária e fez-me sinal para que ocupasse a outra cadeira. Desloquei uma pilha de papéis e sentei-me. Ele inclinou-se para diante sobre os dois cotovelos e ouviu-me descrever o destino do meu pomar. Quando terminei o meu discurso, implorando-lhe que me ajudasse, passou as mãos pelo cabelo e franziu a testa.

— Imagino que não esteja a pensar enxertar rebentos e começar de novo? — perguntou ele.

— Não — repliquei, sem saber qual era o meu plano até dizer em voz alta: — Quero salvá-las. Transplantá-las a todas.

— Estou a ver — disse ele com ar pensativo. — Mesmo as mais velhas? Receio que mal deva valer a pena salvar as árvores velhas.

Eu sabia que ele tinha razão. As árvores da minha família produziam frutos de qualidade durante mais tempo do que a maioria, cerca de vinte a vinte e cinco anos, antes de começarem a definhar. O avô Hollis e o pai tinham mantido um esquema de rotação cuidadoso, deixando sempre uma parcela do terreno de cultivo à espera de uma nova série de arvorezinhas enxertadas quando um bloco mais velho tinha de ser arrancado e desfeito em matéria vegetal para cobertura. Eu conhecia bem a rotação, mas não quisera admitir que não as podia salvar a todas. A nossa quinta tinha apenas um bloco que em breve estaria demasiado envelhecido, duas longas fileiras de velhas árvores e nodosas que eu amava, plantadas no ano em que eu nascera. Deixar-me-ia destroçada deixá-las para trás.

— Muito bem — respondi tristemente. — Concordo. Mas trata-se apenas de um bloco. Temos mais uma dúzia de blocos que têm de viver.

Greeney franziu mais o sobrolho. Desviou o olhar para a estante, pensativo.

— Não posso prometer nada — acabou por dizer, e continuou a explicar as complexidades do processo de transplante. Eu conhecia alguns dos termos por ter estado a vida inteira entre as árvores, mas alguns, como pH do solo e exposição solar e emaranhado de raízes, pareciam-me ciência fina para um pomar que há muito tempo soubera apenas crescer.

— As nossas raízes são fortes — disse eu.

— Oh, nisso acredito — respondeu. — As vossas árvores são lendárias, mas são fortes no vosso solo. Se forem transplantadas, bem... só quero que compreenda. Podemos perder todas.

— Tenho de tentar — disse eu, e estava a falar a sério. Falei com calma, mas a

hesitação dele e os avisos espalharam o pânico dentro de mim. Ali sentada no gabinete desarrumado daquele desconhecido, tive a certeza imediata de que simplesmente não iria ser capaz de continuar sem o pomar. Não podia salvar o Wil ou os elementos da minha família ou a nossa quinta. Nunca mais poderia ter o meu bebê no colo. Mas podia salvar as nossas árvores.

— Por favor — implorei.

Ele acenou com cabeça, e depois a testa alisou-se.

— Então, também vou tentar — disse amavelmente, e penteou o cabelo desgrenhado com a mão. — Será, para mim, um desafio e uma honra, menina Nash.

— Victoria — repeti, com um sorriso.

O hospital deu alta à Ruby-Alice na manhã seguinte. O seu médico, que mais parecia um *cowboy*, até na fivela do cinto e nas botas, disse-me que o coração dela era um relógio antigo e instável. Entendi aquilo como querendo dizer que iria funcionar até não poder mais, e pronto. Quando ajudava a Ruby-Alice a sentar-se no lugar do passageiro da carrinha, um casal jovem saiu pelas portas de vidro do hospital. O homem tinha a mão à volta dos ombros da mulher, e ela trazia um recém-nascido nos braços, sem o apertar demasiado. A cabeça minúscula que assomava do cobertor de flanela azul tinha um remoinho de cabelo preto exatamente como o do Baby Blue. Engoli a saliva com dificuldade e fiquei a olhar para eles, contendo o impulso de lhes roubar o bebê e desatar a fugir.

Quando a mulher olhou para mim com os olhos grandes e preocupados de uma mãe recente, quis dizer-lhe para se agarrar bem àquele bebê.

Durante toda a viagem de volta a Iola pela Estrada Nacional 50, por entre os meandros do rio Gunnison, não pensei em pessegueiros nem nos riscos de os transplantar. Não conseguia tirar da cabeça os olhos da mulher. Pensei no bebê dela, no tipo de vida que teria, se a mãe estaria à altura da tarefa e que tipo de mãe eu teria sido, se nos tivessem concedido — a mim e ao meu filho — a oportunidade de o saber.

Fui cumprimentada por animais esfomeados no portão da Ruby-Alice. Deixei-a a dormir na carrinha enquanto lhes dava de comer. Primeiro, os cinco cãesinhos, depois, as pintadas e as galinhas. Levantei um dos cães quando este acabou de comer para lhe embalar o corpo macio contra o peito e pousar a cabeça na palma da minha mão. Dei imediatamente comigo a pôr todos os cãesinhos dentro da carrinha. A Ruby-Alice acordou quando os cães lhe enxamearam os pés e saltaram para o colo, e estendeu uma mão trémula para tocar em cada um deles. Enxotei as galinhas para dentro de gaiolas e coloquei-as também a elas e ao seu saco de ração na caixa da carrinha. Estava decidido: a idosa e a sua descendência iriam comigo para casa.

Lá dentro, encontrei um saco de serapilheira das compras na cozinha e fui ao quarto da Ruby-Alice juntar alguma roupa. A divisão era espaçosa e arrumada e tão cor-de-rosa como o resto da casa. Tirei duas camisolas verdes e um barrete de

um cabide de parede e guardei-os no saco. Senti-me como um gatuno a abrir a gaveta da cómoda, à procura de tudo o que pudesse ser útil, camisas de dormir, talvez, ou roupa interior. Aquilo que encontrei, pelo contrário, foi uma estranha coleção de objetos dispostos de forma organizada numa única camada como se numa vitrina de museu: um espelho de mão de mármore, um aro de bordar, um relógio de bolso de prata, um cachimbo de mogno, um carretel de pesca, um lenço de mão de homem bordado com um passarinho castanho, uma bonequinha com um vestido de musselina e um rosto de porcelana, duas alianças de ouro unidas com um fio. Todos eles estavam velhos e gastos, mas polidos e sem pó, todos de uma época que me fez pensar serem relíquias especiais, pertencentes, deduzi, aos familiares que a Ruby-Alice perdera de só uma vez, por causa da gripe. Não consegui ler a história que os objetos contavam — se as alianças eram dos pais ou suas, se a boneca pertencia a uma irmã, a uma prima ou a uma filha —, compreendi apenas que tinham que ver com amor e tristeza, que se haviam revelado demasiado fortes para a Ruby-Alice suportar.

Fechei a gaveta, sentindo-me culpada pela invasão de privacidade, tirei duas colchas cor-de-rosa da cama e juntei mais alguns bibelôs das prateleiras da sala ao conteúdo do saco, voltando depois para a carrinha. A idosa adormecera com um dos cães no colo. Nenhum deles se mexeu quando liguei o motor e nos conduzi até casa na carrinha.

Depois de instalada no antigo quarto do Og, com as suas coisas em volta e os cães aninhados na cama, a idosa pareceu bastante agradada com a mudança. Dormia tranquilamente durante a maior parte do tempo e recebia comida quando esta lhe era apresentada diante dos lábios. Era bom ter galinhas no quintal e alguém de quem tomar conta outra vez.

O Greeney e vários alunos seus da faculdade chegaram duas semanas mais tarde, descarregando todo o tipo de geringonças científicas e atirando-se logo ao trabalho. Reuniram dados durante semanas. Procurei, sobretudo, deixá-los à vontade, exceto para responder a perguntas e oferecer pêssegos acabados de guardar em conserva e, à medida que os dias iam arrefecendo, servir jarros com café quente e uma caixa de sapatos cheia de canecas. Quando a neve de dezembro começou a cair, o Greeney tinha um plano. Descobrir um terreno para lá das montanhas de West Elk, no vale luxuriante e baixo do North Fork, passar o inverno a preparar o solo novo de modo que correspondesse à terra rica da nossa quinta e, na primavera, escavar profundamente o pomar da minha família e transplantar as árvores uma a uma. Era tão impossível quanto o sonho original do meu avô, tal como o Greeney gostava de me lembrar, e ele descobrira uma bolsa da universidade para pagar a conta.

— O milagre dos pêssegos, desde o princípio — dizia ele, para me tranquilizar. Depois franzia a testa, como um cientista que, na verdade, não acredita de todo em milagres.

Preparei-me para o meu inverno final em Iola. Cascatas calmas de neve caíam como farinha peneirada sobre a quinta, silenciando toda a criação e encorajando o resto. Dei as boas-vindas ao silêncio e acomodei-me aos dias brandos. A mudança estava a caminho. Quando liguei a um agente imobiliário para fazer uma oferta inédita por um terreno que o Greeney descobrira para mim perto da cidadezinha de Paonia, sabia que tinha de guardar forças para a primavera.

A minha tarefa seguinte era decidir, ponto a ponto, que partes da minha vida anterior iriam acompanhar-me. Arrastei os cestos grandes do celeiro e coloquei-os no canto da sala, ao lado de uma pilha de panos da louça brancos e limpos. Todas as noites, depois de ter dado de comer à Ruby-Alice e de ter trazido os cães para dentro para passarem a noite, sentava-me no sofá dourado rodeada pelos objetos da minha família e tentava embalá-los para a mudança.

Lembrava-me muitas vezes do homem do governo, que se sentara no mesmo sofá durante a sua segunda visita, com as suas pernas finas cruzadas, as mãos suaves delicadamente pousadas num dos joelhos e a forma descontraída como me informara de que tudo o que eu deixasse para trás seria leiloado, queimado ou submerso. Eu desviara-me dos seus olhos azuis e ávidos para observar a sala. A minha mãe permanecera em cada ponto preciso das almofadas de musselina e dos bordados emoldurados; a sua coleção de cruces de porcelana estava exposta na prateleira branca e alta; a jarra azul-clara preferida encontrava-se pousada no naperão de renda branca, sobre a mesinha de apoio de carvalho. O pai estava no reluzente rádio cor de avelã que trouxera para casa contra a vontade da mãe; o Cal, no tabuleiro de damas feito à mão; a Vivian, na sua cadeira preferida. Abanei a cabeça e assegurei ao homem que nada ficaria para trás.

— Assine aqui, por favor — dissera ele, entregando-me mais um documento e apontando para uma linha em branco ao fundo, sorrindo com ar cético e acrescentando: — Pelo sim, pelo não.

Revirei os olhos ao ouvir aquele absurdo e assinei.

No entanto, quando os cestos esperavam, não consegui embalar uma única coisa. Tentei, mas o sofá sem as almofadas da mãe e a mesa de apoio sem a jarra azul pareceram-me completamente estranhos, pelo que os devolvi aos seus lugares. O rádio não funcionava há anos. O tabuleiro de damas continha um pouco do Cal e do Seth; levar um dos rapazes comigo significava levar o outro também. A cadeira da Vivian era muito desconfortável. *Então a escrituraninha da mãe*, pensei, mas, ao abrir com delicadeza a tampa, descobri que ainda lhe pertencia a ela, com o conteúdo perfeitamente organizado e intocável. Noite após noite, espicava o fogão a lenha e depois sentava-me junto da janela da sala a ver a neve cair. Disse a mim mesma que era simplesmente demasiado cedo para embalar as coisas. Arranjaria decerto forças na primavera.

DEZASSETE

1955

Aquele dia de fevereiro amanheceu fresco e desanuviado. Depois do pequeno-almoço, ajudei a Ruby-Alice a sair da cama e a ir à casa de banho, e depois conduzi-a por um braço esquelético até uma cadeira junto da janela. Toda a compostura que ela tivesse possuído tornara-se ilegível, mas acho que gostava de olhar para fora, para a neve cintilante e para o céu intensamente azul. Escovei-lhe o cabelo fino. Ela estendeu a mão trémula na minha direção, aflorando-me o pulso com as pontas dos dedos sedosas, reconhecendo a nossa estranha amizade como tudo o que havia entre nós e a solidão.

Mais tarde, dei um pouco de aveia com mel à Ruby-Alice e depois voltei a instalá-la no meio das colchas para que dormisse uma sesta. Calcei as minhas botas de neve e o casaco de lã azul para ir dar um giro rápido pela cidade. Tinha apenas duas voltas a dar — algumas compras no Chapman's, um cabo novo para o machado no Jernigan's e depois casa. Uma conversa amigável não iria na verdade fazer-me perder tempo. Nos últimos meses, nem um único aceno tolerante de cabeça me fora dirigido. As pessoas já estavam suficientemente zangadas pela minha venda, mas, desde que se espalhara o boato de que eu obrigara a Ruby-Alice a vender também e de que ficara com o dinheiro dela, tornara-me uma verdadeira pária. Na verdade, eu nunca falara com a Ruby-Alice acerca da barragem ou das ofertas do governo, achando que a sua paz de espírito no dia em que morresse seria toda a riqueza de que ela precisava.

Enquanto percorria a longa alameda de acesso, o ar de inverno, normalmente tão cortante como uma bofetada, pareceu-me atenuado pelo sol e suave nos pulmões. A neve cintilava, brilhante como um sonho. Os estorninhos conversavam e precipitavam-se entre os choupos despidos, um sinal seguro da chegada da primavera. Ao passar pela propriedade da Ruby-Alice, lembrei-me do alívio que aquela casa representava, entre os pinheiros, o sítio onde senti o abraço do Wil pela primeira vez, onde a Ruby-Alice tomou conta de mim quando voltei do Big Blue. Uma pontada de saudade assaltou-me, por tudo o que deixaria para trás, pela paisagem incauta, que continuava como sempre, mas que estava prestes a ficar submersa. No entanto, quando me aproximava da cidade, pensei que aquele lugar também continha a crueldade da ignorância, com algumas pessoas a

acreditar que uma idosa solitária era um demónio e que um rapaz belo de pele escura era um criminoso e um traste. Essa mesma ira infundada era agora dirigida contra mim, e não havia nostalgia suficiente que me fizesse desejar ficar. Desci a Main e subi os degraus do Chapman's a sonhar com o dia em que me iria dali embora.

Encontrando-me à entrada a abotoar o casaco, o senhor Chapman olhou para mim com uma indiferença fria, por cima das cabeças dos clientes sentados ao balcão das iguarias. Não quis saber. Mesmo quando dois clientes rodopiaram nos bancos e fiquei frente a frente com a Millie e o Matthew Dunlap, senti-me animada e imune a tudo o que pudessem dizer.

Contive um revirar de olhos quando a Millie cantarolou delicadamente o meu nome:

— Ora vejam só quem ela é, a Torrrrie Naaaash.

Os Dunlaps tinham-me enviado alguns trabalhadores da pensão nesse outono, como de modo amável faziam todas as épocas de colheita desde que o pai morrera, mas, a partir do instante que se espalhara a notícia da minha venda, deixaram de pedir entregas ou de frequentar a banca.

— M'nha senhora — respondi, e depois cumprimentei o Matthew com a cabeça antes de ele virar costas abruptamente.

— Oh, não me venhas com m'nha senhora. Sou a Millie, querida, só a Millie.

— Levantou-se do banco e encaminhou-se para mim como uma árvore a cair demasiado depressa para se conseguir evitar. — Há *quanto* tempo? — Agarrou-me pelos ombros, parando para me abraçar. — Olha para ti! Diabos me levem.

A sua cara redonda estava agora enrugada e pálida como uma couve, mas a curva em meia-lua dos olhos castanhos sugeria falsamente que era inofensiva. Eu aprendera há muito a não confiar naqueles olhos ou no seu tom monocórdico de amizade. Tinham-se passado cerca de sete anos desde aquela manhã terrível na cozinha da pensão e desde a sua repugnância súbita perante as minhas perguntas sobre um rapaz a quem ela chamara «índio nojento», mas, para mim, podia muito bem ter sido ontem. O seu sorriso ávido à porta do Chapman's lembrou-me do motivo pelo qual, além de questões básicas relacionadas com o meu negócio, eu mantivera há muito a distância.

Perguntou-me se a apanha dos pêssegos corra bem, esperando claramente um agradecimento por me ter enviado trabalhadores, o qual lhe ofereci. Depois, continuou a tagarelar sobre o tempo e outros disparates, enquanto a minha mente procurava uma maneira de escapar.

Antes de me conseguir safar dela, mostrou-me demasiados dentes e disse:

— E, céus, deve ser mesmo bom para ti voltares a ver o teu irmão.

Olhei para ela de forma tão inexpressiva como se tivesse apanhado um estalo.

— O quê? — perguntei. Ouvira bem as palavras dela, mas estas fizeram um voo direto dos meus ouvidos para o meu estômago, saltando a cabeça.

— Voltares a ver o Seth — repetiu. — Deve ser muito bom para ambos. — Deu-me uma patada no braço como um gato a brincar.

Não ouvia alguém referir-se ao meu irmão há anos. Presumira que o Seth fora apagado da memória coletiva, do mesmo modo que, em Iola, nunca falávamos de um ano de colheitas arruinadas ou de um acidente devido a um descuido com uma ceifeira-debulhadora, para evitar a vergonha ou o azar.

— Eu e o Matty ficámos muito surpreendidos por saber que o Seth não sabia *nada* acerca de teres recebido o dinheiro daqueles homens do governo, tendo em conta que metade do acordo seria dele e tudo. — Os seus olhos em lua arquearam-se mais.

— O Seth... — crocitei, com o nome a arder-me na garganta — está na Califórnia.

— Oh, credo, não. — Voltou a agarrar-me o braço como se estivesse surpreendida com a minha estupidez. — Ele esteve durante algum tempo... para os lados de Fresno, acho que foi o que ele disse ao Matty... mas tem estado em Montrose já há cerca de um ano. A oeste da cidade. A trabalhar no milho-doce. Viamo-lo por lá nos leilões, de tempos a tempos, e agora há alguns dias apenas, depois do cinema. Claro que não é de grandes falas. Sabes bem como é o Seth.

Ela deixou o comentário pairar sobre mim, analisando o seu efeito.

Sim, sei bem como é o Seth, quis cuspir-lhe de volta na cara.

— Não sei bem o que abalou mais o pobre rapaz quando falámos — continuou a Millie, com a sua falsa doçura a amargar. — Saber aquilo de ter's vendido ou ter's acolhido aquela velha maluca, a Akers, obrigando-a a vender também. — Fez uma pausa cruel e depois encolheu os ombros. — Mas ele disse que havia de te ir visitar, por isso, suponho que vocês lá se entenderam.

O Seth. Em Iola. Eu já estava fora dali, a correr para casa, antes de a Millie Dunlap, depois de feito o estrago, conseguir regressar para o seu banco, vagarosa e presumidamente. Entrei a voar pela porta da cozinha, esbaforida e corada. Sem parar para recuperar o fôlego ou descalçar as botas, corri até ao quarto da Ruby-Alice e abri a porta de rompante. Não tinha a certeza do que esperava encontrar — o Seth, a pairar sobre ela, de arma na mão, ou, pior, o rasto sangrento da sua invasão —, mas encontrei-a como a deixara, a dormir tranquila, com a respiração superficial a fluir lentamente. Dois dos cãesinhos enroscados ao seu lado olharam para mim com preguiça e depois voltaram a adormecer.

As minhas mãos tremiam enquanto enchia um copo de água no lava-louça da cozinha. Bebi-o de uma assentada, voltei a enchê-lo e bebi de novo. O carro do Seth ainda assombrava a janela à minha frente. Nunca deixaria de imaginar o arrastar e rugir do carro do outro lado daqueles vidros na noite em que o Wil morrera. Esperei ver ali o Seth nesse momento, a recriar a sua sinistra saudação. Mas ele não estava ali. Nem na sala, nem lá em cima, nem no celeiro, nem escondido nas pocilgas decrépitas onde costumava tratar dos porcos. A neve suave não revelou quaisquer pegadas para o pomar ou vindas dali. Passei o dia à procura dele em todos os sítios possíveis e impossíveis. Quando não estava a ver, estava a ouvir, todo o meu ser de guarda, como um cão acossado. Corri todas as cortinas, tranquei todas as janelas e portas. Não dormi nada nessa noite.

Deitada na cama, nessa noite sem lua, olhei para a maçaneta da porta, tal como fizera tantas vezes quando era mais nova. Fui assaltada por uma sensação de repugnância, pelo Seth, sim, mas também por mim. Passara demasiado tempo na vida com medo do meu irmão, com medo de coisas que não conseguia nomear.

Depois, lembro-me daquelas primeiras noites intermináveis na cabana da montanha, tão certa de que algo perverso estava lá fora, à espreita, e o sangue-frio que cresceu dentro de mim para enfrentar fosse o que fosse. Lembro-me do terror e da alegria de dar à luz, de criar uma vida e de a trazer para o mundo, e da coragem de abdicar do meu bebé e de lhe virar costas, para o salvar. Lembro-me de voltar para casa e de enfrentar o pai e de amar o pai e de continuar, com competência, depois de ele morrer. Lembro-me de puxar enraivecida as colchas que outrora confundira com o rosto do Seth no meu alpendre e de jurar, nessa noite, que não o deixaria atormentar-me mais.

Atirei com as cobertas e levantei-me da cama. Já que o Seth vinha aí, era bom que estivesse preparada.

*

O dia seguinte amanheceu cinzento e solene. O nascer do sol, sem cor, deu comigo a bebericar café na cozinha obscura, com a espingarda do pai ao lado. Não tocara na arma depois de ele ter morrido ou nos anos que haviam antecedido o seu falecimento, pelo menos, desde que me levara para dar uns quantos tiros, algumas vezes, quando eu tinha treze anos, alinhando garrafas de *Coca-Cola* junto da vedação traseira. Primeiro, eu disparara de forma relutante e imprecisa. Mas o pai era tão insistente quanto eu era obediente, por isso, continuámos. Acabei por acertar nas seis garrafas de seguida e, depois, perguntei se podia acabar com aquilo. Detestava o peso da arma nos meus braços, o estouro ensurdecedor, o ressaltar da arma contra o meu ombro pequeno, o cheiro acre. Detestava, inclusive, bater o meu recorde, com todo aquele vidro a voar, imitando a maneira como a bala destruía uma vida. A arma encontrava-se agora devidamente encostada à cadeira da cozinha, mas não fazia qualquer tenção de a disparar. Se o Seth aparecesse, queria a arma nas minhas mãos. Precisava de que ele visse logo que eu já não era a rapariguinha de que se lembrava.

Fui dar de comer às galinhas e aos cães, juntar lenha para o lume e cozinhar as papas de aveia matinais para a Ruby-Alice, decidida a não ter medo, com a arma sempre ao meu lado. O desejo de abandonar a quinta crescia a cada minuto, e comecei finalmente a embalar as coisas, investindo a minha energia nervosa no carregamento de quatro cestos grandes antes do meio-dia e regressando à tarefa depois do almoço. De repente, parecia nunca mais estar na hora da mudança.

Arrastei uma escada usada na apanha dos pêssegos do celeiro para a sala, para chegar à coleção de cruces de porcelana que a mãe tinha exposta na prateleira branca, lá em cima.

A velha escada rangeu e oscilou sob o meu peso, mas alonguei-me num degrau mais alto, a admirar a coleção, lembrando-me das manhãs de Natal em que a mãe desembulhava uma cruz nova que o pai lhe comprara, mostrando-se sempre surpreendida e agradada. Cada uma era do tamanho aproximado da minha mão e branca e reluzente, ornamentada com flores pintadas de azul-ultramarino ou fitas ou pássaros em voo. O pai encomendava especialmente as cruzes de um catálogo da Sears Roebuck, no Jernigan's, todos os meses de dezembro sem falhar, e eu sentia ternura nessa tradição enquanto puxava o brilho e embrulhava cada uma. Entre elas, estava uma cruz quebrada, eu sabia-o, por isso procurei-a para lhe pegar com um cuidado especial. Ao esfregar a ponta do dedo pela linha irregular onde o pai a colara de novo, revivi aquela horrível manhã de Natal em que o Seth, furioso com uma brincadeira ou provocação, pegou na coisa que tinha mais perto para a atirar ao Cal. O presente da mãe bateu contra a parede da sala e depois desfez-se em pedaços. O silêncio esmagou a divisão enquanto esperávamos pela reação da mãe. Ela limitou-se a contrair o maxilar e a olhar para as mãos, enclavinhas. As birras do Seth por norma encolerizavam-na, mas, dessa vez, percebi que estava simplesmente triste. O pai expulsou-nos aos três da sala, e passei o resto dessa manhã de Natal a chorar no estábulo do *Abel*.

Segurando a cruz colada, ainda a sentir a melancolia daquele dia, há muito passado, reparei numa cruz caseira deitada na prateleira, atrás das outras. Fora feita a partir de dois paus de salgueiro unidos no centro por uma fita vermelha de Natal. Há muito esquecida, reconheci-a de imediato. O Seth fizera-a para a mãe. Colocara-a numa caixinha, envolvida num laço desajeitado, e apresentara-lha timidamente quando fomos autorizados a voltar para dentro de casa, para o jantar de Natal de presunto caramelizado em açúcar amarelo. A mãe recebera-a de forma educada, mas taciturna, pousando-a de seguida e continuando com a refeição. O Seth só levantou os olhos para ela ou para qualquer um de nós quando começámos a passar os pratos. Apesar da abundância de acepipes que a mãe e a Viv só preparavam para os dias festivos, o Seth mal comeu.

Desci da escada, com a cruz de porcelana partida numa das mãos, a cruz improvisada na outra. Ambas continham verdades acerca do meu irmão, acerca da sua impetuosidade e raiva, mas também acerca de uma parte dele que sabia perfeitamente como fazer as coisas, uma parte dele que queria mais amor do que saberia pedir. A sua brutalidade e as mágoas resultantes enchiam-me de tal maneira as memórias que mal me lembrava do rapaz que também tinha construído com todo o cuidado uma cruz com ramos de salgueiro, como pedido de desculpa. A mãe guardara as duas cruzes. Senti que isso deveria significar algo para mim. Deixei-as nas palmas das mãos e olhei durante muito tempo para elas antes de as levar para a cozinha e as deitar no balde do lixo.

Alguns dias mais tarde, estava a secar e a guardar a louça do almoço quando ouvi passos pesados no alpendre da frente, seguidos de três batidas fortes na porta. Era ele, eu sabia. Fiquei muito nervosa, precipitando-me para a cozinha de forma

absurda. Nas minhas muitas versões imaginadas do Seth a aparecer-me à frente na quinta, bater com civilidade à porta da frente não era decerto uma delas.

Inspirei profundamente e peguei na arma do pai. Enquanto percorria o corredor e atravessava a sala, pensei em todas as formas como o Seth ainda podia forçar a entrada. Claro que eu retirara a chave da trave do alpendre, onde estava pendurada há décadas, de um prego, mas talvez ele tivesse a sua própria chave ou partisse um vidro ou mandasse primeiro a porta abaixo com o ombro. Porém, ao aproximar-me, ele voltou simplesmente a bater à porta, com mais força, levando a que os cães no quarto da Ruby-Alice desatassem a ladrar.

Ganhei coragem para espreitar pela janela da sala, e ali, a olhar-me de volta, quase nariz contra nariz, estava o meu irmão. Dei um salto para trás, com o coração a martelar dentro do peito.

— Abre o raio da porta, Torie — exigiu o Seth através da janela.

O meu vislumbre dele anunciou-me que estava mais magro agora e que usava uma barba escura e hirsuta que o fazia parecer-se mais com o homem adulto que eu previra.

— Vá lá — instigou, com uma voz profunda e insinuante. — Não te vou fazer mal.

Parei para desenredar as minhas emoções e dei-me conta de que não tinha medo por mim. Fosse qual fosse a maldade que o Seth trazia consigo, caso a dirigisse contra mim, conseguia lidar com ele. Se a canalizasse contra a Ruby-Alice, já não tinha tanta certeza. Quando os cães se calaram, voltei a aproximar-me da janela e, através do vidro, ordenei-lhe que se sentasse na cadeira do alpendre. Ele riu-se baixinho da minha exigência, mas fez o que mandei.

Enrolei-me numa camisola. De seguida, agarrei a arma e saí apressadamente, ativando o fecho da maçaneta e atirando com a porta atrás de mim, fitando-o quando me precipitava para o lado oposto do alpendre.

O Seth lançou uma gargalha rouca e disse:

— Pensei que detestavas essa velha espingarda.

— E detesto — repliquei, satisfeita por ser a primeira coisa em que ele reparava, na esperança de que aquilo dissesse tudo o que eu queria que refletisse acerca de mim.

Fez-se um silêncio demorado enquanto nos observávamos um ao outro. De uma estranha forma, ele era o Seth, mas também não era o Seth. Tinha o mesmo cheiro, a cigarros e uísque, mas o rapaz louro e encorpado de dezasseis anos que fugira de Iola transformara-se num homem de vinte e dois, de cabelo e barba castanhos, com o rosto cinzelado em novos ângulos e curvas. Tinha rugas profundas entre as sobrancelhas espessas e uma cicatriz longa e branca a franzir a pele de uma das faces. Os seus olhos cinzentos pareciam familiares, ainda nervosos e rápidos, mas, de certa forma, mais suaves, menos exasperados do que os do rapaz que eu conhecia. Tinha os ombros largos, mas era magro por baixo do seu casaco de sarja castanho. As suas mãos sujas eram grossas e nodosas como as do pai e tremiam um pouco quando as esfregava repetidamente pelas pernas das calças de

ganga. Algo na sua postura me dizia que se metera em grandes sarilhos naqueles últimos seis anos, todos causados por ele, disso tinha a certeza.

Não consegui adivinhar o que estaria a pensar acerca das mudanças que via em mim, mas, para lá do meu novo à-vontade a dar ordens e a empunhar uma arma, não fiquei muito interessada em saber.

— Encontrei os Dunlaps em Montrose e... — começou ele.

— Eu sei. A Millie contou-me tudo — interrompi.

— A sério? Pensei que já não eram amigas — disse ele.

Encolhi os ombros.

— Ela disse que ias passar por cá, por causa do dinheiro — disse eu.

— Então não estás surpreendida por me ver — disse, rindo-se nervosamente.

— Só estou surpreendida por teres demorado tanto a aparecer. — Queria insultá-lo na sua cobiça, mas respondeu como se estivessemos a ter uma conversa.

— Sim, acho que não conseguia decidir o que fazer — respondeu. — Disse sempre a mim mesmo que nunca mais cá poria os pés.

Pensei em como quebraria aquela promessa por dinheiro, mas não para estar presente no funeral do pai. Ele sabia que era nisso que eu estava a pensar. Encolheu os ombros em resposta ao meu juízo de valor silencioso.

— Talvez tenha voltado por mais do que dinheiro — disse ele finalmente.

— Como por exemplo? — instiguei.

— Talvez esteja a precisar de te dizer algumas coisas. — Levantou os olhos, semicerrados, quase parecendo o rapaz que oferecera aquela cruz improvisada à mãe depois de nos ter dado cabo do Natal.

Perguntei-me quais seriam as diferenças na forma como eu e o meu irmão carregávamos os nossos fardos. Não tínhamos idade suficiente para saber como lidar com a perda quando a perda, mesmo assim, nos atingira. Tínhamos andando para a frente — sem a mãe, sem o Cal e sem a tia Viv, apenas com um pai em declínio e um tio mal-intencionado e destroçado que ficara no lugar deles —, tornando-nos versões mais solenes de quem sempre tínhamos sido: eu, a rapariga obediente; o Seth, o rapaz irascível. Nenhum de nós sabia comportar-se de outra forma. No entanto, o meu amor pelo Wil descascara a minha armadura de timidez, e o Baby Blue mostrara-me a minha força. Duvidava de que o Seth tivesse tido a mesma sorte. Preparei-me para aquilo que iria dizer.

— Ando a querer dizer-te — continuou ele, engolindo com dificuldade — que não fui eu quem matou aquele rapaz, o índio.

Procurei estabilizar a respiração. Queria dizer-lhe que o Wil não era nenhum rapaz e nenhum «índio», mas um homem com um nome e um encanto que ultrapassavam todo o entendimento. Mas não valia a pena. Ao contrário, retorqui:

— Bem, é claro que dirias isso, não é? Tendo vindo aqui, na esperança de que te desse dinheiro. Dirias qualquer coisa.

— Não, Torie, a sério. — O Seth abanou a cabeça violentamente. — Foi o Forrest Davis. Foi ele... que prendeu... que fez aquilo ao miúdo. Eu estava lá, e não devia ter estado, mas não fiz aquilo.

A única resposta que consegui dar foi mostrar que estava a apertar a arma com mais força. A violência era tão estranha para mim como Marte, mas, naquele momento, compreendia a vingança, a explosão que causava, a necessidade desesperada de obliterar a dor infligindo-a ao máximo noutra pessoa. Lembro-me da noite terrível em que o Seth voltou para casa, bêbedo e triunfante, decerto com o sangue dele nas mãos, quando a única coisa que consegui foi rastejar para longe dele.

— Se estavas lá — disse quando voltei a encontrar a minha voz —, por que diabo não paraste com aquilo? — Agora estava a tremer, dando-me conta de que sempre desconfiara de que o assassino fora o Forrest Davis, mas também sempre soubera que o Seth fora demasiado fraco, demasiado insensato e cegamente intolerante para fazer mais do que assistir à morte do Wil. — Porquê? — repeti, querendo gritar aquelas palavras, mas acalmando-me e contendo as lágrimas. — Porque não o ajudaste?

O Seth olhou durante um minuto para o soalho gasto e depois disse:

— Eu era um idiota na altura. Um idiota raivoso e estúpido.

As palmas ásperas das mãos dele a rasparem nas pernas das calças de ganga tornaram-se o único som entre nós. Então, levou a mão ao bolso do blusão para tirar um maço de *Lucky Strike*, deixou cair um na palma da mão, levou-o aos lábios e acendeu-o. O tabaco crepitou no silêncio a cada longa baforada.

As nuvens deslizavam como uma série de cobras cinzentas a apoderar-se do céu, antes soalheiro, e lançando sombras longas na neve. O ar ácido do tabaco estava gelado.

— Mas há uma coisa que não fui demasiado bronco para compreender — disse ele, agitando o cigarro na minha direção. — Não fui demasiado estúpido para perceber porque fugiste.

Mordi o lábio e esperei que dissesse que sabia do bebé, que o pai e o Og e o Lyle e a cidade inteira sabiam do bebé.

— Tinhas medo de que fôssemos atrás de ti — disse ele, com ar soturno, aspirando de novo uma baforada profunda e deitando as cinzas para o alpendre. — Mas nunca te faria mal, Torie, tu e eu... nós... — Parou, voltando a olhar para o chão. — Não gostei nem um pouco quando fui atrás de ti às escondidas e te vi beijar aquele índio. Tenho de o reconhecer. Nem um bocadinho. Mas não te culpei por isso. Tu não sabias nada da gente dele, dos feitiços e dos truques e das coisas deles.

Aquele índio, pensei com repugnância. *A gente dele. Feitiços e truques.*

Lembrei-me da explicação do Cal para a fúria do Seth quando não o deixámos entrar na nossa casa na árvore. *Ele está só com ciúmes*, dissera o Cal. *De mim e de ti.*

— Quando o Lyle começou a andar atrás de nós e o Davis achou que era melhor sairmos da cidade, procurei-te — disse o Seth. — Andei de carro até ao raio do sítio. Queria que soubesses que, com o Davis longe, com aquele índio morto, era seguro voltares para casa. Diz que acreditas em mim.

Eu não acreditava. Ou talvez acreditasse. Já nada disso importava.

— Que queres, Seth? — disse eu, impassível, desejando que o encontro chegasse ao fim. — Porque estás aqui?

— Não sei — disse ele, atirando com o cigarro para o soalho do alpendre e esmagando-o com a bota. — Ficar com aquele dinheiro. Mas, agora que aqui estou, eu... — Fez uma pausa, pensativo. — Aquela maluca da Akers está cá? — perguntou, apontando para a porta da frente.

— Nã — disse eu. — Morreu. Há muito tempo.

Ele escarneceu.

— Não foi isso que ouvi dizer.

Encolhi os ombros e voltei a perguntar:

— Que queres, Seth?

— Bem, comecei a pensar. Quem vai viver aqui depois de te ires embora? Quem vai trabalhar a terra?

Os peixes, quis dizer. E as ervas do lago e a podridão.

— As pessoas dizem que o reservatório não vai mesmo acontecer — disse ele.

— Dizem que construir aquela barragem não é possível. Que quem vender é parvo.

Ele podia estar certo ou errado acerca daquilo, mas eu não queria saber.

Tinha um plano e uma saída.

Continuou:

— Se não quiseses este sítio, talvez eu queira. Estou farto de andar por aí sem casa. E ninguém consegue cuidar deste pomar como eu.

— Muito bem — disse eu, aproveitando de súbito o que esperava ser uma oportunidade. — Denuncia o Davis ao Lyle, diz o que viste naquela noite, e é teu.

— Há aí dois problemas — respondeu. — Um, ninguém se vai ralar o suficiente com um índio qualquer morto há não sei quantos anos para formar um júri.

Fez uma pausa para ler os meus olhos, que lhe disseram, pesarosamente, que eu sabia que aquilo era verdade.

— E dois — continuou —, agora também já não importa. O Davis morreu numa briga quando estava em Fresno. — Apontou para o corte branco na face. — O sacana quase me levou com ele. — Interrompeu-se de novo e depois acrescentou: — É só essa a justiça que vai haver.

Os meus olhos ardiam. Precisava de que ele se fosse embora.

— Saio depois do verão — disse eu. — Nem te atrevas a aproximar-te de mim, além disso, não me interessa que raio de porcaria fazes. Se voltares a chegar perto de mim, rego cada centímetro deste sítio com gasolina e ponho tudo a arder.

Ele roncou, trocista:

— O pomar, não.

— Começo pelo pomar — menti, encarando-o.

Os seus olhos magoados disseram-me que, pelo menos, uma coisa neste mundo brutal — os pêsegos — tinha afinal importância para o seu coração esfarrapado.

— Não duvides das minhas palavras, Seth — disse, aproximando-me. —

Mantém-te longe daqui até eu me ir embora. Depois, fica com esta terra, se ela te aceitar. Se o Lyle te encontrar ou se os homens do governo vierem tomar conta deste sítio, isso não terá nada que ver comigo. Estarás a invadir propriedade privada, e as consequências ficarão todas para ti.

Ele pareceu desconcertado com a minha condescendência, mas não lhe dera nada que não tivesse prometido à enchente. O que aconteceria à quinta quando as árvores fossem salvas e eu comesse a minha vida não tinha qualquer significado para mim. O Seth, disse para comigo, não significava nada para mim. Se ele voltasse de facto, o pomar teria desaparecido, a quinta estaria vazia, mas os fantasmas dos seus arrependimentos permaneceriam. A minha vingança, e a única justiça que o Wil alguma vez receberia, residiria no tormento do Seth e no dia em que as águas do rio Gunnison se erguessem para apagar tudo.

Levantei a arma, apontando o cano diretamente para o peito dele.

— Agora, desaparece do meu alpendre, que diabo — disse eu.

O Seth pôs-se de pé, olhando-me com um ar tão exausto e abalado que parecia ter oitenta anos em vez de vinte e dois. Parecia tão triste que, por um instante apenas, eu era de novo a rapariguinha que amava o irmão e que queria desenredar esse amor do medo e da confusão, que o queria salvar de si próprio e expulsar todo o mal que existia dentro dele, todo o mal do mundo inteiro, sendo boa. Queria dizer-lhe que havia mais dentro de mim do que eu julgara ser possível e que talvez também houvesse mais dentro dele.

Ainda assim, mantive a espingarda firme quando o Seth descia lentamente os degraus do alpendre, percorria a longa alameda e desaparecia para lá dos choupos. Não baixei o cano, nem sequer respirei como deve ser enquanto não ouvi um rugido distante de motor ganhar vida e um carro afastar-se.

Quase como se o Seth tivesse levado o inverno consigo, a neve começou a derreter mais intensamente no dia seguinte. Durante as duas semanas seguintes, a terra emergiu em fragmentos graduais e dispersos e depois toda de uma assentada, quando a neve se transformou em lama, que se transformou em verde. Ao mesmo tempo que o Greeney e os alunos terminavam a preparação do solo no terreno novo nas montanhas de Elk, pudei o pomar sem folhas, ramo a ramo, excetuando as árvores velhas, que teria de deixar para trás. Em voz alta, tranquilizei-me, dizendo que o transplante iminente iria resultar, que eu e as minhas árvores floresceríamos juntas em Paonia, no próximo mês de maio. Enquanto falava, o meu estômago contorcia-se em torno da possibilidade de fracasso. Sentada no chão enlameado, com as costas contra o tronco largo e retorcido da velha árvore de que mais falta iria sentir, uni as mãos em prece. Quando as minhas palavras se erguiam em direção ao céu, percebi que não falava com Deus, mas com o meu pai, a pessoa que melhor conhecia e que mais amava o pomar. Pedi a sua bênção e ajuda, pêssegos milagrosos e bom tempo, e pedi também o seu perdão e compreensão, se tudo corresse terrivelmente mal, por, pelo menos, ter tentado.

No primeiro dia de maio, encontrava-me ao lado do Greeney e de quatro dos

seus alunos, com pedaços de serapilheira junto de nós. Assisti com nervosismo quando dois dos jovens escavaram com todo o cuidado à volta da primeira árvore, soltando a terra até as raízes começarem a libertar-se. Enquanto levantavam a árvore do solo, caí de joelhos, e o Greeney fez o mesmo, admirando as raízes grossas e emaranhadas e sustentando o máximo de terra possível contra elas. Os dois outros estudantes afadigaram-se a envolver a grande bola de raízes na serapilheira. Juntos, pousámos aquele volume num carrinho de mão e depois levámos a árvore até ao atrelado do camião. Só voltei a respirar quando o Greeney me apresentou os polegares virados para cima e exibiu um sorriso rápido de esperança. Sorri-lhe de volta, mas, interiormente, sentia-me como se pudesse vomitar.

Dia após dia, continuámos, uma árvore de cada vez, até enchermos um camião e este ser levado dali e outro tomar o seu lugar. Os buracos gigantes deixados no pomar eram como feridas abertas. Estava preocupada com a possibilidade de a terra sentir a dor da extração, um sofrimento sem sangue, silencioso, de solo rasgado e pedra e raízes deslocadas, tal como sentiria a sua última respiração quando as águas da enchente comessem a subir. Mas se estas montanhas me tinham ensinado algo, era que a terra persiste, libertando-se das loucuras humanas quando é preciso, reclamando-se para si mesma quando consegue e continuando. Ainda assim, em certos fins de tarde, eu ficava sentada no crepúsculo azul e fresco, no pomar saqueado, e pedia desculpa pelo que tinha feito.

A Ruby-Alice dormia durante a maior parte dos dias e não parecia preocupada com os planos e as mudanças, mas, com o carregamento daquele primeiro camião, começou virar a cara à comida e à bebida. Iola era o seu lar, e supunha que ela estivesse a recusar ser arrastada dali, como as árvores. Os dias passaram-se, sem que ela se alimentasse ou movesse. Quando senti que a sua hora estava para breve, carreguei o seu corpo minúsculo até à carrinha do pai, enxotei os cãesinhos e devolvi-a à sua casa entre os pinheiros. Horas depois de a instalar no sofá onde ela gostava de dormir e de a tapar com uma colcha, a sua respiração tornou-se mais espaçada e superficial, com grandes intervalos de permeio. Morreu de forma tão tranquila como qualquer pessoa poderia desejar, com as suas mãos azuis dobradas sobre o peito, quatro cães a dormir ao seu lado e um enroscado no ombro. Beijei-lhe a testa e senti-me feliz pela sua vida — tão bizarra e singular, tão estranhamente sobreposta à minha — e feliz pela sua morte, a única que eu conhecera como sendo justa.

— Flui como um rio — sussurrei-lhe, como o Wil poderia ter feito, e juro que senti o espírito dela erguer-se.

Esperei que o funeral da Ruby-Alice no cemitério de Iola fosse como as nossas vidas tinham sido nos últimos tempos, apenas nós as duas e a vastidão do Big Blue a pairar, lá em cima. Pareceu-me adequado enterrá-la profundamente naquele solo, onde floresciam malmequeres brancos durante todo o verão e onde a família que ela perdera e a minha e gerações de pessoas da cidade descansavam, sob lápides humildes. Se o reservatório viesse, os seus restos mortais submergiriam

com a terra ou, como o homem do governo prometera, seriam trasladados lá para cima, para uma encosta sobranceira a tudo, um monumento àquilo e a quem tínhamos sido. Guardei em caixas os velhos objetos cuidadosamente dispostos que descobrira na gaveta da cómoda da Ruby-Alice e dei-os ao reverendo Whitt, para que os pusesse dentro do seu caixão antes de este ser selado. Ele perguntou se podia dizer algumas palavras na manhã do funeral, e concordei.

Chilreios de pardais e uma luz do sol dourada e perfeita acompanharam-me no caminho para o cemitério. Eu inclinaria a cabeça junto da sua campa enquanto o velho reverendo dizia uma oração e, depois, faria a minha despedida. Uma vida nova abria-se diante de mim. Nunca deixei de questionar as escolhas do passado, mas no mundo conhecido cada passo dava certamente lugar ao próximo, e temos de caminhar rumo a esse espaço aberto, sem mapa e sem convite. O Wil e o rio Gunnison e as camadas de vida e de morte das florestas do Big Blue continuaram a ensinar-me isto. Certo ou errado, o meu próximo passo encontrava-se diante de mim, e fiz os possíveis para confiar nele. Aquele funeral soltaria o meu derradeiro laço com Iola, e, em breve, estaria de partida.

Quando me aproximei do cemitério bem cuidado, os meus olhos nem queriam acreditar ao ver a multidão reunida. Mas era verdade. Havia duas dúzias de pessoas da cidade a entrar pelo portão de ferro forjado branco, convenientemente vestidas de preto, algumas transportando ramos de salva pretos com fitas em vez de botões de flor ainda por abrir. A tradição imperava sobre tudo o resto quando ocupei o meu lugar entre elas. O reverendo recitou salmos. Os cumes brancos refulgiram. Todos unimos as mãos e cantámos juntos, como sempre havíamos feito, o cântico fúnebre da nossa comunidade, «In the Sweet By-and-By». Olhei em volta, para os rostos solenes e desgastados, para a família Mitchell e para os irmãos Whitt e para o doutor e a senhora Bernette e para o senhor Jernigan, para alguns colegas de escola que mal reconheci na altura, para os rancheiros para quem o pai trabalhara e para as outras pessoas habituais dos arredores da cidade, exceto, sem surpresa, os Dunlaps e os Martindells.

Não havia uma única maçã podre entre elas. Eram as pessoas decentes e trabalhadoras entre as quais eu vivera toda a vida, que apareciam para os funerais e que protegiam ferozmente os seus, ainda que de forma cega. Não conseguiria imaginar para onde iriam e quem se tornariam e o que defenderiam depois de a enchente mudar tudo, como voltariam a colar os seus corações e vidas e continuar.

Agradei a todas elas por terem vindo enquanto saíam pelo portão. Muitas apertaram-me a mão, deixando as questiúnculas para trás, pelo menos, por algum tempo. Perguntei-me quem entre eles poderia ter assistido ao funeral do Wil se tivessem tido a oportunidade. Nem todos, concluí, mas, sim, sem dúvida, a maior parte, o que me fez verter lágrimas abundantes por todos os que eu perdera e deixou a perplexidade correr pelas minhas faces.

O reverendo Whitt e os filhos concluíram o enterro, carregaram os utensílios para a sua carrinha preta e foram-se embora a conduzir. Fiquei durante algum tempo junto do monte de terra fresco, entre as oito pequenas lápides do talhão da

família Akers, sentindo um certo alívio por a Ruby-Alice, finalmente, fazer entre elas.

A minha família estava enterrada na vertente arrelvada, adiante. Fui até ao nosso talhão e toquei nos marcadores de madeira em arco, dizendo os nomes em voz alta. Quando as pessoas se tinham juntado ali para dar as mãos e cantar por cada um deles, presumira que, quando a morte um dia me viesse buscar, o meu próprio funeral seria também assim. Que estranho, pensei enquanto me despidia pela última vez e voltava a descer a colina, não conseguir imaginar como seria a minha vida agora, quanto mais a minha morte.

A meio do mês, eu e o Greeney tínhamos supervisionado a remoção e o transporte de todas as árvores preciosas. Foi com essas últimas árvores que também eu abandonei Iola.

As galinhas, engaioladas, esperavam em cima do sofá dourado ao lado dos cestos grandes, carregados de produtos caseiros e caixas com pêssegos de conserva e ferramentas do pomar do pai e tudo o que os estudantes que andavam a ajudar tinham conseguido enfiar na caixa da velha carrinha. O Greeney e os alunos tinham então carregado os seus próprios veículos para irem a guiar à minha frente, até ao novo pomar. Regressei à porta lateral para percorrer a casa uma última vez, mas detive-me. Já examinara as divisões silenciosas e fizera paz com as memórias e os objetos que deixaria para trás. Em vez disso, coloquei o último cesto no lugar do passageiro. Estava marcado com uma fita azul para assinalar o seu conteúdo como especial: as cruces de porcelana, os bordados emoldurados e a Bíblia da mãe; as camisas de flanela do pai; duas colchas da Ruby-Alice e os meus bibelôs preferidos dela. Trouxe os cãesinhos de casa e do quintal e instalei-os no banco de trás. Depois, fechei a porta da cozinha com um puxão.

Comecei a descer a longa alameda de acesso, tentando não olhar para trás, mas não consegui. Parei a carrinha e saí para olhar demoradamente, uma última vez, para o sítio que fizera de mim quem eu era. Depois, voltei para dentro da carrinha e continuei a guiar. Deixaria o passado para trás e tentaria reconstruir a minha vida, sem esperar milagres, mas simplesmente força, do terreno novo. Pensei que, se as minhas árvores conseguiam sobreviver, extirpadas e contra todas as expectativas, então, ao diabo com todo o azar, eu também havia de conseguir.

TERCEIRA PARTE



1955–1970

DEZOITO

1955

Ao percorrer a Grand Avenue de carrinha pela primeira vez, pensei que Paonia era demasiado chique para mim.

Espreitei por cima do volante, para os passeios e calçadas todos janotas, para o colorido Paradise Theater, com um expositor encaixilhado com os filmes em cartaz, e para um edifício alto com *Hays Variety* pintado em cursivo vermelho sobre tijolos amarelos. O café tinha um toldo verde e portas de vidro limpas e uma indicação no quadro preto sobre um prato especial de truta e *waffle*. Algumas pessoas olhavam com curiosidade à minha passagem, e eu mal conseguia suportar a vergonha da minha intrusão, o motor rabugento da carrinha a perturbar a sua sossegada tarde de primavera.

No entanto, depois de sair da Grand para a Second Street e de ter atravessado a linha de comboio em direção ao Minnesota Creek, pomares e pastos e paisagens abertas desenrolaram-se diante de mim. Uma floresta de pinheiros distante trepava por uma cumeeira recuada, ligando dois cumes cobertos de neve: um, irregular e agreste; o outro, suave e delicado como o dorso de uma baleia. Tirei o papel escrevinhado pelo Greeney do tabliê e segui as indicações restantes: virar à esquerda num celeiro vermelho, à direita depois de atravessar uma ponte sobre uma vala de drenagem, em direção a uma estrada de terra sem nome, e, mais uma vez, à esquerda.

A minha nova quinta acolheu-me, então, expectante e estranha, como um familiar distante que nunca se conheceu. A quinta azul-centáurea precisava de uma pintura e de um telhado novo de metal, mas era quadrada e encantadora, com um alpendre fronteiro amplo e uma fiada de janelas brancas com caixilhos ao longo do piso superior. O jardim arrelvado era pequeno, amarelado pelos dentes-de-leão e coberto pela sombra verde dos choupos. Botões de lilás e de outros arbustos que ainda não conseguia identificar alinhavam-se junto de uma vedação enferrujada de ferro fundido. Segui toda a alameda de gravilha até ao jardim lateral, comprido, passando por um pátio de tijolo orlado por uma horta sobrelevada e por canteiros de flores cheios de ervas daninhas, em direção a uma velha garagem, com a sua porta ampla aberta para o interior vazio. Parei ali por um instante, sentindo-me uma intrusa, mas a alameda de gravilha continuava, por

isso, avancei também — passando por dois chorões e por um barracão decrepito contornado pelos caules adormecidos de uma área de framboesiras, para lá de um amplo celeiro acinzentado pelos anos, mas ainda de pé e resistente. O meu coração acelerou quando divisei o pomar.

Ali estavam as minhas árvores. As *minhas* árvores. Algumas ainda estavam por plantar, inclinadas em ângulos estranhos com as raízes dentro dos sacos de serapilheira, ao lado dos buracos, à espera delas, mas a maior parte erguia-se em fileiras longas e direitas, cada tronco empilhado e coberto, cada ramo nu em busca de um novo pedaço de céu. Seria tolice dizer que as árvores me deram as boas-vindas, embora tivesse aceitado alegremente alguma tranquilização quanto à mudança lhes agradar e de não ter cometido um erro terrível. Em vez disso, tudo o que consegui respigar delas e do solo de substituição foi que uma nova jornada começara. Não fazia ideia do que se passaria agora. Tinha a sensatez suficiente para saber apenas uma coisa: a terra decidiria o meu destino.

O Greeney e vários alunos ouviram o camião aproximar-se e correram para a estrada do pomar com os braços levantados, acenando e aclamando e rindo como crianças vitoriosas. Eu buzei ferozmente em resposta e senti-me mais esperançosa do que em muito tempo. Não muito longe, ouviu-se um apito demorado e profundo, e, pela primeira vez em anos, sorri perante o matraquear e zunido familiar de um comboio de passagem.

Nesse dia, caminhei pelo pomar e toquei em todas as árvores, contando, dando graças e encorajando-as em voz alta, como fiz duas vezes por dia durante as semanas que se seguiram. Podei e reguei e fertilizei de acordo com a experiência herdada do meu pai, os meus próprios instintos e as recomendações do Greeney, incentivando lentamente sinais subtis de vida.

Ao fim da tarde, ocupava-me na estranha tarefa de manter em bom estado um lar que me parecia ser de outra pessoa. A velha casa tinha o cheiro das velhas casas, a histórias, a décadas de pequenos-almoços em frigideiras com manteiga, café simples e torneiras a pingar, a família e vida e madeira a envelhecer. A quinta de Paonia assemelhava-se, em alguns aspetos, à minha própria, em Iola, mas não eram as narrativas e os hábitos e a história da minha família nas suas paredes aromáticas. Sem fazer nenhuma ideia dos fantasmas entre os quais me deslocava, fiz tudo para me instalar. Posicionei o sofá dourado de modo que tivesse a melhor vista para a montanha da janela da sala de estar e dormia ali todas as noites. Dispus cuidadosamente as cruzeiras da mãe na pedra da lareira. Coloquei os meus pratos brancos nos armários da cozinha e alinhei na despensa uma dúzia de frascos herméticos com os pêssegos da última época. Os donos anteriores tinham deixado para trás uma longa mesa de jantar de pinho, talvez por esta se ter revelado demasiado difícil de transportar. Lá em cima, duas camas de casal com cabeceiras de carvalho e mesas de cabeceira a condizer pareciam estar à espera de que me instalasse convenientemente e aceitasse a hospitalidade do verdadeiro proprietário.

Nessas primeiras semanas, quando não estava no pomar, não tinha bem a

certeza de onde deveria estar. Plantar a horta com as sementes que trouxera de casa ajudou, tal como passear os cães da Ruby-Alice nas estradas rurais e nos trilhos desenhados pelas valas. O Greeney e um dos seus alunos passavam por ali para reunir dados todas as quintas-feiras, e eu convidava-os para almoçar e para me atualizarem em relação aos nossos progressos, ainda lentos e incertos. Quando os vizinhos apareceram com guisados de boas-vindas, tartes acabadas de fazer ou compota preparada a partir das receitas das avós, recebi as suas ofertas com amabilidade e troquei números de telefone. A sua tagarelice era suficientemente simpática, mas não escondia que, para a maior parte deles, uma jovem a viver sozinha e a cuidar de um pomar parecia algo ao mesmo tempo estranho e condenado ao fracasso. A maioria tinha ouvido falar dos pêssegos Nash, mas eu e as minhas árvores estávamos agora em plena região desse fruto, no Colorado, diziam, a par das melhores cerejas, peras e maçãs do estado. Alguns sugeriam e outros afirmavam abertamente que, se as minhas árvores vivessem, o que ainda estava para ser visto, eu não deveria esperar ser especial. Eu acenava com a cabeça e apertava mãos e dizia-lhes que, por mim, não havia qualquer problema, embora tivesse as minhas suspeitas de que, na primeira vez em que abrissem um pêssego Nash doce para retirar o caroço do seu centro cor de rubi e dar a primeira dentada, poderiam reconsiderar. Rezei para que tivessem oportunidade de o fazer.

Numa manhã escura do fim de abril, sentei-me no sofá a bebericar café e a olhar para fora, para a chuva. O mundo estava felpudo e silencioso. Nuvens cor de chumbo cobriam o solo do vale. Tinha memorizado a nova vista da minha janela — a ladeira de pinheiros ao longe até à pedra íngreme, a extensão abrupta de rocha até à orla serrilhada do penhasco em Mount Lamborn e a vertente suave e coberta de árvores até Mount Landsend, ali perto —, mas nessa manhã pouco se conseguia ver por trás da flanela cinzenta. Apenas as pontas dos dois cumes se destacavam por cima das nuvens, um com o seu ápice irregular e o outro, suave, ambos a perfurar o céu, em busca do primeiro sinal da alvorada roxa. O mundo parecia de pernas para o ar, naquele momento — com a inversão de terra acima de nuvens, de nuvens abaixo de terra —, tudo simultaneamente belo e desconcertante.

Quando a chuva cedeu, calcei as minhas botas sujas e dirigi-me para o pomar. O terreno encharcado tinha um aroma fértil e doce, mas diferente do de casa. As aves estava caladas e quietas. Ouviu-se ao longe um apito de comboio. Nuvens densas pairavam em volta, erguendo-se lentamente para apagar os cumes das montanhas e qualquer esperança de sol. A disposição condizia com a tarefa sombria dessa manhã. As minhas árvores tinham por fim rebentado com folhas verdes e brilhantes e, entre elas, brotos do tamanho de ervilhas, a promessa milagrosa de vida e flor e fruto profundamente ligada a cada um deles. Porém, nesse dia, caminhei de ramo em ramo com uma tesoura de poda e cortei todos esses rebentos. Cada corte abalava tudo o que sabia acerca da natureza sagrada de um broto de pêssego, sobre cuidar dele como uma joia até se desenvolver numa delicada flor cor-de-rosa. A pesquisa do Greeney convencera-o de que não poderia

haver frutos no primeiro ano depois do transplante, talvez nem no segundo. Cortar os rebentos concentrava a energia da árvore de volta às raízes, disse. Sacrificar aqueles rebentos significava um crescimento mais forte, adiante. Tinha de acreditar nele, mas, a cada corte, a cada broto precioso que caía no chão, desperdiçado, as minhas entranhas contorciam-se, e perguntei-me o que diria o pai. Quando a chuva recomeçou, leve e como uma neblina primeiro, depois feroz e forte como seixos a tombar, continuei simplesmente a podar, com as lágrimas a misturarem-se com a chuva no rosto. Virei a cara para o céu, de olhos fechados, os braços estendidos como se numa espécie de rendição, e deixei que a chuva me encharcasse, limpando-me por completo.

Nessa noite, voltei a dormir no sofá entre as colchas da Ruby-Alice. Dois dos seus cãesinhos jaziam aos meus pés, e mais dois enroscaram-se no chão ao meu lado, numa faixa branca de luar. Havia dias que não sabíamos do paradeiro do cão mais velho, estaria perdido, teria sido apanhado por um coioote ou partira apenas para morrer, como os cães velhos fazem. Perguntei-me o que sentiria a Ruby-Alice em relação a isso e tentei sentir o mesmo, tão silenciosamente estoica acerca dos animais perdidos como ela era acerca de quase tudo. Pensei depois no cachorro manchado que o Wil salvara com as suas mãos maravilhosas e perguntei-me o que teria sido dele e porque não tinha eu reparado. Então, subitamente, de forma absurda, uma comiseração por aquele cachorrinho em que não pensara durante anos consumiu-me. Puxei as colchas até ao peito e chorei enquanto o luar vagaroso avançava centímetro a centímetro, do chão, até percorrer todo o meu corpo. Quando me alcançou o rosto, fechei os olhos para a luz e aquietei, sabendo que as minhas lágrimas não eram realmente pelo cachorro.

Nessa noite, sonhei caminhar por uma estrada longa e sinuosa, levando ao colo um bebé enfaixado. O meu braço esquerdo embalava o bebé por baixo do seu rabinho acolchoado pela fralda, o braço direito envolvia-lhe as costas, e a minha mão apoiava-lhe a cabeça sedosa contra o meu ombro. A sua respiração fazia-me cócegas no pescoço como uma pena minúscula. Sabia que tinha de levar a criança para um lado qualquer, que a sua vida dependia desta chegada, mas, apesar de me apressar em direção ao destino, não sabia para onde ir. Continuava a avançar, a arrastar o bebé num frenesi para algures, que ficava em lado nenhum. De súbito, os meus pés começaram a perder tração. Espreitei por cima do pequeno fardo para analisar o meu próximo passo cauteloso, e percebi que estava a caminhar sobre o nada. O chão sob os meus pés, a terra que devia ter sido sólida e segura, tornara-se cavernoso, absolutamente destituído de luz e substância. O meu coração batia com força. Tinha de continuar a andar. Avancei com cuidado, como se a pisar gelo, e receei que este não conseguisse aguentar o meu peso, apertando o bebé com mais força, que dependia de mim para não cair. Então, escorreguei, e caímos juntos na escuridão sem fundo. A rodopiar e a afundar-me, agarrei-o com todas as minhas forças, mas a atração exercida sobre ele era demasiado intensa. No instante em que foi arrancado dos meus braços, despertei de um salto.

Pulei do sofá, a transpirar e a tremer, e caminhei descrevendo círculos

nervosos. Claro que já sonhara com o Baby Blue dezenas de vezes nos anos passados desde o seu nascimento, mas raramente com tal terror. O nenhures do sonho perturbou-me tanto como o ter largado.

Vesti o casaco por cima da camisa de dormir. Quando avancei para o quintal, os animais da noite aquietaram-se. O ar fresco cheirava a terra húmida. Uma meia-lua brilhante avançava em direção às colinas, a oeste. Fiquei algum tempo a observar a paisagem coberta por sombras. Quando me cruzara pela primeira vez com o Wil, não conseguira compreender por que motivo ele afirmara que todos os lugares são iguais. Não acreditei que ele acreditasse nisso, apesar de o dizer, e continuo sem acreditar. Contudo, agora percebia aquilo que ele poderia ter querido dizer; que, quando nenhum sítio nos recebe, todos se tornam uma espécie de nenhures, tornando-se qualquer solo tão inseguro como o do meu sonho assustador.

Quando a ponta da lua desapareceu para lá do horizonte e o céu ficou escuro e salpicado de estrelas, ajoelhei-me na relva húmida e pedi ao solo que me desse a sua bênção. Queria criar um lar ali, para mim e para as minhas árvores. Em troca, jurava amar e cuidar daquele pedaço de terra até ao fim dos meus dias. Esperando ouvir uma espécie de resposta, acrescentei rapidamente ao meu pedido aquilo que desejava mais do que tudo, mas nunca me permitira reconhecer: que se, por algum milagre ou destino, o meu filho voltasse para mim, esta terra e eu poderíamos acarinhá-lo, ensinar-lhe que os sítios não são todos iguais, que naquele pequeno pedaço do mundo, vasto e incognoscível, existíamos como família.

Todos os sons noturnos que se haviam silenciado quando entrei no meio da escuridão começaram de novo nesse instante — o canto dos grilos e a vibração dos gafanhotos, os anuros a lamentar-se dos caniços vermelhos, o apelo surdo da coruja, ao longe — e, enquanto ali estava, encarei aquele coro como uma aceitação da minha oferenda, ou, pelo menos, acreditei que talvez fosse uma possibilidade.

Pancadas fortes na porta e os cães a ladrar arrancaram-me de um sono profundo. Demorei um momento a levantar-me do sofá, aturdida, e a situar a porta da frente. Ainda não pendurara espelhos, mas tinha a certeza de que estava com péssimo aspeto depois da noite atribulada. Esfreguei os olhos inchados e preendi o cabelo com um gancho antes de me aproximar da porta. Depois, dando-me conta de que ainda estava de camisa de dormir com duas nódoas secas de relva nos joelhos, voltei rapidamente para trás para vestir as calças e a camisola que deixara no chão na noite anterior.

Quando abri a porta, um sol matinal radioso atingiu-me como um petardo. Estremeci e semicerrei os olhos para a sombra escura e alta no alpendre.

— Menina Nash? — disse uma voz de barítono que reconheci como a do agente imobiliário com quem falara várias vezes pelo telefone e trocara documentação assinada, pelo correio, mas que não chegara a conhecer em pessoa.

— Sim — respondi asperamente.

— Ed Cooper — disse ele, aproximando-se mais e estendendo-me uma mão.

— O seu agente imobiliário? Peço imensa desculpa. Acordei-a?

Tanto quanto sabia, ninguém numa região de quintas dormia para lá das seis da manhã, e ali estava eu, pelo aspeto do sol, muito depois das nove. Comecei a arranjar desculpas para mim própria e para o meu aspeto desganhado, mas os olhos azul-claros dele eram amáveis e despreocupados, por isso, decidi convidá-lo apenas para um café.

— Não está interessada nas camas que a senhora Harding deixou para trás? — perguntou, passando pelo sofá atulhado de colchas e almofadas e pela minha camisa de noite suja.

— Ainda não — repliquei.

Ele riu-se baixinho, como se não tivesse a certeza do que aquilo significava, mas, ainda assim, gostasse da ideia.

Pus a chaleira ao lume e pedi desculpa pela minha falta de cadeiras. Ele encolheu os ombros, encostou um deles à parede da cozinha e perguntou-me como me estava a desenvencilhar sozinha. Usava uma camisa branca, calças pretas e sapatos da mesma cor, pontiagudos, que tinham perdido o brilho. O seu cabelo quase todo grisalho não condizia com o seu rosto e modos juvenis. O relógio de pulso e a aliança eram do mesmo ouro reluzente que as duas canetas de tinta permanente que se encontravam enfiadas no bolso da frente.

— Estou a desenvencilhar-me relativamente bem — respondi de forma pouco convincente.

— Enfim, sabe como é, demoramos sempre algum tempo a instalarmo-nos num sítio novo — tranquilizou-me. — Tem alguma pergunta para me fazer?

— Sim, tenho várias — disse eu, deitando colheradas de café para dentro da cafeteira. — Tenho andado a pensar nas pessoas que venderam esta quinta. Porque se foram embora?

— Ah, na verdade, é uma história triste — disse ele, abanando a cabeça. — Gente boa. Cultivavam vários tipos de maçãs. Um pouco de milho-doce. Mas depois, enfim, conheceram grandes provações. O filho morreu na guerra, e a filha fugiu com um mexicano, e... lembra-se da seca de quarenta e nove? Por essa altura, o senhor Harding entregara-se à bebida. Perderam quase tudo nesse ano; as árvores ficaram engelhadas até quase desaparecerem. — O Ed disse que o senhor Harding tinha tentado trabalhar no carvão depois disso, vale acima, em Somerset. Morreu de ataque cardíaco num dos poços mais profundos. A senhora Harding tinha servido às mesas no restaurante e atendera ao balcão no Hays durante algum tempo, mas não conseguira pagar as contas.

— Chama-se Lila — disse o Ed. — Uma senhora do mais simpático que pode haver.

Servi o café em duas canecas brancas e ofereci-lhe uma delas.

Ele aceitou com um aceno de cabeça.

— Então e a terra? — perguntei.

— Oh, ficou transformada num monte de ervas e lixo. Imagina isto? Aqui? Podia ter sido salva, se tivessem cuidado um pouco dela ou pedido ajuda. Aquele

cientista seu amigo, o professor? Muito estranho. Ligou-me no próprio dia em que a Lila Harding entrou no meu gabinete, lavada em lágrimas, a dizer que precisava de vender.

Ambos fizeram uma pausa por um instante e bebericaram o café.

— É fantástico aquilo que a menina e o professor fizeram aqui — disse ele, gesticulando em direção à janela.

Sorri educadamente e respondi:

— Darei o meu melhor. Se a terra me aceitar.

— Bem, os Hardings não foram os primeiros a ser arrastados pela dor e pelos caprichos do tempo. Desejo melhor sorte aos seus pêssegos.

— Brindemos a isso — disse eu.

Tocámos as canecas, e perguntei-me em que dia, em que hora, a sorte dos Hardings teria sofrido uma reviravolta e se a minha, depois de tantos esforços e perdas, seguiria agora o caminho oposto. Imaginei-me a cair de joelhos na relva molhada, a meio da noite, a pedir uma oportunidade.

O Ed continuou com os pormenores sobre a cidade e os seus arredores, alguns dos quais não tinham grande interesse, como mexericos sobre os meus vizinhos, onde encontrar o melhor hambúrguer ou os solteiros que estavam disponíveis na cidade. Mas outra informação revelou ser valiosa — de onde vinham as linhas de caminho de ferro e para onde iam; onde encontrar as melhores bancas de venda de produtos e o mercado dos produtores às terças-feiras; que canalizador poderia atualizar o meu sistema de rega, que mecânico repararia o velho trator que estava a enferrujar atrás do celeiro e a quem deveria ligar se a minha vala de drenagem ficasse obstruída com os escoamentos de primavera ou se secasse, no outono.

— O rio, aqui, que alimenta a minha vala — disse eu, dando-me conta de que era a primeira vez em que reclamava alguma coisa ali como sendo minha. — Chama-se North Fork?

Ele aquiesceu com a cabeça.

— North Fork, bifurcação norte. De quê, exatamente?

— Bem, bifurcação norte do Gunnison, claro — disse ele.

— Do Gunnison? — perguntei. Nem queria acreditar no que estava a ouvir.

— Claro. Logo depois de o Gunnison passar pelo Black Canyon, o North Fork desagua nele, em Roger's Mesa. — Pôs duas mãos abertas num V para ilustrar a confluência e depois apontou para sul. — Cerca de trinta quilómetros, vale abaixo. — Depois riu-se. — Bem, essas mesmas águas do Gunnison primeiro atravessam Iola. Por isso, conhece-as bem.

— Pois conheço — respondi.

A sua intenção era ser reconfortante, e aceitei a informação como tal, mas os meus sentimentos sobre o Gunnison tinham-se tornado tão turbulentos como o próprio rio. Imaginei o seu percurso, das águas a montante do vale, em Almont, de onde o pai e o Seth costumavam trazer o gado; passando pela cidade de Gunnison e atravessando Iola e a minha terra natal; transpondo de seguida a união com o Big Blue Creek, onde as minhas lágrimas pelo meu bebé ainda corriam; e,

depois, escavando pelo Black Canyon, a sepultura trágica do meu Wil. Esse troço daquele grande rio contava a minha história. Sentia amor e angústia em partes iguais pelo seu percurso sinuoso, e assombro, por me ter seguido até aqui.

O Ed terminou o café e pousou a caneca na bancada da cozinha. Enquanto o conduzia até à porta da frente e ele saía para a luz do sol, pediu-me para não desaparecer, que a mulher se chamava Zelda e que adorava que eu a conhecesse.

— Neste sábado, vai haver uma venda em casa dos Walkers, que se vão mudar. Fica mesmo ali, na Dry Gulch Road — disse ele, apontando do alpendre. — Compre umas mobílias e conviva um bocado, menina Nash. — Piscou-me simpaticamente o olho e depois acrescentou: — Não se preocupe. Os Walkers não são mais uma história triste. Vieram da cidade e querem voltar para lá. Vá lá alguém perceber isto.

— Vá lá alguém perceber isto — repeti, com um sorriso.

Quando dobrava as colchas cor-de-rosa do sofá, pensei naquilo que o Ed dissera acerca das vidas complicadas que tinham habitado aquela velha casa. Pensei no filho dos Hardings, que trocara a paz da quinta pelo inferno da guerra, e na filha, que fugira com alguém que só poderia presumir ser um amante proibido. Tenho a certeza de que o rapaz foi lembrado como herói; a filha, como vadia, mas a mesma ousadia intrépida de sair porta fora conduzira-os a ambos a outros lugares. Pensei no senhor Harding, a esquecer a dor com bebida, e na Lila Harding, cujo coração se desfazia um pouco mais todos os dias. E pensei na minha própria irrequietude desde que ali chegara e como me parecia com a Ruby-Alice, a dormir no sofá, noite após noite.

Uma decisão cristalizou-se subitamente diante de mim. Levantei-me e dobrei as colchas, subi a escada e guardei-as numa prateleira, no armário do vestíbulo. Depois, tomei banho, vesti um vestido decente e meti-me na velha carrinha para guiar até ao Hays Variety e comprar um conjunto de roupa de cama para mim, novinho em folha, pela primeira vez na vida.

Quando regresssei, decidi que o quarto do piso superior, com as janelas a dar para o pomar, era o melhor para mim. Fiz a cama de casal com lençóis novos, um cobertor de algodão azul-céu e uma colcha com motivos em relevo, a condizer, que passei meia hora a escolher. Pus fronhas brancas nas quatro almofadas gordas que comprei como extravagância final e dispu-las contra a cabeceira de carvalho. Recuei um pouco e admirei o meu novo quarto. O Wil gostava de fazer troça de mim, dizendo que o meu nome era digno de uma rainha. Sorri e pedi-lhe que observasse, pois agora tinha um quarto a condizer. Sentada na ponta do colchão, olhei para fora, pela janela. As minhas árvores verdejantes estavam alinhadas em filas apertadas e perfeitas. Para lá delas, conseguia ver tudo até à vedação de arame farpado e ao portão de metal prateado que delimitava a parte de trás da minha terra. Para lá deles, emergia o campo de feno de um vizinho e o rio North Fork, ao longe, a cintilar, inchado com a neve derretida da montanha.

Comprei móveis na venda que o Ed Cooper recomendara e dispu-los a meu gosto. Escolhi no Hays um tecido estriado com girassóis e costurei cortinas para a

cozinha e para o quarto. Podei todos os botões de flor das minhas árvores e reguei-as, alimentei-as e estimei a minha fé no processo. E, a meio da minha lenta instalação, comecei a percorrer o vale de carrinha, todas as semanas, ao longo da margem do rio North Fork, até à confluência com o Gunnison, em Roger's Mesa. Percorria o trilho entre a salva, as flores silvestres e os salgueiros, e depois descalçava os sapatos, enrolava as calças e ladeava as águas frias e agitadas para me posicionar mesmo no ponto em que os dois rios nadavam juntos, formando um só. O rugido da sua fusão abafava qualquer outro som, com exceção da sua conversa antiga. Cravava as pontas dos dedos nas pedras escorregadias que se encontravam por baixo e equilibrava-me, contra a corrente, fechando os olhos e escutando. Não sei dizer exatamente o que aquelas águas translúcidas me contavam. Sei apenas que tudo o que diziam era verdade.

Um dia, no fim do verão desse ano, sentei-me na margem da confluência, deixando as pernas aquecer ao sol. O Wil encorajava-me muitas vezes a deitar-me na terra em vez de me sentar, a sentir todo o corpo contra o solo e a olhar para cima, para o céu, e fi-lo apenas pelo prazer de assimilar o mundo. Era como se conseguisse sentir as vibrações dos rios e das pedras, do céu de um azul absoluto e dos insetos atarefados, e, quando me levantei, senti-me animada e segura. Percorri a pé o caminho de volta e entrei na velha carrinha. Antes de saber bem o que estava a fazer, dei comigo a conduzir em direção a Iola. Só percebi qual era o assunto inacabado que me puxava para lá quando os quilómetros de colinas cobertas de salva se abriram para o vale do Gunnison e me dei conta de que não estava a regressar a casa.

Pelo contrário, virei à direita numa saída da Estrada Nacional 50 para a estrada de saibro que seguia paralela ao Big Blue Creek. A carrinha gemeu, subindo a encosta que eu outrora descera aos tombos, uma jovem esfomeada e aturdida. Pela primeira vez, estava a regressar ao sítio exato onde tinha deixado o meu bebé. Não sabia o que esperava encontrar lá. O nada, muito provavelmente, o vazio absoluto no sítio onde desejava que ele estivesse à minha espera, sabendo, claro, que não o iria encontrar.

Queria dizer-lhe que agora estava pronta para ele. Queria dizer-lhe que conhecia a dor da deslocação e quanto lamentava — profunda e intensa e indizivelmente — ter abdicado dele, de não ter descoberto outra forma qualquer de o salvar.

O troço de saibro conduziu-me a uma estrada estreita de areia, mais íngreme e comprida do que me lembrava, que se erguia da salva e do carvalho-americano para se curvar através de uma floresta densa. Fiquei sem conseguir respirar quando reconheci a clareira. Parei a carrinha no sítio em que o carro preto e comprido estacionara e, depois, saí para o mesmo lugar onde pegara no meu filho pela última vez. Com as mãos cruzadas sobre o peito como que para o manter contra mim, caminhei através da clareira até ao tronco caído, onde ainda conseguia ver claramente a mulher a dar de mamar ao seu bebé. Os estorninhos conversavam no

mesmo ramo do pinheiro-ponderosa onde os dois gaios-de-steller azuis e pretos tinham casquinado por cima do marido e da espiral de fumo de cigarro. Os três lançavam uma sombra ampla sobre o piquenique, exibido em cima de uma mnata vermelha. Sentei-me no tronco, no lugar da outra mãe, e chorei.

Só posso equiparar as emoções que experimentei nesse dia às do próprio ato de dar à luz, a animalidade livre, a propulsão crua para algo tão além da escolha e da razão que os meus soluços cresceram até uivos dissonantes. Envolvi a barriga com os braços e dobrei-me sobre ela, embalando dentro de mim o peso indescritível que nenhum choro poderia expelir, a caverna simultânea dentro do corpo que só ele poderia preencher. Engoli o ar fresco da montanha como se estivesse a tentar saboreá-lo ali, e, quando as minhas lágrimas finalmente acalmaram, fechei os olhos e escutei como se o pudesse ouvir na floresta silenciosa.

A rocha onde a outra mãe me deixara um pêsego encontrava-se na orla da clareira. Era diferente das rochas circundantes — não era redonda e amarela, mas cor de bronze e laranja e irregular, com três faixas negras ao longo da face lisa, como marcas de garras. Parecia ter-se dividido em duas, com a outra metade a ser erodida e arrastada pelos séculos. De tudo o que aquela rocha testemunhara ao longo do tempo, as minhas visitas àquele lugar tinham sido infinitesimais, como uma única gota de chuva. No entanto, a rocha representava, para mim, tanto um monumento como uma âncora, uma prova tangível de que aquilo que ali acontecera no verão de 1949 não era apenas um sonho.

Aproximei-me dela a medo, embora não saiba dizer porquê. O seu topo liso, ao nível do peito, não continha mais do que alguma caruma acobreada de pinheiro e uma pedra lisa e redonda. Peguei na pedra e fechei-a na palma da mão, lembrando-me do pêsego. Encostei-me à rocha e olhei em volta. Epilóbios magenta sob a luz da tarde. Cantos de aves que se tinham assustado com o meu choro, tendo regressado aos ramos acima de mim. Olhei para baixo e reparei numa pedra lisa semelhante àquela que apanhara e inclinei-me para lhe pegar. Estava outra na terra húmida próxima, e também a fui buscar.

Foi nesse momento que decidi: juntaria seis pedras lisas e colocá-las-ia em cima da rocha, uma por cada ano desde o nascimento do meu filho. No verão seguinte, voltaria àquele lugar e deixaria mais uma pedra, outra no ano seguinte, e, assim, teria um monumento, um sítio onde o poderia sentir, um altar no qual ofereceria uma bênção de aniversário pelo meu filho. Rezei para que cada um dos anos tivesse sido amável com ele, enquanto dispunha as seis pedras, uma a uma, num círculo perfeito.

DEZANOVE

1955–1962

No outono, a luz infiltra-se por uma janela de forma diferente do que em qualquer outra estação do ano. Era verdade na minha quinta em Iola e também certo na minha nova casa. Independentemente da temperatura exterior ou da cor das folhas, o outono começa sempre com o primeiro toque de sol direto num parapeito virado a sul.

Para lá desse feixe de luz, o outono de 1955 foi diferente de qualquer outro que tivesse conhecido. Não havia pêssegos maduros à espera de serem apanhados. Não havia termómetros a exigirem vigilância meticulosa. Não havia preocupações com geadas ou cestos virados ou fruta tocada ou falta de trabalhadores contratados para me manter desperta durante a noite. Tratava das árvores todas as manhãs e ao fim da tarde, mas estas exigiam muito pouco de mim, excetuando paciência. Os meus dias não me pareciam tão longos desde aquele início de verão na cabana da montanha, quando aprendi a confiar nas horas em vez de as preencher.

Nesse primeiro outono vagaroso em Paonia, depois de ter concluído a minha breve lista de tarefas na quinta, punha-me a deambular pelas margens do North Fork para conhecer a sua natureza. Pedras negras e redondas destacavam-se das águas baixas como tartarugas adormecidas, e eu saltava muitas vezes de pedra em pedra para me sentar no meio do rio lento e ver tudo à minha volta pronto para o inverno. A truta-arco-íris alimentava-se de ninhadas de efemerópteros em redemoinhos cheios de sol; taboas castanhas e rechonchudas alongavam-se acima das suas hastes douradas e compridas, preparando-se para explodir; campos frágeis de flores silvestres libertavam sementes de todas as formas engenhosas; e, acima de tudo, falcões-de-cauda-vermelha e francelhos-de-asa-azul caçavam, e os gansos do Canadá migravam em longos e simétricos V. Em certos dias, abandonava o rio para conduzir a carrinha até Lamborn Mesa, penetrando na floresta, só para ficar sentada sob a luz sarapintada do sol e assimilar tudo — os aromas a pinho, fétidos e musgosos, e o zunido, o pipilar e o chilreio, por todo o lado. A cada dia que passava, construía uma vida escolhida por mim, e era uma vida boa. Sabia aquilo que estava a perder, mas também estava grata por aquilo que tinha presente.

O outono transformou-se num inverno suave e soalheiro, com a neve suficiente para ser reconfortante, não a ponto de ser incómoda. Reuni várias cadeiras avulsas

para a comprida mesa de pinho que os Hardings tinham deixado para trás. O Greeney e os seus alunos eram convidados habituais às refeições, tal como o Ed Cooper e a mulher, a Zelda, uma loura animada que usava joias coloridas e que chegava sempre com pão da padaria e conversa agradável e mais um ou dois convidados numa tentativa nada subtil de me sociabilizar. O Ed e a Zelda convidaram-me para o jantar da noite de Natal pela primeira vez nesse ano. Os seus familiares barulhentos, vindos de todo o vale, juntaram-se a nós na sua casa alta e vitoriana na Baixa, e tenho a certeza de que nunca me ri tanto num só dia. Em janeiro, uma nova família mudou-se para o fundo da rua e mandava muitas vezes o filho ao meu alpendre para pedir qualquer coisa emprestada — uma caneca de açúcar, uma ferramenta ou uma lâmpada, como os vizinhos costumam fazer. A mãe era demasiado tímida ou estava ocupada, supus, para ir ela própria, mas o filho, o Carlos, era amável e curioso e exatamente da idade do meu Baby Blue. Eu dava-lhe aquilo que viera pedir e juntava uma bolacha, e falávamos de coisas disparatadas durante os instantes que o conseguia manter ali. De pé no alpendre frio, enquanto o via ir-se embora — parando no quintal para brincar com os cães ou fazer uma bola de neve, a sorrir, ranhoso e de faces coradas, o cabelo preto e liso a sair do barrete como o do meu filho poderia sair —, não conseguia evitar imaginar que a criança enchourçada era minha, e, desse dia em diante, o Carlos tornou-se a minha vara de medição para quanto o meu menino cresceria.

Na primavera de 1956, as pessoas estavam demasiado atarefadas nas suas quintas para se juntarem. Entrei de bom grado no ritmo do trabalho diário à medida que o meu terreno despertava do inverno. O dobro dos rebentos de pêsego em relação à primavera anterior surgiam como promessas fartas e reluzentes. Partilhávamos um desejo — eu e aqueles brotos —, que tivessem simplesmente a possibilidade de se desenvolver. No entanto, o Greeney aconselhou mais um ano de descanso, e, de novo, passei semanas a podar os rebentos. Sofri muito menos com a tarefa do que no ano anterior, pois vi provas de que os métodos do Greeney estavam a resultar e de que precisávamos apenas de mais tempo. Fertilizei e podei e arranquei ervas daninhas e esperei. Plantei a horta e reparei as linhas de água e desobstruí as valas e analisei os matizes da minha nova terra, ficando a conhecê-la hectare a hectare.

Nesse verão, regressiei à clareira e coloquei a sétima pedra no círculo em cima da rocha e disse uma oração pelo meu filho. Isso também me atormentou menos do que no ano anterior. Sentei-me no tronco sob o cântico das aves e do pinheiro, e falei com ele, dizendo-lhe que estava a construir uma casa para nós, se ele precisasse de um novo lar. E falei com ela, a outra mãe. Agradei-lhe e perguntei-me em voz alta onde ela e o meu filho poderiam estar.

A minha memória perdeu o fio aos pormenores nos anos que se passaram depois disso. Os problemas surgiram e passaram, como acontece com os problemas. Os cãesinhos da Ruby-Alice morreram ou desapareceram, um a um. Dei aos porcos a maior parte da minha primeira colheita de pêsegos de dois anos. Lutei contra geada e seca e pragas e equipamento avariado e solidão e inúmeras

outras provas. Mas não tinha queixas da minha vida. A terra nova escolhera aceitar-me, e eu respondia com toda a determinação e desvelo que esta honra merecia. Paonia e o vale do North Fork recebiam-me no seu ritmo reconfortante e suavizavam a minha dor. Os outonos trouxeram dias a preparar conservas e muitas horas de vizinhos a ajudarem vizinhos; depois, vieram os invernos tranquilos de boa comida e tempo para ler e de neve e das minhas férias com os Coopers; com a primavera, veio o trabalho e o assombro e uma abundância de inflorescências de frutos em quase todas as quintas. Lembro-me sobretudo dos verões longos e quentes, de tratar do pomar e de caminhar ao longo do rio e de regressar à clareira todos os meses de agosto para deixar uma pedra e, por fim, abençoadamente, depois de vários anos de espera, da primeira colheita de pêsegos Nash perfeitos e generosos, de todas as árvores transplantadas, seguidos de verão após verão do mesmo.

Não é que não tenha pensado em Iola nesses anos. O Ed Cooper mantinha-me atualizada dos rumores que ouvia acerca dos planos para o reservatório, até ele perder interesse no projeto lento e complicado e deixar de o mencionar de todo. Todos os meses de agosto, depois de abandonar a clareira, eu parava no cruzamento da estrada de gravilha com a Estrada Nacional 50, sabendo que podia virar à direita, para conduzir ao longo do rio Gunnison e das velhas e enferrujadas linhas de caminho de ferro, para, finalmente, passar por aquilo que deixara para trás em Iola. No entanto, de todas as vezes, decidia virar à esquerda, em direção ao que era agora a minha casa, desviando os olhos do betão e das gruas e dos buldózers que engoliam o vale do rio no local da barragem em ascensão, mas grata por ver o rio Gunnison ainda a correr, livre.

Num dia fresco e enevoado de junho de 1962, terminei as minhas tarefas e levei a carrinha até à cidade para ir buscar mais provisões. Depois, embora achasse um disparate pagar um café que seria mais bem feito por mim, em casa, aceitei encontrar-me com a Zelda Cooper no The Diner. A conversa com a Zelda era sempre interessante e agradável. Ela era inteligente, culta e confiante e, muitas vezes, fazia-me rir. Eu desconfiava de que fora ela a causa de todos os solteirões me andarem a bater à porta ao longo dos anos. Embora eu não estivesse interessada nos homens, sentia-me grata por a Zelda pensar em mim. Com exceção da minha ligação estranha com a Ruby-Alice Akers, a Zelda era a primeira verdadeira amiga que eu tinha na vida.

Nesse dia, trazia uns corsários verde-lima e uma *T-shirt* às riscas laranja e rosa. O seu cabelo louro descolorado saía, volumoso, de uma fita verde e terminava revirado em torno de uns brincos cor de laranja brilhantes. A Zelda fazia os outros comensais — incluindo eu e o meu vestido velho de algodão e a trança morena e sem brilho — parecerem desconhecer que os anos sessenta tinham chegado. Tentei imaginar-me vestida como a Zelda Cooper, mas nunca o conseguiria fazer, nem na minha imaginação. Uma vez, confidenciei à Zelda que até aquela humilde rua principal me pareceu demasiado fina quando cheguei a Paonia, e ela atirou a

cabeça para trás e relinchou como um pónei.

A empregada serviu-nos os cafés e duas fatias de bolo *streusel*. A Zelda contava mexericos, e eu escutava. Agitou os dedos e perguntou-me se gostava da cor do verniz.

— Chama-se Azul Tímido. — Sorriu com um pudor exagerado.

— Oh, é mesmo a tua cara — brinquei, como se os gracejos amistosos me saíssem com facilidade, e ela riu-se como uma rapariguinha de escola. O à-vontade da Zelda deixava-me, muitas vezes, com uma consciência extrema de que eu passara mais tempo da minha vida entre árvores do que entre seres humanos. Se alguma vez meti os pés pelas mãos nas nossas conversas, felizmente, nunca se queixou.

A Zelda continuou a falar do verniz das unhas enquanto eu lançava uma olhadela para uma mesa próxima. O rancheiro que ali se encontrava desdobrou o seu *Delta County Independent* e puxou-o para perto do rosto, sem dúvida como uma barreira contra a tagarelice. Na manchete do jornal, lia-se em letras gordas e pretas: «ADEUS, IOLA, SAPINERO, CEBOLLA — CIDADES DA VERTENTE OCIDENTAL EVACUADAS EM PROL DE NOVO RESERVATÓRIO».

O meu rosto ensombreceu. A Zelda olhou em volta, com ar preocupado. Apontei para a parangona e tentei explicar tudo o que aquilo significava para mim.

— Bem, querida — disse ela, sem usar um tom desagradável —, há anos que sabias que isto havia de acontecer.

Anuí com a cabeça. Tinha razão, mas foi apenas nesse instante que acreditei verdadeiramente que as cidades podiam ser mesmo apagadas do mapa, da sua própria terra, que as pessoas podiam ser obrigadas a sair, com as suas casas e modos de vida a serem queimados e inundados. Eu mudara-me para outro sítio, mas e os outros? Interroguei-me até acerca do que seria feito do Seth. Caso tivesse conseguido ficar na quinta até então, para onde poderia ir a seguir, sem dinheiro, resiliência ou juízo? Imaginei as pessoas com quem tinha crescido a carregarem as carrinhas com os seus pertences, a conduzirem o gado para terreno seguro, a leste do Gunnison, a enxotarem os cavalos e as galinhas e os porcos para dentro de atrelados. A evacuação deve ter demorado meses, e eu nem sequer passara por lá.

— É de partir o coração. Completamente — disse a Zelda. Bebeu um gole de café e comeu um pedaço de bolo, acrescentando: — Mas a verdade é que não é nada de novo. Pensa nos Utes.

A sua franqueza surpreendeu-me. A maioria das pessoas que eu conhecera tendia a pensar nos Utes com desprezo ou indiferença ou, em grande parte dos casos, nem sequer chegava a pensar neles.

— Quero dizer, o único motivo pelo qual estamos agora aqui sentadas é porque eles foram obrigados a abandonar esta terra a que gostamos de chamar nossa. Lá porque as pessoas ignoram esse facto, isso não faz dele menos verdadeiro — continuou.

O Wil nunca especificara qual era a sua tribo, e eu era demasiado tímida e

ignorante para lhe perguntar, mas queria responder à Zelda que, sim, pensava no tratamento terrível oferecido aos indígenas, mais do que ela poderia imaginar.

— Não estou a dizer que é a mesma coisa. Estou apenas a dizer que o governo pode fazer o que raio lhe apetecer, e que as pessoas sofrem — disse ela. — E não aprendemos porcaria nenhuma com a História.

Falou sobre questões políticas que não compreendi na totalidade, mas sabia que devia compreender, embora não me pudesse ter ralado menos com elas nesse momento.

— Vê só o que aquele Kennedy anda a aprontar no Vietname — dizia ela. — Ouve bem o que te digo, aquilo ainda vai dar uma grande salgalhada.

Eu não estava a ouvir. Estava a pensar de novo no Wil e no sítio e no povo de que ele vinha e como fora parar àquela escola em Albuquerque. E por que motivo, depois de ter conseguido fugir, não teria voltado para casa.

Pensei no meu próprio filho de uma forma diferente e perturbadora. Eu sabia, de ver o Carlos, que o meu filho se estava a transformar num adolescente desengonçado, certamente com a pele do tom adorável da do pai e com perguntas sobre não se parecer com os elementos da família. Perguntar-se-ia se se encaixaria ali? E, se sim, seria por a outra mãe lhe ter revelado que fora abandonado ou por carregar uma estranha memória de deslocação, bem entranhada nas suas células? Perguntei-me se alguma vez poderia sarar de qualquer daqueles tormentos ou se simplesmente o acometeriam de uma forma mais profunda.

A empregada voltou a encher-nos as canecas. A Zelda interrompeu-se por um instante para lhe agradecer e, depois, voltou a falar acerca do Vietname. Eu não fazia ideia do ponto em que o Vietname se encontrava ou do motivo pelo qual ela estava tão preocupada com o assunto.

— Poderia pensar-se, depois de todos os homens bons que perdemos por aqui, por causa da guerra, que as pessoas estariam mais preocupadas com aquilo que se está a preparar — disse ela.

Os dois velhos agricultores sentados junto da janela olharam para a Zelda com ar reprovador, como se a guerra não fosse assunto para ela discutir.

— E tu? — perguntou-me num sussurro, aproximando-se de mim. — Perdeste alguém por causa da guerra?

Ela disse «da guerra» como se só tivesse existido uma, mas eu sabia a qual se estava a referir.

— O meu tio — disse eu, o que não deixava de ser verdade. — E o irmão dele. — Eu ter perdido o Wil e, por sua vez, o meu bebé para uma espécie de guerra sem nome permaneceu por dizer.

— O meu tio também — disse ela. Por um instante, pareceu melancólica, mas depois afastou todos os pensamentos com um aceno de mão. — Mas agora chega. O Eddie tinha um ataque se me ouvisse falar de política outra vez. Diz que o faz perder clientes. — Revirou os olhos azuis e mudou de assunto, lançando-se na sua análise da versão cinematográfica de *Mataram a Cotovia*, dizendo que eu devia ir ver enquanto ainda estava em cartaz, no Paradise Theater. Iria comigo, para o

poder ver de novo.

Eu lera o livro, respondi, mas não o queria estragar vendo o filme. Na verdade, com aquela manchete ainda a fitar-me nos olhos e toda a conversa que tínhamos tido sobre deslocação e injustiça e guerra, simplesmente não conseguia suportar mais tristezas.

Quando íamos a sair, tirei um jornal da prateleira e deixei uma moeda dentro da lata de café. A Zelda gostava de dar abraços; eu, não, mas não me incomodei com o seu amplexo de despedida, que me envolveu por mais tempo do que o habitual.

Sentei-me na carrinha, que estava estacionada na Grand Avenue, e li o artigo do *Independent*. Afinal, as cidades andavam há três anos a ser evacuadas por causa do reservatório, não há meses. O artigo dizia que a maior parte das pessoas, por essa altura, já se mudara, relutantemente mas sem grandes protestos, mas alguns tinham ficado até à data-limite, que era aquela semana. Havia uma citação de um dos resistentes — de todas as pessoas, o Matthew Dunlap. Abanei a cabeça, sem saber se queria ler o que ele tinha para dizer. A ironia foi que as suas palavras me agonizaram: «A América é isto», dizia, «a terra da liberdade. Onde os homens têm direitos e merecem ser respeitados.» Voltavam a citá-lo adiante, numa frase que me fez ferver o sangue: «Um homem respeitador da lei não pode ser escorraçado como um cão. Não está certo.»

Ao fim da tarde, enquanto percorria o pomar, senti-me soturna e pesada. Toquei em cada uma das minhas árvores e verifiquei os progressos dos jovens frutos verdes, imaginando as dezenas de vezes que vi o pai fazer o mesmo em Iola. Imaginei o Wil na orla do meu novo pomar com o nosso filho ao lado. Pedi-lhes desculpa por o mundo ser como era.

Mais tarde, recortei o artigo de jornal — com exceção das citações irritantes do Matthew Dunlap — e enfié-o dentro da Bíblia da mãe. Se Iola fosse eliminada em breve, a minha família havia de querer que guardasse uma prova de que outrora existira.

No dia seguinte, fiz a viagem de duas horas de carrinha até Iola, pela primeira vez desde que saíra de lá. Ou, mais precisamente, conduzi até o mais próximo possível, até ser parada por um delegado do xerife que se encontrava na ponte. Este aproximou-se da janela da carrinha sem retirar os óculos escuros e perguntou-me o meu destino.

— Lake City — menti, sabendo que o tráfego para as cidades do Sul teria de ser autorizado a passar.

— Pode seguir, mas não pode fazer desvios para Iola — disse ele. O carro-patrolha encontrava-se na berma da estrada com as luzes a brilhar, como se tivesse havido um acidente.

— Ouvi dizer que as pessoas estão a ser expulsas — disse eu, só para ouvir a resposta dele.

— Deslocadas — corrigiu-me, num tom monocórdico. — A dar lugar ao

progresso, m' nha senhora.

Enquanto o delegado recuava e me acenava do outro lado da ponte, perguntei-me quais seriam os limites do progresso e se alguma vez saberíamos quando os tivéssemos alcançado.

Virei no nosso posto de venda de pêssegos abandonado, o qual permanecia, entaipado e coberto de ervas daninhas, como um anúncio de que aquilo que outrora estivera vivo se encontrava agora morto. Parei na berma da estrada. Adiante, outro carro-patrolha vigiava uma barreira de madeira branca. Olhei para o agente, na esperança de deparar com o xerife Lyle, sabendo que me receberia e me deixaria passar, mas este agente era novo e roliço e manteve-se ali, de braços severamente cruzados, considerando-me uma transgressora. Para lá dele, havia apenas quietude.

Demorando-me, olhei uma última vez para a estrada atrás dele, para os topos de edifícios familiares e para o mastro de bandeira despido da escola, ao longe, para as cercas e celeiros vazios e para as carrinhas sem rodas, abandonadas, que pontilhavam o fundo do vale e, embora não a conseguisse ver propriamente, para a esquina fatídica da North Laura com a Main. Voltei a olhar para a nossa banca. Desde a sua construção, passando por décadas de clientes fiéis e até ao seu fecho, delapidação e extinção iminente, esta estrutura decrépita e isolada contava a história da minha família naquele vale, uma história que agora chegava ao fim. Fiz inversão de marcha com a carrinha e afastei-me dali.

O agente na ponte encostou-se ao carro-patrolha e mal olhou para mim quando voltei a passar por ele. Depois de atravessar, parei e saí da carrinha para olhar para baixo, para o rio Gunnison.

As suas águas brancas revolviam-se e precipitavam-se no fluxo do princípio do verão, tão belas e desconhecedoras do seu destino. Quando olhava para baixo, para o meu rio que em breve seria lago, tive a certeza de que, depois de a barragem ser construída, as comportas de desbloqueio se abririam para o troço inferior do Gunnison e parte da corrente continuaria a avançar. Por mais lento e árduo que fosse o seu curso, mesmo que apenas uma gota de água passasse, sabia que ele havia de arranjar maneira de continuar a correr. E, quando assim fosse, eu, na minha nova vida ao longo do North Fork, estaria do outro lado para o receber.

Iola e tudo o que tinha que ver com ela tornaram-se pequenos e distantes no espelho retrovisor enquanto me encaminhava para oeste. Saí da estrada nacional no Big Blue Creek, e a velha carrinha resmungou subindo a estrada de gravilha. Era cedo para a minha visita anual à clareira, mas ansiava pelo cântico das aves e por um sítio familiar onde descansar.

Quando cheguei, descobri neve ainda depositada em alguns pontos — debaixo das árvores e nas sombras e ao longo da orla da clareira —, mas o tronco jazia, limpo e seco, ao sol. Sentei-me nele, como fazia sempre, no ponto onde em tempos ela se instalara. Pensei nela, na outra mãe, como pensava sempre que me encontrava acomodada naquele tronco. Agradei-lhe em voz alta, como se tornara

ritual fazer. Algo inútil, sim, mas que, de certa forma, nos mantinha ligadas. Do mesmo modo que ela sentira que eu precisava daquele pêssego, também talvez sentisse que eu estava a pensar nela ali, que lhe queria tomar a mão nas minhas, fitá-la nos olhos e agradecer-lhe apenas.

Falar com o meu filho a partir daquele lugar tornara-se mais difícil com o tempo. Costumava sentar-me no tronco e dizer-lhe simplesmente que o amava, que um dia talvez o pudesse conhecer e segurar-lhe a mãozinha e explicar-lhe só as melhores partes da história sobre o pai e o nascimento. Imaginara convidá-lo para ir viver comigo na minha terra nova e ensinar-lhe tudo sobre as árvores da sua família. Não obstante, em junho de 1962, ele já não era uma criança que pudesse ser minha com a mesma facilidade ou acreditar com ingenuidade numa versão adoçada da história trágica dos pais. Agora, só conseguia pensar numa coisa para lhe dizer. Uma palavra inútil quando nem mil poderiam comunicar o que tinha de ser dito.

— Desculpa — disse para a clareira. Impedida de entrar em Iola, sentia um estranho vazio, como se tivesse ficado órfã nesse dia.

Pegadas minúsculas de doninhas e esquilos ornavam a neve estaladiça sob as árvores. Olhei mais profundamente para a floresta e ponderei testar quão longe conseguiria ir. Apenas uma vez, em todas as minhas visitas àquele lugar, me aventurara para lá da clareira para tentar encontrar a cabana na montanha. Não conseguira orientar-me quando nada parecia familiar, e voltara rapidamente para trás, para não me perder. Desta vez, sabia que as minhas pegadas na neve fina me guiariam de volta, se me perdesse pelo caminho. Mas agora imaginava a cabana, talvez destruída por uma avalanche, apodrecida ou a albergar outra pessoa — um pastor, um caçador ou um foragido, com o feijão a cozer na panela que eu deixara para trás, com a sua noite iluminada pelas minhas velas —, e perguntava-me porque havia de regressar ali. Quando eu e o campo terminámos um com outro, deixámos de ter mais nada que ver um com o outro. Reaprendera nos limites de Iola, nesse mesmo dia — algo que acho que o Wil talvez também soubesse —, que às vezes simplesmente não podemos voltar atrás.

Sentei-me por mais algum tempo, a inspirar o ar fresco; depois, levantei-me e procurei uma pedra pelo chão, a décima terceira do meu círculo. Quando encontrei uma — macia, oval e clara, como todas as outras que eu escolhera com cuidado e ali deixara —, beijei-a e aproximei-me da rocha com ela ainda encostada aos lábios.

Primeiro, vi as pegadas, na neve em volta da rocha e na lama que rodeava a neve. Dois pares de sapatos. Ao aproximar-me, vi que um conjunto de pegadas era do meu tamanho; o outro, um pouco menor. Olhei em volta para os bosques tranquilos, subitamente desconfiada de que houvesse olhos postos em mim. Mas as pegadas, revelando as muitas direções em que os visitantes se tinham deslocado, estavam incrustadas, pelo menos, há vários dias. Em todos os anos que conduzira até à clareira, não vira sinais de outros visitantes. Regressava apenas de vez em quando para descobrir uma das minhas pedras fora do lugar ou caída ao lado da

rocha, desviada por algum ser ou pelo tempo. Enquanto analisava as pegadas, o meu coração disparou. Fui a correr ver o cimo da rocha. O meu círculo de doze pedras estava intacto.

No entanto, no centro do círculo, encontrava-se uma pedra. Peguei nela e segurei-a na palma da mão, estupefacta, como se ela fosse uma aparição. Era pesada e redonda, sem dúvida do tamanho e da forma de um pêssego.

Passei os olhos pela clareira, repetidamente, ansiando por uma explicação. Nem uma ave nem esquilo nem ramo se agitaram. Até os longos sussurros das nuvens da tarde pararam ao aproximar-se do sol. Permaneci naquela quietude não sei por quanto tempo, a escutar. Encostei a pedra redonda contra a minha barriga e revistei toda a clareira em busca de pistas.

Finalmente, depois de nada nem ninguém se revelarem, fiz aquilo que fora ali fazer. Deixei uma décima terceira pedra no círculo e disse uma oração pelo meu filho. As nuvens apoderaram-se do céu, e a tarde ficou demasiado fria para os meus braços nus, mas, ainda assim, permaneci.

Eu sabia que uma pedra redonda deixada em cima de uma rocha era, talvez, apenas uma pedra, e as pegadas, meros sinais de desconhecidos curiosos que tivessem achado o meu círculo de pedras uma estranha obra de arte, para a qual tivessem dado o seu contributo. Contudo, não consegui evitar pensar noutra possibilidade; e se, depois de todos aqueles anos, este lugar os tivesse atraído, à outra mãe e ao meu filho, tal como me atraía a mim; e se o círculo de pedras os fizera pensar em mim tal como eu estava agora a pensar neles; e se eles tivessem deixado uma mensagem em forma de pêssego para o caso de eu a poder encontrar.

VINTE

1970

À medida que o tempo passava, eu ficava mais apaixonada pelo nascer do sol no meu pomar, no verão. Todas as manhãs que começavam comigo a sair pela porta de casa para o ar doce e cheio de orvalho, perfumado pelo aroma de pêssegos a amadurecer e do solo fértil e da chuva noturna, eram um dia bom para mim. Um dia como este amanheceu fresco e dourado em meados de agosto de 1970. Rodei as torneiras de metal frio para derramar a água da rega nos sulcos encharcados, depois peguei num cesto do pomar e comecei a apanhar fruta. A colheita tinha um volume uniforme, estava imaculada e magnificamente doce.

A terra e os anos haviam sido bastante generosos. Eu e o Greeney tínhamos demorado quase uma década a devolver as árvores transplantadas ao seu rendimento e qualidade máximos, e quase o mesmo tempo a transformar os enxertos em novos blocos produtivos, mas acabámos por deixar o avô Hollis e o pai orgulhosos. Nesse verão, cada venda da região tinha pêssegos Nash, e os clientes fiéis vinham de novo de quilómetros em volta. O Greeney publicou artigos e ganhou prémios e títulos pelo papel desempenhado, e eu passei todos os nasceres do sol de fim de verão e início de outono a apanhar pêssegos, tal como fizera em criança.

Continuara com as minhas peregrinações anuais à clareira, mas não resolvera o enigma da pedra em forma de pêssego. Depois de ter encontrado a pedra e as pegadas na neve, nesse dia de primavera de 1962, voltei ao local praticamente todas as semanas durante meses, esperando provas do regresso dos visitantes ou pistas acerca da sua identidade, mas não encontrei nada. Durante vários anos depois disso, esquadrinhei o perímetro da clareira em cada viagem anual, ansiando por — pelo quê? — qualquer sinal insignificante deles. Uma vez, deixei um bilhete escrito à pressa num pedaço de papel que descobri na carrinha, demasiado breve e vago, provavelmente mal ancorado contra o vento. Dizia apenas: «Contem-me tudo.» Ainda assim, nada.

Acabei por parar de procurar pistas e abandonar a ideia desesperada de que a pedra redonda fora deixada para mim. Obriguei-me a acreditar que sentar-me no tronco naquele lugar silencioso e sagrado e juntar mais uma pedra pelo meu filho era suficiente. A pedra redonda encontrava-se há muito instalada na minha

estante, em casa, não como símbolo de esperança de reencontro com o filho perdido, mas como aviso contra desejos tolos e truques que a imaginação pode pregar quando desejamos demasiado aquilo que não podemos ter.

Contratei pessoas para ajudarem em todas as apanhas de fruta — homens da zona e respetivos filhos, bem como trabalhadores de passagem que me batiam à porta —, e elas trabalhavam ao meu lado para garantir que cada pêsego era colhido e entregue no estado de amadurecimento máximo. Nessa manhã de agosto de 1970 em particular, quando os trabalhadores chegaram, fui-me embora e dirigi-me para o galinheiro. As pintadas corriam por todo o lado e guinchavam aos meus pés enquanto eu espalhava a comida e enchia um cesto com ovos beges sarapintados. A Zelda iria aparecer para tomar o pequeno-almoço. Fizera o seu pedido, e eu ficava contente por aceder à sua vontade: ovos de pintada mexidos com alho e espinafres da horta, os meus queques de pêsego e framboesa, e pêsego fatiado à parte, acabado de apanhar e polvilhado com canela.

O Ed e a Zelda eram as únicas pessoas no vale a não cultivar absolutamente nada daquilo que comiam. A Zelda gostava de dizer que ela e o marido tinham sido feitos para comprar e vender a terra, não para a trabalhar. Não era uma piada. Os Coopers nunca sujavam as mãos, tornando quase inexplicável a afinidade que existia entre nós. Mas eu acabara por os apreciar a ambos ao longo dos anos, e a Zelda tornou-se uma das minhas grandes alegrias na vida. Não nos víamos muitas vezes. Eu mantinha-me ocupada com a quinta e gostava de estar sozinha a deambular pela floresta e pelas margens dos rios e por onde me apetecesse. A Zelda ajudava o Ed com os seus negócios imobiliários, passava tempo com a sua grande família, em Hotchkiss, e deslocava-se semanalmente a Grand Junction para fazer compras. Também era uma leitora insaciável, e, quando nos entregávamos juntas a essa atividade, ela tinha sempre algo interessante para dizer. Por norma, trazia consigo um exemplar da *Reader's Digest* ou da *Time*, apontando para os títulos e resumindo artigos, lembrando-me de que havia um mundo agitado a mexer-se fora do vale do North Fork.

Nessa manhã, a Zelda falou pelos cotovelos enquanto estávamos sentadas a tomar o pequeno-almoço na longa mesa de pinho, mostrando-me artigos sobre direitos civis e *hippies* a marchar por algo chamado Dia da Terra e a última calamidade naquilo que ela referia sempre como «o raio do Vietname». Eu gostava de aprender com a Zelda. Do que não gostava era do seu outro tema preferido: homens.

— Aquele apicultor jeitoso ligou-te? — perguntava. O sol do fim da manhã a atravessar a janela iluminava o seu rabo de cavalo louro como uma auréola, mas as esperanças dela para mim e para o apicultor não eram propriamente angelicais.

— Oh, Zel — suspirei. — Temos sempre de falar sobre isto?

Há muito que ela assumira como missão corrigir o meu desinteresse por homens.

— Temos, sim. — E acenou com a cabeça, teimosa, tirando um queque quente do cesto. — Ele ligou?

— Não quero namorar com ele — respondi.

— E quem é que falou em namorar? — replicou, piscando o olho, e depois deu uma dentada no queque e gemeu de prazer. — Pelo amor de Deus, V. Tudo bem. Não estás interessada em casamento. Já percebi. Mas toda a gente precisa de um pouco de... mel... de vez em quando.

Ela riu-se, e revirei os olhos.

— Bem, do que estás à espera? — disse ela. — De que o Warren Beatty te bata à porta?

— Claro que não. — Sorri e abanei a cabeça.

— Então, estás à espera *de quê?* — disse ela, suspirando e deixando cair os ombros num gesto dramático de derrota. Depois, os grandes olhos tornaram-se sérios, para lá da nossa brincadeira típica acerca do assunto, implorando-me que me explicasse. Mas eu não conseguia.

Tentara muitas vezes contar a história do Wilson Moon à Zelda.

— De nada — disse eu em vez disso. — Já te disse. Não estou à espera de nada. Ou de ninguém. Muito menos do *mel* de um apicultor qualquer.

Sorri, mas a Zelda, normalmente muito rápida a rir, e até em dobro perante algo picante, não desviou o olhar. Pousou o garfo no prato e aproximou-se de mim.

— O que é que se passa, V? Vá lá — insistiu. — O que é que me estás a esconder sobre o motivo pelo qual não queres namorados?

Como poderia explicar-lhe que um primeiro amor trágico, quando tinha apenas dezassete anos, me impedira de voltar a amar, para sempre?

— Vamos lá falar sobre isto — dizia ela.

Mas só conseguia pensar nas muitas formas como tinha falhado perante o Wil, e o nosso filho, que uma vida sozinha garantia que nunca mais os atraíçoaia ou a outra pessoa qualquer. Só me importava aquilo que sabia amar, que era a terra e as árvores e os pêssegos.

— Algum sacana te magoou? É isso? — perguntou a Zelda, franzindo as suas sobranceiras bem arranjadas.

— Não, não — respondi rapidamente. — Não é isso. É... — Queria muito contar-lhe tudo, mas o meu segredo encontrava-se numa caixa tão bem trancada que não fazia ideia de como abrir o ferrolho e deixá-lo sair. Não receava o escárnio da Zelda, mas, ainda assim, não conseguia dizer as palavras. Mal conseguia explicar a mim própria o meu passado, limitava-me a saber que um jovem belo morrera por mim, que o nosso bebé andava algures por aí, sem saber quem era ou de onde viera.

— É... o quê? — disse ela, aguardando, com olhos expectantes.

— É... não é nada — respondi, deixando mais uma vez a verdade passar como uma semente voadora, incapaz de se fixar.

— És lésbica? — perguntou, sem fazer juízos de valor.

— Não.

— Gostas daquele cientista intelectual teu amigo?

— O Greeney? Oh, credo, não.

O Greeney fora um conselheiro precioso ao longo dos anos e um visitante bem-vindo de tempos a tempos, mas a sua vida privada nunca me dissera respeito nem fora algo que ele partilhasse. Falávamos de raízes e de solo e de fungos e provávamos pêssegos juntos com uma precisão metódica.

— És casada com o teu pomar como uma espécie de freira das árvores? — perguntou sem ironia.

— Não. — Sorri-lhe inexpressivamente, ponderando o elemento de verdade contido nas suas palavras.

Ela suspirou e terminou os ovos enquanto eu ia à cozinha cortar mais pêssegos.

— Então, nada de homens, nada de bebés — disse ela quando regressei.

O meu coração afundou-se. De homens, eu, pelo menos, conseguia falar. De bebés, não.

O círculo na rocha da clareira tinha por essa altura vinte pedras, tantas que se enrolava sobre si próprio para as manter a todas, uma longa espiral a rodear toda a superfície plana da rocha, como uma casca de caracol.

A pedra cinzenta em forma de pêssego que eu descobrira anos antes no centro do círculo encontrava-se na estante, mesmo atrás da cabeça da Zelda.

— E tu? — disse eu, desviando a conversa da Zelda sobre bebés. — Nunca disseste porque é que tu e o Ed não têm filhos. Claro que pensei nisso, mas não quis meter o nariz onde não era chamada.

— Oh, querida, nada do que me possas perguntar seria estares a meter o nariz onde não és chamada — disse ela, afastando com a mão bem cuidada o absurdo que eu acabara de dizer. — Na verdade, é terrível — continuou. — Este corpinho pode ter um aspeto fantástico — percorreu os flancos do seu minivestido cor de laranja sem mangas com as mãos, como se a sua figura fosse o prémio de um concurso —, mas não consegue produzir bebés.

Seis vezes, disse ela. Seis gravidezes. Seis bebés perdidos. Ao sexto, explicou, com um retraimento lamentoso, abortou numa fase já tão adiantada que chegou a ter o minúsculo bebé azul entre as mãos.

— Oh, Zelda — gemi, lembrando-me da agonia de ter ao colo o meu próprio recém-nascido sem vida e no milagre absoluto da sua primeira respiração rouca. Os olhos encheram-se-me de lágrimas, tanto por me recordar da sensação de alívio como de tristeza pela minha amiga.

— Um rapaz — disse ela, solenemente. — Chamámo-lhe... Joseph. — Fez uma pausa. — Trago-os, a todos, aqui. — Colocou a mão sobre o coração. — Eu e o Eddie continuámos, criando uma boa vida, mas houve sempre pedaços em falta, percebes?

Eu percebia. Limpei os olhos e limitei-me a ouvir.

— Toda a gente acha que sou doida — continuou —, mas eu costumava olhar para a nossa sala ou para o quintal ou para junto da árvore nas manhãs de Natal antes de chegares e imaginava-os, todos os meus filhos, a fazerem tolices juntos e a lutarem como cachorrinhos. — Esboçou um sorriso e, depois, abanou as mãos em

frente do rosto, afastando as imagens. — Talvez seja doida — acrescentou, rindo-se.

Nunca deixei de ver o Wil e o meu filho no pomar, a sorrir lá ao fundo ou mesmo a trabalhar ao meu lado. Se ela era doida, então eu também era.

— Sabes em que mais penso? — perguntou. — O meu Joseph teria a idade exata para ser recrutado para o raio do Vietname. Para ser arrancado para fora do vale. E digo-te uma coisa: se ele ainda fosse meu, punha-o no Canadá ou arriscava ser presa ou o diabo a quatro para me certificar de que ele não tinha de ir. — Olhou melancolicamente pela janela, talvez vendo o filho de pé entre os choupos, e disse: — Oh, eu teria sido uma mãe-ursa feroz, se tivesse tido a oportunidade.

Eu invejava muitas coisas à Zelda Cooper — o dom para a conversa, a argúcia em questões políticas, a família unida e o sentido da moda, o belo riso despreocupado e, para ser sincera, até os grandes olhos azuis e longas pestanas negras. Pelo seu lado, ela mencionava muitas vezes aquilo que invejava em mim, dizendo que nunca conseguiria viver sozinha ou caminhar, solitária, pelos bosques, como eu, nunca conseguiria chegar ao meu nível de competência no pomar ou na horta ou na cozinha. Eu não sabia muito acerca da amizade, mas acho que, neste sentido, éramos como a maior parte dos bons amigos, apreciando as nossas diferentes qualidades sem sermos cobiçosas. Mas, nesse dia, quando a Zelda falou com a franqueza de uma mulher completamente à vontade com o seu passado difícil, fiquei destroçada pela minha amiga, mas, acima de tudo, senti inveja da sua sinceridade sem filtros, da sua absoluta falta de culpabilização.

Talvez, por fim, eu o revelasse na altura, lhe tivesse contado tudo, se não tivéssemos sido interrompidas por um batimento na porta lateral.

Deparei ali com o Carlos, com a sua caixa de ferramentas de metal vermelho na mão. Era alto e de ombros largos e bem-parecido, um jovem de vinte e um anos e um excelente carpinteiro. Aparecia quando precisava de dinheiro, sabendo que eu tinha sempre trabalho para ele.

Convidei-o a juntar-se a nós dentro de casa, e entrou do seu jeito calmo e gracioso para se sentar um pouco connosco. A Zelda conversou com ele enquanto o Carlos devorava três queques de pêssago e respondia às perguntas dela com sorrisos e acenos de cabeça. Eu limitei-me a observá-lo, a maneira como comia e sorria e afastava a franja negra da testa com a mão larga e calosa.

— Que fazes se fores chamado? — perguntou-lhe a Zelda antes de eu me aperceber sequer de que estava de novo a falar do Vietname.

— Fujo para o interior — respondeu o Carlos sem hesitar, com a boca cheia de queque, apontando para fora, pela janela, para a imensidão da cordilheira de West Elk. — Para aquelas montanhas. Conheço-as bem.

A Zelda acenou com a cabeça e agarrou-o pelo ombro, como se desejasse enraizá-lo no ponto em que estava sentado.

— Lindo menino — disse ela.

Ele era novo e ingénuo e ousado neste plano, tal como eu fora, outrora.

Quando acompanhei o Carlos até ao celeiro para lhe mostrar a trave de apoio

descaída que precisava de reforço, inclinou-se sobre a caixa de ferramentas para se deitar logo ao trabalho, mas não me consegui ir embora. Fiquei à porta do celeiro a observá-lo durante muito tempo.

— Carlos? — disse eu finalmente. Ele levantou os olhos. — Se tiveres de ir, por favor, passa por aqui para te despedires. Ofereço-te uns frascos com pêssegos.

Caso tenha estranhado este pedido, era demasiado educado para o mostrar.

— Vou tentar. — Acenou com a cabeça de maneira educada, a forma de um jovem dizer que provavelmente não o faria.

O meu coração atormentou-me quando fiz deslizar a porta do celeiro atrás de mim. Voltei a abri-la.

— Carlos? — chamei de novo.

Ele olhou para cima com uns olhos negros e bondosos.

— O que queria dizer era isto: levo-te na carrinha. Enfim, se precisares. Também conheço aquelas montanhas.

Ele sorriu e agradeceu-me, e fui-me embora, com um vazio terrível na barriga.

Regressei à quinta para dar com a Zelda a lavar a louça do pequeno-almoço, dizendo que precisava de se ir embora para ajudar o Ed a fechar um contrato. Pareceu-me uma desculpa. Na verdade, parecia estar a fugir de mim. Pensei que devia pedir desculpa por alguma coisa, mas as minhas mentiras para ela, e para mim própria, eram por omissão. Não tinha dito nada de que me arrependesse.

— Desculpa — disse mesmo assim.

— Desculpa porquê, V? — perguntou, dando-me claramente mais uma oportunidade para ser sincera.

Eu não sabia como responder.

— Desculpa ter-te levado a falar dos... dos teus bebés — disse eu de maneira estúpida.

O olhar dela era tão incrédulo quanto compadecido.

— Porque não havia eu de querer falar deles? São os meus bebés. Além disso, não me *levaste* a fazer nada. Eu sempre quis contar-te. Só não tinha a certeza se te importavas. Já se tivessem sido arvorezinhas bebés... — tentou brincar, mas o seu riso era demasiado fraco, e as suas palavras, demasiado verdadeiras. — O que quer que seja que não me estás a contar — continuou ela —, a decisão é tua. Mas deixa-me dizer-te duas coisas. Uma: sei que és forte, a salvar as tuas árvores e a gerir esta quinta e a trabalhar tanto e a vagueares por aí em todas as porcarias que fazes sozinha. Mas carregar as mágoas sozinha não é força, V. É castigo, puro e simples. O que quer que te tenha acontecido, tens de parar de te culpar por isso.

Senti-me como uma criança a levar um raspanete, e só queria que ela se fosse embora.

— E duas: fiquei aqui sentada à tua mesa, a ver-te olhar para aquele rapaz, o Carlos, com os olhos mais tristes que já vi. Quando estiveres pronta para me contar do que se trata, estarei aqui para te ouvir.

Virei a cabeça para que ela não conseguisse ver-me os olhos.

Deu-me um beijo na face, agradeceu-me pelo pequeno-almoço e deteve-se a

caminho da porta, dizendo:

— E vou parar de te atirar homens. Prometo.

Quando ouvi o carro da Zelda descer a alameda de acesso, fui para o pomar para apanhar pêssegos. Estava rodeada por fila atrás de fila de pêssegos perfeitos. Os trabalhadores que contratei assobiavam canções no cimo da escada e pousavam cestos cheios junto da estrada do pomar, à espera da carrinha das entregas. A água da rega corria, e o sol de agosto brilhava, quente e intenso. Toda a quinta e o negócio funcionavam como um relógio. Uma fila de compradores aguardava, sem dúvida, pela minha fruta em todos os pontos de venda. Como a Zelda dissera, eu provara, de facto, ser suficientemente forte para trabalhar aquela terra, e a terra provara ser suficientemente generosa para me receber. No entanto... Nos meus momentos de maior lucidez, sabia que a tristeza se demorava em cada folha e raiz e no caroço de cada pêssego. Era muito simples: o Wil e o nosso filho não estavam, na verdade, a sorrir para mim na orla do pomar ou a trabalhar ao meu lado, e não havia imaginação suficiente para mudar isso.

Ainda não fizera a minha visita anual de verão à clareira, dizendo a mim mesma que estava demasiado ocupada com isto ou aquilo. Para ser sincera, quando colocara a vigésima pedra no verão anterior e olhara para o círculo, uma espécie de desfecho assaltara-me o coração. Olhara em volta, para a clareira, e perguntara-me se, com o círculo completo, com o meu filho agora transformado num homem, aquele lugar também terminara para mim. Abalada pela minha manhã com a Zelda e o Carlos, a clareira instou-me a regressar e a fazer essa pergunta mais uma vez.

Uma nova carrinha *Ford pickup* azul encontrava-se ao lado da velha carrinha do pai, na garagem. A relíquia enferrujada tornara-se rabugenta e pouco fiável, mas, mesmo assim, escolhi-a. Se este fosse o meu último reconhecimento da clareira, parecia-me adequado ser a velha carrinha a levar-me até lá. Grande parte da longa viagem de carro até à imensidão do Big Blue era então quase irreconhecível. Novas estradas de gravilha e conjuntos de campos de trabalho construídos à pressa sulcavam as encostas que outrora só conheciam salva e gado. As retroescavadoras e os buldózers estavam parados, como dragões amarelos a dormir depois de terem feito os seus estragos. A Estrada Nacional 50, redirecionada, subia e descia e descrevia curvas sinuosas por todo o lado, até a massa de betão e pedra altaneira que formava a Barragem de Blue Mesa emergir como uma grande cicatriz. Vira a sua construção avançar, peça após peça, de forma aterradora, durante muitos dos últimos verões, quando guiara até à clareira. Ainda assim, a realidade da barragem nunca deixou de me chocar. Pior, preparei-me para aquilo que sabia ir ver do outro lado: o reservatório azul a estender-se nos pontos em que Cebolla, Sapinero e Iola outrora se encontravam, o rio Gunnison asfíxiado e inchado, cerca de um quilómetro para lá das margens.

Os pescadores e algumas famílias em piqueniques pontilhavam a extensão arenosa da margem sul do reservatório, confundindo o cenário com Natureza. Acharam, certamente, o novo lago pitoresco, e eu também poderia ter achado,

caso não tivesse ali história, conhecimento da sua natureza artificial e da destruição derramada pelas suas profundezas. Fiz os possíveis para desviar o olhar quando contornava a orla do reservatório, sentindo-me aliviada por sair para a estrada de terra familiar que me conduzia à clareira.

A velha carrinha gemeu pela longa subida da colina e através dos bosques. Quando for fim parei e estacionei, dei uma palmadinha agradecida no tabliê. Uma brisa quente e doce soprava através da janela aberta enquanto eu analisava a clareira, sentada no lugar do condutor. Algo no sol ardente da tarde e nas sombras irregulares lançadas pelo velho pinheiro-ponderosa me pareceu estranhamente austero e pouco convidativo. Tão certo como despertar para a neve de verão que selara o destino do meu bebé ou abrir a porta para o homem do governo a oferecer-se para comprar a minha terra, soube, ao primeiro olhar, que estava na altura de me afastar.

E, nessa oscilação do meu coração, vi-o: ali, na rocha, no centro do círculo de pedras do meu filho, no exato ponto onde outrora encontrara um pêssego e, mais tarde, uma pedra em forma de pêssego, encontrava-se um saco de plástico por baixo de uma pedra lisa, com as pontas a agitarem-se sob a brisa como uma ave cativa.

Saí lentamente da carrinha, acalmando-me. O meu coração dava cambalhotas como um riacho na primavera quando me aproximei da rocha e vi uma pilha de folhas azul-claras dentro do saco selado. A minha mão tremeu quando a estendi para ele. Lembro-me de o ter feito exatamente da mesma maneira quando bati pela primeira vez à porta cor-de-rosa da Ruby-Alice, acreditando que o Wil a poderia abrir, o que ele fez. Peguei no saco, sabendo que isto também seria uma estreia que mudaria tudo.

A poeira e o pólen de pinheiro soltaram-se do saco em direção à brisa. Não havia maneira de saber se a fina cobertura se estivera a acumular em cima do plástico durante um dia ou ao longo de um ano. Fosse como fosse, decidi. Estava ali naquele momento, e eu também.

Através do plástico, conseguia ver a caligrafia espiralada, como uma carta escrita à pressa. Na primeira linha, a minha garganta apertou-se, e as lágrimas toldaram-me a visão. Não era tanto uma carta, mas páginas parecidas com um diário. As primeiras palavras eram tudo aquilo de que precisava para saber que a oferta era de facto para mim e que ali fora deixada, não por ele, o meu filho, mas por ela, a outra mãe.

Limpei os olhos com a ponta da *T-shirt* e reli a primeira linha através do saco de plástico:

Com o bebé contra o peito, ouvi cantos de aves.

Eu, simultaneamente, desejava e receava cada uma das palavras que se seguiam. Levei o saco até ao tronco e esperei um pouco no local onde me sentava

sempre — no lugar dela — antes de abrir o selo e de puxar as páginas para o meu colo.

Meia página dobrada caiu do saco para o chão. Abri-a para descobrir um bilhete na mesma caligrafia apressada. Dizia apenas:

Mãe da floresta,

Esta é a minha história. Ou, pelo menos, uma tentativa. Pensei escrever isto para mim, tentar tirar algum sentido de tudo e recordar. Mas foste sempre a lacuna nesta história.

Percebo agora que, na verdade, escrevi isto para ti. Para, finalmente, te dizer tudo aquilo que precisas de saber.

O bilhete estava assinado com um nome — Inga Tate —, seguido de um número de telefone e de uma morada, no Sul, em Durango.

Ler as primeiras páginas foi como reviver esse dia de agosto de 1949 através de uma bola de cristal — o piquenique numa manta vermelha, os gaios a gritar, o marido e o cigarro, o recém-nascido a contorcer-se nos seus braços.

Ela encontrara o meu bebé, escreveu, tal como eu imaginara — com o seu choro a erguer-se acima do canto das aves, depois a sua precipitação desde o tronco caído até ao carro para o descobrir. Chorei quando li que, instintivamente, o puxou logo para o peito para o alimentar. Voltei a chorar quando soube por fim o nome do meu filho.

— Lukas — sussurrei baixinho para a floresta, e apertei as páginas contra o peito.

Voltei à primeira. Inspirei profundamente para tentar estabilizar as mãos e aquietar a mente. Depois recomecei a ler.

QUARTA PARTE



1949–1970

VINTE E UM

AVES

Com o bebê contra o peito, ouvi cantos de aves.

Dois gaios encarrapitados cobigosamente por cima de nós, a guinchar como loucos, envolvidos na nuvem de fumo do cigarro do meu marido. Os olhos negros dos pássaros estavam cravados no piquenique disposto à pressa em cima da manta vermelha: pêssegos num saco castanho comprados a uma mulher obesa, numa venda de estrada, um prato de papel com pão e presunto fatiado por um merceiro naquela cidade junto ao rio no meio de nada onde parámos, na nossa longa viagem de regresso a casa, vindos do hospital de Denver.

O tronco caído era um banco incómodo para uma mãe lactante iniciada e para um bebê voraz. Hesitei, tentando ser modesta, mas mexendo desajeitadamente as mãos ao abrir a blusa. O Paul virou-se para o outro lado. O bebê contorcia-se e debatia-se até, por fim, pegar no meu peito inchado e sugar. Estava desejosa de dar apenas uma dentada no pêssego, mas o Maxwell estava aos berros desde que tínhamos saído de Iola, muito antes de o Paul finalmente escolher esta clareira para parar o carro, irritado. Tentei dispor os alimentos do piquenique ao gosto do Paul, mas, nos quatro dias desde o nascimento do Max, aprendera um facto inexorável: o bebê vem em primeiro lugar.

O canto das aves substituiu o choro do Max enquanto este mamava. Lá em cima, entre os pinheiros, por toda a floresta ampla, um coro de guinchos, chilreios e trinado parecia frenético e rejubilante, e, ao mesmo tempo, triste e belo.

E, de repente, o canto das aves não era um canto de aves.

Escutei, sem ter a certeza. Depois, de forma inequívoca, todos os instintos maternos se manifestaram: o queixume frágil e irregular de um recém-nascido.

Afastei o Max do peito e lancei o bebê rabugento para os braços do seu pai igualmente rabugento, com o ouvido inclinado para a brisa. Tanto o pai como o filho ficaram confusos com a minha ascensão precipitada. Abotoei a blusa e fui a correr em direção ao carro e ao som inexplicável.

A impossibilidade de deparar com aquilo que julgava vir a encontrar tornou a minha aproximação equivalente a um sonho. Mas, quando espreitei pela janela do carro, ali estava ele. Um recém-nascido, a chorar de mansinho.

O bebê calou-se quando abri a porta. Estava enrolado numa manta amarela de tricô. Uma fralda caseira encharcada envolvia-lhe o rabinho descarnado. Puxei-o para o meu pescoço sentindo a sua respiração como uma pluma, o seu peso como uma pluma, e o seu corpinho minúsculo, metade do volume do do Maxwell, como uma obra-prima feita de

galbos.

Sentei-me no assento de pele quente do carro e pu-lo instintivamente a mamar do meu leite. Ele engasgou-se e cuspiu, asfixiando quase, até ter começado, por fim, a sugar ao ritmo do meu fluxo e beber goles longos e ávidos.

O Paul aproximou-se com passos irados, segurando o Maxwell sem apertar, com um braço robusto. O seu rosto refletiu horror, confusão, repugnância: antes de eu ter exibido uma emoção clara sequer à minha descoberta inconcebível, o meu marido reagira com três.

O Paul olhou para a esquerda e depois para a direita, para a floresta interminável, atirou o Max para o meu braço livre e desatou a andar para ir à procura dela, a mãe louca daquele bebé abandonado e faminto.

PÊSSEGO

Ela deu-me o seu bebé, e eu deixei-lhe um pêssego. Pequena recompensa, mas passara-se menos de um ano desde que os meus braços estavam cheios de livros de estudo, não de bebés, e que eu não desejara um filho, muito menos dois.

Deixara os bebés finalmente a dormir no banco de trás do carro e juntei os restos do nosso piquenique. Coloquei depois um pêssego redondo em cima da superfície lisa de uma rocha irregular — esperando dizer mais do que «sei que tens fome», esperando dizer-lhe «tenho-o comigo e irei fazer tudo para o manter em segurança» — e esperei que o Paul regressasse e anunciasse o seu veredicto.

Ele apareceu uma boa meia hora mais tarde, transpirado, derrotado.

— Entra no carro — ordenou.

Pus um bebé adormecido em cada braço e lancei uma olhadela final ao pêssego que deixara para trás, enquanto o Paul fez recuar o carro até à estrada de terra, virou abruptamente e arrancou a toda a velocidade por onde tinha vindo. No cruzamento com a Estrada Nacional 50, parou, pensativo. Durango para a esquerda, Iola para a direita.

Sem uma palavra, virou à esquerda, em direção a casa.

Podíamos ficar com o bebé. Ainda antes de o Paul virar o carro, soube-o. O nascimento do Maxwell não correria bem. Quando o sangue escorrera do meu ventre, o médico mandou o Paul levar-me para o hospital de Denver muito antes da data prevista de nascimento. Laqueação de trompas, parece que é assim que se chama, o que, pelo menos, me livrou de ter de passar por tudo aquilo outra vez.

— Dizemos que tiveste gémeos — sugeri então o Paul, e eu sabia que não valia a pena argumentar. Ele decretara dois filhos no dia do nosso casamento, de preferência, rapazes, indiferente ao que eu desejasse. Ele não seria pai de um filho único e infeliz, como ele, e não teria a despesa de três.

Como sempre, o Paul faria o que bem lhe apetecesse. Ainda não tínhamos anunciado o nascimento do Max, mas, quando o fizéssemos, anunciaríamos agora gémeos. Um nascido da floresta, com metade do tamanho e uma pele mais escura do que o outro, mas seriam gémeos.

Quilómetros de silêncio depois, perguntei timidamente:

— Podemos chamar-lhe Lukas?

Maxwell era a preferência do Paul, o nome de um físico que admirava, acerca do qual se podia pavonear entre os colegas do Departamento de Matemática da faculdade. O meu

pai chamava-se Lukas, um nome escrito no meu coração.

O Paul resmungou com ar desaprovador, mas, para minha surpresa, concordou, insistindo:

— Mas vamos chamar-lhe Luke. — Levou a mão ao saco de papel entre nós, tirou o pêssago restante e deu-lhe uma dentada profunda e aromática enquanto conduzia.

Daí em diante, só lhe chamei Lukas, e o Paul, como acabou por se verificar, mal o chamava sequer.

CAMINHAR

Quando chegámos a casa, o Maxwell passou noite após noite a chorar. Eu embalava-o e andava para a frente e para trás, pelo corredor, como um animal aturdido num jardim zoológico, enquanto o Lukas basicamente dormia. O Paul fez breves tentativas para me revezar, e depois voltava a atirar-me o Max de volta, insultado pelos urros indomáveis do bebé.

Na verdade, tudo o que eu sabia acerca do Paul antes de nos casarmos era que era um estudante universitário extraordinariamente bem-parecido, com cabelo e sobrancelhas escuros, que quis falar comigo quando eu estava sozinha no meu primeiro evento social na Ohio State. Era fácil confundir a atenção dele com afeto, a sua arrogância com erudição e com a encarnação dos meus sonhos de faculdade. Sem dúvida que se sentiu mais atraído pela minha adoração ingénua do que pela caloiira tola que eu era. Devia ter-me afastado na primeira noite em que fez troça de mim por estudar Literatura e querer um dia ser escritora. Em vez de me afastar, bebi ponche com bolhinhas na sua companhia e acabei nos seus braços. Depois disso, encontrava-o muitas vezes a ansiar por mim por baixo da janela do meu dormitório e, incitada pelas minhas levianas companheiras de quarto e pela minha própria insensata paixonet, largava os livros para ir ter com ele. Quando me pediu a mão, senti-me tonta e confundi a sensação com amor. Então eu, Inga Sabrina Zimmerman — com o nome tão cheio da Alemanha dos meus pais, um nome que esperara um dia ver gravado em capas de livros —, tornei-me três simples nomes, senhora Paul Ray Tate. Ainda mal me adaptara ao choque de ser esposa quando soube que, em breve, também seria mãe, o fim duplo de todos os meus planos e sonhos.

O Colorado não era um lugar em que alguma vez tivesse pensado além de aprender a sua forma quadrada e limpa num mapa. Quando o Paul anunciou que aceitara um cargo de professor no Oeste e que iríamos sair do Ohio, o nome da cidade — Durango — pareceu-me mais antiquado e solitário do que conseguiria suportar.

— Mas o Colorado, Paul... é... — tentei responder.

— É um sítio, Inga — interrompeu-me com olhos dardejantes. — O Colorado é um sítio. É para onde vamos, e não há mais nada a saber.

Apercebi-me então — demasiado tarde — daquilo que me esperava, o tipo de marido e de pai que ele seria.

Mas esta história não tem que ver com o Paul. Tem que ver comigo e com os meus meninos. Podemos ter sido um trio relutante, mas, ainda assim, fomos um trio. Um ou outro dos meus filhos, ou ambos, ocupava todos os meus instantes. Tudo o que receava sobre trocar os estudos pela maternidade revelou-se verdadeiro, a dobrar.

A minha única pausa era caminhar. A mulher do pastor da igreja onde o Paul insistia em exhibir-nos todos os domingos tirou um velho carrinho de gémeos do seu barracão das ferramentas e ofereceu-mo. Aquele carrinho concedeu-me uma salvação muito maior do que qualquer sermão de igreja. Ao longo desse primeiro ano de maternidade desconcertante, enfiar os bebés lado a lado no carinho — uma trouxa grande, outra pequena — e caminhar pelos passeios de Durango era a única paz que alcançava.

Através do nosso bairro e pela Baixa, pelo parque amplo e subindo e descendo a encosta na Seventh Street, o Lukas dormia ou observava as nuvens, e até o Max ficava quieto.

Os meus melhores dias eram quando os bebés me deixavam caminhar até ao rio Animas, o «rio das almas». Era turbulento e rápido, comparado com os rios do Ohio que conhecera. Parava o carrinho, tirava uma caneta e um caderno do saco das fraldas e sentava-me na margem do rio a ver a água branca salpicar e mergulhar as pedras. Pensava no casamento e nas fraldas e na roupa e em todas as minhas oportunidades perdidas. Perguntava-me acerca da verdadeira mãe do Lukas, no desespero que a poderia ter levado a deixá-lo para trás. Pensava das manchetes dos jornais nas lojas pelas quais passava, nos anos do pós-guerra, tão irrequietos e loucos, e perguntava-me que tipo de mundo esperava os meus filhos. Mas, no instante em que encostava a caneta ao papel para tentar registar os meus pensamentos, um bebé chorava, e eu fechava o caderno, levantava-me e começava de novo a caminhar.

MÃOS

O Lukas continuou a ser mais pequeno, mais escuro e mais calmo do que o Max. No entanto, enquanto os bebés cresciam tornando-se meninos, ninguém questionou a sua afinidade genética. Até eu tendia a esquecer que o Lukas não era meu, de corpo e sangue, até um certo canto de aves ou inclinação de luz estival me devolverem ao dia em que o havia encontrado.

Acabei por desistir dos cadernos e dos romances que transportava em vão no saco das fraldas e deixei de ansiar pela vida que poderia ter tido.

Pelo contrário, rendi-me à maternidade. A escolha residia entre esta e a loucura.

Na aquiescência, aprendi a amar os meus meninos. O Max — volátil, temperamental, demasiado parecido com o pai, mas também vivo, curioso e divertido. O Lukas — delicado e sensato desde o início, como se tivesse sido oferecido à nossa família para equilibrar o fogo do Maxwell. Fosse qual fosse a origem desta calma, o Lukas enchia a minha vida com um encanto inesperado. O Paul ia e vinha como bem lhe apetecia, e eu tentava não me importar. O único verdadeiro ato de bondade que fizera para comigo fora parar junto daquela clareira na floresta onde o bebé Lukas precisava de que eu estivesse.

Não foi minha imaginação o Lukas ter um toque encantado. Uma eletricidade ou um calor ou apenas uma ternura intrínseca. Resgatava aranhas dos ralos e libertava abelhas de telas protetoras, e, se um animal ou planta estava doente, uma carícia do Lukas parecia deixá-lo bem de novo. Mas, mais importante, conseguia acalmar o Maxwell quando mais nada chegava perto disso.

Mesmo a meio de uma invetiva, as mãos do Lukas pousadas no irmão conseguiam deixar o Max sem energia ou lavado em lágrimas. Então, o Lukas voltava a brincar como se nada o tivesse interrompido.

ÁRVORE

Os rapazes cresceram com o choupo do quintal, que, por sua vez, cresceu com os rapazes. Ramos delicados como seda no verão em que eles nasceram tornaram-se grossos e pesados quando eles tiveram idade suficiente para trepar — escalavam-no como esquilos, sentavam-se nele como pássaros, belos como flores. Até que uma tarde, quando olhei para fora, pela janela da cozinha, vi o Maxwell deitado imóvel na relva por baixo da árvore com o Lukas acocorado ao seu lado. Quando a porta de rede bateu à minha saída intempestiva, o Lukas levantou as mãos silenciosamente para me mostrar o sangue do irmão.

Descobri um braço lacerado, não uma cabeça desfeita ou uma coluna partida, um rapaz magoado, mas não perdido. Um osso dentilhado destacava-se da carne como um tronco partido, acima do joelho do Max. O Lukas colocou a sua mão ensanguentada por cima da ferida, a tremer, sabendo que nem ele conseguiria desfazer aquilo.

Peguei o corpo inerte do Max ao colo enquanto o Lukas embalava o membro lesionado, e fomos a correr lá para dentro. Ao estender a mão para o telefone, tinha de escolher: um vizinho, uma ambulância ou o Paul? O professor reformado que vivia três portas abaixo parou junto do nosso passeio no seu carro azul, minutos depois.

Durante a cirurgia e o processo de recuperação e o regresso incerto do uso da mão direita pelo Max, o Paul culpou-me. Negligenciara a atenção e pegara a criança lesionada indevidamente ao colo, disse ele; fora uma tola por ter chamado o vizinho, um homem lento e soturno. Mas o pior foi a fúria do Paul contra os rapazes, contra o Max por ter trepado demasiado alto, por ser descuidado e frágil, e contra o Lukas — o querido e inocente Lukas — por ter empurrado o Max da árvore, uma acusação absurda que o Max corroborou, de coração partido, para agradar o pai. Só quando o Paul se pôs de machado na mão, pronto a atacar a árvore amada a menos que o Lukas admitisse o seu crime, é que o rapaz fez a falsa confissão. Lágrimas gordas correram dos seus olhos enquanto me lançava olhadelas rápidas cheias de mágoa. Ambos sabíamos que o Max tinha saltado.

Com o tempo, o Max sarou. A ideia de que o Lukas empurrara o Max da árvore permaneceu como mais um mito familiar, mas, de todas as vezes em que era acusado, o Lukas parecia pegar na mentira e pô-la de lado, como um animal demasiado doente para morder.

METADES

Eu estava a estender a roupa ao sol de setembro quando a minha atenção se voltou para o beco onde o Max estava a andar numa das novas Schwinns azuis que eu convencera o Paul a comprar como presente de décimo segundo aniversário. Repetidamente, o Max lançava-se sobre o obstáculo que os rapazes tinham equipado com contraplacado e pedras empilhadas. Esperei pela queda e pelo choro inevitáveis.

O Lukas ajoelhou-se perto de mim, polindo cada raio da sua bicicleta idêntica.

O seu cabelo brilhava, preto-azulado, sob a luz da tarde.

— Mamã, o que é um arraçado? — perguntou.

— Um quê? Onde raio ouviste isso, Lukas? — dobrei-me, peguei em mais peças de roupa e pendurei-as na corda, dois pares de boxers mais pequenos por cada um dos grandes do Paul.

— Foi o Jimmy — replicou o Lukas, puxando brilho ao para-choques dianteiro.

— Mais pormenores — pedi, habituada à brevidade do Lukas.

— Lembras-te de quando ele apanhou aquele peixe, aquela truta enorme?

Disse-lhe que sim, e ele voltou a contar-me a viagem com o Jimmy e o pai ao taxidermista, na zona sul da cidade. O Lukas disse que o velho os detivera no alpendre e depois cruzara os braços em cima da barriga e olhara para eles de alto a baixo. O homem murmurou algo desagradável para o pai do Jimmy; depois pegou na geleira com o peixe e levou-a para dentro da cabana, deixando-os à porta.

— Eu também não queria entrar — disse o Lukas, limpando o selim da bicicleta. — Cheirava mal. A coisas mortas. E também a coisas tristes.

Parei por instantes de tratar da roupa para olhar para o meu filho e me interrogar acerca da sua estranha consciência. Uma algazarra no beco desviou-me a atenção. Esperava um choro vindo do Max, mas, em vez disso, ouvi-o praguejar e dar pontapés na bicicleta, voltar a montá-la de seguida e dar mais uma volta.

— Esperámos sentados num pneu velho, no quintal — continuou o Lukas, acrescentando que foi nesse momento que o Jimmy lhe disse o que ouvira o taxidermista dizer. — O Jimmy disse que o velho não queria que eu entrasse por ser arraçado.

O meu coração parou por instantes. Uma parte de mim sempre soubera que o tom de pele do Lukas não podia vir de dois progenitores brancos, mas presumi que o cabelo escuro do Paul e os seus antepassados italianos remotos justificassem suficientemente a nossa história falsa acerca do nascimento do Lukas.

O Lukas olhou para mim, confuso.

— Não é uma palavra simpática — comecei. E depois optei pela mentira. — O teu pai tem sangue italiano, e a minha família é alemã. Por isso, tens um pouco de cada em ti.

— O pai diz que os alemães são Krauts — disse ele.

— Também não é uma palavra muito simpática, Lukas. Nunca digas isso acerca da minha família. Ou de qualquer outra pessoa, estamos entendidos?

Ele acenou com a cabeça, em obediência.

— E o Jimmy? — perguntou.

O Jimmy era louro e de olhos azuis, claramente não o alvo da intolerância do taxidermista.

— Não sei quanto ao Jimmy — respondi —, mas toda a gente vem de algum lado ou é uma mistura de coisas diferentes, metade disto, metade daquilo. Não te preocupes, querido, é só um velho rabugento.

O Lukas acenou com a cabeça e perguntou:

— Levas-me ao rio? Aonde fui com o Jimmy e o pai dele?

Perguntei-me porque não fora eu própria a levá-lo ao Animas, como costumava fazer quando os rapazes eram bebés.

— Mas não quero apanhar peixes — acrescentou.

Eu sorri.

— Sim, Lukas. Eu levo-te ao rio.

Satisfeita, a atenção do Lukas regressou à sua Schwinn azul reluzente. Antes de a conseguir montar, ouviu-se um estrondo e um berro do Max. Corremos para ele, puxámo-lo

debaixo dos destroços e ajudámo-lo a entrar em casa para limpar as feridas enquanto o Max culpava o Lukas pelo seu salto malsucedido.

No dia seguinte, eu e os rapazes fomos de bicicleta até ao Animas. O Lukas começou imediatamente a atirar pedras para o rio. Descalçou os sapatos para caminhar em bicos de pés pela água fresca e, em breve, estava mergulhado até aos joelhos, a rir. O Max estava na margem, amuado, aborrecido e zangado por não estar montado na bicicleta, a perguntar de poucos em poucos minutos quando nos podíamos ir embora. Quanto mais o Max se queixava, com mais força o Lukas atirava as pedras, em ricochete sobre as rochas maiores do rio até partir uma pedra ao meio.

PEDRAS

Quando o Lukas ficou a saber o caminho para o Animas, era ali que queria estar. Com o brilho de um pôr do sol ou de uma lua cheia perfeita, quando o Paul ou os miúdos na escola eram cruéis ou quando o Max era egoísta ou agreste, o Lukas ia de bicicleta até ao rio. Só raramente me convidava para ir com ele. Quando o fazia, eu observava-o. O meu rapazinho estava a mudar. Uma melancolia silenciosa estava aos poucos a arrebatar-lhe a alegria, como se pressentisse algo em si que não conseguia explicar, mas que esperava que o rio pudesse.

Numa das primeiras tardes de inverno, ambos atirámos pedras para a água corrente, baixa, ao mesmo tempo que o sol se punha por cima das encostas brancas. Ele estava calado e evasivo às minhas perguntas acerca da escola e dos amigos. Deixei-o ficar com o seu silêncio. A tristeza que se apoderava dele foi demasiado para mim. Decidi então que, em maio, levaria o Lukas à clareira lá longe, no ponto em que a montanha passava perto do rio Gunnison — onde em bebé chorara por mim —, e lhe contaria tudo.

Nessa primavera — na longa viagem para norte, a partir de Durango, passando por Dolores e Rico, pelo desfiladeiro de Lizard Head em direção a Iola —, fiquei preocupada com a hipótese de estar a cometer um erro terrível. O Lukas saltava, muito entusiasmado, no lugar do passageiro. Viagem panorâmica, dissera-lhe eu depois de arranjar uma combinação que entretivesse o Max. Jurando que não o iria estragar, pedira o carro emprestado ao Paul.

As estradas eram estreitas e sinuosas, atravessando florestas intermináveis e penhascos. Parei para meter gasolina em Telluride e para acalmar o meu nervoso miudinho. O Lukas saiu do carro para se maravilhar com o ar fresco e límpido, os picos rendilhados ainda encimados de neve, as cascatas a derramar-se em rios apressados. Pedi-lhe que voltasse para o carro, e continuámos.

Os montes cobertos de salva. O rio Gunnison. As linhas de caminho de ferro, agora abandonadas e ferrugentas. Enquanto conduzia em direção ao vale, regressou-me tudo à memória. Um letreiro na estrada nacional alertava para não se poder entrar nas cidades que se aproximavam — Cebolla, Sapinero, Iola —, mas eu mal abrandei para me perguntar porquê. Observei cada ramal de gravilha e escolhi aquele que esperava ser o certo. Subindo uma colina íngreme, descrevendo várias curvas e atravessando os pinheiros, ali estava eu. Na clareira da floresta onde a minha vida se cruzara com a de uma desconhecida e com a do seu bebé e em que tudo mudara para todos nós. Parei o carro.

— Que sítio é este? — perguntou o Lukas, saltando para fora do carro, para extensões

de neve e lama que ainda não haviam desaparecido.

Não respondi e não prestei atenção quando foi a correr investigar. A clareira era exatamente como me lembrava dela. O tronco sob a luz do sol.

Um pinheiro grande onde aqueles gaios irritantes haviam crocitado, lá em cima. A rocha irregular onde eu deixara um pêssgo antes de nos irmos embora. Imaginei-me, jovem e assustada, carregada de bebês e de lágrimas. Na altura, nunca poderia ter imaginado que aquele lugar — esta minúscula mancha no planeta, onde, por acaso, passei no momento exato em que o Paul perdera toda a paciência com o choro do recém-nascido Maxwell e virara o volante para estacionar — seria, para mim e para o Lukas, um lugar para lá de todos os outros. Perguntei-me como lho poderia explicar quando eu própria mal o conseguia compreender.

Eu e o Lukas fizemos um piquenique numa extensão seca junto do tronco naquilo que me pareceu uma estranha homenagem. Eu estava calada, nervosa, a ponderar o momento certo para lhe dizer porque ali estávamos. O Lukas nunca parou de falar, de sorrir, de saltar da manta vermelha para correr por ali como um veado liberto de uma gaiola, regressando ao piquenique para dar uma dentada numa sandes e depois voltar a desaparecer.

Foi ele quem o descobriu primeiro, tendo-me chamado para ir ver.

— Mamã, o que é isto? — Estava em pontas dos pés num troço de neve ensombrecida, apontando para a superfície irregular da rocha.

Aproximei-me para ver uma coroa perfeita de pedras lisas e redondas.

— Não sei — disse eu. E, na verdade, não sabia. Pelo menos, até o Lukas tocar em cada pedra com a ponta do dedo, contando-as.

— Doze — anunciou, radiante. — Como eu.

A mãe da floresta. A mãe do Lukas, lembrei a mim mesma. Voltara a este lugar. Uma ou doze vezes, não poderia dizer, colocando uma pedra por cada ano que o filho estivera longe dela. Foi a única explicação em que consegui acreditar.

Só que ele era meu filho, não dela, e ele não desaparecera. Estava mesmo ao meu lado. Puxei o Lukas para mais perto de mim, como se o predador estivesse à espreita. A mãe dele fora há muito, para mim, mais um ser fugidio da floresta do que uma verdadeira mulher. Fiquei a olhar para o círculo de pedras e fui assaltada pela primeira vez pela ideia terrível de que ela talvez o quisesse de volta e de que, quando ele soubesse aquilo, certamente também a havia de querer.

O meu impulso então foi ir-me embora. Não importava que a viagem fosse longa e que o Lukas estivesse feliz e que a clareira fosse tranquila sob o sol de fim de maio. Não importava que eu tivesse feito todo aquele caminho para lhe contar a verdade.

— Não sei — voltei a dizer, agora uma mentira. — Mas não mexas em nada.

— Porquê? — perguntou.

— Para o caso de ser importante para alguém — disse eu.

— Para quem?

Era a minha oportunidade, a minha deixa, mas não a aproveitei. Olhei para o círculo de pedras, perdendo toda a coragem que reunira. Olhei para os olhos escuros e curiosos do meu filho e não consegui revelar a mentira.

Terminámos o nosso piquenique. Dobrei a manta enquanto o Lukas suplicava que

ficássemos. Perguntei-me se de alguma forma se sentiria ligado àquele solo ou se era apenas uma criança que gostava de brincar no bosque. Era, inequivocamente, mais leve ali, menos sobrecarregado por aquilo que nos últimos tempos começara a transportar. Ficámos até que o sol se afundou e o céu empalideceu, dando lugar ao anoitecer. Pus o meu braço em volta do seu ombro e guiei-o em direção ao carro.

Quando se virou subitamente e correu de volta à rocha, receei que se recusasse a ir comigo. Quería apenas acrescentar uma pedra ao círculo, disse ele.

Quis dizer que não, ir-me embora sem deixar vestígios, mas nesse dia já optara pela covardia. Parecia duplamente cruel negar ao Lukas e à mãe natural a sua única oportunidade de interação. Com a minha licença, procurou a pedra perfeita de uma ponta à outra da clareira.

Aquela que por fim escolheu não era de todo como as restantes pedras, mas grande e redonda. Agarrou a pedra como uma bola de baseball, correu de volta à rocha e pôs-se nas pontas dos pés para a colocar cuidadosamente no centro do círculo. Do ponto em que me encontrava, no carro, a penumbra de fim de tarde misturou-se com a memória levando a que a pedra do Lukas se parece muito com o pêssego que eu deixara em tempos, exatamente no mesmo sítio.

RAPARIGAS

A Jane foi a primeira. A Jillian a segunda. A avidez do Max por raparigas começou cedo. Cara, Joan, Kelly, Marguerite, duas Kims muito semelhantes. Um laço encarnado no seu primeiro baile de terceiro ciclo, depois, num abrir e fechar de olhos, mulheres seminuas a cobrir as paredes do quarto do Max no secundário. Playboys escondidas por baixo da cama. Alto, com o maxilar bem definido e de olhos verdes, o Max conseguia sempre ficar com a rapariga.

Via muito do Paul no meu filho. Era lisonjeiro e divertido com as namoradas, até deixar de querer ser. Depois, o seu afeto bloqueava-se como uma porta de aço, e a pobre rapariga partia diante da sua frieza, tentando pateticamente agradar. Vi o Lukas intervir mais de uma vez, sugerindo um refrigerante, um jogo de damas, uma ida ao cinema, tudo para salvar a vida da jovem abandonada enquanto o Max cismava. Ainda assim, o Lukas era ignorado, e o Max, adorado.

A Lisa era uma beldade alta, de cabelo acobreado, com grandes olhos redondos e um par de seios a condizer. Ela e o Max entraram em casa de rompante numa tarde de primavera do décimo ano do secundário, barulhentos e animados. Não consegui perceber se estavam embriagados ou apenas felizes. O Max disparou o nome dela para mim, alegou ter trabalhos de casa para fazer e depois puxou-a pela mão ao longo do corredor, em direção ao quarto. A porta fechou-se com estrondo. The Byrds começaram a tocar.

Fiquei a pensar no meu gesto seguinte, quando o Lukas apareceu. De ombros caídos e sério, cumprimentou-me, sorumbático, deixou cair a sacola com os livros e pendurou o casaco no cabide. Os seus olhos arregalaram-se quando ouviu a música. Contraiu o maxilar e perguntou se o Max estava sozinho.

— Não — suspirei —, está com uma rapariga chamada Lisa.

— Aquele filho da mãe — rosnou o Lukas, e disparou corredor fora. Uma porta

arrombada. Uma rapariga aos gritos. Uma prateleira derrubada. Murros, grunhidos e um ruído irritante no gira-discos. Os bebés que eu outrora pegara ao colo tinham-se tornado monstruosos, e eu, ao que parecia, pequena. Puxei e bati e guinchei num esforço inútil para os afastar. A Lisa encostou uma almofada ao peito e fugiu. Soutien preto, olhos pretos, irmãos feridos na sua esteira.

Os rapazes acabaram por se separar, exaustos e agitados. O Lukas estava lavado em lágrimas. O Max levantou-se aos tropeções e saiu de casa de rompante. Fiquei encostada à parede, aturdida, a controlar os danos.

— Desculpa, mamã — disse o Lukas, e estendeu-me a mão. Tomei-a nas minhas. Mais tarde, quando eu e o Lukas voltávamos a arrumar o quarto, enquanto o Max e o Paul estavam sabe-se lá onde, fiquei a saber que a Lisa, tal como a Joan, tal como a Kelly, tal como uma das Kims, tinha sido namorada do Lukas.

— Tenho de sair daqui — disse ele. Eu sabia que se iria dirigir ao rio. Ali, faria aquilo que sempre arranjava maneira de fazer, para o bem ou para o mal, que era perdoar o irmão em vez de o perder.

Nessa noite, fiquei acordada na casa vazia até ouvir a porta da frente abrir-se e fechar-se. O Lukas apareceu logo como sombra escura, junto da minha cama.

— Podemos ir à floresta? Àquele sítio com as pedras em círculo? — perguntou.

Lembrei-me do seu sorriso quando corraera de árvore em árvore, colocando a pedra em forma de pêssago, sem ter modo de saber para quem era. Dessa vez, jurei a mim mesma que lhe iria dizer a verdade.

— Calculo que ainda esteja coberto de neve — respondi —, mas, sim, vamos logo que possível.

Estava a ser sincera quando o disse, mas nunca o voltei a levar lá, e ele não voltou a pedi-lo.

DATAS DE ANIVERSÁRIO

Batman, Bullwinkle, Arqueiro Verde, Flintstones. Durante anos, o dia 31 de agosto significava pratos de papel temáticos e um bolo com receita retirada da revista Good Housekeeping para os meus filhos e os rapazes do bairro. Depois, os dias de aniversário passaram a significar ralações. Os meus adolescentes na rua, à noite, os mesmos rapazes a crescer rumo à idade adulta das formas mais insensatas possíveis. Os dias de aniversário significavam espreitar por entre as persianas depois da meia-noite, ver o Lukas a ajudar o Max a subir o passeio e o Max completamente incapaz de se manter em pé.

No dia 1 de dezembro de 1969, as datas de aniversário significavam destino. Significavam matar ou ser morto, fugir ou tombar, famílias desfeitas ou intactas.

O dia do sorteio de recrutamento juntou-nos aos quatro pela primeira vez em meses. Os rapazes tinham feito vinte anos no verão. Partilhavam um apartamento com amigos do outro lado da cidade e tinham pouco tempo para ir a casa. A tentativa pouco convicta do Max na faculdade terminara, em vez disso, num emprego a vender pneus, para humilhação do Paul. O Lukas iniciou-se como aprendiz de eletricista logo que terminou o secundário. Nenhum deles tinha pé chato ou daltonismo ou sopros no coração ou alergias. Se a sua data de nascimento fosse sorteada, partiriam para o Vietname.

Todos os olhos estavam cravados no televisor. O Paul sentou-se estoicamente na sua cadeira reclinável. O Max encontrava-se deitado no sofá a comer batatas fritas como se estivesse a ver futebol num domingo. O Lukas estava sentado no chão, muito atento. Eu andava de um lado para o outro.

No ecrã, políticos com óculos de sol grossos e gravatas pretas e finas encontravam-se diante de uma bandeira dos Estados Unidos e davam apertos de mão, solenemente. Cápsulas de plástico azuis contendo tiras de papel com datas jaziam dentro de um recipiente de vidro reluzente. Jovens educados envergando camisas brancas engomadas — símbolos fingidos da concordância da juventude com a guerra dos velhos — escolhiam e abriam as cápsulas. Catorze de setembro, 24 de abril, 30 de dezembro, 14 de fevereiro. Cada data parecia-me um murro no estômago quando era lida em voz alta e registada num quadro numerado. Cada uma das datas condenava, não os meus rapazes, mas os de alguém. A lista continuou. Dezoito de outubro, 6 de setembro, 26 de outubro, 7 de setembro.

Vinte e dois de novembro, 6 de dezembro. Trinta e um de agosto. Trinta e um de agosto. Trinta e um de agosto. O sangue afluíu-me aos ouvidos. Não ouvi mais números. Trinta e um de agosto. O dia em que me tornei mãe pela primeira vez. A data de todas as festas no quintal com rapazinhos enérgicos. A data que eu rezava para que ficasse enrolada como uma lesma de papel na derradeira cápsula, no fundo do horrível recipiente de vidro.

O Max saltou de alegria. O Paul franziu o sobrolho, mas não disse nada. O Lukas procurou o meu rosto, com pânico nos olhos, e devolvi-lhe um olhar impotente. Ambos sabíamos que ele não era talhado para a guerra.

Mais tarde, nessa mesma noite, sentei-me sozinha no sofá, a beber vinho tinto, já de luto pelos meus filhos. O Vietname era uma condenação à morte, se não das suas vidas, pelo menos, da sua inocência. Por trás da fachada de macho do Max, eu sabia que ele estava tão assustado como o Lukas. Servi-me de mais um copo e chorei por todos os filhos já mortos ou estropiados ou desfeitos, por todas as aldeias vietnamitas incendiadas. E lastimei as mães.

Já bastante ébria, decidi o que tinha de fazer. Porque o Lukas, ao que se soubesse, não nascera de facto a 31 de agosto. Na verdade, eu não era mãe dele, tal como o Paul não era seu pai ou o Max seu irmão. O Lukas não tinha um registo de nascimento genuíno. Eu podia dirigir-me ao gabinete dos Serviços das Forças Armadas e atestar que a sua certidão de nascimento era uma fraude. Mas primeiro teria de dizer ao meu Lukas que eu também era uma fraude.

Verti as últimas gotas da garrafa, sabendo que a mentira da nossa família tinha os dias contados.

VERDADE

Nunca lhe devia ter contado a verdade.

Duas semanas antes de os rapazes terem sido obrigados a apresentar-se para os exames médicos, o Lukas apareceu para lavar a roupa. O Paul não gostava que os rapazes usassem a nossa máquina de lavar em vez da lavandaria automática na Baixa, por isso, apareciam cá em casa a meio da manhã, para o evitarem. Eu nunca sabia quando um ou outro entrava subitamente pela porta da frente, com o saco da roupa suja na mão, ambos tão atraentes à sua maneira, já não rapazes, mas homens. O Lukas tinha ombros fortes e largos

e antebraços vigorosos e uma pele suave e dourada. Tinha um sorriso que me enchia o coração. Naquele último dia em que o meu filho seria meu, vestia uma T-shirt branca e calças de ganga e acabara de aparar o cabelo escuro muito curto, embora os rabos de cavalo estivessem na moda na altura. Era belo.

Eu fora buscar as certidões de nascimento dos rapazes aos arquivos do Paul, antecipando o dia em que seriam recrutados. Além do nome, a certidão de nascimento do Lukas era indistinguível da do Max — com a mesma hora e data e uma marca a tinta do pé de um recém-nascido. Lembrava-me de o Paul ter tirado o documento falsificado da sua pasta de couro pouco depois de termos levado os bebés para casa, ordenando-me que o arquivasse e não fizesse perguntas. Desde então, passara sempre como válido, como eu sabia que aconteceria de novo. Quando o Lukas o pediu, naquele dia, entreguei-lhe a certidão sem pronunciar uma palavra. Ele dobrou-a distraidamente e enfiou-a no bolso de trás.

A minha boca estava seca como ossos velhos.

Pedi-lhe que me ajudasse no jardim enquanto a máquina lavava a roupa. Ele acedeu no seu modo delicado, seguiu-me até lá e pegou no ancinho. Trabalhámos lado a lado, agarrando-nos às ervas mortas e sem falarmos da guerra, comentando, em vez disso, o doce sol de primavera, o regresso do canto das aves.

Começámos com o canto das aves e assim terminámos também.

Subitamente, deixei cair o ancinho e contei-lhe tudo. A decisão arbitrária de sair da estrada em direção à clareira. O piquenique, o bebé descarnado no banco de trás do carro, a escolha de o criar como se fosse nosso, a longa viagem de regresso a casa. O desconcertante sentido de oportunidade de toda a situação, a bem-aventurança da nossa união improvável, a abertura do meu coração para o reclamar para mim. Sentámo-nos juntos no banco do jardim por baixo do velho choupo e peguei-lhe nas mãos. Disse-lhe que o amava. Disse-lhe que ele era meu. Mas, a cada palavra da minha confissão, o seu rosto ficou mais perplexo e angustiado, até o jovem alegre que entrara pela porta de casa ser substituído por uma versão de cera derretida. Escutou-me atentamente e não fez perguntas.

— O dia 31 de agosto não é a data do teu aniversário, Lukas. — Ofereci a frase como um patético prémio de consolação no fim de uma tarefa.

Olhou para mim de forma inexpressiva.

— Não tens de ir para o Vietname — expliquei. — O dia 31 de agosto não é a data do teu aniversário.

Puxou as mãos das minhas e pensou naquilo antes de responder:

— Então quando é?

— Não sei — respondi.

— Mas... — Tirou a certidão de nascimento do bolso, desdobrou-a e alisou-a sobre a coxa.

— É falsa — disse eu, envergonhada, enquanto ambos olhávamos para o papel.

Ele precisava de que eu apresentasse explicações ao seu silêncio perplexo — de quando nascera e de onde viera, do motivo pelo qual eu permitira tamanha simulação e exatamente como pensava desfazer tudo aquilo para o salvar da guerra —, mas percebi na altura que não tinha uma única das respostas que lhe devia.

Como se numa tragédia orquestrada na perfeição, a porta de rede das traseiras rangeu,

abrindo-se, e depois fechou-se, com um estalo, e ali estava o Paul, inesperadamente em casa, vindo da faculdade para almoçar mais cedo. O Lukas pôs-se em pé num salto, voltando a enfiar o papel nas calças de ganga.

Os meus olhos cruzaram-se com os do Lukas e supliquei-lhe em silêncio que não contasse ao pai o que lhe havia revelado. Ao receber apenas um olhar vazio como resposta, sussurrei:

— Por favor, Lukas.

Mas fora tudo demasiado para o meu adorável rapazinho. O Paul começou a embirrar com ele, como sempre fazia — acusando-o de conseguir roupa lavada e almoço de borla, de distrair a mãe dos seus afazeres —, e o Lukas explodiu.

Duas décadas de império do Paul, acumuladas dentro dele, dispararam como uma bala de canhão. O Lukas ripostou como nunca o vira fazer, respondendo a insulto com insulto, até declarar a verdade antes impronunciável para o mundo inteiro ouvir: o Paul não era, na verdade, o seu pai, e ele estava muito contente por isso.

— Ainda bem — replicou o Paul com crueldade, com um sorriso malicioso a espalhar-se no lugar em que deveria estar o espanto. — Menos um fardo para mim.

Como um veado subitamente consciente de um predador em perseguição, o Lukas parou por um instante numa imobilidade atônita e depois desatou a correr. Ao chegar ao fundo do jardim, parou e olhou para trás, para mim, com o rosto corado, as lágrimas a correr, e gritou:

— E o Max?

— O Max não sabe — respondi, sem compreender a pergunta.

— Não — interrompeu, agora a chorar. — Como vais salvar o Max?

Referia-se a salvá-lo do Vietname. Referia-se a como eu iria salvar um filho e não o outro.

— Não posso salvar o Max, Lukas — disse, faltando-me a voz.

As palavras ficaram a pairar no ar entre nós durante um momento terrível; então, saltou com agilidade e elegância por cima da vedação e desapareceu.

Caí de joelhos na relva de primavera enquanto o Paul desaparecia lá dentro.

Disse para mim mesma que o meu filho fora apenas até ao rio. No entanto, nessa noite, o Max ligou a dizer que os pertences do Lukas não estavam no apartamento de ambos. A lâmina da verdade desferira tantos ferimentos nesse dia que menti e disse que não o tinha visto. Transferi a roupa que ele abandonara para a máquina de secar e depois chorei, ao mesmo tempo que dobrava cada uma das peças, tendo o cuidado de alisar cada prega para que a pilha estivesse perfeita quando ele voltasse para a ir buscar.

Uma semana mais tarde, recebemos um postal representando um amontoado de arranhabécus sobre um fundo de picos cobertos de neve. A minha mão tremeu quando virei o postal para ler do outro lado. A caligrafia precisa e familiar do meu filho via-se na data — 18 de março de 1970 — e no veredicto: «Recrutado em Denver. Já não sou um fardo vosso. Peçam desculpa por mim ao Max. Obrigado por tudo, Lukas.»

ESPERA

Continuei à espera de que o Max fizesse perguntas, mas ele não pareceu mais preocupado com o alistamento súbito do Lukas do que com o seu próprio exame físico iminente e com o

dia do recrutamento.

— Já só faltam dois dias, 'mã — vangloriou-se enquanto comia uma fatia da minha tarte de maçã. Deixara crescer o cabelo, e este precisava de ser lavado. Os seus olhos estavam raiados de sangue e sonhadores. — Não tarda, estarei no terreno com o resto daqueles sacanas. Vou dar cabo de uns quantos comunas com o Lukas. Vai ser sempre a malbar.

Para ele, a guerra era uma aventura de um livro de banda desenhada; as selvas imaginadas do Sudeste Asiático, um recreio profano.

— Desculpa — disse, rindo-se do meu olhar perturbado. — É só que nem posso esperar, que raio.

Sentei-me junto do telefone na manhã em que se apresentou ao recrutamento. Imaginei-o na fila com outros jovens ansiosos, à espera de que os chamassem pela data de nascimento, para a avaliação física e o corte à escovinha, com as fardas verdes encimadas com as novas chapas de identificação reluzentes num fio prateado. Devia ligar-me quando estivesse despachado. Li revistas e esperei. Fiz tostas de salada de atum para o almoço e esperei. Sentei-me ao telefone ao lado de uma janela aberta, ocupei as mãos podando roseiras e disse a mim mesma que ele simplesmente se esquecera de ligar. Quando o Paul chegou a casa do trabalho, preparei o jantar e pus-lhe o prato à frente. Disse que não tinha tido notícias do Max durante o dia inteiro.

— Ele não é uma criança que tenha de dar contas à mãezinha — escarneceu o Paul.

— Tens razão — respondi, tal como aprendera a fazer. Mas algo se passava, e eu sabia-o. Só tinha de esperar para descobrir o que era.

GUERRA

Lutei toda a noite contra as minhas preocupações. Na manhã seguinte, entrei no autocarro para encarar filas de olhares vazios e aproximei-me de um lugar vago ao lado de um rapaz completamente fardado. Ele olhou em frente como se não me tivesse visto, mas colocou o saco de lona verde entre as botas pretas para me dar espaço para eu me sentar. Agradei, sem obter qualquer resposta.

O rapaz cheirava a guerra. Fiquei ali, engolida pelo seu aroma complexo a suor e cigarros e álcool e alhures.

— Vais para casa? — perguntei.

— Talvez — disse ele baixinho, sem deixar de olhar em frente.

Saí na paragem da Twelfth Street. Caminhei até ao apartamento do Max, perguntando-me se o Lukas, que cheirava sempre tão bem a Speed Stick e Listerine, também cheiraria a guerra agora.

Ainda antes de subir a escada de metal, vi pela balaustrada da varanda a porta de casa do Max aberta e ouvi as guitarras a berrar do seu sistema de som. Bati à porta, mas ele não abriu, pelo que entrei. O apartamento estava apinhado de tralha — caixas de piza, latas de cerveja, roupa em montes, pratos sujos — e, no meio de tudo, encontrava-se o Max, em tronco nu, por baixo de uma rapariga esgalgada com uns calções de ganga cortados e a parte de cima de um biquíni amarelo, ambos sem se mexerem no sofá. Gritei um «olá». Não se mexeram. Quando me aproximei, vi a garrafa de uísque e o cachimbo de droga caído no chão. Mantive-me acima deles, a observar a subida e descida dos seus peitos, e fiquei

aliviada por o ver, exatamente como quando os meus bebês dormiam muito quietos e entrelaçados no seu berço único.

Mesmo sem sentidos, mesmo usando uma rapariga ébria como uma espécie de cobertor desesperado, ainda via esse bebê no rosto do Max. Queria desenredá-lo de tudo aquilo — da rapariga e da droga e da confusão e da guerra — e puxá-lo para os meus braços. Mas só consegui alongar o braço para lhe afastar suavemente o longo cabelo da testa.

Vasculhei por entre os restos da mesa da cozinha, procurando uma caneta e um pedaço de papel para deixar um bilhete. Por baixo de um prato de papel gordurento, descobri a papelada de recrutamento do Max. Lia-se um grande inapto carimbado a vermelho por cima.

Li cada uma das páginas, procurando o erro. Tudo parecia em ordem, até à secção anunciada como «Exame Físico». A página listava as classificações militares, todas seguidas de um quadradinho preto em branco, com um grande visto a vermelho na linha final: «IV-F, candidato inapto para qualquer serviço militar.» Havia uma anotação do médico praticamente ilegível, escrevinhada por baixo: «Braço direito torto. Inapto.»

Gritei o nome do Max e fui a correr para o sofá com o documento erguido acima da cabeça. Ele ergueu com lentidão os olhos, abrindo-os, raiados de sangue, nada surpreendendo por me ver.

— O que é que se passou ontem no gabinete de recrutamento? — perguntei por cima da música.

— Filhos da puta — praguejou. A rapariga despertou ligeiramente ao ouvir a sua voz e começou a esfregar o nariz pelo seu pescoço. — Não aconteceu nada — murmurou, e voltou a fechar os olhos.

— Alguma coisa deve ter acontecido. O que disse o médico?

— O médico que se foda — disse ele, enquanto a rapariga esfregava, ensonada, o corpo no dele.

Ela ronronou qualquer coisa sobre fodê-la antes a ela, e começaram a envolver-se, todos eles bocas e mãos e ancas.

Devolvi os documentos à mesa e saí do apartamento. Na varanda, o sol estava demasiado quente para abril. A música que se derramava do apartamento, demasiado alta. O meu filho, demasiado confuso. O Max não iria juntar-se ao Lukas no Vietname. Para minha surpresa, aquela recusa inesperada não me deixou aliviada. Recreei que a guerra pessoal do Max pudesse ser suficientemente bélica para o matar.

NOTÍCIAS

Jantar às cinco e meia, noticiário televisivo às seis. Muitas vezes, o Paul não vinha para casa, mas, quando o fazia, a sua rotina era tão previsível como o crepúsculo.

Eu lavava a louça em vez de ver as notícias. As imagens noturnas de detonações de tiros e os rostos desvairados de todos aqueles filhos sacrificiais deixavam-me agoniada. A única notícia que desejava era saber se o meu Lukas estava bem e quando voltaria para casa, notícia que nunca chegava.

Ainda assim, no anterior mês de abril, dera comigo colada ao televisor como toda a gente, a ver o drama da Apollo 13 desenrolar-se. Não me escapou a ironia de que todo o

país estava a sustentar a respiração por apenas três homens, enquanto dezenas morriam todos os dias a combater numa guerra que ninguém compreendia. Contudo, durante esses longos dias, fiquei presa até que a tripulação da Apollo veio para casa, e depois não consegui abandonar aquele hábito. Via os comunicados do Vietname. Vi o exército norte-americano irromper pelo Camboja e, cinco dias mais tarde, fiquei atônita perante as imagens dos filhos de outros mortos, a jazer, de rosto virado para o chão, no relvado da Kent State. Os relatos continuavam incessantemente, cada tragédia eclipsada pela seguinte, com o mundo que eu dera aos meus filhos ainda mais louco e desconcertante do que receava poder ser. Não conseguia desviar o olhar.

O Max vinha a casa de vez em quando. Quando alguma coisa na loja de pneus ou nas notícias o perturbava, aparecia-me à porta com os olhos injetados de sangue. Eu preparava-lhe uma refeição e ouvia as suas tiradas sobre comunas e larilas e bufos e bôfia e rufias, compreendendo apenas que a sua raiva lançava uma rede ampla e esfiapada. Raramente mencionava o Lukas, mas eu sabia que ambos sentíamos a sua falta, desejávamos que voltasse para casa e desse algum sentido a toda aquela confusão.

Na última vez em que vi o Max, estava a enfiar-se numa carrinha cheia de hippies vestidos de ganga e franjas, rumo a um festival de música de verão a três mil quilómetros, no Shea Stadium. Não teria aparecido lá em casa se não precisasse de levar uma mala térmica emprestada, mas sinto-me para sempre grata por o ter feito.

— Vou a um festival pela paz, mãe. Com aquela brasa. — Estava radiante, a apontar para a condutora ágil e sem soutien, com a cabeleira afro envolvida num anel de malmequeres murchos. Ela sorriu e fez-me rapidamente o sinal da paz, e o Max riu-se com o seu riso maravilhoso e gutural.

Sabia que o Max não fazia ideia se era a favor da paz ou da guerra, desta rapariga ou de outra.

— Joplin. Creedence. Steppenwolf. Como o raio do Woodstock — disse o Max. Depois abriu os braços de par em par, convidando-me para um abraço de despedida.

Acedi. Tresandava a erva e gim e suor, mas, mesmo assim, aspirei o seu aroma.

— Diverte-te — disse para o seu ombro. Queria dizer-lhe que era um rapaz de uma cidadezinha do Colorado que poderia ser facilmente engolido vivo por Nova Iorque. No entanto, disse: — Adoro-te.

Ele abraçou-me com mais força e sussurrou:

— Eu também te adoro.

A carrinha cheia de crianças belas e confusas percorreu a rua a toda a brida, com Hendrix aos gritos, pelas janelas abertas. Dobraram a esquina e desapareceram.

Voltei para dentro de casa e liguei a televisão, entorpecida. O Paul não apareceu para jantar, por isso, fiquei a ver programas ridículos de jogos enquanto esperava pelo noticiário.

PALAVRAS

Quando somos despertados por um batimento na porta; quando vemos o contorno esbatido de dois homens fardados rigidamente à espera atrás do vidro; quando o coração já nos desceu ao estômago como uma bala de canhão, mas temos de nos continuar a mexer para abrir a porta e receber a notícia — não há palavras.

Quando a nossa mão trémula consegue rodar a maçaneta e as duas figuras não são soldados, mas agentes policiais, e o alívio se debate com o nascimento de um novo medo — não há palavras. Quando nos dizem que o nosso filho, o nosso lindo bebê, foi encontrado numa carrinha em Queens, asfixiado no seu próprio vômito, com uma agulha ao seu lado — não há oxigénio, quanto mais palavras.

Proferimos então absurdos educados entrecortados pelos soluços antes de fechar a porta e dizemos repetidamente o nome do nosso filho como se as palavras pudessem invocar os desaparecidos. Olhamos para os nossos braços e maravilhamo-nos por ainda sermos de carne e osso quando as palavras do agente, em toda a justiça e vontade, nos poderiam ter transformado em cinzas. Recuamos como fantasmas de volta ao quarto para deparar com um marido a dormir durante o nosso pesadelo. Sabemos que temos de lhe contar, mas não há palavras. Em vez disso, deixamo-nos cair no chão e choramos, gutural e obsessivamente, porque, na verdade, é apenas isto que há a dizer.

O funeral do Max foi ontem. Não consegui falar. Tinha as palavras preparadas, uma tentativa completamente inadequada de despedida. Mas, quando os enlutados se reuniram na igreja fria de pedra e vi os amigos de infância do Max dirigirem-se aos bancos, tão adultos, agora, tão vivos, fiquei rígida como um pilar, estúpida de dor e raiva e exaustão. O Paul estava sentado ao meu lado, igualmente rígido e aturdido. Eu precisava do Lukas.

Precisava de que o Lukas homenageasse o irmão com palavras de afeto e reverência. Precisava de que me chamasse mamã, de que me ajudasse a sentir a terra sob os pés. Precisava do seu sorriso para iluminar a sala escura. Precisava de que me abraçasse e de que dissesse ao meu sangue que tinha de correr.

Como uma aparição, o Lukas surgiu, avançando até à nave central, extraordinariamente belo, em traje militar formal. Haviam-se passado quase seis meses desde que a minha confissão o levara a partir. Eu comunicara a morte do Max através do gabinete das Forças Armadas, sentindo vergonha ao dizer que não fazia ideia de onde o meu filho estava colocado, que só tinha uma pilha de cartas com a indicação «Devolvido ao Remetente». Quão chocante foi então vê-lo caminhar na minha direção pela nave da igreja, meu mas não meu, com as mãos dobradas em dois punhos apertados, ao longo do corpo.

O Lukas não parou no nosso banco a caminho do altar, mas ofereceu-me um olhar rápido de pesar enquanto passava. Não foi o regresso a casa por que tanto ansiava, mas agarrei-me a ele como a uma tábu de salvação.

Depois de uma apresentação e de uma oração dita pelo padre, o Lukas falou eloquentemente para a nossa família. De certa forma, encontrou as palavras perfeitas para elogiar as melhores facetas do irmão e eliminar tudo o resto. Disse que o Max era inteligente e determinado e irrequieto e que fora a sua outra metade durante toda a vida; partilhou histórias acerca das suas palhaçadas que provocaram um riso baixo da multidão. Inspirei longamente o ar viciado da igreja para não me desfazer. O Paul mudava de posição, agitado. Ofereci-lhe a minha mão e, pela primeira vez em anos, ele aceitou-a.

VOO

Quando o último dos enlutados se afastou do parque de estacionamento da igreja, sentei-me num banco de madeira e fiquei a ver um pássaro azul brincar na brisa.

A cerimônia já era uma mancha indistinta de preces e canções, de mãos a apertarem-se, de abraços constrangidos e condolências agora concluídas. Perguntei-me se alguém voltaria a falar do Max ou se os funerais eram meros portais para a rasura.

Fixei os olhos no pássaro azul, à espera de que o Lukas saísse da entrada em arco da igreja. Quando o fez, um companheiro vestido com uma farda militar verde semelhante acompanhava-o. Faziam um par tão impressionante que, por instantes, o orgulho perpassou por entre a minha tristeza. O Lukas aproximou-se lentamente de mim, o outro jovem dirigiu-se para o passeio e acendeu um cigarro.

— Inga.

A sua saudação dilacerou-me, mas, afinal, eu abdicara do direito de ser chamada mãe.

Dei umas palmadinhas convidativas no banco, e ele sentou-se, deixando um espaço entre nós.

— Lamento pelo Max — disse ele, sem expressão.

— Eu também lamento pelo Max — consegui dizer. — Lamento por tudo.

O silêncio que se seguiu foi longo e agonizante enquanto ambos víamos a ave precipitar-se, ascender repetidamente e, por fim, pairar nas nuvens cinzentas e imóveis. Ambos tínhamos demasiado para dizer para tentar pronunciar o que quer que fosse.

— Eu... — ousei, por último — devia ter... Talvez ele... — Pigarreou como se uma bola dura de mágoa o estivesse a asfixiar e depois calou-se.

— Não, querido. — Virei-me para ele, e aceitou piedosamente a minha mão estendida.

— Não podias ter ajudado o Max. Desta vez, não.

— Podia ter tentado — disse ele, com a voz rouca, olhando para o betão. Não o disse, mas soube que estava a pensar que eu também me podia ter esforçado mais.

— Desta vez, não — repeti, entorpecida. Uma miríade de histórias nasceu na minha cabeça, as muitas direções possíveis que as vidas dos meus filhos poderiam ter seguido se eu não tivesse dito a verdade. Talvez o Lukas estivesse certo. Talvez ele também pudesse ter salvo o irmão, mas, às vezes, pedir desculpa é tão absurdo como esperar que uma única estrela possa explicar o universo. Em vez disso, sussurrei:

— Por favor, volta para casa.

Devia ter adivinhado que estas palavras seriam de mais. Largou a minha mão e levantou-se.

— Não posso — disse ele, e olhou para o companheiro, à espera. — Já não pertenço aqui.

— Também não pertences a uma guerra, Lukas — observei, dizendo a verdade, porém, de maneira desajeitada.

— Tens razão — disse ele, olhando finalmente para mim, com os seus belos olhos negros húmidos de dor e acutilantes de acusação —, mas é melhor do que nada. É melhor do que não ter um lugar.

O Paul e o padre afastaram-se da entrada da igreja e pararam para conversar. O Lukas lançou um olhar nervoso de relance para o Paul, depois para o amigo, que vigiava a cena com ar cúmplice e que gritou:

— Estás pronto, chefe?

— Tenho de ir... mãe. — Inclinou-se para me beijar levemente na face. Pousei a

palma da mão no seu rosto suave, desejando abraçá-lo para sempre, mas sabendo que teria de o deixar ir quando se afastasse.

Às vezes, uma mulher divide-se em duas. Às vezes, uma mulher é um eu público que se sente com rigidez num banco com a devida dignidade e aceitação quando alguém que ama profundamente desaparece, enquanto o seu eu privado está ao mesmo tempo a berrar e a perseguir e a agarrar e a dominar e a implorar a esse ser amado que fique.

— Lukas! — gritou a mulher, com desespero. Ele virou-se ao chegar ao passeio. — Obrigada por teres vindo — disse a mulher, com dignidade.

Pelo menos, pude ver o seu sorriso perfeito uma última vez antes de ele entrar no carro do amigo e desaparecer.

MÃE

Na noite passada, bebi vinho na sala de estar às escuras até ser dominada pelo sono. Nem uma hora mais tarde, acordei no sofá, dorida e desorientada. Tinha sonhado que fugia em direção ao céu com a ave azul depois do funeral e, na minha confusão sonolenta, ainda sentia a leveza do voo. Nesse momento, antes de a realidade esmagadora obliterar o sonho, estava livre. Depois, aos poucos, lembrei-me: o Max desaparecera. O Lukas desaparecera.

Foi nesse momento que decidi que tinha de tentar escrever tudo. Levantei-me e dirigi-me para a minha secretária, de onde tirei uma caneta e este papel de carta. Liguei a luz da cozinha e sentei-me à mesa, com as palavras a desenrolarem-se de forma tão febril que a minha caneta mal conseguia acompanhar o ritmo.

Só agora — quando o sol está a nascer e estou embrenhada nestas páginas — me dou conta: não tenho estado a escrever isto para mim. Tenho estado a escrever tudo para ti, Mãe da Floresta. E não sei como te encontrar, mas tenho há muito tempo a certeza de que és a arquiteta do círculo de pedras que eu e o Lukas encontrámos quando ele tinha doze anos. Se eu tivesse tido a coragem de contar a verdade ao Lukas nesse dia, se te tivéssemos deixado um bilhete em vez de uma pedra em forma de pêssego, talvez o Lukas há muito soubesse de onde vinha e, alternadamente, ambas pudéssemos ter tido o nosso filho. No meu egoísmo, nunca imaginei que o pudesse perder de alguma forma, que um dia os meus dois filhos haviam de desaparecer.

Vou colocar estas folhas na pedra onde em tempos te deixei um pêssego e rezar para que as encontres.

Estou a contar-te a minha história porque não me cabe a mim contar a história do Lukas. Durante toda a sua vida, disse-lhe que era uma coisa e depois parti-lhe o coração, revelando-lhe que ele era outra. O meu querido menino agora acha que não é nada e que não é de lado nenhum. Só tu tens as respostas de que ele precisa.

Por favor, ajuda-nos.

QUINTA PARTE



1970–1971

VINTE E DOIS

Coloquei as páginas da Inga Tate no chão seco, junto ao tronco, e pousei uma pedra em cima delas para evitar que voassem com a brisa. Fiquei ali.

A minha mente parecia-me demasiado cheia para pensar com clareza; o coração, demasiado inchado e dorido. Tinha de continuar. Olhei para cima em busca da tranquilização do céu azul emoldurado pelos topos das árvores e entrei na floresta.

A história da Inga Tate era demasiado — demasiado surpreendente, demasiado triste. Mas também era muito pouco.

Revelara muito, mas não me conseguia dizer onde estava o meu filho. Agora, aquela mulher implorava pela minha ajuda, e eu não fazia ideia de como responder.

Senti-me subitamente esmagada pela diferença entre desejar o meu filho e a sua realidade. Ele já não era uma abstração ou um desejo, mas um jovem triste chamado Lukas, que não sabia de onde vinha, em guerra contra inimigos que não poderia compreender. E esta Inga não era uma memória vaga ou uma espécie de salvadora, mas uma mulher amargurada que acreditava que algo perdido se poderia encontrar em mim.

Caminhei pela floresta, a matutar naquilo que ficara a saber. Ao regressar à clareira, imaginei-os ali: o Lukas aos doze anos, a pisar os remendos de neve para descobrir o círculo e colocar a sua pedra em forma de pêssego; a Inga, anos mais tarde, a regressar sozinha depois do funeral do seu outro filho e a deixar as suas palavras debaixo de uma pedra, na esperança ténue de eu vir a lê-las.

Na rocha irregular, coloquei as palmas instáveis das minhas mãos dentro do círculo, na esperança de que anos de saudade contida em cada pedra cuidadosamente deposta me orientassem quanto àquilo que deveria fazer a seguir.

VINTE E TRÊS

Três dias depois, estava a cortar linho-das-pradarias no meu jardim quando a Zelda parou no acesso com o seu *Buick* branco e acenou da janela aberta. Dispus os caules das flores numa garrafa de leite e juntei água tirada da torneira do barril de recolha da chuva enquanto ela estacionava. Coloquei as flores na mesa do quintal, entre dois copos de limonada gelada. As sombras de choupo e as névedas aromáticas que orlavam o pátio de tijolo suavizaram o ar quente de agosto, mas eu estava transpirada devido ao nervosismo.

— Mas o que vem a ser isto tudo? — perguntou, aproximando-se e abrindo os braços para me envolver.

— Só uma limonada — menti, abraçando-a. Estava ansiosa como um coelho, e ela tinha percebido.

A Zelda sentou-se e bebericou a sua bebida, observando-me por cima da borda do copo.

— O que é que se passa, V? — perguntou com um olhar penetrante.

Engoli e fitei-a diretamente nos olhos.

— Bem... está na altura de te contar uma história — consegui dizer.

Eu tinha decidido que, se a Inga Tate me podia contar a sua história e pedir ajuda, eu podia fazer o mesmo.

Ela olhou para mim, aliviada.

— Uma história.

— Sim — disse eu, mexendo nas flores,

— Muito bem. — Acenou de uma forma que confirmara que sempre soubera que eu tinha segredos. — Conta-ma, por favor.

Inspirei profundamente. Ela sentou-se, expectante, e senti que poderia abrir-me. Fiz uma pausa.

— Podemos ir dar uma volta? — perguntei.

Ambas olhámos para os sapatos da Zelda, que podiam ter sido qualquer coisa, de saltos altos a botas até ao joelho. As sandálias baixas de tiras a combinar com o seu vestido amarelo pareceram-me perfeitas para caminhar.

— Claro — respondeu, pondo-se em pé.

Dirigimo-nos para o sol quente, em silêncio, contornando a orla do pomar até ao caminho de gravilha que serpenteava em direção ao limite traseiro da minha terra. Eu queria começar, mas não me conseguia obrigar a fazê-lo. Esperei que a

Zelda preenchesse o silêncio com uma conversa sobre algo que tivesse lido no jornal, mas não o fez. Junto dos girassóis altos que se alinhavam contra a vedação do fundo, abri o portão. Transpusemos a ponte de madeira que atravessava o paul e continuámos num caminho à sombra, ao longo da vala que desviava água do rio para as quintas circundantes. Desejei que a minha história pudesse correr com a mesma facilidade.

— Então... — expirei por fim, sentindo os limites do meu universo conhecido descascar-se muito ligeiramente. — Já te devia ter contado isto tudo há muito tempo. Desculpa não o ter feito.

— Desculpar-te, eu? — disse a Zelda, abanando a cabeça. — Não sejas tola. Estás apenas a ganhar tempo, V.

— Ai estou? — respondi, rindo-me. — Como a minha mãe dizia: «Para de empastelar, Torie, e despacha-te lá com isso.»

— Torie? — perguntou, surpreendida.

— Oh, toda a gente me chamava Torie quando eu era nova.

— Não sabia — disse ela. — Mas lembro-me daquela vez em que te perguntei se te podia chamar Vicky e tu respondeste taxativamente: «Nem pensar.»

Rimo-nos, e sabia bem.

— Fiquei tão contente por te sentires assim — acrescentou. — Não és uma Vicky. Nem uma Torie. Quando mudaste para Victoria?

Um coro de melros-de-asa-vermelha encorajou-me das taboas que cresciam junto da vala de rega.

— Isso faz parte da história que gostava de te contar — disse eu. Fiz uma pausa e depois arranjei uma forma de começar, dizendo simplesmente: — Houve um rapaz.

— *Ab-ha*, eu sabia — brincou, mas os meus modos disseram-lhe que não se tratava de um rapaz comum, sobre o qual se pudesse fazer piadas.

— Sim, um rapaz — suspirei. — Vais ser a única pessoa a quem falei dele. E de tudo o que se passou a seguir. Mas terei de começar pelo princípio. Espero que consigas ouvir, apenas.

— Claro que sim — replicou.

— O nome dele era Wilson Moon — disse eu.

Wilson Moon. O nome não saía dos meus lábios havia mais de duas décadas. Só dizer o nome lembrou-me de que a agitação irreprimível do primeiro amor permanecia nas minhas veias.

Quando a história chegou ao fim, tínhamos caminhado durante um quilómetro pela vala de rega e feito o caminho de volta, lavado e cortado os legumes de um cesto cheio que tínhamos ido buscar nessa manhã à horta e começado uma sopa para o almoço. Reviver tudo em pormenor foi mais difícil e esgotante e, em muitos sentidos, mais agradável do que esperara.

A Zelda escutava atentamente cada palavra. O seu rosto revelava a descrença de que a rapariga da história — aquela Torie — era mesmo eu e de que toda a

narrativa residira dentro de mim como um diário fechado à chave durante todos aqueles anos. Pousou a mão no coração ou na barriga várias vezes enquanto eu falava e, quando as minhas lágrimas correram, envolveu-me nos braços. Ela também conhecera a perda, como inúmeras mulheres antes de nós. Sabia que eu ainda sentia tudo aquilo no corpo, tal como ela o sentia no seu.

Finalmente, mexendo a sopa, estupefacta com tudo o que revelara, eu disse:

— Já falei tempo de mais. Diz-me em que estás a pensar.

A minha mente girava com as imagens terríveis que eu invocara, aguardando pela resposta dela — o corpo ensanguentado do Wil atirado da beira do precipício, para o desfiladeiro; eu, suja e esquelética e desorientada pela minha provação na imensidão da Natureza, a deixar o meu bebé no banco do carro de um desconhecido e a afastar-me aos tropeções.

— Fizeste o que tinhas de fazer — disse-me então, com a sinceridade absoluta de um presente cuidadosamente escolhido. Foi a resposta mais amável que me poderia ter dado.

— Nunca consegui falar sobre nada disto — disse eu.

— Foi por isso que fizeste segredo de tudo, por uma espécie de vergonha?

— Talvez — confessei baixinho.

A Zelda aproximou-se de mim, e abraçámo-nos. Tranquilizou-me de todas as formas que eu precisava de ouvir. Mas eu estava tão habituada a esconder tudo acerca do Wil e do meu filho, tão treinada a partilhar a minha dor apenas com a clareira e com o rio e com o pomar, que essa parte de mim queria fugir dos braços dela e ir passar pelo portão e pelo paul a correr e continuar a correr.

Quando recuou, manteve uma mão no meu braço e perguntou:

— Então e o Seth? Chegou a ser preso? Acusado?

Na última vez em que vi o Seth, eu tinha uma arma apontada às suas costas enquanto ele baixava a cabeça e se afastava da casa onde outrora tínhamos sido uma família. Eu não queria saber se ele tentara ocupar a quinta e fora expulso, se se embebedara até à morte ou acabara na prisão ou no Paraíso. Quinze anos antes, quando eu conduzira a carrinha do pai pela primeira vez até àquela terra, a minha vida dividira-se entre Iola e o depois. O Seth fazia parte do meu antes. Simplesmente já não existia para mim. Parecia-me repugnante falar dele, mas preparei uma resposta.

— A verdade é que — disse eu —, naqueles tempos, nenhum júri iria condenar o Davis ou o Seth por terem assassinado o Wil, especialmente depois de ele ter sido apresentado como ladrão. — O nome do Seth na minha boca parecia tão amargo quanto o do Wil me soava doce. O nome do Davis era veneno puro. — O Lyle, o xerife... era bom homem — consegui continuar. — Sabia que era preciso fazer justiça, ainda que houvesse poucas pessoas a achar que a morte do Wil... fosse realmente importante. Mas não investigou o caso. Claro que na altura não havia leis de direitos civis, pelo menos, para os ameríndios; não havia qualquer preocupação com aquilo que eles tinham de aguentar. E hoje também não há muita. Tu sabes.

— Sei, sim. — A Zelda acenou com a cabeça, colocando as palmas das mãos sobre o coração. — Mas só o sei como história ou como um episódio remoto, nas notícias. A verdade é tão chocante. Uma caricatura. Quem dera que ele tivesse voltado para casa quando lhe dissesse para o fazer.

O Wil dera-me apenas uma pequena pista muito pequena sobre o lugar onde essa casa ficaria, uma vez, ao apontar para sudoeste e dizer: «Vocês chamam-lhe Quatro Cantos.»

Já ouvira falar nisso: era o ponto em que o Colorado, o Novo México, o Arizona e o Utah convergiam, em que os turistas se posicionavam, sobre as linhas cruzadas de um círculo de bronze, para tocarem nos quatro estados ao mesmo tempo. Mas *eu* nunca dera nome à região e era demasiado ingénua para compreender o que queria dizer com *vocês*.

Quando lhe perguntei se tinha saudades de lá, respondeu apenas: «Nenhuma terra tem cantos», como se estivesse a dizer tudo o que eu precisava de saber.

— Ele não podia voltar — disse eu para a Zelda. — Não sei porquê. Eu era apenas uma miúda. Não fazia a menor ideia do que havia de pensar sobre aquilo ou de como o emendar.

Mexi a sopa em círculos, ausente, ainda desconcertada com a intolerância e o horror que tinham sido dirigidos contra aquele jovem inocente.

— Depois, toda a gente em Iola se dispersou, para vidas novas — disse eu, atravessando aquilo que me pareceu uma pedra na garganta. — Tudo foi apagado.

Levantei os olhos para os dela e implorei-lhe em silêncio que abandonasse o tema do Seth e do assassinio do Wil. E a Zelda fê-lo, como amabilidade, embora desconfiasse de que ela estava a pensar naquilo que ficara a saber acerca de Emmett Till e do Dr. King e que eu não conseguira acusar os assassinos do Wil, em quão ferozmente ela teria lutado por justiça se o Wil fosse dela. Cortei mais uma cenoura e adicionei-a à sopa, empatando para dar tempo à minha voz para se estabilizar.

A Zelda permitiu essa longa pausa antes de fazer a pergunta inevitável que ambas receávamos e precisávamos de ouvir.

— Alguma vez tentaste encontrar o teu filho?

Abanei a cabeça.

— Não.

Ela estremeceu. Claro que a minha resposta era inconcebível para ela.

— Posso perguntar porquê?

— Era um tempo diferente — respondi. — Teria sido impossível rastreá-lo.

Ela anuiu.

— E, mesmo que o tivesse encontrado, o que se seguiria? — continuei. — Não o podia roubar à sua nova família. Fiz escolhas. Tinha de confiar em que eram as certas, em que andar para a frente, criar tudo isto — fiz um gesto a abranger toda a minha propriedade —, seria suficiente.

— E é? Suficiente? — perguntou com delicadeza, mas sem receio de insistir comigo. Eu não respondi. Quisera tão desesperadamente que fosse suficiente:

cuidar do pai, da Ruby-Alice, das árvores da minha família, salvar tudo o que conseguisse e reconstruir a minha vida com a bênção da terra. Mas, no fim, tinha de reconhecer perante mim própria que não, não era suficiente. Nada do que eu pudesse salvar seria suficiente para compensar tudo o que perdera.

— Ele é teu filho — disse a Zelda. — Anda por aí, algures. Tenho a certeza de que ainda te perguntas onde ele está, como é.

Anuí com a cabeça, pois não se passara um dia em vinte e um anos em que não me tivesse interrogado acerca do meu filho.

— V, temos de o encontrar — disse ela.

Desviei o olhar. Parte de mim queria desdizer tudo aquilo, enterrar a minha história muito fundo, na terra, onde esta permanecera como um fóssil durante todos aqueles anos.

Mas chegara o momento de enfrentar o passado, de reconhecer que, enquanto o meu filho se encontrasse ausente, nunca poderia estar verdadeiramente em casa, e, como a história da Inga Tate me ajudou a compreender, ele também não. Lembrei-me do dia em que conduzi o *Abel* para fora do estábulo e rumei às montanhas sabendo que estava a acionar forças e consequências que nunca poderiam ser desfeitas. Enfrentar as perguntas da Zelda e decidir o próximo passo pareceu-me equivalente. Tinha apenas de convocar a mesma determinação.

Saí da cozinha em direção à mesa da sala de jantar, onde tinha deixado a história da Inga Tate. Voltei para junto da Zelda, estendendo-lhe as páginas azul-claras. Os seus olhos grandes cresceram ainda mais.

— Encontrei isto, com um bilhete — disse eu. — Há alguns dias, depois de teres estado aqui a tomar o pequeno-almoço. Fui nesse dia à clareira. Deixaram isto no meu círculo de pedras.

Pegou nas páginas, boquiaberta.

Continuei a mexer a sopa enquanto ela começava a ler. O aroma da sopa azedou-me subitamente a barriga.

— É da... — começou.

— Dela — confirmei.

— Oh, meu Deus — expirou a Zelda, passando os olhos frenéticos pelas páginas. — Então falaste com ela? — perguntou.

— Não — confessei.

— Porque não?

Era a pergunta que tinha andado a fazer a mim mesma havia três dias inquietos e três noites de insónia. Nenhuma caminhada pelo pomar a meio da noite ou interrogatório à lua crescente me dera uma resposta. Todas as decisões desde o dia em que sentira pela primeira vez o meu bebé agitar-se no meu ventre tinham exigido a minha coragem inexplorada. Arriscara e ultrapassara muita coisa, mas a história da Inga Tate lembrara-me de que mesmo a coragem conseguida com esforço não é inesgotável.

— Ele agora é um homem — arrisquei. — Não consigo imaginar como poderia aceitar uma mulher aparecida do nada, a alegar ser sua mãe. Não tenho

esse direito.

— Tens todo o direito — contrapôs a Zelda.

— Não posso virar a vida dele de pernas para o ar. Não seria justo. — As minhas palavras estavam todas erradas, mas tinha de as dizer em voz alta, deixá-las regressar a mim em ricochete no rosto abismado da minha amiga.

— O que não é justo é deixá-lo passar pela vida sem nunca saber porque mudou de mãos — disse ela, sem conseguir reprimir a sua exasperação.

— Ele não *mudou de mãos*, Zelda. Não era gado — ripostei.

Ficou impassível perante a minha defensiva e lançou os braços para diante, consternada. Eu estava a testar a minha determinação através dela — alguém capaz de lidar com uma franqueza absoluta e de me lançar de volta —, e ela sabia-o.

— Então é aquilo de que tu precisas, V? Isto tem tanto que ver contigo como com ele.

Abanei a cabeça.

— Não tem. As mulheres aguentam. É o que fazemos.

— Disparate — replicou, mais duramente do que eu esperava. — Uma mulher é mais do que um recetáculo destinado a transportar bebés e sofrer.

— E isso significa o quê, Zelda?

— Significa que mereces ter o teu filho.

— Não mais do que tu mereces ter os teus.

— Oh, eu mereço ter os meus bebés. Sejamos muito claras neste aspeto. Todos eles — argumentou. — A perda não tem nada que ver com aquilo que merecemos ou não merecemos, pelo amor de Deus.

Eu não fazia ideia de como ter a certeza de que merecia algo melhor. Só conhecia a tenacidade.

— Estás com medo — disse a Zelda severamente, e senti-me presa numa armadilha que tinha montado para mim.

— Claro que tenho medo — disse eu, com os olhos a arderem de lágrimas reprimidas. — Não sei como não ter.

— Se acreditas nisso é porque não escutaste com tanta atenção como eu a história que me contaste hoje — disse ela.

A Zelda foi-se embora, depois de me assegurar que me ajudaria a avançar quando eu estivesse pronta. Precisava de me deitar. Levei a história da Inga para cima, para o meu quarto, com a intenção de a voltar a ler. Em vez disso, pu-la de lado e pousei a cabeça nas almofadas. As janelas ao lado da cama estavam abertas de par em par, mas o ar estava quente e imóvel. O calor e as decisões e os próximos passos pesavam extraordinariamente. Fechei os olhos e evadi-me através do sono.

Quando acordei, horas mais tarde, uma brisa abençoada agitava as cortinas do quarto, bafejando um ar fresco pelo meu corpo. A brisa soprava vinda de leste,

sobre os cumes e os sopés, trazendo consigo aromas da Natureza, a pinho e salva e terra, e um ínfimo perfume de chuva. Inspirei profundamente e levantei-me. A história da Inga Tate estava pousada na minha cómoda. Eu ainda não sabia como responder. Só tinha a certeza de que a floresta estava a chamar.

Conduzi a carrinha nova em direção a Mount Lamborn. A estrada suavizava na plataforma ampla do planalto, serpenteando através de uma dezena de casas e quintas e pastos e mergulhando depois, antes de se curvar, subindo por uma colina íngreme. Lá em cima, onde o abeto-azul e o abeto-de-douglas envolviam a estrada em sombras, estacionei e penetrei no silêncio. Alongando, inspirando, expirando, de forma profunda e demorada, a minha mente começou a desenredar-se.

Caminhei pelo trilho familiar de veados por entre a azinheira e o *Chrysothamnus* até um prado familiar, luxuriante e animado do verão. Borboletas brancas dançavam entre os falsos-heléboros, cheios de folhos, e as ervas altas. Abelhas e borboletas coloridas sondavam os centros ensolarados dos ásteres. Gafanhotos a saltar, evitando os meus passos. Sentei-me na beira do estreito riacho que corria como uma veia pelo centro do prado e admirei as trombetazinhas de pequenas gencianas aglomeradas na humidade. Levei as mãos em concha até à água fria e molhei a cara, repetidamente. Queria sentir aquele lugar na minha pele, acordar e escutar. Quando me levantei para continuar a andar, senti-me mais leve, como se algo que estivesse a carregar não se tivesse erguido comigo. Segui o riacho até ao ponto em que este mergulhava na floresta como uma cascata cheia de musgo. Desci a colina acompanhando a música da cascata e as rochas cobertas pela neblina, com passos rápidos e seguros como os de um veado. Perguntei-me quando teria acontecido — quando teria aprendido a andar pela Natureza mais como ser da floresta do que como ser humano desastrado, quando deixara o solo de ser para mim demasiado rochoso ou escorregadio ou íngreme e se tornara, pelo contrário, terra essencial.

Sentei-me na escuridão fresca projetada pelos pinheiros. Com as mãos nos flancos, retirei duas mãos-cheias de substrato: terra escura, caruma de pinheiro, seixos, ramos, folhas, uma minúscula casca de caracol, uma pena branca macia. Olhei em volta, para o nascimento e crescimento e morte empilhados uns em cima dos outros, para as barrigas abertas de árvores tombadas, a alimentar novos rebentos, toda a vida a abrir caminho em cada curva e abertura e possibilidade, em busca de luz. Era uma clarividência antiga demasiado rica e complexa para captar por inteiro, mas exatamente aquilo de que eu precisava para me lembrar de que é nestas camadas de tempo que tudo se torna aquilo que é.

Sim, a Zelda tinha razão ao dizer que eu, tal como o meu pomar, fora tenaz em terreno novo, desenraizada pelas circunstâncias, mas capaz de, mesmo assim, continuar em frente. Mas também tinha vacilado e caído, perdera a determinação e aninhara-me no medo mais vezes do que as que poderia contar. Aprendera que a força era como este desordenado solo de floresta, feito de pequenos triunfos e infinitas falhas, de horas soalheiras seguidas de tempestades súbitas que arrasavam tudo. Somos um só e o mesmo, quando mais não seja pela forma atroz e bela como

crescemos, pedaço após imprevisível pedaço, caindo, forçando os destroços, voltando a erguer-nos e esperando o melhor.

Decidi, nesse momento, que seria isto que responderia à Inga Tate e que diria ao meu filho, se um dia tivesse a sorte de o conhecer: que eu vivera a minha vida desejando enfrentar aquilo que me aguardasse e que sempre tentara fazer o melhor possível. Explicaria que aquilo que aprendera acima de tudo sobre tornarmo-nos nós próprios era que é algo que leva tempo. Diria que tentara, tal como o Wil me ensinara, fluir como um rio, mas que demorara muito tempo a compreender o que isso significava. Avançar contra os obstáculos não era tudo na minha história. Porque, tal como o rio, pelo caminho, também eu reunira todas as peças minúsculas que me ligavam a tudo o resto, e fazê-lo conduzira-me àquele ponto, com duas mãos-cheias de solo da floresta nos punhos e um coração ainda a aprender a não ter medo de si mesmo. Fora moldada pelos meus — a minha família perdida e o meu amor perdido; as amizades encontradas, ainda que escassas; as minhas árvores, que continuavam vivas, e cada árvore que me dava abrigo; todos os seres com que me cruzei pelo caminho, todas as gotas de chuva e flocos de neve que escolhiam o meu ombro e todas as brisas que agitavam o ar; todos os caminhos sinuosos sob os meus pés, todos os lugares em que punha as mãos e a cabeça, e todos os riachos, como aquele que se encontra diante de mim, a rolar encosta abaixo, a ganhar força com a gravidade, a rodopiar pelo refluxo seguinte, contornando o meandro seguinte, recebendo e dando, numa anuência silenciosa com todos os seres vivos.

Dir-lhes-ia que isto e que a terra que me sustém eram aquilo que eu tinha para oferecer ao meu filho. Se ele fosse um pouco parecido com o pai — e o que eu desejava mais profundamente para ele era que fosse —, sentiria a coragem frágil na pessoa que me tornara e arranjaria lugar no seu próprio coração assustado para me dar uma oportunidade de o amar.

VINTE E QUATRO

O calor erguia-se do parque de estacionamento negro quando eu e a Zelda saímos do átrio do hotel. Eu queria virar costas e regressar para o quarto com ar condicionado.

Decidira vir a Durango depois de ter arranjado coragem para enviar um bilhete à Inga Tate, no qual tentara, primeiro, explicar tudo, mas onde acabara por escrever simplesmente: «Estou pronta.» Fora a Zelda a insistir para que viéssemos tão depressa, apenas dias depois de a Inga ter respondido, com um convite. Ao entrar no *Buick* quente da Zelda na nossa viagem ao encontro da Inga, repeti para mim mesma: *Estou pronta para isto. Estou pronta.*

— Entusiasmada? — perguntou a Zelda, rodando a chave na ignição.

— Nervosa — repliquei, e dei-lhe umas palmadinhas na perna para lhe agradecer ter-me apoiado.

O ar fresco derramou-se lentamente sobre o calor enquanto a Zelda conduzia. Encostei a testa à janela para ver a paisagem árida de Durango passar a toda a velocidade. Achei-a bela, de uma forma árida e impenitente. Parecia um território brutal para quem ali se perdesse, penhascos de arenito amarelo e pinheiros, mais como um aviso do que como um convite à deambulação. Perguntei-me se o meu filho teria crescido a pensar que aquela paisagem era inóspita, se esta o deliciava e atraía ou se era um simples pano de fundo para o seu crescimento e mal reparava nela.

Atravessámos o rio no ponto em que este era largo e apressado, a projetar os seus humores de água branca e redemoinhos mesmo no início de setembro, orlado de rochas amarelas e salgueiros e bosques de choupos nodosos. A tabuleta na ponte dizia «Rio Animas» e, em letras mais pequenas, por baixo, «Rio de las Animas». O rio das Almas, como recordava a história da Inga Tate, onde o meu filho procurara consolo.

— Zelda, para o carro — pedi.

Mal teve oportunidade, saiu da estrada e estacionou.

Caminhei pelo sedimento quente até à beira-rio. O rugido da água abafava o som das aves e do trânsito, muito próximo; os choupos altos eclipsavam a terra árida a toda a volta. Era apenas eu e o Animas e a minha imagem mental de um rapaz a atirar pedras para a corrente. Nunca vira um rio tão parecido com aquele que eu perdera, o troço outrora selvagem e livre do Gunnison que alimentara os

campos de Iola e a minha infância, em partes iguais. Descalcei os sapatos, enrolei as calças para cima e entrei na corrente fria para ficar apenas ali, onde o meu filho poderia ter estado, absorto pelas águas límpidas. Perguntei-me se ele ouvira o que aquelas águas tinham para dizer sobre o amor e o tempo, tal como eu, e, se assim fora, talvez, afinal, eu não fosse uma surpresa assim tão grande para ele.

Quando parámos junto de uma pequena casa de tijolo com um relvado muito cuidado à frente, uma mulher com cabelo escuro e curto estava sentada numa cadeira de vime no alpendre. Eu vasculhava desajeitadamente na mala quando a Zelda me fez uma carícia suave no ombro.

— Pronta? — perguntou.

— Sim — respondi. *Sim*, pensei, lembrando a mim mesma de que era verdade.

Abri a porta para a onda de calor. A Zelda contornou o carro apressadamente para me ajudar a sair.

Atrás dela, a mulher levantara-se e estava a descer os degraus do alpendre.

Eu queria dizer alguma coisa, mas a mulher estava a aproximar-se, com o rosto a definir-se através da lama da memória. Depois, a Inga Tate cumprimentou-nos através do portão aberto, e a Zelda instigava-me delicadamente, e eu avançava, vacilante.

Os nossos olhos cruzaram-se, e a Inga lançou-se em abandono, na minha direção. Prendeu as minhas mãos entre as suas, puxando-as para o queixo e mantendo-as ali, como numa prece. As suas lágrimas quase a transbordar diziam-me que me guardara no coração durante todos aqueles anos, tal como eu a guardara a ela, de uma forma muito estranha mas firme, duas mãos do mesmo maravilhoso rapaz. Soltei uma das mãos para lhe envolver o ombro com o braço, e esta desconhecida que não era uma desconhecida sucumbiu a este abraço. Durante muito tempo, ambas desaparecemos na dor brutal de tudo o que tínhamos dado e perdido, agarrando-nos uma à outra como se pudéssemos ser arrancadas uma da outra por uma súbita lufada de vento.

Sussurrei para o seu cabelo docemente perfumado as palavras que desejara dizer durante duas décadas:

— Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada.

Ela abanou a cabeça contra o meu ombro e, quando acabou por se afastar, olhou para mim com uns olhos tristes e pronunciou as palavras que eu menos esperava.

— Desculpa — sussurrou.

— Não, Inga — repliquei.

Ela levantou a palma da mão em sinal de protesto, e percebi que também ela contivera durante demasiado tempo o que precisava de dizer.

— Desculpa tê-lo afastado de ti — disse a Inga. — E desculpa ainda mais tê-lo perdido.

VINTE E CINCO

Eu e a Inga ficámos sentadas durante mais de uma hora na sua cozinha amarela e arrumada, depois de a Zelda se ter ido embora. Dissemos tudo o que conseguimos dizer, cada uma de nós a fornecer à outra pormenores e compaixão, até que a Inga se levantou para refrescar o rosto, permitindo-nos algum silêncio depois das nossas histórias e lágrimas partilhadas.

Imaginei o Lukas e o seu irmão, Max, à mesa de cozinha de fórmica, onde tinham crescido desde bebés até serem homens. O Lukas adorava esparguete com almôndegas, dissera-me a Inga, e o bolo de maçã alemão que a mãe a ensinara a confeccionar. Pensei em como todas as refeições que a Inga servira ao Lukas naquela mesa também me servira a mim. Cada hora do banho e dos trabalhos de casa e cada abraço reconfortante e cesto com o dobro da roupa suja dos rapazinhos, tudo isso ela fizera por mim. Quando a Inga detetara no Lukas uma impressão de pertença desfeita, levava-o até à clareira para, pelo menos, tentar contar-lhe a verdade. Foi por ela, por ele, mas também por mim. Todos os dias do seu amor por ele era o amor dela em vez do meu.

Finalmente, eu dera as mãos à outra mãe, contara a minha história e oferecera-lhe o meu agradecimento, mas nunca seria capaz de explicar a verdadeira profundidade da minha gratidão. Os pormenores da vida familiar que a Inga partilhara comigo fizeram-me acreditar que eles eram como muitas famílias, as suas vidas juntos como uma trama de tristeza e complexidade e alegria e doçura e tragédia, tudo ao mesmo tempo. Estavam longe de ser perfeitos, mas, para o meu filho, pelo menos, tinham estado presentes, e eu, não.

Olhei para fora, pela janela, para o imenso choupo ramificado no centro do jardim, e lembrei-me da história do braço partido do Max e das falsas acusações contra o Lukas. Fiquei a olhar para a vedação do jardim atrás da árvore, imaginando a Inga ali, ao lado do Lukas, a revelar-lhe a terrível verdade antes de ele se levantar de um salto e desatar a correr, pulando por cima da cerca e desaparecendo. Senti a estranheza que era conhecer os pormenores privados da sua família. E maravilhei-me por tanto das suas vidas, na forma bizarra e retorcida do mundo, ter sido acionado pela minha ida à cidade nesse dia de outubro, quando tinha dezassete anos. Chegara até a desempenhar um papel especial quando a Inga acabara por pedir o divórcio ao seu cruel marido, instigada, tal como me contou, pela coragem reunida ao tomar a decisão de me encontrar, ao finalmente escrever a

sua história e entregar as páginas que me haviam levado até ela.

— Victoria? — A Inga estava de pé, junto da porta da cozinha. — Chega aqui, por favor.

Segui-a até à sala de estar, onde ela espalhara fotografias em cima da mesinha de apoio em vidro.

— Pensei que talvez gostasses de ver estas fotografias — disse ela.

O meu coração começou a martelar. A minha família nunca se dera ao trabalho de ter uma máquina fotográfica. Eu não tinha fotografias do meu passado, das pessoas e da terra que amara e perdera.

No entanto, ali, mesmo à minha frente, estava uma *Kodachrome* quadrada do Wil.

Levantei a fotografia com a mão a tremer. O adolescente musculado de *T-shirt* branca e calças de ganga posava num roseiral, com os olhos castanho-escuros amáveis e o sorriso generoso a projetar-se no tempo. Observei a imagem, incapaz de desviar os olhos.

— O Lukas, quando fez dezassete anos — disse a Inga.

— Ele é... adorável — disse eu, lembrando-me de respirar.

A Inga passou-me outra fotografia — uma imagem a preto-e-branco de dois bebés enfaixados num carrinho duplo, um deles, o meu Baby Blue, exatamente como me lembrava do seu rostinho precioso. Instalei-me, vacilante, no sofá de flores. Passou-me mais: um bebé de fralda com um sorriso sem dentes a gatinhar por um tapete entrançado; um menino orgulhoso montado num triciclo; irmãos desdentados usando chapéus pontiagudos de festa de aniversário; dois pré-adolescentes escanzelados em cima de bicicletas iguais. Eu sofria por tudo o que tinha perdido por não ter sido a mãe do outro lado da máquina, sem ter conhecido a voz do meu filho ou as formas subtis como crescera e mudara, todos os dias.

— Tirei esta apenas uma semana antes de ele se ter ido embora — disse a Inga, entregando-me uma polaroide do Lukas a rir, sentado à mesa da cozinha, onde eu e a Inga tínhamos acabado de despir as nossas almas. — Oh, o sorriso dele — disse. — Tão fácil e doce... — A voz dela embargou-se, e ficámos em silêncio. — Victoria — disse quando consegui continuar, contornando o rosto dele com a ponta do dedo. — Olha. O arco dos olhos, o nariz e o queixo. Há muito de ti nele.

Eu só via o Wil.

— Talvez — disse, mesmo assim. — A pele dele...

A Inga sorriu e acenou com a cabeça.

— Ficou mais escura à medida que envelheceu — disse ela.

— Sim — respondi. Fitei a fotografia e senti-me subitamente perturbada.

Se, como o Wil uma vez me dissera, havia mais tipos como o Seth do que estrelas no céu noturno, o Lukas decerto suportara o veneno das pessoas que eram como o meu irmão durante toda a vida. A história da Inga sobre o taxidermista intolerante a chamar-lhe arraçado seria muito provavelmente apenas o início. Eu ansiava por lhe contar tudo o que sabia e desconhecia acerca do pai dele, mas e se tomar conhecimento do amor proibido dos pais e da morte brutal do Wil se

revelasse muito pior para o Lukas do que ignorá-lo?

Pela primeira vez desde que o abandonara, senti que era meu filho e que tinha de o proteger.

— E se tudo o que tenho para lhe dizer o magoar demasiado? — perguntei. — Nós não fazemos ideia do que é ser o Lukas. Compreender aquilo de que ele foge ou para onde corre. Talvez não sejamos nós as pessoas certas para o ajudar.

A Inga acenou com a cabeça, refletindo.

— Tens razão. Não somos. A vida do Lukas é com ele. Só lhe podemos revelar de onde vem e que sempre foi amado — disse ela. — É tudo aquilo de que precisa de ti agora, Victoria. Poderá escolher o resto depois.

Pensei na minha quinta e no pomar e no rio North Fork, em florestas e prados e em todas as coisas perfeitas que eu esperara durante tantos anos para lhe mostrar. Olhei mais uma vez para o jovem na fotografia, demoradamente. Acenei com a cabeça, concordando com o destino e com o mistério e com todas as forças selvagens e imprevisíveis que esculpem as nossas vidas, e jurei a mim própria convidar finalmente o meu bebé para ir lá a casa.

— Como lhe dizemos que estou pronta? — perguntei com uma voz trémula.

A Inga sorriu e colocou a mão sobre a minha.

— Hei de pensar numa maneira — disse ela.

VINTE E SEIS

1971

Postei-me na beira do reservatório de Blue Mesa, sob um céu enevoadado de primavera, e imaginei os destroços da minha casa de infância — desmoronada e coberta de água, talvez apenas pregos e maçanetas de porta, agora — no fundo do lago.

A Zelda e a Inga atiravam pedras para a água enquanto eu percorria a margem. Para leste, conseguia ver o Gunnison superior a descrever meandros pelo vale abaixo, até ser assimilado pelo reservatório, perto de uma nova ponte de betão. Pareceu-me o lugar ideal para um reencontro, um ajuste de contas com o passado antes de nos virarmos para o futuro, mas, ao observar a água azul agitada onde Iola outrora estivera, já não tinha a certeza.

A área de estacionamento ali perto continha apenas gravilha clara e o carro da Zelda, mas eu não conseguia parar de olhar nessa direção. A Inga enviara uma carta, e o Lukas respondera. Eu esperara, durante todo o longo e importuno inverno, que aquela estação obrigatória chegasse ao fim e que ele assentisse encontrar-se comigo.

O meu filho chegaria pelo meio-dia.

Acima do reservatório erguiam-se as montanhas cobertas de neve da vastidão do Big Blue, onde o meu bebé nascera. Os meus olhos localizaram a estrada onde eu outrora seguira o Wil até àqueles montes e à cabana. O meu coração ainda doía por tudo aquilo que eu e ele tínhamos descoberto sobre o amor naquele lugar e por tudo o que ele arriscara e perdera por isso. Aquela extensão de terra fora entretanto batizada Uncompahgre, em homenagem aos ameríndios Utes deslocados, e perguntei-me o que pensaria o Wil acerca disso, se acharia uma tentativa irónica e insuficiente de redenção ou se diria simplesmente: «Como preferires.»

Olhei de novo para o parque de estacionamento e, depois, para as minhas duas companheiras ansiosas. Levei a mão ao bolso do meu casaco de celeiro e retirei o raminho de flores de pessegueiro rosa que cortara nessa manhã para o meu filho. Aspirei a sua doçura e rodei o raminho entre os dedos para ver as delicadas flores rodopiar; olhei depois para o reservatório, imaginando o pomar e a cidade e o rio selvagem que outrora conhecera. Consultei o relógio. Era quase meio-dia.

Observei a extensão vazia da estrada nacional, do outro lado da ponte. Não podia negar que receava a desilusão do meu filho — face à sua concepção escandalosa, à morte cruel do pai e à falta de justiça, a eu o ter deixado para trás e ter começado a minha vida de novo. Parte de mim perguntava-se se ele viria de todo ou se aproveitaria a oportunidade para me censurar, e à Inga, por não ter aparecido antes. No entanto, também me sentia otimista. Escolhera encontrar-me com ele naquela margem porque a minha sabedoria crescente me dizia que tinha de transportar todo o meu passado juntamente com o novo espaço que criara em mim mesma para a esperança.

Quando as nuvens finas se afastaram e a água brilhou sob a luz do sol, perguntei-me qual seria o sentido de tudo — do percurso a que chamara vida, tão parecido com aquele rio asfixiado que continuava a ser um rio, apesar de forçado a ser um lago, avançando contra obstáculo e barragem, continuando a fluir com tudo o que reunira porque não sabia existir de outro modo.

Uma carrinha prateada coberta de pó saiu da Estrada Nacional 50, atravessou a ponte e parou lentamente no parque de estacionamento. A Zelda e a Inga chamaram a atenção para ela. O rosto da Zelda iluminou-se de triunfo, como se ajudar-me a encontrar o meu filho lhe aliviasse o próprio coração dolorido, como se reclamá-lo fosse uma pequena vitória para todas as mães de luto.

A Inga pôs-se ao meu lado e procurou os meus olhos, em solidariedade. Devolvi as flores de pessegueiro ao bolso. Procurei a mão da Inga e depois dei a outra à Zelda. Ficámos ali, três mulheres, à espera do que se seguiu.

Um jovem de *T-shirt* branca e calças de ganga saiu da carrinha e, por um instante perturbador, rescreveu a história. Perguntei-me se me teria enganado, de forma terrível e trágica — se, afinal, o Wil teria sobrevivido, e o corpo ensanguentado que fora atirado pela falésia íngreme do Black Canyon fosse de outro rapaz.

— É o Lukas — sussurrou a Inga, como que intuindo a minha necessidade de confirmação, com uma mistura trémula de assombro e alívio na voz. Apertou-me a mão com mais força, e comprimi a dela em resposta.

Ele olhou para a água e depois virou-se para nós com um sorriso nervoso. Vi-o então, não como alguém parecido com o Wil ou comigo, mas como ele próprio, a sua atitude firme de soldado e o maxilar surpreendentemente anguloso, não um rapaz, de todo, mas um homem que conhecera a perda e a solidão e a guerra, mas arranjava coragem para ir até ali conhecer-me. Enfiou as mãos nos bolsos e inclinou a cabeça, semicerrando os olhos na minha direção, hesitante. Nesse instante, também o reconheci a ele, com a memória inundada pelo momento em que abriu os olhos de recém-nascido pela primeira vez e me fitou de uma forma semelhante, quando, de alguma forma, senti que já conhecia o meu filho, do mesmo modo que ainda o conhecia agora.

Embora não conseguisse sentir as pernas debaixo do meu corpo, dei um passo em diante, pura fé. A Zelda e a Inga soltaram-me as mãos e incitaram-me a avançar sozinha.

O meu filho caminhou na minha direção, tal como caminhei na dele, cada um de nós com a certeza de que a terra nos suportaria se avançássemos pela praia de seixos.

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão vai, em primeiro lugar, para a minha extraordinária agente, Sandra Bond. Sandra, obrigada por veres algo especial neste romance, mesmo quando ainda não assumira a sua forma definitiva, e por teres trabalhado de forma incansável para lhe arranjar uma casa perfeita. O teu encorajamento e amizade ao longo deste trajeto significaram tudo para mim.

O meu agradecimento imenso vai também para Cindy Spiegel, por ter apostado em mim. Cindy, toda a experiência em edição, paciência, amabilidade, bom humor e confiança deram vida a este livro. Nunca te poderei agradecer o suficiente. É uma alegria e uma honra trabalhar com Cindy, Julie Grau e toda a equipa da Spiegel & Grau. Sou grata a Nicole Dewey, Liza Wachter, Amy Metsch, Andy Tan-Delli Cicchi, Jackie Fischetti, Stephan Moore, Shaya D'Ornano e Nora Tomas, bem como a Jeff Farr, Meghan Cavanaugh, Barrett Briske e Charlotte Strick e Claire Williams, da Strick & Williams. A minha gratidão e respeito absolutos também vão para Susanna Lea e para os seus colegas Mark Kessler, Susie Finlay e Lauren Wendelken, por terem apresentado *Até onde o Rio Me Leva* com tanta determinação ao mundo, e para Jane Lawson, Larry Finlay, Alison Barrow e Vicky Palmer, por contribuírem com o seu entusiasmo e competência. Nunca poderia esperar da vossa parte uma combinação tão perfeita de afabilidade e profissionalismo em todos os momentos deste processo, e, por isso, vos agradeço.

Agradecimentos sinceros à minha família, amigos, comunidade e colegas incrivelmente solidários, que me encorajaram e louvaram em cada etapa da escrita deste livro. Espero que saibam quem são e quanto vos adoro. Agradecimentos especiais aos meus primeiros leitores e aclamadores inabaláveis — acima de tudo, o meu marido, a minha filha, a minha mãe e os meus queridos amigos Alison Catmur e Jackie Burt, bem como os meus estimados Jason Burns, Sean Madsen, Jennifer Read, Jeremy Burns, Mark Bosso, Kiplynn Dickson, Kay Forsythe, Kathy Burns, Jenny Pankratz, Emma Burt, Lynn Sikkink e Deb Reid. Agradeço também à minha tia Joanne Hall e à minha amiga Marie Vargas, que certamente teriam estado entre as minhas primeiras leitoras se aqui estivessem, mas que ainda estão, sem dúvida, a apoiar-me do Além. Obrigada a Dawn Ehlers e Bill Depper, por décadas de amizade firme, e a Virginia Catmur, pela sua hospitalidade, generosidade e perícia editorial, e às mulheres do CB e a todos os nossos extraordinários miúdos. Também estou grata pelo apoio dos defensores das artes

loais: Crested Butte Arts Center, Gunnison Center for the Arts, Vita Institute e Townie Books.

Obrigada aos meus professores, que acreditam que as palavras e as histórias são importantes — William Wiser, Bin Ramke, Donald Revell, Eric Gould, Jan Whitt, Susan Stewart, Alan Singer, Toby Olsen e William Van Wert —, e aos meus alunos da Universidade Western Colorado e do Orsch, que me inspiraram para lá de tudo o que era expectável. O meu conhecimento da história do condado de Gunnison foi profundamente enriquecido por dois tesouros locais e guardadores de histórias, os meus colegas e amigos Duane Vandenbusche e George Sibley, pelo venerável Glo Cunningham, pelo Crested Butte Mountain Heritage Museum e pelo Gunnison Pioneer Museum. Erros históricos e devaneios ficcionais são da minha inteira responsabilidade. Também estou profundamente honrada e grata por ter aprendido com a Isabelle Walker e a Louise Benali, da Diné Nation, em Big Mountain, com muitos dos generosos elementos da Lakota Nation, em Pine Ridge e Cheyenne River, com a boa gente da Re-Member e com o professor da Universidade do Colorado Charles F. Wilkinson. Lee Bradley, da Orchard Valley Farms, em Paonia, e Doug Mattice, da Mattice's Fruits & Vegetables, em Hotchkiss, tiveram a amabilidade de me ajudar a saber mais sobre pêssegos. Os ensinamentos de Thich Nhat Hahn e de Anam Thubten inspiraram-me a viver melhor e inspiraram o título deste romance. Sou, ainda, muito grata ao meu avô Ferman Burns, por me ter ensinado História e contado todas as nossas histórias familiares, bem como ao clã Burns e ao clã Read, e à minha longa linhagem de antepassados tenazes, humildes e amantes do Colorado.

A minha maior gratidão vai para a minha mãe e para o meu pai, cujo amor e apoio inquebrantáveis por tudo o que faço fez toda a diferença; para o meu irmão e amigo Chris, um homem bondoso e sincero das montanhas; para o meu irmão Scott, encantador de animais, tão saudoso; para a minha avó Maxine Read, a melhor pessoa que alguma vez conhecerei; para o nosso leal cão de resgate e amigo, *Beanie O'Sullivan*, sempre ao meu lado; para os meus lindos, lindos filhos, Avery e Owen, que brincam na floresta e saltam pedras de rio comigo e que trazem tanta luz à minha vida e a este mundo; e ao meu marido, Erik, o meu maior fã, que chorou de todas as vezes que leu este romance (que, abençoado, foram muitas, muitas vezes) e me encorajou a nunca desistir.

Finalmente, obrigada às montanhas e aos rios do vale do Gunnison, por me alimentarem a mim e aos meus filhos e aos moradores resilientes, estouvados, estranhos e maravilhosos do vale, que, no passado e no presente, partilharam este lugar e cuidaram dele. Que possamos estimar a terra e estimar-nos uns aos outros em homenagem a todos os que vieram antes e que virão depois.

SOBRE A AUTORA

Shelley Read pertence à quinta geração de habitantes do Colorado que vive com a família nas montanhas Elk, da vertente ocidental, e sente-se bastante em casa no cimo de uma montanha. Foi docente na Universidade de Western Colorado durante perto de três décadas, onde lecionou Escrita Criativa, Literatura, Estudos Ambientais, deu aulas de estudo avançado, e foi fundadora do curso de especialização em Ambiente e Sustentabilidade e de um programa de apoio a alunos desprivilegiados e em risco. Shelley especializou-se em Escrita Criativa e Estudos Literários pela Universidade de Denver e pelo Programa de Pós-Graduação de Escrita Criativa da Temple University. Colabora regularmente com a *Crested Butte Magazine* e com a *Gunnison Valley Journal*, e integra a direção do Vita Institute for the Arts.